



RAUL MINH'ALMA

Autor do *bestseller*

Larga quem não te agarra

TODOS OS DIAS SÃO PARA SEMPRE

5ª EDIÇÃO

 ANUSCRITO





RAUL MINH'ALMA

Autor do *bestseller*

Larga quem não te agarra

**TODOS os
DIAS SÃO PARA
SEMPRE**

5ª EDIÇÃO

 **MANUSCRITO**

RAUL MINH'ALMA

**TODOS os
DIAS SÃO PARA
SEMPRE**

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora

© 2017

Direitos reservados para Letras & Diálogos

Uma empresa Editorial Presença

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Título original: *Todos os Dias São para sempre*

Autor: *Raul Minh'alma*

Copyright © Raul Minh'alma, 2017

Copyright © Letras & Diálogos, Lisboa, 2017

Revisão: *Carlos Jesus/Editorial Presença*

Imagem da capa © Trevillion Images

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.^a edição em papel, Lisboa, outubro, 2017

A ti que me lê, por me inspirares

Enquanto for que seja sempre

Ama-me assim, do início ao fim, como se amanhã fosse sempre tarde de mais. Ama-me também nas horas vagas, nas viagens de autocarro em que não sabes o que fazer, antes mesmo de adormecer e até ao acordar. Ama-me também aos fins de semana, nas sextas à noite em que tens melhores planos, nos dias em que o trabalho te consome e naqueles em que a chuva não dá descanso. Ama-me em todos estes dias e momentos porque também em todos eles eu nunca me esqueço de ti, porque também em todos eles eu estou sempre aqui. Não tires folgas, não inventes feriados nem faças pontes no nosso amor. Cria-o e recria-o diariamente ao meu lado. Alimenta-o como se nunca estivesse saciado. E nunca está. Se algum dia estiver, então já não serei eu. Tenho uma ambição desmedida no amor que me impede de aceitar nem que seja um bocadinho menos do que aquilo que mereço. Se me amas de verdade, então ama-me sem fazer pausas, descansos ou intervalos para espairecer. Sabes bem que não aceito bocados, migalhas ou *quase todos*. Não baixes a guarda e desconfia sempre do que virá depois. Dá o teu melhor na mais pequeníssima coisa que faças por mim e nunca o faças por fazer ou porque tem de ser. Se isso tiver de acontecer, então não faças nada. Prefiro. Não suporto fretes nem obrigações. Tudo o que tiveres de fazer por mim, ou por nós, fá-lo sempre pela tua vontade, nunca pela minha, por mais que eu queira. Se o fizeres só porque eu quero, então não vou querer coisa nenhuma. Ama-me, principalmente, porque me queres amar e não porque eu preciso que me ames. Eu não quero favores, pois também não os faço. Não no amor. Nunca te sintas em dívida para comigo e guarda qualquer sentimento de pena para ti. Um amor exige

sempre muito trabalho e esforço, mas tudo isto deve ser feito por vontade própria e genuinamente. Assim sendo, ama-me sempre a partir de ti, nunca desde mim. E, por favor, se algum dia sentires que tens de te ir embora, vai. Vai mesmo. Não fiques ao meu lado só porque já lá estás há muito tempo. Por mais bonito que o nosso passado seja, se ele é tudo o que nos une, então de nada nos serve. Quero que estejas comigo apenas enquanto sonhares um futuro junto a mim. A partir do instante em que não conseguires ver esse depois ao meu lado, o nosso amor deixa de justificar a nossa união. É claro que ainda será amor, não duvido disso, mas será um amor transformado, um amor enfraquecido e reduzido a uma amizade, carinho e história. E isso, para mim, não é suficiente para continuarmos juntos. A minha alma exige-me um amor pleno, tanto meu como de quem está comigo. Não te preocupes com o sofrimento que me possas provocar, mas se não conseguires estar de corpo e alma, vai-te embora. Eu vou implorar para ficares, te garanto que vou, sou capaz até de fazer promessas e garantir-te que vai ficar tudo bem, mas não cedas aos meus pedidos. Estaria a fazê-lo por desespero. Não fiques só para que eu não tenha de sofrer com a tua partida. Não faças isso comigo, pois pior do que não estar ao lado de alguém, é estar ao lado de alguém que não está. Protege-me dessas ilusões. Enquanto sentires que me amas, ama-me por inteiro, e quando sentires que não o consegues fazer, deixa-me seguir o meu caminho. Obriga-me, se for preciso, a seguir o meu caminho longe de ti. Mas, até que isso aconteça, ama-me com a tua maior dedicação em cada dia que estejamos juntos. Sê o melhor que sabes ser e o máximo que consegues ser. Dá-me, a todo o instante, a certeza de que é a ti que a minha alma quer e é de ti que ela precisa. E prometo-te que tudo o resto será excesso,

tudo a mais será descartável. Ama-me daqui até um dia, seja esse dia qual for, mas ama-me sempre daqui até lá.

Quem ama não está, fica

Não vou jogar contigo ao jogo de quem ama menos. Independentemente de tudo o que eu já vivi e de todas as minhas desilusões, não vou poupar no amor. Não me vou entregar só em parte ou com um pé atrás. Se estou contigo, estou todo, estou com os dois pés, e firme daquilo que quero. E tudo o que quero és tu. Não entro na tua vida com medo do que possa correr mal e com receio de voltar a sofrer. Se tiver de ser, que seja, mas não te vou amar de outra forma. Amar-te devagarinho e na expectativa seria desrespeitar-te a ti e ao amor. Se chego, chego para ficar, chego com a ambição de passar uma vida inteira ao teu lado. Não venho com ideias de um dia partir para outra, pois não te consigo ver como um treino de preparação ou um degrau para alcançar outro objetivo. Tu és o objetivo. A tua felicidade, o teu bem-estar e satisfação são o meu grande objetivo, a minha prioridade. Se me entrego sem limitações é também para que te sintas segura e tenhas a confiança necessária para fazer o mesmo por mim. Não existe rigorosamente nada que valha a pena ser vivido se não nos permitirmos vivê-lo intensamente e por completo. Moderação e precaução são palavras que nos cortam as asas e, por isso, risquei-as da lista. Não admito a mim mesmo dar-te um único abraço se ele não for o gesto mais sincero que eu possa fazer nesse exato momento. Recuso-me profundamente a ser o que quer que seja para ti se não estiver a ser eu mesmo. Por isso, se estou contigo é porque quero continuar, se quero continuar é porque és tu, só tu, a mulher que eu quero ter ao meu lado. O passado que temos longe um do outro iremos agora carregá-lo juntos. Já amámos e já nos entregámos a outras pessoas, não vale a pena nem é necessário fazer de conta que isso não

aconteceu. É, aliás, necessário lembrarmo-nos disso para que os erros que cometemos e que cometeram connosco não renasçam, depois de todo este tempo, para interferirem na nossa relação. Tens muitas dúvidas e inseguranças que bloqueiam passos que queres dar, mas eu também tenho a confiança e o amor necessários para eliminar esses entraves. Além disso, tenho mais duas coisas extremamente importantes, tempo e paciência. Prometo-te que lutarei sempre por ti, mas deixarei sempre o tempo fazer a sua parte. Há coisas que só ele sabe e pode fazer. Por isso não tenho pressa de nada. A pressa só me faz chegar mais rápido ao meu destino, nunca me fará chegar melhor. E, parecendo que não, quem quer mais acaba com menos do que quem quer melhor. Não olho para ti como uma resolução daquilo que não consegui antes, ou uma tentativa de me reconciliar com o passado como se fosses um *começar de novo*. Não. Tu és tu. És tudo de novo. E por te olhar desta forma não te irei nunca comparar a alguém. Se és a mulher que eu amo, o melhor ou pior deixa de fazer sentido porque o amor que sinto por ti coloca-te num lugar que é só teu. Um lugar que só tu podias ter conquistado em mim. Um lugar único para uma pessoa única como és tu. Sei que existe dentro de ti um receio miudinho de eu te trocar por outra mulher, porventura mais bonita, elegante ou interessante. E esse é um daqueles muitos receios que te criam inseguranças na hora de dares mais um passo. Sim, esse é um receio legítimo, os seus motivos é que não o são. Pois nunca te trocaria por outra mulher com base nas suas características, sejam interiores ou exteriores. Eu não estou ao teu lado por aquilo que és ou deixas de ser, estou ao teu lado por aquilo que sinto por ti. Se algum dia deixar de estar, é porque também nesse dia deixei de sentir. Nunca será por seres pior do que aquela outra pessoa nisto ou naquilo. Serei sempre sincero contigo, tal como serei

sempre sincero comigo, e garanto-te que nunca lutaria por ti como faço se não fosses tu a única mulher do mundo que eu quero ter ao meu lado.

Sou mãe e pai

Estou desempregada, de novo e há muito tempo, demasiado tempo. Nunca pensei chegar a este ponto, mas não sei mais o que fazer. Parece que a vida se zangou comigo e agora faz tudo para me roubar a alegria e a esperança, que, por mais que a tente segurar, me vai escapando a cada *não* que ouço. Depois que o Pedro me deixou sozinha com o Tomás, sinto um mundo inteiro em cima de mim, e é pesado, muito pesado. Deixei de ser mulher para tentar ser a melhor mãe, mas sinto fracassar todos os dias. O Tomás tem oito anos e não tem culpa dos erros dos pais. O Tomás tem oito anos e não tem culpa de ter nascido neste país. O Tomás tem oito anos e tem o direito de ser feliz. O Tomás é o meu filho e é o filho que sempre quis. Tem apenas oito anos e não sabe ele que é a força de viver de uma mulher que luta todos os dias para lhe dar uma vida melhor, que é a motivação de uma mãe para se levantar a cada rasteira que a vida lhe prega. Não sabe ele que tem sido a minha esperança e a minha luz, na noite que são os meus dias. Abençoada ingenuidade que me tem ajudado a protegê-lo. Tive de o tirar do futebol, não tinha como pagar a mensalidade. Deixei de poder vê-lo sorrir enquanto me acenava para a bancada depois de um golo. Deixei de ouvir os seus relatos entusiasmados das jogadas que fazia, quando regressava dos treinos. Deixei de ver a pequena camisola dez a secar no estendal e os sonhos que aquele pedaço de pano carregava. Todas estas pequenas coisas cortam-me o coração pela falta que eu sei que lhe fazem e pelo sentimento de culpa e incapacidade que me cravam na alma. Não aguentei as lágrimas quando me perguntou, *porquê, mãe?* E eu não consegui responder-lhe. Chorei só, e ele abraçou-me. Naquele momento era

como se tivéssemos invertido os papéis de mãe e filho. Nunca mais me voltou a perguntar porquê, e ficou calmo. Sinto que no fundo ele sabia exatamente o que se passava, e aceitava-o... melhor que eu. Ele é que é o meu herói. Mas o futebol foi apenas a primeira de muitas coisas, até que um dia o Tomás foi ao frigorífico e não havia mais os iogurtes que ele tanto gostava. E, no armário, os únicos cereais que havia eram os mais baratos, e até o sumo... passou a ser apenas água com limão. Preparava-lhe todos os dias o melhor pequeno-almoço que conseguia, colocava-lhe tudo pronto na mesa e encostava-me ao balcão a olhá-lo, só. De vez em quando perguntava-me porque não me sentava com ele a comer, e eu dizia-lhe apenas que não tinha fome... mas não era isso. Numa dessas vezes fez uma pausa nos cereais, foi à gaveta dos talheres, entregou-me uma colher e perguntou, *dividimos?* Sentámo-nos os dois em silêncio, naquela manhã, enquanto não chegava a hora de ele ir para a escola, e eu só me apercebi de que estava a chorar quando uma lágrima me caiu sobre a mão. Sou mãe, ele estará sempre primeiro, sou mãe, tiro da minha boca para lhe dar, sou mãe e também sou pai porque a vida assim quis. Mas eu sou o que for preciso, sou o que tiver de ser, e enquanto não lhe faltar nada eu serei uma mãe feliz. Ele é a minha missão. Pode não andar no futebol mas jogaremos os dois à bola no jardim, pode não ter a sua comida preferida mas comida não lhe faltará. Estou pobre, mas não sou pobre. É nisto que tenho de acreditar e é nisto que vou acreditar. Mas é tarde, o Tomás já está a dormir e também chegou a minha hora, pelo menos enquanto durmo não sofro, não penso na vida, não sinto dores nem sinto fome. Amanhã quando acordar será um novo dia e tentarei arranjar a melhor forma de dizer ao Tomás que vamos ter de mudar de casa...

Os meus sete mandamentos

Agarra, mas não prendas. Agarrar e prender são dois termos que estão separados por uma ténue linha que muitas vezes não és capaz de distinguir por culpa dessa tão grande vontade de ter e manter alguém junto a ti. A diferença entre eles é a permissão. E não é a permissão que dás a essa pessoa, pois não tens poder sobre ela, mas sim a permissão que dás a ti mesmo de *deixar ir*. Liberta-te de alguém que não quer ficar, mas enquanto estiver esforça-te para valer a pena e para mereceres que continue contigo. Isto é agarrar sem prender. *Segura, mas não sufoques.* Depois de agarrar e para não haver necessidade de largar ou de ser largado é importante segurar. E segurar alguém na tua vida é fazê-la querer continuar e não apenas mostrar-lhe que queres que ela continue. Tu queres é importante para que a outra pessoa continue a querer também, mas está muito longe de ser suficiente, porque será sempre a vontade da outra pessoa a decidir se continua ou não. Se te preocupares apenas, e demasiado, em demonstrar a tua vontade e te esqueceres de despertar a vontade na outra pessoa, irás começar a sufocá-la. *Mantém-te perto, mas dá espaço.* Prender, sufocar e não dar espaço não são demonstrações de amor ou paixão, mas de obsessão. E muitas vezes estes termos confundem-se. Quando se ama respeita-se o espaço da outra pessoa, as suas privacidades e até os seus segredos. Não é por ela te amar que tem de te contar tudo, até porque essa pessoa não vive, nem pode viver, só para ti. Tem também os amigos e a família dela, mas antes de tudo isso tem-se a si mesma. Por mais unidas que duas pessoas sejam, serão sempre duas pessoas distintas. Dois seres com as suas maneiras próprias de pensar. *Sonha, mas não te iludas.* Até

para sonhar é preciso saber. Só se sonha quando se sabe onde se está e para onde se quer ir. Se tu sabes para onde queres ir, mas não tens a lucidez de perceber onde estás, então esse sonho não é um sonho, mas sim uma ilusão. Estás aqui e queres ir para acolá. E depois de saberes e queres vais ter de fazer por isso. Nunca te limites a querer e a acreditar. Isso é essencial, é a base, mas será sempre insuficiente para alcançar. *Luta, mas não te mates a lutar.* Nenhum sonho justifica a tua própria destruição. Sonha com cabeça. Luta, trabalha, vai atrás, mas usa sempre muito bem a cabeça. Usá-la bem vai ajudar-te a poupar muito esforço, vai encurtar caminhos e vai dar sobriedade e equilíbrio ao teu percurso. Lutes por aquilo que for, lembra-te sempre de que não te podes deixar ser uma marioneta das tuas ambições. Nunca poderão ser elas a controlar-te. Além disso, e apesar de queres muito o que ainda não tens, não te esqueças de querer sempre mais aquilo que já é teu. *Tenta, mas sabe quando desistir.* Chegará, porventura, um momento em que o melhor que podes fazer por ti é desistir. Não te sintas mal por isso, não é vergonha nenhuma. Vergonha é desistir sem tentar, é criticar sem saber. O importante é teres a tua consciência tranquila, e isso consegue-se dando sempre o melhor de ti em cada projeto que entras, em cada compromisso que assumes. Se depois de tentares, tentares, tentares e não conseguires, não vás nas cantigas dos outros e em frases feitas, desiste. Desiste de cabeça erguida, desiste sabendo que é a melhor decisão que podias tomar. Esse é também, como sabes, um grande ato de coragem. *Ama os outros, mas não te deixes de amar.* Se tu não te amares primeiro, vais sempre depender de terceiros para estares bem contigo mesmo. Ama, ama os outros, ama-os a todos, ama tudo, sempre, mas nunca te esqueças de ti. Não aceites ser uma personagem secundária da tua própria vida.

Pensamos muito, dormimos pouco

O nosso mal é pensar muito. E o pior deste mal é que além de muito também é em tudo. E ficamos a matutar na mesma coisa horas e horas, dias e dias, sentindo-nos cada vez mais ridículos porque a maioria das coisas em que ficamos a pensar são efetivamente insignificantes. O que nos faz sentir ainda piores por não sermos capazes de desvalorizar certos pormenores. E quando envolve mais alguém o castigo é a dobrar. Ou seja, além de ficarmos a pensar na figura que fizemos, ficamos também a pensar no que a outra pessoa ficou a pensar da figura que fizemos. Provavelmente ela também sofre do mesmo problema e ficou igualmente incomodada e a pensar obsessivamente no mesmo sem necessidade. Se nos lembrássemos mais disto, talvez nos preocupássemos menos. Por mais que nos tentemos convencer de que *o que os outros pensam não importa*, a verdade é que importa sim, porque não queremos que fiquem a pensar coisas erradas, mas principalmente coisas más, a nosso respeito. O que é natural e legítimo, afinal vivemos numa sociedade onde interagimos diariamente com várias pessoas diferentes e com as quais devemos tentar manter sempre relações pacíficas para que a paz prospere. E quem não aceitar esta realidade que vá viver para o deserto. No outro dia estava a conversar com uma senhora e já estávamos perto do final da nossa conversa quando ela estica a mão em direção a mim. O meu impulso foi agarrar-lhe na mão para um cumprimento final e assim fiz. Entretanto ela atropelou-se nas palavras e abruptamente finalizou a conversa. Assim que soltámos as mãos, ela levou a mão ao meu casaco e tirou um fio que estava solto sobre o tecido, ao mesmo tempo que me oferecia um leve sorriso. Naquele momento

eu percebi que tinha feito asneira. Afinal a senhora não se ia despedir, mas sim ter a gentileza de retirar aquela linha solta sobre o meu casaco. É claro que ela percebeu que me induziu em erro e, talvez para atenuar a culpa e não tornar aquele momento ainda mais estranho, deu continuidade ao meu gesto de despedida. A verdade é que esse mísero engano, completamente inocente e inofensivo, ficou colado dentro da minha cabeça o resto do dia. Sentia-me desconfortável por não ter tido a lucidez de saber esperar para saber o que ela ia fazer com a mão. Na minha mente só pensava, *estraguei tudo no fim*. E quantos de nós não passam por isto? E quantos de nós não esticam a mão para cumprimentar alguém e ficam no vazio? E quantas vezes não deixamos sair um *bom dia* quase inaudível ou demasiado atrasado porque não estávamos a contar que aquela pessoa nos cumprimentasse ou nem sequer reparámos nela? E depois martirizarmo-nos com estas questões que tomam dimensões quase existenciais sem necessidade alguma. É, por isso, quase vital praticar mais o *que se lixe. Olha, não reparei, que se lixe. Olha, não correu como esperava, que se lixe. Olha, não fui a tempo, que se lixe*. O segredo é aprender a ignorar, concentrarmo-nos mais naquilo que realmente importa e empurrar os nossos pensamentos para isso. Quando, por distração, dermos por nós de novo a pensar no mesmo, obrigamo-nos de imediato a pensar noutra coisa qualquer. Nem que seja em avestruzes a jogar golfe de óculos de sol. Porque nesse instante o importante estaria conseguido, que era não pensar no mesmo. Nós gostávamos muito de ser como aquelas pessoas que são muito descontraídas, que veem o lado positivo em tudo e que estão pouco se importando com o que os outros pensam ou com o que vai acontecer amanhã, mas não somos como elas. Somos pensadores natos, vamos chamar-nos assim. Pensamos muito porque

nos preocupamos muito, seja connosco ou com os outros. E só quem ama se preocupa.

Muitas vezes a felicidade depende de um já-chega

Dizem que as duas palavras mais difíceis de dizer são desculpa e obrigado, mas há uma outra concorrente de peso, já-chega. Já-chega de lutar, já-chega de insistir, já-chega de tentar. Para se dizer desculpa e obrigado são necessárias uma bondade e uma humildade enormes, mas para se dizer já-chega é necessária uma coragem do tamanho do mundo. E falta-nos muito mais vezes essa coragem de dizer que está mal, que não aceitamos viver assim, que não queremos isto para nós. Falta-nos tantas vezes essa capacidade de dizer não, acabou ou já-chega. Palavras como estas são barreiras silenciosas que nos separam da felicidade. Barreiras construídas pelo nosso medo genuíno de ficarmos sozinhos, de perdermos a pessoa que nos ama, mas que não nos ama na mesma medida, ou pior, que nunca nos amou ou tentou sequer. Deixamo-nos ficar porque amamos, em vez de irmos embora porque não somos amados. Acaba por pesar mais o amar do que o ser amado quando na verdade ambos pesam, ou deviam pesar, o mesmo na nossa vida. Se não amamos não devemos ficar, se não somos amados não podemos ficar. Ou os dois, em igual medida, ou nenhum, em que medida for. E é o amor pelo outro que nos prende na garganta aquele já-chega quase sempre libertador, quase sempre salvador. Mais uma vez deixamos a balança em desequilíbrio com o amor que temos por alguém a pesar mais nas nossas decisões do que o amor que temos por nós mesmos. E acabamos por continuar onde já não temos lugar como se de alguma forma isso fosse felicidade. Não é, nunca será, nunca poderá ser. A felicidade não se alimenta de pensamentos como *mais vale pouco do que nada, melhor muitos cinco*

que poucos dez ou migalhas é pão. Ela alcança-se quando o coração está mais do que cheio, quando transborda compulsivamente de coisas boas que vamos agarrando e segurando. A felicidade exige a totalidade porque para ela quase cheio é o mesmo que vazio. Enquanto nos contentarmos com as migalhas, por acreditarmos que é melhor do que nada, nunca teremos o pão inteiro. Já-chega de bocadinhos, de restos, de *quases* e meias coisas que vamos aceitando e que fazem de nós seres constantemente incompletos e insaciados. Não é prepotência exigir que tudo seja absoluto. Nem é falta de humildade recusar um pouco quando não pode ser um todo. Porque antes de tudo isso nós sabemos o nosso valor e temos o nosso orgulho. Que ainda é aquilo que nos define, que ainda é e será sempre o nosso porto seguro e tudo o que nos restará quando tudo o resto nos faltar. Quando abdicamos do nosso orgulho e dos nossos valores, estamos a permitir que vivam por nós, que sejam por nós aquilo que nos revelamos incapazes de ser. Nesse momento não seremos mais do que brinquedos nas mãos de egos gigantes e mimados disfarçados de pessoas que *nos amam* e que *só querem o nosso bem*. Encha-se o peito de coragem e diga-se do fundo da alma já-chega de ter à nossa beira pessoas que nada nos acrescentam e que só servem para dizer *eu bem te avisei* quando, para seu rejúbilo, nos veem cair. Já-chega de mendigar por afetos da exata mesma pessoa que diz que nos ama, mas que, no entanto, não demonstra nada, quiçá por preguiça ou, por outras palavras, falta de amor. E como estas tantas outras coisas que já andam a pedir, com jeitinho, um fim há muito tempo. Lá ao longe a felicidade aguarda sentada por esse fim, por esse afastamento de tudo e de todos que falta nenhuma nos fazem para ter finalmente condições de se aproximar. Ela é mesmo assim, quando vê algo ou alguém desagradável e desnecessário perto de nós até nos evita.

O amor acontece, mesmo sem acontecer nada

Hoje é o Dia dos Namorados, o nosso dia. Nem mais nem menos do que todos os outros, apenas diferente, especial. Acho que desde que nos casámos fomos mais namorados do que antes, e ainda mais namorados depois de o nosso Tiago ter nascido. E hoje, como em todos os outros anos, escrevo-te uma carta de amor, que não prova nem mais nem menos o meu amor por ti do que tudo o que vivemos juntos. É apenas uma forma diferente e especial de o fazer. E não é por não a consegues ler que eu deixarei de a escrever, assim como não é por estares presa a esta cama que eu deixarei de estar ao teu lado. Não, também não é por não me veres que eu deixarei de te visitar, nem é por não me falares, e talvez até nem me ouvires, que eu deixarei de conversar contigo e de me queixar a ti das asneiras que o nosso filho se lembra de aprontar. Estás tão bonita. A idade parece que não quer nada contigo. Sabes, às vezes pego naquele pequeno espelho que usavas para te maquilhar e aponto-o para ti na esperança de que, de uma forma ou de outra, tu te consigas ver e nunca te esqueças de quão bonita és. Ainda hoje me pergunto como consegui conquistar o teu coração quando não faltavam homens bem mais bonitos do que eu a pretendê-lo. E ainda hoje te agradeço por me teres dado a oportunidade de tomar conta dele, pois foi das maiores responsabilidades que eu já tive na minha vida. Acho que o meu peito é demasiado pequeno para transportar todo o amor que sinto por ti e todo o amor que tu sempre me deste. Mesmo apesar de aquele acidente me ter roubado esse teu sorriso que me derretia, esse teu olhar tão meigo e esse teu jeito tão fofo de apanhares o cabelo, sinto que me apaixono por ti todos os dias. Não sei

onde vou guardar tanto sentimento, vais ter de me ajudar. Acorda, meu amor. O nosso Tiago já entrou para a escolinha e sabes que eu não tenho tanto jeito como tu para o ensinar e poder ajudá-lo com os trabalhos de casa. Por favor, vem ajudar-me a cuidar dele. Às vezes não consigo perceber o que o incomoda e não tenho dúvidas de que tu descobririas num instante. Gostava tanto que o visses de mochila às costas, fica tão fofo. Quando ele chega ao carro cheio de histórias para contar da escola e do que aprendeu, eu lembro-me sempre de ti e de como tu ias gostar tanto de o ouvir. Sempre que posso trago-o comigo para te vermos. Sento-o ao teu lado na cama e ele fica a fazer aquelas batalhas com os bonequinhos sobre a tua barriga ou então a desenhar. Gosto especialmente quando ele fala para ti, quando te chama mãe e quando te diz para olhares para o desenho que acabou de desenhar, mesmo sabendo que tu não o vais fazer. E lá fica ele, com aquele olhar desiludido mas ao mesmo tempo compreendido. Ele sabe que tu lhe pertences e que ele te pertence, e isso deixa-me descansado. E eu, sentado nesta cadeira ao teu lado, fico a olhar para as tuas mãos e a rezar para que elas ganhem força e abracem o nosso filho. Acorda, meu amor, e volta para casa. Preciso tanto de ti. Por vezes sinto-me a desabar, sem forças para suportar esta tão grande herança e responsabilidade que me deixaste, o nosso Tiago. E se eu não estiver a fazer um bom trabalho? E se eu não estiver a ser um bom pai? Vá lá, por favor, deixa-me voltar a ver esses teus lindos olhos e sentir-te segurar a minha mão com vontade, como sempre fazias. Nem que passes a vida inteira nesse teu sono profundo, eu nunca te abandonarei, serei sempre teu e só teu, mas peço-te, por favor, com a maior vontade que o mundo conhece... Acorda!

Não tens dinheiro, mas tens amor e imaginação

Esta mensagem é para ti, rapaz, que, para tentares ganhar um sorriso da tua namorada, precisas de puxar da carteira. Esta mensagem é para ti, rapaz, que, para tentares conquistar a mulher dos teus sonhos, a enches de objetos caros e fúteis. Esta mensagem é para ti, rapaz, que, por preguiça de pensar em algo romântico e diferente, acabas por te socorrer da tua conta bancária recheada para encantar a tua miúda. Rapaz, ela não quer objetos, quer momentos. Ela quer algo que fique para sempre no coração dela, não na estante do quarto. Ela quer algo que a faça viajar para outro lugar e não que a faça pensar no lugar onde o colocar. Ela quer-te a ti no mundo dela, não as tuas coisas. Não lhe dês o que qualquer um lhe pode dar, dá-lhe o que só tu lhe podes dar. Dá-lhe amor, dá-lhe confiança, dá-lhe carinho, dá-lhe conforto, faz-lhe uma surpresa. Sê simples, sê sincero, sê romântico, sê apaixonado, sê original. Certamente já caíste na tentação de lhe oferecer um relógio. Mas nunca caíste na tentação de lhe dar um ramo de flores. Certamente já caíste na tentação de lhe dar anéis, colares ou pulseiras. Mas nunca caíste na tentação de lhe dar a tua companhia quando ela mais precisava. Certamente já caíste no ridículo de lhe dar dinheiro para ela comprar uma prenda para ela. Mas nunca caíste na tentação de a convidar para ver o pôr do Sol contigo. Rapaz, ela não precisa de algo superelaborado, supercaro ou super qualquer coisa. Ela precisa de algo que seja feito especialmente para ela, com carinho, com amor e com toda a atenção do mundo. Ela precisa da tua mensagem de bom dia todas as manhãs. Ela precisa do teu beijo de boa noite todas as noites. Coisas simples que nenhum objeto que lhe

possas dar irá substituir. Mas esta mensagem também é para ti, rapaz, que, por não teres dinheiro, achas que não consegues conquistar aquela rapariga que tanto desejas. Mas sabes uma coisa? Não precisas de ter dinheiro, precisas de ter amor e imaginação. Se não tens dinheiro para lhe dar uma prenda, escreve-lhe um poema. Dá o teu melhor. Não importa se usas as rimas mais fáceis e as palavras mais simples que sabes, mas fá-lo com intenção, fá-lo com carinho e amor. Se não tens dinheiro para a levar a jantar fora, faz tu mesmo o jantar. Talvez tenha um pouco de sal a menos ou até fique um pouco queimado, mas ela vai saber que o fizeste com amor, que o fizeste por ela e que deste o teu melhor. Se não tens carro para a levar a passear, convida-a para verem as estrelas no teu jardim. Talvez até esteja um pouco de frio nessa noite e o teu cão se lembre de se juntar a vocês e quebrar o clima. Mas mais tarde até se vão rir dessa situação, e ela vai lembrá-la, essencialmente, com amor. Vai lembrar-se de que sempre lhe deste o melhor de ti, vai lembrar-se de que usavas a cabeça e o coração para compensar o que o teu bolso não tinha, vai lembrar-se de que com pouco sempre fizeste muito. E vai lembrar-se porque ficou guardado no coração dela e não numa gaveta ou estante do quarto. Porque o tamanho do teu amor não é definido pelo número que vem na etiqueta. Nunca te esqueças, o que lhe deres de supérfluo, ela irá guardá-lo no bolso, o que lhe deres de fugaz, ela irá guardá-lo na mão, o que lhe deres de interessante, na memória, e o que lhe deres de eterno... no coração.

Aprendi a amar-te de longe

Já passaram dois anos. Dois anos desde que perdeste o emprego e te viste obrigado a abandonar o nosso país. O país que nos apresentou um ao outro, o país onde nos apaixonámos um pelo outro, o país onde jurámos ficar juntos para sempre e onde nasceu a nossa razão de viver, o nosso Lucas. O mesmo país que te obrigou a abandonarmos, o país que nos obrigou a viver longe um do outro, a nós e a tantos outros casais. O mesmo país que me obrigou a aprender a amar-te de longe. Dói-me saber que o Lucas já entrou para a escolinha e tu não estavas cá para o levarmos juntos, como tanto querias. *Vou ensiná-lo a escrever a palavra pai primeiro que mãe*, dizias-me tu quando ainda estava na minha barriga. Não o pudeste fazer, não to deixaram fazer. Mas eu fiz questão de lhe ensinar primeiro a palavra pai, e fi-lo por ti, fi-lo por ele. Porque a palavra mãe ele já irá usar muitas vezes, terá muito tempo de a aprender. Não quero que ele se esqueça de ti durante os longos meses em que não vens a casa e, por isso, pus um quadro de nós os três no seu quarto. Ele ouve a tua voz todos os dias pelo telefone, mas é uma criança, não tem noção dos milhares de quilómetros que separam os nossos corpos. Acho que isso é bom... não sei. Só sei que nunca na vida alguém te poderá fazer recuperar estes momentos com ele. Estes momentos que tentei viver por nós os dois, mas que senti nunca o conseguir. Sei que te dói muito e eu sinto essa dor como se fosse minha. Mas tudo ficará bem. Um dia, sei que voltarás para nossa casa, de vez. Teremos mais filhos e eu prometo deixar-te ensinar-lhes primeiro a palavra pai. Também sei que não amarás o Lucas menos do que qualquer um dos outros, e sei que sabes que ele nunca será mais meu do que teu, só porque passou mais tempo

comigo. Tens um coração do tamanho do mundo, do nosso mundo, e isso deixa-me calma, tranquila, porque sei que estás longe mas o teu mais profundo desejo é o mesmo que o meu, estar aqui, do nosso lado. Perguntam-me muitas vezes como eu lido com tudo isto, como é que eu vivo sem ti durante tanto tempo. *Não tens necessidades?* Necessidades? A minha necessidade é o meu marido, é o meu filho, e é o amor que ambos me dão, seja aqui ou do outro lado do mundo. Tive de aprender a encontrar amor numa chamada de telefone, tive de aprender a receber carinho de um ecrã de computador. Se eu vivia assim para sempre? Não sei, nem me interessa saber. Tenho esperança de que um dia tudo mude, que é apenas uma questão de tempo. Acredito profundamente nisso e alimento-me dessa esperança. *Como é que confias nele?* Confio porque sei o que tenho, sei quem escolhi para viver para sempre ao meu lado, sei a quem entreguei o meu ventre para fazer florir dele o ser mais maravilhoso que já vi. *És parva, os homens são todos iguais*, então deixem-nos ser. Eu vou continuar a acreditar que o meu é diferente. Tenho-te longe, mas ainda te tenho, e isso conforta-me. Só quero que estejas bem, só quero que voltes para mim e para o Lucas, bem e depressa. O meu medo não é que te vás embora... mas que não voltes. Tu foste a pessoa que escolhi, a família que escolhi, e por isso, se nada mudar, mudarei eu. Deixarei para trás o país que não nos quis juntos e começaremos tudo de novo. Talvez ainda vá a tempo de poderes ensinar a palavra pai ao nosso Lucas... noutra língua. Que tudo se componha e que as forças e a esperança nunca me abandonem, porque parar pode ser morrer, mas esperar... é ir morrendo.

Não é a sociedade que diz qual o momento certo, és tu

O tempo assustava-me imenso. Via-o a correr à velocidade da luz e eu parecia parado, na vida, a vê-lo passar. Era como se não conseguisse fazer nada para o segurar e fazê-lo andar mais devagar. Era como se não conseguisse gritar para que ele me ouvisse e tivesse alguma pena da lentidão a que o peso da verdade e da realidade me obrigava. Assustava-me imenso a ideia de envelhecer. Acordar não era mais uma oportunidade de viver, mas mais uma tentativa de não morrer. Ainda que metaforicamente. E o meu aniversário não significava mais um ano de vida, mas menos um ano para viver. Não conseguia ver o aumento de idade como um aumento de experiência, mas como a diminuição contínua das desculpas para errar. E pode até ter igual peso, mas eu tinha sempre a vil mania de me concentrar no lado negativo de tudo, em vez do lado positivo que valia exatamente o mesmo. Os anos acumulavam-se uns em cima dos outros, as oportunidades desperdiçadas faziam fila atrás de mim, e os constantes erros que cometia desfocavam-me a visão e enlameavam-me o caminho. Invejava cada vez mais a juventude, inocência, ingenuidade e irresponsabilidade que via nas pessoas mais novas. *Eles ainda vão a tempo, eu não. Pensava eu. Eles ainda podem errar e começar de novo. Eles ainda podem sonhar e realizar. Eles ainda têm a vida toda pela frente, eu já não.* E este era o maior erro que eu estava a cometer, acreditar que *eu já não*. Que eu já não merecia, já não podia, já não conseguia, já não ia a tempo. Foi então que tive de tomar uma atitude contra a inevitabilidade do envelhecimento e a velocidade do tempo, que foi convencer-me de que eu e a vida não dependemos

assim tanto do tempo. Quem disse que eu não me posso apaixonar aos cinquenta anos, casar apenas aos sessenta e os poucos anos de felicidade que possa viver depois disso não valerão por uma vida inteira de dissabores amorosos? Quem disse que eu não posso voltar a estudar aos trinta e tirar, finalmente, o curso que sempre quis, mas que *no meu tempo* não consegui? Quem disse que eu não posso terminar um casamento de vinte anos e começar tudo de novo, noutra lugar qualquer e onde não conheça ninguém, e encontrar novamente o amor e a felicidade? Quem disse que aos quarenta eu preciso de um trabalho fixo, uma casa na cidade, uma vida a dois e três ou quatro filhos para me sentir realizado? E depois de me fazer todas estas perguntas eu concluí duas coisas, a primeira é que, infelizmente, a resposta a estas perguntas é que não foi *ninguém*. E a segunda é que, felizmente, a única pessoa a quem importa dar resposta a estas perguntas sou eu. A sociedade, onde vive a família, amigos, conhecidos e desconhecidos, vai tentar sempre orientar-me por um determinado caminho e vai sempre apontar-me o dedo quando me desviar dele ou não alcançar esta ou aquela meta no tempo *previsto*. E, por isso, percebi que não tenho de me apressar numa etapa porque me demorei na anterior. Se a etapa acabar e eu não tiver cumprido os *objetivos*, então que se lixe. Temos pena, ou não. Mas se há coisa que não faria sentido fazer era forçar o que quer que fosse a acontecer só porque este é supostamente o momento certo. O momento certo é quando tiver de ser. E quando tiver de ser eu vou sentir e saber isso. Não preciso de olhar para o amigo do lado e copiar-lhe a vida na esperança de passar no teste da sociedade. Eu não tenho de fazer o que ela me pede para ser feliz. Até porque a felicidade nem sequer depende do tempo, mas sim dos momentos e oportunidades. Que por sua vez dependem da minha

vontade de experimentar e capacidade de arriscar. Assim sendo, e concluindo esta equação, o resultado é simples, eu estarei sempre mais próximo da felicidade enquanto quiser e enquanto tentar. Tudo o resto são desculpas.

Para se esquecer é preciso ir-se esquecendo

Éramos felizes. Éramos muito felizes... nos primeiros anos, como em qualquer relação. É claro que eu, como qualquer outra mulher, acreditava que era para sempre, que seria ele o pai dos meus filhos e que eu formaria com ele uma daquelas famílias que via passearem de mãos dadas na rua. Parva? Não, sonhadora e apaixonada, isso sim. Nada me faria duvidar de que tudo aquilo seria possível. O que tinha eu, afinal, a menos que todas aquelas mulheres felizes? Na altura não sabia, mas hoje sei que o que me faltava era precisamente um homem, ao meu lado, que sonhasse o mesmo que eu, que quisesse o mesmo que eu e que amasse tanto quanto eu. Com o tempo, as mensagens de boa-noite começaram a ficar mais curtas, as palavras de amor mais contidas, as discussões aconteciam por tudo e por nada, as desculpas acumulavam-se e a paciência esgotava-se mais depressa do que nunca. Chegava já com pressa de se ir embora, já não me agarrava quando me tentava ir embora. Já não ia atrás de mim quando eu realmente me ia embora. E agora, visto de longe, parece até que vejo tudo melhor, os beijos rápidos que me dava e os olhares que já não se cruzavam. É triste, foi triste e não demorou muito até me dizer a palavra que nós, os que amam, nunca esqueceremos na vida, acabou. Não estava pronta, penso que nunca se está para uma coisa destas, a minha personalidade sonhadora fazia-me sempre acreditar que íamos dar a volta, que melhores dias viriam e que eu realmente e finalmente iria sentir-me como uma daquelas mulheres felizes que eu, sem querer, invejava do outro lado da rua. Uma esperança que na hora de ouvir essa palavra, a última, só ajudou a cravá-la com mais força no

meu coração e na minha memória. Doeu, dói e há de sempre doer, quanto mais não seja sempre que me lembrar. Acabava de perder o chão, tudo o que havia sonhado ficava sem efeito, tudo o que sentia por ele era agora como uma faca que me cortava por dentro. Tudo o que eu mais queria alimentar, momentos antes, era tudo o que eu mais queria longe de mim naquele momento. Queria morrer. Sim, queria morrer. Aliás, já morria por dentro, era uma questão de acelerar o processo. Mas parei, parei de alucinar, de exagerar, parei mesmo e respirei fundo. Comecei a olhar à minha volta e a pensar em quantas pessoas já não passaram pelo mesmo e superaram. Seria eu menos do que elas para não o conseguir também? Claro que não. Tudo teria que terminar como começou, aos poucos. Não tinha de o esquecer, tinha sim de o ir esquecendo. Esse era o segredo. E por isso fui eliminando tudo o que me lembrava dele gradualmente da minha vista, e gradualmente, também, foi-se desvanecendo da memória e da alma. É óbvio que não é fácil, ninguém disse que era, nem tem de ser. Agora que sinto ter superado tudo isto, olho-me com mais confiança, hoje sinto-me mais preparada, mais mulher. Não tenho hoje mais medo de relações, não tenho mais ódio pelos homens nem pela vida, não sinto que deixei de acreditar no amor, nem vou poupar no amor só porque algum dia alguém desperdiçou o meu. As pessoas estão sempre a entrar e a sair das nossas vidas. Vêm e trazem um pouco de nós, vão e levam um pouco de nós. Se assim não fosse, de que valeria isto tudo? Cansei de olhar o amor e as relações com tanto dramatismo. Comecei a aceitar que as coisas são mesmo assim. Nem sempre corre bem e nem sempre é para sempre. Mas não será por isso que vou desacreditar que é possível amar e voltar a amar as vezes que forem necessárias. Há sempre alguma coisa que fica e algo que nos acrescenta. Agora não posso nem vou querer

deitar o meu livro todo fora só porque alguém borrato duas ou três páginas.

Desculpa, mãe, mas principalmente obrigado

Quantas vezes guardei um *obrigado* para mim por achar que a minha mãe não fez mais do que a sua obrigação. Quantas vezes escondi um *desculpa* por não ter coragem de admitir que errei com ela. Quantas vezes falhei, quantas vezes fui um mau filho, quantas vezes fui injusto, quantas e quantas vezes não lhe dei o valor que ela merecia. Por ingenuidade, ignorância, por falta de noção. Eu e todos nós temos um enorme pedido de desculpas a fazer às nossas mães, e quando digo mães refiro-me a quem realmente merece este título, assim como eu e todos nós temos um gigante obrigado a dizer-lhes. O melhor pedido de desculpas e obrigado que lhes podemos dizer é mesmo ajudá-las, amá-las e acarinhá-las porque se há ser no mundo que merecia viver para sempre é uma mãe. Desculpa, mãe, quando me pediste ajuda e eu não te ajudei quando não tinha nada de importante para fazer. Desculpa ter-te falado alto quando a única coisa que devia ter feito era simplesmente ouvir. Desculpa ter reclamado por não me teres dado o que queria, quando eu só devia ter compreendido. Desculpa não te ter respondido às chamadas por me estar a divertir e esquecer-me que do outro lado estava uma mãe preocupada por não saber nada do seu filho. Desculpa pelas vezes em que reclamei da comida que me fazias e eu não gostava, quando eu só me devia ter lembrado que a tinhas feito com tanto carinho e para o meu bem. Arrependo-me de tudo isto, arrependo-me de tudo o resto, palavras não chegam, mas sem palavras não presto. Sei que me amas, não por ser um bom filho, mas simplesmente pelo facto de ser teu filho. Podia ser a pior pessoa do mundo que tenho a certeza de que não me

amarias menos e, por isso, maior prova da pureza do teu amor não posso eu pedir. Peço-te apenas que me perdoes, não por simplesmente ser teu filho, mas por compreender que não sou o melhor, que sei disso, e que tento melhorar. Hoje dou mais valor à roupa lavada que aparecia dobrada sobre a minha cama. Hoje dou mais valor aos jantares e almoços que apareciam prontos sobre a mesa. Hoje dou mais valor às preocupações que não tinha com as contas a pagar. Pois alguém, nos bastidores da minha casa e da minha infância, fazia tudo isto, tratava de tudo isto sem pedir nada em troca, a minha mãe. Uma mulher, uma guerreira que, por detrás daquele corpo frágil e daquele sorriso que se esforça tanto para não perder, suporta uma família, uma casa, muitas vidas, sem muitas vezes se aperceber. Não encontro muitas palavras que consigam expressar o que é a minha mãe, o que é uma mãe, o que é ser mãe. Uma mãe que deixou muitas vezes de comer para me dar. Eu era muito novo, mas lembro-me. Uma mãe que sofria em silêncio quando me via mal, mas escondia essa dor para não mostrar fraqueza. Eu estava triste, mas reparei. Uma mãe que me deu asas para que voasse, quando o que mais queria era guardar-me debaixo das suas. Uma mãe que me deu uma vida, que me educou e ensinou o melhor que sabia. Se há pessoas com sorte, eu sou uma delas. Eu sei que serias incapaz de me exigir algo de volta. Sei que não fazes nada para poder receber mais tarde. E tudo o que eu posso prometer é lutar e trabalhar para que o teu esforço em mim não seja em vão. Para que um dia, quando já não aparecer roupa lavada em cima da cama ou o almoço pronto em cima da mesa, ou quando for a minha vez de te dar o comer à boca ou de te mudar as fraldas, nada te falte. É o mínimo que eu posso fazer por quem me deu tudo em troca de nada. Amar-te-ei para sempre, pois a

única mulher que eu posso prometer amar para sempre é a minha mãe.

É preciso saber quando deixar o amor falar mais alto

O mal das relações não são as discussões, mas a incapacidade de as resolver. A incapacidade de ouvir o outro e de ignorar o que tem de ser ignorado, quando tem de ser ignorado, é o principal motivo pelo qual as pessoas se dão mal e desistem dos seus projetos a dois. Não são as discussões, é a incapacidade de dar um descanso ao orgulho e a soberbia de querer tanto ficar com a bicicleta que faz com que um casal não se dê bem. O segredo de uma relação longa? Simples, saber ouvir, saber falar, quando falar e, mais importante que isso, saber quando não falar. Sim, por vezes o melhor a fazer é ouvir e calar. Porque por vezes a outra pessoa tem razão e nós apenas não o queremos admitir. E quando acreditamos profundamente que não a tem, então devemos argumentar e não atacar à toa. Se ainda assim a outra pessoa não conseguir perceber que está errada, então perdoemos-lhe a ignorância e passemos à frente. Seja essa pessoa a que divide a vida connosco ou a que está na mesa ao lado do café a falar de política ou futebol. Uma coisa é certa, quem quer sempre a bicicleta para si, acabará por andar nela sozinho. É preciso, por isso, ter a humildade e lucidez de admitir e perceber que nem sempre é possível transmitirmos ao outro o nosso ponto de vista e nem sempre nos expressamos da melhor maneira. Só assim se consegue avançar e preservar a nossa paz interior e conjugal. Desengane-se quem pensa que um casal feliz não discute. Claro que discute, porque, por mais feliz que seja, esse casal será sempre composto por duas pessoas que têm a sua própria forma de ser, pensar e ver as coisas. E é bom que assim continue. Que graça teria se fôssemos, pensássemos e agíssemos da mesma maneira?

Saberíamos tudo o que o outro ia fazer e dizer. Chegaria a um ponto em que já não se falava porque não era preciso. Pensava-se apenas, adivinhava-se somente. Não haveria surpresas, trocas de ideias e, pior do que isso, não haveria aprendizagem. Existirá sempre arestas para limar numa relação, atualizações para fazer e mudanças para pôr em prática. Se assim não for, vem a rotina devagarinho intrometer-se entre os dois e arrastá-los para um lugar morno e sem vida. E o amor vai-se petrificando num hábito enganosamente confortável e mumificando num comodismo frio e apagado. Só um casal composto por duas pessoas sem personalidade, ambição, ideias e vontades é que não discute. As discussões fazem parte, mas enquanto houver amor e se souber amar, essas mesmas duas pessoas que têm ideias diferentes vão perceber que o sentimento, o projeto e a vida que têm em comum falarão mais alto. E essas mesmas duas pessoas encontrarão sempre forma de partilharem a bicicleta. Uma vez anda uma, outras vezes anda a outra e outras vezes andam as duas. Enquanto houver respeito, compreensão e paciência, não haverá discussão nenhuma capaz de separar duas pessoas que se amam. É claro que por vezes é necessário aplicar técnicas para não deixar que uma conversa incendeie, como, por exemplo, mudar de assunto, ir dar uma volta, um bom momento de sexo, ou então, a mais difícil, concordar com a outra pessoa e admitir que tem razão, ainda que não concordemos na totalidade. Só para sair daquele bate-boca que não levará a lado nenhum e só piorará a situação. Engolimos um sapo, é certo, mas mantivemos a calma e a paz interiores, não perdemos o respeito e, no fundo, fizemos uma boa ação que certamente será tida em conta pelo nosso ego. Nunca nos esqueçamos que estaremos a ser injustos com a nossa vida quando decidimos usar muito do

tão pouco tempo que temos para discutir ou estarmos zangados com alguém que amamos.

Por mais dura que seja a dor, ela não dura eternamente

Já não consigo chorar. E não é por já não me preocupar, por já não me iludir ou por já não gostar. É talvez por apenas... já não ter mais nada para chorar. Por já ter chorado tudo. Continuo a querer, a sonhar e a amar, mas desconfio não ter mais lágrimas para deixar cair. É como se cada dor tivesse um plafom de lágrimas, ou seja, em algum momento hão de acabar e, por mais que dê vontade, não sai nenhuma. Às vezes, quando me lembro daquilo que mais me magoa, os olhos ainda começam a lacrimejar, mas rapidamente me lembro que já chorei muito por causa disso e as torneiras da alma fecham-se para poupar as lágrimas para o que realmente importa. Não acredito em dores eternas. Acredito que, mais tarde ou mais cedo, tudo passa. Toda a ferida sara. As marcas hão de ficar para sempre, mas melhor prova não podemos pedir das nossas vitórias interiores. E vencer não é apenas ganhar, é também ultrapassar uma derrota. Quem perde e não ultrapassa a derrota continua a perder, dia após dia, sempre que lamenta o seu fracasso. O ser humano tem, e ainda bem, uma capacidade incrível de adaptação e de superação. E eu sinto-me feliz em saber que sou um ser humano desses. E não é porque um ser divino me abençoou, é porque eu trabalhei e esforcei-me para ser assim. Com um empurrãozinho da vida, é certo, aliás, com um empurrão, mas pelo menos aprendi e evoluí. Nunca me irei habituar às derrotas da minha vida, mas também é certo que toda a derrota é mais suportável e superável depois de outra. E se não há melhor forma de aprender do que caindo, então que se caia, mas também que nunca se fique pelo chão. É um lugar demasiado desconfortável para quem quer realmente

viver, além de que do chão não se vê o mundo, apenas os pés de quem o vê. Desconfio que só existem olhos que choram para sempre porque não existem mãos que lhes enxugam as lágrimas. Talvez seja, afinal, apenas isso que tanto nos falte. Alguém que aproxime a sua mão do nosso rosto, sacuda aquelas gotinhas de dor, nos sussurre ao ouvido que vai ficar tudo bem e depois fique também ao nosso lado para o comprovar. Alguém que aproxime a sua mão da nossa, agarre nela com força para nos erguer, e depois ainda pegue em nós e nos coloque aos seus ombros para que nos sintamos grandes. Maiores. E ter ao nosso lado um bom amor, ou uma boa amizade, que não deixa de ser amor, é precisamente ter isto, alguém que nos faz sentir maiores e assim consigamos ver o mundo com outra perspectiva. Mais confiante e mais positiva. E se há muitas lágrimas minhas que não veem a luz do dia é porque tenho ao meu lado pessoas assim. Mas, mais do que isso, é porque eu também aprendi a ser uma destas pessoas. Já chorei por tudo e por nada, já me importei com coisas e pessoas que, afinal, não tinham importância nenhuma, e já sofri por razões que nem a minha atenção mereciam. Todas estas dores aparentemente desnecessárias foram extremamente necessárias para hoje em dia não ser qualquer coisa a merecer uma lágrima minha. Hoje ainda continuo a importar-me muito, mas não com tanto, e continuo a entregar-me e a dedicar-me muito, mas já não tantas vezes. Todos os meus sofrimentos me abriram os olhos e desembaciaram-me a visão. Deram-me lucidez, sensatez e reforçaram-me a razão. Se eu mudava alguma coisa no meu passado? Não, não mudava, porque foi tudo o que de bom e de mau eu fiz, e me aconteceu, que me fez ser quem sou hoje. E, se eu gosto de quem sou, então não há nada que não deveria ter sido como foi. Precisaremos sempre de uma maneira de lidar com tudo o que de mau,

que não é o mesmo que dizer *de mal*, nos aconteceu no passado e esta foi a que eu encontrei. Se é a melhor, não sei, mas sei que hoje não sofro tanto, não choro tanto e amo na mesma.

Ser mulher, mais do que um género, é uma qualidade

Minha filha, a mamã está muito doente. Desconfio muito que Deus não me vai deixar ver-te crescer. Ainda agora chegaste e eu já tenho de me ir embora. Devia ser proibido, eu sei, mas vou precisar que sejas em minha vez a mãe que não poderei ser. Perdoa-me sempre que chamares por mim e eu não te responder e perdoa-me por todas as vezes em que te perguntarem por mim e não souberes o que dizer. Mas não aguento muito mais, meu amor. Por isso te deixo esta carta, para que ela te diga o que eu não vou poder. Um dia, quando fores mais crescida, quando souberes ler e conseguires entender, vais perceber que tudo o que aqui está escrito será como se te fosse dito nesse mesmo dia. Nasceste com uma desvantagem muito grande, vieste ao mundo e já entraste a perder, começaste uma corrida muito atrás da linha de partida... és uma menina. Não te digo isto para te assustar ou chocar, digo isto apenas para te preparar. Porque eu já cheguei há muito mais tempo e sei que o mundo vai fazer-te acreditar que não vales tanto como os homens. Só porque és mais sensível do que eles. Só porque não tens uns músculos tão desenvolvidos quanto eles. Vai saturar-te de obrigações, posturas, estereótipos, preconceitos e defeitos. Para quê? Para te convencer de que és inferior, não sabes tanto e não consegues tanto para abafar a tua voz e te reduzir a um robô de cozinha e uma boneca insuflável. O mundo sabe o poder que tens só pelo simples facto de seres mulher. Ele sabe perfeitamente da existência de uma bomba atómica no peito de cada uma de nós. Mas também sabe bem o quanto depende do nosso bem-estar e boa disposição. Por isso vai tentando iludir-nos com rebuçados e elogios de vez em quando para ir

mantendo a nossa calma. Isto é assim hoje e vai ser assim no dia em que leres esta carta, mas, por favor, não te revoltas contra o mundo, nem contra os homens. Não é isso que eu quero, nem é isso que tu precisas. O que tu precisas é de nunca desacreditar em ti quando o mundo te tentar convencer disto tudo. Vais sentir sempre mais do que qualquer homem e por isso não estranhes se também sofreres mais do que todos eles. Não tem nada a ver com o facto de teres azar na vida ou ela ser injusta contigo, tem a ver com o facto de seres mulher e, por isso, teres um coração gigante, atabalhado por natureza, que anda sempre aos encontros dentro do peito. Vais sofrer muito, mas também te garanto que ninguém sentirá uma felicidade tão profunda como tu. Nós, mulheres, somos assim mesmo. Somos de extremos. Tudo ou nada. Agora ou nunca. Vais acreditar, por vezes, que esse é o teu maior defeito, mas vais acabar por perceber que essa é a tua grande salvação. Pois é precisamente esse *tudo ou nada* de que és feita que te vai livrar dos *quases* e dos *mais ou menos* da vida que só te farão perder tempo. Minha filha, os homens serão, porventura, aqueles que mais te vão desiludir, mas tenho de te dizer que serão as mulheres aquelas que mais mal te vão desejar. É verdade, somos fantásticas, mas não perfeitas. A inveja, o ciúme e a malícia são sentimentos que se escondem bem atrás de um olhar inocente, por isso nunca te distraias. Não tens de desconfiar do mundo inteiro, tens somente de te proteger e estar atenta a quem te rodeia. Apesar de tudo, orgulha-te de seres mulher, o ser mais incrível alguma vez criado. Não deixes que ninguém te faça duvidar disso. Sabes porque é que eu valorizo tanto as pequenas coisas? Porque sou mulher. Sabes porque sinto tudo de uma forma tão intensa? Porque sou mulher. Sabes porque tenho uma força inacreditável e todos os sonhos do mundo dentro de mim?

Porque sou mulher. E sabes porque amo incondicionalmente? Porque sou mãe. A tua mãe. Hoje e para sempre a tomar conta de ti.

A culpa e o arrependimento são o alimento do passado

Percebi que o passado é um monstro. Um monstro formado por duas pessoas, a que eu fui e a que eu podia ter sido. E esse monstro alimenta-se essencialmente de duas coisas, culpa e arrependimento. Ou seja, quanto mais culpa e arrependimento eu sentir da pessoa que fui e não consegui deixar de ser e da que eu podia ter sido e não consegui ser, mais forte será esse monstro. E com mais força me irá puxar para trás, como se estivesse agarrado a ele com uma corda, e impedir-me de seguir em frente. Percebi também que só havia uma forma de cortar essa corda que me impedia de continuar a minha vida sem o peso na consciência que esse monstro representava em mim, era aceitar. E não, aceitar não é uma escolha. Quando ouvia dizer isto, eu questionava-me sempre *como é que se aceita?* Eu já tinha escolhido aceitar toda a porcaria que outrora havia feito, aceitar os caminhos menos acertados que segui e todas as vezes em que fui uma pessoa que não devia ter sido, e mesmo assim a culpa continuava a perseguir-me. Isto acontecia precisamente porque aceitar não era um destino, mas um caminho. Ou seja, não era uma questão de aceitar, mas de aceitação. Aceitar era, afinal, o exercício constante e doloroso de me convencer a mim mesmo de que eu nunca terei poder de mudar o passado, mas o passado sempre terá o poder de me mudar. E isso eu não podia permitir. Este processo de aceitação foi doloroso porque me obrigou constantemente a relembrar tudo o que fui e tudo o que podia ter sido, e a repetir incessantemente na minha cabeça *sinto pena, mas já não vale a pena*. Tive de aprender a perdoar-me desta forma, convencendo-me de que eu não tinha como saber o que sei hoje. Porque por

mais que eu pudesse prever o que iria acontecer se eu fizesse o que tinha ou queria fazer, eu só iria realmente saber o que aconteceria se o fizesse. Ponto. Obriguei-me, por isso, a perceber de uma vez por todas que, se em determinado momento eu fiz determinada escolha, então é porque naquele momento foi a escolha que eu achei que devia fazer, tendo em conta o que sabia e sentia também naquele momento. E se assim não foi, e por isso a culpa seja ainda maior, então mais um motivo tenho para fazer com que daqui em diante assim seja. Portanto, tudo aquilo que eu faça deve sempre corresponder ao que sinto e ao que acredito ser o melhor no exato momento em que tenha de tomar uma decisão. Depois, quando o arrependimento me bater à porta e me pedir para entrar, eu vou dizer-lhe que não há espaço para ele dentro da minha cabeça ou coração, porque tenho-os repletos de certezas de que, tenha dado certo ou errado, se eu o fiz foi porque senti e acreditei ser o melhor. O *se eu soubesse o que sei hoje* e o *que podia ter sido* são dois fantasmas com que eu aprendi a conviver porque farão sempre parte da minha vida. Aconteça o que acontecer, supere eu tudo, aceite eu tudo ou esqueça eu tudo, estes dois sempre me acompanharão. Então se assim é só me resta aprender a conviver com eles. O processo de aceitação é um processo absurdamente essencial em qualquer momento da vida para que ela nunca pare no tempo e nos transforme em reféns do passado. No entanto, o processo de aceitação não é natural, se fosse natural não era aceitação, era apenas *esperar que passasse*. E a vida mostrou-me, várias vezes, que não tem paciência para esperar por mim. Exigiu-me, por isso, que eu entendesse muito bem que, se eu gosto de quem sou hoje, então tudo o que aconteceu para trás, seja isso bom, mau, muito bom, muito mau ou mesmo terrível, foi tudo o que tinha de ser.

Não me sinto, mas sei que sou, e isso ajuda-me

Por vezes sinto uma insatisfação profunda. Como se nada me chegasse. Como se tudo o que tenho não fosse tudo o que preciso. Mas é. Tenho boa saúde, amor de quem importa, boas amizades e o dinheiro não sobra, mas também não falta. Não posso pedir mais quando tenho tudo isto. No entanto, sinto falta de mais. Não sei de quê, nem sei porquê, mas sinto essa irritante e depressiva falta em mim. Chego até, diria, a sentir-me infeliz por causa disso. Talvez seja uma cruz minha, ou então uma condição natural do ser humano, nunca estar satisfeito com o que tem. Se calhar nem preciso de conquistar mais, mas de mudar mais. E atrás disto a ansiedade e a frustração juntam-se à festa numa autêntica batalha contra a minha sanidade mental. Não é suficiente para me enlouquecer, mas é suficiente para me irritar e até fazer chorar. Mais pela incompreensão que sinto de um mistério que não consigo resolver. O que é que queremos, afinal? Acusamos tanto os outros de não saberem o que querem, e nós? Será que sabemos o que queremos? Todos temos direito aos nossos momentos de indecisão. Aliás, precisamos deles. A dúvida traz no bico a vontade de saber. Quem não duvida ou já sabe ou não aprende. E ninguém nos pode culpar de não saber antes do tempo. Às vezes é mesmo necessário chegar à encruzilhada da indecisão para pormos à prova a nossa capacidade de querer e de escolher. Talvez a insatisfação que sinto seja, afinal, uma indecisão disfarçada. Ou o prenúncio de uma. Tudo o que sei é que me atira para momentos de profunda reflexão e conseqüentemente de solidão, por mais pessoas que tenha em meu redor. É, na verdade, o alinhar de um conjunto de fatores que cria este fenómeno que me enche

com uma inexplicável tristeza. Mas o mesmo acontece, acredito, com a minha felicidade. Também ela é um acontecimento esporádico e fugaz que despoleta quando se conjugam várias condições. E isto levou-me a concluir que talvez existam duas felicidades, a sentida e a sabida. No último domingo, à tarde, estava no pátio da minha casa a desfrutar de uma cerveja e de um bom livro. Diante de mim, os meus miúdos brincavam um com o outro, na relva, sob um céu limpo e calmo. Pousei por momentos o livro e enquanto dava um gole na cerveja desfrutei daquela sensação única de ver as minhas crias brincarem inocentemente. Senti uma felicidade singular naquele preciso momento. Entretanto, a minha esposa, do lado de dentro da casa, chamou-me para a ajudar numa pequena tarefa. Quando voltei para vigiar os rapazes, sentei-me, peguei no livro, dei mais um trago na cerveja, enquanto os olhava, na esperança de recuperar a sensação incrível que havia experimentado segundos antes, mas não consegui. Tinha desaparecido. Esta era a prova de que existem mesmo duas felicidades. Nada, aparentemente, tinha mudado. Eu continuava a ter, lá dentro, uma mulher que amava e me amava, diante de mim uns filhos de sonho, um bom livro numa mão, a minha bebida preferida na outra e um dia incrível à minha volta. Eu continuava a ter tudo o que tinha antes, apenas não tinha mais aquela sensação fugaz de profunda alegria. Nesse momento eu não sentia felicidade, mas eu sabia que era feliz. E talvez seja isto que nos falte tantas vezes. Sabermos que somos felizes, mesmo quando não nos sentimos. Achamos sempre que nos falta alguma coisa, ou que é necessário mudar alguma coisa, ou que temos algum problema, mas se calhar tudo o que nos falta é compreender que estas coisas são mesmo assim. Uns *flashes* felizes, uns relâmpagos de alegria, uma fração de segundo divina. Agora, sempre que me sinto triste sem

saber porquê, lembro-me de que, mesmo que não me sinta,
sei que sou feliz. E isso ajuda a reerguer-me.

Estou ansioso que esta ansiedade passe

Conheci a ansiedade num exame da faculdade. Estava muito descansadinho a responder às questões quando ela chegou e me disse ao ouvido *vou mudar a tua vida para pior... e para sempre*. Nesse instante o coração começou a acelerar, eu a suar e qualquer coisa para onde olhasse me enjoava. Além disso, o facto de estar rodeado de pessoas num momento como aquele, em que não podia simplesmente sair e apanhar ar, e em que desistir significaria reprovar, só me fazia piorar a cada segundo. Eu não entendi o porquê de ela ter aparecido naquele momento, naquela sala de aula, num de tantos exames que costumava fazer e aos quais já estava mais do que habituado. Descobri, então, que ela sempre esteve comigo, eu apenas é que não sabia que era ela ou o que ela era. Talvez porque era demasiado ingénuo para me aperceber dos sinais da sua existência ou talvez porque era demasiado despreocupado para lhe dar motivos para se apresentar. Fez uma entrada a pés juntos na minha vida porque não consegui sequer pensar direito durante todo esse exame e acabei mesmo por reprovar. A ansiedade tinha razão, desde então a minha vida não voltou a ser a mesma. Sempre que voltava a fazer um exame, o medo assumia-me o corpo. O peso da responsabilidade de não poder falhar, juntamente com o receio da vergonha que podia passar, eram os temperos ideais desta ansiosa receita contra o meu equilíbrio. Eu era exactamente a mesma pessoa antes e depois daquele exame, com a diferença de que depois dele eu sabia o que tinha. A ignorância é como um escudo silencioso que nos protege de muitos sofrimentos. Este era um desses casos. Muito tempo mais tarde voltou a dar-me um ataque de ansiedade numa simples, normal e rotineira

viagem de comboio. Claro que comecei a ter receio de andar de comboio. Muito tempo mais tarde voltou a dar-me quando estava a praticar exercício. Mais uma vez comecei a temer o exercício físico até que deixei mesmo de o praticar para que esse monstro não me voltasse a fazer uma visita. Os ataques chegavam a ser tão fortes que me adormeciam o corpo todo ao ponto de mal conseguir falar, andar ou mesmo abrir totalmente os olhos. Horrível, não é? Entre idas ao hospital, consultas com especialistas e uma infinidade de comprimidos dissolvidos debaixo da língua, eu disse para mim mesmo *já chega*. Já chega de ser tão exigente comigo, de querer controlar tudo, de querer tudo já, de ambicionar tanto a perfeição e de me importar tanto com o que os outros pensam. Ser menos *fazer, fazer, fazer, descansar*, e mais *fazer, descansar, fazer, descansar*. Já chega de me preocupar tanto com o que aí vem, porque às vezes o melhor que podemos fazer é deixar acontecer e o que for... que seja o que tiver de ser. Restringir os dramas às salas de cinema, separar o depois do agora e finalmente parar, respirar e descansar. Não deixarei de ser exigente e de querer sempre mais, mas deixarei de correr constantemente contra o tempo e de passar a vida inteira no limite. Sim, é no limite que a vida acontece, mas para se poder desfrutar da adrenalina que ele nos proporciona é importante não perder o nosso porto seguro, o nosso equilíbrio, que muitas vezes se encontra num simples respirar fundo, ou num *que se lixe* suspirado numa esplanada de café. Sem esse porto seguro, toda a adrenalina do limite se transforma num stresse agonizante e num aperto sufocante. O meu maior erro foi permitir que a ansiedade decidisse por mim, me dominasse e controlasse através do medo. E a melhor forma de vencer um medo é confrontá-lo imediatamente depois de ele nos ter vencido. Porque um dia... um dia será a vez dele de perder.

Chora comigo e eu prometo sorrir ao teu lado

Não suporto quando estou triste e me tentam animar. E não é por não querer ou não precisar, é simplesmente porque não acredito que as técnicas que usam sejam as melhores. Ou começam a contar piadas e a fazer parvoíces para me fazerem rir. Ou então tentam arrastar-me para fora de casa, para ir dar um passeio ou ir beber uns copos e dançar noite dentro. A verdade é que no final do dia ou da noite regresso a casa e volto a estar apenas eu, a minha solidão e as minhas dores. Levarem-me para um lugar onde toda a gente está feliz e a divertir-se só me faz sentir ainda pior porque eu não estou feliz. E ainda, sem querer, sinto inveja de quem está. Cada sorriso que por distração me escapa é logo abafado pela lembrança da minha situação. Não digo que não seja importante enganar a tristeza, porque é, e ela merece, mas não passa de uma solução provisória. É como tomar um remédio para as dores. Alivia a dor, por momentos, mas o mal continua lá. No fundo é como se nos estivéssemos a enganar a nós próprios, mas ainda bem que existe essa possibilidade. No entanto, mais tarde ou mais cedo, teremos de resolver o problema e eu prefiro avançar logo para essa fase. Quando uma pessoa está triste e a tentam animar é como se tentassem inserir felicidade numa pessoa que está cheia de infelicidade. Forçam um bocado e ainda conseguem despertar um ou outro sorriso, mas logo a infelicidade empurra para fora aquele restinho de felicidade que se conseguiu inserir e lá se vai de novo embora o sorriso. Parece-me que este é um caminho com pouco sucesso, talvez o melhor seja primeiro esvaziar toda essa infelicidade da pessoa e depois com certeza que o sorriso surgirá naturalmente. Como é que se faz isso? Se

calhar, em vez de arrastar essa pessoa que está triste para um lugar onde está toda a gente feliz, deva ficar ao lado dela, no lugar onde ela se sente mais confortável, e chorar com ela. Sofrer com ela. Parece até um pouco masoquista, mas muito estranho seria se o caminho mais eficaz fosse o mais fácil. De certeza que não havia tanta gente infeliz. Num momento desses, o que essa pessoa mais precisa não é de um amigo que lhe ponha um sorriso na cara, porque amigos desses há muitos, precisa é de um amigo que fique ao lado dela a chorar com ela. Este simples gesto significa que essa pessoa escolheu dividir consigo um pouco da sua dor. Imaginemos que a dor era um frasco de veneno. Se uma pessoa o beber todo sozinha, vai ficar em mau estado, mas se a mesma quantidade de veneno for dividida por muitas pessoas, provavelmente não acontecerá nada de mal a nenhuma. Isto é que é realmente ajudar. Aceitar tomar um pouco de veneno pela pessoa amiga para que ela não tenha de o tomar todo. E talvez por as pessoas que me rodeiam não saberem isto, ou não pensarem desta maneira, é que eu não suporto que me tentem ajudar e até por isso prefiro guardar para mim que estou mal. Não tenho paciência para frases como *vai ficar tudo bem, já vai passar, é só uma questão de tempo, há muita gente pior do que tu*. Eu já sei tudo isso, já sei que é uma questão de tempo e que há pessoas em situações bem piores do que a minha. Já sei tudo isso e, vejam só, não me faz sentir melhor. Aliás, ouvir todas essas manifestações de pena de quem nada mais faz para me ajudar a carregar a dor só desperta ainda mais sensações negativas em mim. Talvez por tudo isto eu e tanta gente escolhemos guardar para nós todos os nossos tormentos. Porque sabemos que se contarmos o que se passa, além de assumirmos que estamos mal, ainda temos de carregar a culpa de uma tentativa falhada de ficar melhor com um desabafo. Portanto, se me querem

realmente ajudar, então terão de optar pelo caminho mais difícil. No entanto, posso garantir que, quem o fizer por mim, de mim não terá menos do que isso também.

Amamo-nos desde o corpo até à alma

Quanto tempo aguentas longe do meu olhar? Quanto tempo aguentas sem a minha mão na tua cintura a segurar-te contra mim? Quanto tempo sem os meus beijos calmos no teu pescoço? Quanto tempo sem o meu abraço de surpresa por trás de ti? Sem a minha mão firme a segurar a tua? Sem a minha voz obscena ao teu ouvido? Quanto tempo aguentas tu sem tudo aquilo que te faço sentir? Não menos do que eu. Acredito. Pois é humanamente impossível. Sabes bem o quanto te adoro o corpo. A forma como ele estremece quando respiro junto à tua pele, como se contorce quando te percorro as costas com a ponta da língua e como se vem quando nos entregamos no sexo. Se há coisas de que não abduco na vida é da tua respiração ofegante, do teu olhar esfomeado, da tua pele suada e da tua expressão de prazer quando te fazes minha. *Usa-me, devora-me, rasga-me* são palavras que me dizes e sabes muito bem o desejo e o instinto que despertam em mim. Palavras que escolhes com cuidado para dizer no momento certo e acordar a mais profunda obscenidade que carrego no peito. Tu queres, tu queres tanto, tu queres tudo, e isso faz-me sentir uma liberdade absoluta quando me entrego a ti. E é a liberdade de ser tudo e de te dar tudo que me faz sentir completo quando caímos na cama, exaustos. Quero-te o corpo. Quero-te o corpo bem junto ao meu como se fôssemos moldados um para o outro. E fomos. E se não fomos... seremos. Pois tempo nós temos, e temos, mais do que tempo, vontade. Quero-te o corpo cheio de ti e de mim. Quero-o de uma forma tão desumana que quase desespero se não o tenho nas minhas mãos. Na minha cama, o lugar onde o teu corpo deve descansar todas as noites, deve também cansar-se de prazer, esgotar-se de prazer,

desfazer-se em prazer. É essa a nossa função quando nos encontramos os três. Estarei lá, na minha cama, que é também a tua cama, para dar ao teu corpo e à tua alma um motivo para não mais saíres de lá. Estarei lá para te ver adormecer e para então te proteger como quem guarda um tesouro. Quando acordares e o sol já te tiver beijado o rosto, tomar-te-ei o gosto dos lábios, e dir-te-ei depois, como se fosse a maior expressão de amor... *bom dia*. Que podemos nós pedir mais à vida do que um décimo quinto andar, quatro paredes, uma noite estrelada e uma vista sobre a cidade? Os nossos telemóveis desligados, uma música ambiente, lençóis de seda, duas ou três velas acesas, e o que é que nos faltaria mais? Roupas pelo chão, dois corpos nus, uma vontade imensa, uma excitação que destrói, e diz-me, o que é que era preciso mais? Arranhões nas costas, suores partilhados, palavras sujas, a vergonha fora de casa, e será que me esqueço de alguma coisa? Velocidade máxima, esgotar as energias, ver as estrelas misturadas com a música dos nossos orgasmos, e o que mais havia de nos faltar? Amamo-nos desde o corpo até à alma. Amamo-nos pela loucura de que somos feitos. Não é, de todo, a forma de pensar aquilo que mais nos une. É, antes de tudo isso, a forma de sentir. Não o que sentimos, mas como o sentimos. Não te sei amar de outra forma que não seja respeitar-te a alma enquanto te maltrato o corpo no sexo com o maior dos amores. O corpo não é, de todo, o principal caminho para a alma, mas é sem dúvida um bom atalho. E eu faço questão de o usar muitas vezes. Enquanto tiver a honra e o prazer de acordar ao teu lado e ver-te vestida somente com os lençóis que guardam em silêncio os gemidos que não conseguimos conter... então podes ter a certeza de que tens ao teu lado um homem realizado.

Ser sempre para ser para sempre

Ama-me como se eu tivesse amnésia. Sim, isso mesmo. Mostra-me o amor que sentes por mim como se eu me estivesse constantemente a esquecer que me amas. Conquista-me sempre como se eu não soubesse que já sou tua, pois amar é isso mesmo, diariamente. Não tires folgas porque no meu amor todos os dias contam. Todos os dias são uma nova batalha. Não é por hoje eu estar aqui que amanhã ainda vou continuar. Porque amanhã o meu coração vai precisar de novas razões para guardar nele o teu amor. Desculpa se exijo demasiado de ti, mas não conheço outra forma de estar na vida que não seja olhar para cada dia como um novo começo por mais que pareça uma continuação. Mas também te digo que, se eu quero e preciso de cinco e tu me dás cinco, então eu não terei problemas nenhuns em dar-te dez ou vinte. Porque, independentemente da quantidade, tu deste-me tudo o que eu queria e precisava. E assumo contigo o mesmo compromisso. Toma bem conta de mim e eu dou-te tudo. Cuida-me, defende-me, protege-me e eu dou-te o mundo. Dá-me um elogio quando estiver em baixo. Dá-me um beijo quando eu menos esperar. Dá-me uma esperança quando estiver quase a desistir. Dá-me a tua mão quando estiver quase a cair. Dá-me manhãs de domingo deitada no teu peito. Dá-me tardes de cinema no sofá da sala agarrada a ti. Dá-me a tua presença nos meus duches matinais. Dá-me a tua mão quando perceberes que me vou desequilibrar. Dá-me aquele beijo no rosto só porque te apetece e eu, prometo, dar-te-ei tudo o que tiver para dar de mim. Não terás sequer motivos para ter ciúmes ou medo de me perder porque não me faltará nada. E, se nada me falta, nada eu procuro. Porque havia eu de ir se tinha tudo onde

estava? Só se eu fosse parva, e parva não sou. Cabe-te agora a ti não me deixares fugir. Por isso agarra-me bem com as tuas mãos. Abraça-me com os teus braços. Segura-me com a tua alma. Guarda-me com o teu peito. Trata bem do meu amor e faz-me ficar. Eu quero muito ficar, acredita, mas se não tiver razões eu vou-me embora. E nem penses que amar-te é razão suficiente. Além disso, não é próprio de mim fazer favores ou tomar decisões por pena. Seria um grande erro teu deixares-me fugir. Tu sabes que eu vou sempre procurar a minha felicidade. E, se tu não fizeres parte dela, não poderás fazer parte da minha vida. Por mais que eu não te queira deixar, e por maior tristeza que eu possa sentir por isso, eu não permitirei trocar a minha felicidade pela tua companhia. Dá um bom uso à minha vontade de ficar e não me deixes sequer colocar a hipótese de ir embora. Talvez por isso seja boa ideia não te preocupares tanto com o para sempre. Pois nem sequer é um requisito de um amor eterno durar para sempre. Tem sim é de ser sempre amor enquanto dura. Mesmo que um dia acabe, será um amor que guardaremos no nosso coração com dois sorrisos e uma lágrima. Um sorriso por ter começado, um sorriso por ter continuado e uma lágrima por ter acabado. E para um amor ser sempre amor, além de ser sentido, tem de ser vivido e provado. Um amor que somente se sente e não se vive e prova em cada minuto não tem força para ser, nem mesmo direito de ser... eterno. Podem até dizer-me que não vamos ficar juntos para sempre, podem até garantir-me que o nosso amor não será eterno, que eu irei ignorá-los. Porque enquanto te amar acreditarei sempre que será até morrer. E, se um dia se vier a provar que tinham razão, então que a tenham. Que se consolem com ela. Mas eu estarei de consciência tranquila porque, enquanto estive, estive mesmo. Inteira, completa e diariamente.

O que não se define, define

Quem não sabe o que quer é porque não quer. Aliás, a única certeza quando há dúvidas do que se quer... é a de não se querer coisa nenhuma. Quando se quer tudo, não é tudo que se quer, mas sim um bocadinho daqui e outro dali. E, quem quer bocadinhos de tudo, acaba cheio de nada. Muitas vezes esse *não saber* é o resultado de incertezas, desgostos e desilusões várias, mas o erro não é não saber, nunca é não saber. Aliás, não saber não é um erro, é um defeito. O erro vem pelo que se faz por não se saber. E quem não sabe o que quer acaba por errar, não por fazer uma escolha errada, mas por não fazer escolha nenhuma. Fica no limbo da decisão. E o pior disto é o tempo que não espera, a vida que tem pressa e as pessoas que se empatam. Quando se quer e se quer mesmo, sabe-se que se quer. Podemos não admitir, não acreditar, não aceitar, mas quando se quer, sabe-se. Só que querer implica, muitas vezes, escolher. Querer uma coisa implica, muitas vezes, abdicar de outra. E é aqui que os erros aparecem. Querer tudo não é crime porque a vontade é involuntária. E querer é a condição base para ter e manter. O mal é a falta de noção do que se precisa e do que realmente importa. Falta de controlo sobre os impulsos e vontades. Falta de equilíbrio entre o querer e o precisar. Por exemplo, um homem pode querer ter todas as mulheres do mundo, no entanto esse não é o erro dele, mas sim tentar ter todas as mulheres do mundo. Porque é que ele tenta? Porque lhe falta noção do que precisa, se a tivesse saberia que só precisa de uma mulher... que por acaso também quer e por isso deixaria de tentar conquistar mais. A indefinição das nossas vontades conduz-nos vertiginosamente para uma indecisão profunda. Como se de um buraco negro se tratasse. Suga-nos a nós

próprios, às pessoas que nos rodeiam e estão dependentes de uma qualquer decisão, e suga até a própria vida porque toda ela para no tempo à nossa espera. Decidir implica ponderar, ponderar precisa de tempo, mas tempo a vida nunca tem na quantidade que nos convém. E soma-se à já existente indecisão uma outra disfarçada de medo, que é decidir já e errar, ou ponderar um pouco mais e perder o que se tem e o que se podia vir a ter. É uma dúvida que só a decisão pode eliminar. Portanto, se decidir é necessário e inevitável, porquê demorar? Não há um momento mais certo que o único momento certo que há, que é o agora. Mas este é um *certo* de certeza e não de correto. E precisamos dos dois. Assim sendo, para lhe somarmos o *certo* de correto basta convenceremo-nos de que quando nos falta o *quando* certo é porque esse *quando* é agora. Se a vida e a vontade apontam para aquele caminho e se esse caminho chama por mim, me aceita e acolhe, então esse é o meu caminho. Todos nós temos direito às nossas indecisões, aos nossos momentos em que *não sabemos o que queremos*, pois eles hão de sempre aparecer em alguma fase da vida. E vão aparecer para nos testar. Para nos obrigar a provar à vida e a nós mesmos que estamos aqui com um propósito. Com um objetivo definido, que é e será sempre a correta e justa felicidade. Uma felicidade que não pise ou maltrate alguém. Uma felicidade que mora sempre depois de um sim ou de um não, mas nunca de um talvez. O *sim* ou o *não* terminam ou continuam, o *talvez* apenas adia. Repudia esta palavra porque ninguém precisa dela. Nem mesmo tu, ainda que acredites que é a que melhor te define em algum momento. Por vezes, decidir implica magoar muito uma pessoa, mas não decidir só porque tudo se quer ter e nada se quer perder magoa muito mais pela injustiça que representa. É uma dor que não

passa de uma falsa alegria. Uma dor em *standby*. Uma dor que não é dor, mas quando for... dói a dobrar.

Recomeçar é muito mais que começar de novo

Imagina que estás a fazer um trabalho no computador há muito tempo e que, quase no final, o aparelho avaria e o trabalho desaparece. E como tens mesmo de entregar o trabalho tens de começá-lo de novo. Imagina que estás num curso da faculdade há anos e entretanto percebes que não é nada daquilo que queres e tens de começar a tirar outro curso. Ou então que reprovas a uma cadeira e no ano seguinte tens de fazer os trabalhos, os exames e ir às aulas novamente. Imagina que estás num relacionamento de longa data e entretanto a pessoa que amas te diz que já não gosta de ti e lá tens tu de voltar a amar outra pessoa e a começar tudo de novo como se o que tivesse ficado para trás não valesse de nada. Dá até um aperto no estômago imaginar tudo isto. E este é um dos nossos maiores entraves quando a vida nos confronta com a necessidade de começar de novo, que é acreditar que por não ter sido para sempre, por não ter ido até ao fim ou por ter acabado mal já não valeu a pena. Ou que foi inútil aquela experiência ou que foi tempo perdido. Pensar desta maneira é punir-nos gratuita e desnecessariamente como se a dor que já sentimos não fosse suficiente. Sofremos com a ideia de ter acabado ou de alguma forma termos falhado. A somar a essa dor ainda sofremos com a ideia de começar tudo outra vez. E como se não bastasse ainda fazemos questão de acreditar que nada valeu a pena e que foi uma enorme perda de tempo, e com isso sofrermos ainda mais um bocadinho. *Recomeçar* é uma palavra que assusta por si só, porque recomeçar implica sempre uma tentativa falhada. Um primeiro começar mal conseguido. Um fim inesperado ou precoce. Recomeçar tem inevitavelmente o lado escuro,

que foi o que não correu bem, mas tem também o lado luminoso, que é a oportunidade de nos corrigirmos, de fazermos melhor desta vez. E uma nova oportunidade deve ser sempre encarada como algo precioso. Porque é. Tenha ela vindo ou não pelos piores motivos. Recomeçar permite-nos repensar, equacionar, ponderar. Nem sempre a vida nos dá uma boa desculpa para o fazermos, levando-nos a permanecer no mesmo lugar e com a mesma postura que muitas vezes nem sequer são os adequados. E isto acontece precisamente porque nunca sentimos a necessidade de mudar, deixando assim escapar formas novas de ver e viver as coisas. Aquilo que podia ter sido se não tivesse acabado é aquilo em que nós escolhemos acreditar. E nós temos sempre tendência para acreditar que o que podia ter sido se não acabasse seria melhor do que aquilo que temos. Então se aquilo que podia ter sido, uma vez que não foi nada e ninguém nunca saberá o que seria, pode ser aquilo que nós quisermos, porque não acreditar que seria algo mau? Se simplesmente acreditarmos que seria mau, uma vez que temos total liberdade para isso, então acabar foi o melhor que podia ter acontecido. No fundo, é uma questão de escolhermos aquilo em que acreditamos. Ninguém disse que era fácil, mas também ninguém pode dizer que não é simples. Assim, sempre que a vida nos obrigar a recomeçar, nós vamos respeitar a oportunidade que ela nos estará a dar de fazermos melhor dessa vez. Porque vamos começar essa vez com a sabedoria e a experiência que a vez anterior nos deu. Enquanto houver tempo, vontade e possibilidade de tentar novamente, nós vamos agarrá-la com unhas e dentes em vez de desperdiçar esse tempo com lamúrias, que por sua vez nos destruirá a vontade de recomeçar e que por sua vez nos fará desperdiçar a possibilidade de o fazer. Correu mal, OK, dá para mudar? Sim, então vou tentar mudar. Não dá para mudar? Não, então vou recomeçar. E

tudo isto sem esquecer dois nuncas importantes, nunca
recomeçar sem antes tentar continuar e nunca continuar a
tentar depois de já não haver volta a dar.

Não esperes pela vida pois ela não espera por ti

Era uma vez uma inocente adolescente que vivia com a irmã mais nova, com a mãe e com o pai. Era uma família pobre, mas feliz. E, ainda que muitas vezes não nos lembremos, isso era o mais importante. No entanto, tudo mudou quando certo dia a irmã dessa adolescente morreu atropelada por um camião. Depois dessa fatalidade surgiram inúmeros problemas familiares e o seu pai virou alcoólico. Pouco tempo depois, a mãe, que era o seu suporte, numa inversão de marcha mal calculada, sofre um acidente de viação. Estavam várias pessoas dentro do seu carro. Só ela morreu. Com a morte da irmã e da mãe, e com o seu pai, que era a única pessoa que lhe restava, dependente do álcool, essa adolescente encontrou nas drogas a forma de fugir a todo o sofrimento. Moral da história? A vida não quer saber de nós para nada. A vida roubou a irmã a esta rapariga e meteu-lhe o pai no álcool. Podia ter pena dela e não a castigar mais, mas não, insatisfeita, roubou-lhe também a mãe. Depois, como se da cereja no topo do bolo se tratasse, levou-a para as drogas. E como esta adolescente tantos de nós noutras situações. Temos, talvez como um mecanismo de defesa, a tendência para acreditar que não pode ficar pior. Mas pode sempre. E, se não se fizer nada para contrariar isso, vai ficar pior. Porque é essa a tendência natural dos acontecimentos. É como uma equipa de futebol que a meio do jogo já está a perder por três a zero. O mais provável é que esta equipa se sinta desmotivada por acreditar que já não consegue dar a volta ao resultado. Isso conduz a um desleixo e consequente piorar da situação. Surge então o quarto golo, o quinto e por aí em diante. E a equipa percebe que, afinal, apesar de a

situação já estar má o suficiente, ela ainda conseguia ficar pior. Ainda que não passe de uma derrota, perder por cinco ou por seis não é o mesmo que perder por um. E na maioria das vezes só percebemos isso quando já é demasiado tarde. Um dos nossos maiores erros é esperar piedade da vida. Quantas vezes choramos com a leve esperança de que ela tenha pena de nós e não nos castigue mais. A verdade é que ela não tem obrigação de ser boa, ou de não nos castigar quando bem lhe apetece, só porque não merecemos. E sim, por vezes é injusta, e sim, por vezes dá vontade de desistir. Mas o facto de a vida ser injusta não é desculpa ou motivo suficiente para desistir. Porque ela limita-se a acontecer como quer e bem lhe apetece. Há uma parte considerável que depende de nós e uma outra parte que é mero acontecimento. E não vale a pena usar tempo e esforço para culpar isto e aquilo, ou este e aquele, porque os maiores responsáveis pela nossa vida seremos sempre, invariavelmente, nós próprios. Não há justiça divina e o destino que se lê nos livros é utopia, por isso, se não decidirmos nós o que fazer com a vida, ela vai fazê-lo por nós. Até porque ela tem tanta paciência como piedade, ou seja, nenhuma. O nosso maior poder na vida será sempre o poder de escolher. Não escolhemos quem amamos, mas escolhemos quem temos ao nosso lado. Não escolhemos quem odiamos, mas escolhemos se lhe fazemos mal ou não com esse ódio. Ou seja, há muito em nós que não controlamos, e sobre isso não há nada a fazer, pois é puro acontecimento, mas há também muito que nós controlamos e esse é o nosso verdadeiro poder. E é sobre ele que nos devemos concentrar. Lamentar é uma grandessíssima perda de tempo. A vida até pode ser a verdadeira causadora do nosso sofrimento porque decidiu usar e abusar da parte que não controlamos para nos fazer mal, mas os culpados e os punidos, tenham sido ou não escolhas nossas, seremos

sempre nós. A lei da vida é que a vida anda fora da lei e acabará sempre impune. Por isso, se não fores tu a fazer alguma coisa por ti, a vida também não será.

Conquistar o teu amor foi conquistar a eternidade

Estávamos casados há tão pouco tempo quando a vida decidiu que eu seria, também, uma daquelas pessoas de quem se ouvia falar nas notícias. Estávamos casados há tão pouco tempo quando a vida decidiu que o meu fim seria um cancro no fígado. Caiu-me o mundo em cima e desfiz-me em lágrimas quando soube. Mas, por incrível que pareça, não é essa sensação horrível que me transporta para aquele momento, mas sim a tua reação. A tua reação calma, não por não acreditares que fosse verdade, mas por teres esperança de que tudo ia dar certo, desde o primeiro segundo. Era tão simples teres-me deixado entregue aos médicos. Era tão simples nunca te teres preocupado tanto se eu comia, se me doía ou se me tratavam bem. Era tão simples não teres passado tantas noites neste sofá desconfortável, ao lado da minha cama, quando podias ter ido dormir a casa e voltado no dia seguinte. E fizeste tudo isto, não por obrigação, não por pena, não pelo que as outras pessoas iam pensar, mas porque um dia cometeste a loucura de te apaixonares por mim e de me escolheres para partilhar o resto dos teus dias. E todas essas noites mal dormidas, todas essas discussões com os médicos nos corredores, sim, eu ouvia. Todas essas vezes em que ias a chorar para casa, sim, eu sabia. E todas essas horas perdidas a fazer-me companhia, tudo, tudo, por mim. Eu precisava de uma segunda vida para te compensar de tudo isto. E tudo isto me dói, podes não acreditar, mas sinto que sofri mais com as tuas dores do que com as minhas. Posso não ter uma segunda vida, mas o que me sobra desta será dedicado a ti. Deixaste, muitas vezes, de ser a minha mulher para poderes ser a minha amiga, companheira e

enfermeira. Deixaste de ser feliz por minha causa, porque tiveste de transformar toda a felicidade em esperança. E, por tudo isto e tudo mais, te peço desculpa. Mesmo que não tenha culpa, deixa-me pedir-te desculpa. Desculpa não ter sido a pessoa certa para ti, a pessoa que iria viver o suficiente para fazer valer o *para sempre* que te prometi. No fundo, sabia que eu não tinha sido feito para durar muito tempo. Mas eu não queria viver muito tempo, queria viver o suficiente. O suficiente para te amar como mais ninguém, o suficiente para te dar os melhores dias da tua vida. O suficiente para experimentar, conhecer e viver tudo o que pudesse ser vivido ao teu lado. Só queria viver o suficiente, mas não aguento mais, meu amor, desculpa... Lembra-te apenas de que, se algum dia realmente vivi, foi porque tu viveste comigo. Se algum dia valeu a pena viver, foi porque nesse dia tu estavas ao meu lado. Uma vida contigo, por mais longa que fosse, saberia sempre a pouco, mas o pouco que foi fez valer por uma vida inteira. Esteja onde estiver, quando leres estas palavras, faz uma coisa por mim e por ti, não deixes de viver. Por favor. És tão nova e linda, mereces voltar a ser feliz, como um dia foste comigo. Tudo passará, acredita. Vou pedir ao tempo que te ajude. E não te sintas mal se o tempo for a única solução para a tua dor, pois não haverá forma mais natural de a curares. Sei que encontrarás alguém que te dará aquilo que eu não consegui. Não fijas disso, agarra essa oportunidade de voltar a viver. Eu estarei feliz por ti, acredita, esteja onde estiver. Só te peço que me guardes para sempre no teu coração. Não te peço muito, num cantinho apenas, é suficiente. Eu levarei comigo o teu amor e, acredita, conquistar o teu amor, para mim, foi conquistar a eternidade. O meu fígado deixou de funcionar, e tudo em mim em breve deixará de funcionar, mas nem o último bater do meu coração ditará o fim do amor que sinto por ti.

Acreditava que aguentava mais um dia, para te voltar a ver, mas não aguento mais. Tudo o que eu mais queria era morrer nos teus braços, enquanto olhava o teu lindo rosto, mas já não vou a tempo, meu amor. Vou morrer entre macas e pessoas de branco que eu...

Foste a melhor definição de vida que eu conheci

Decidiste afastar-te de mim de um momento para o outro e eu não te posso culpar ou acusar de nada. Fizeste o que achaste que tinhas de fazer. E eu nunca te iria aceitar ao meu lado contrariada só para não ter de te perder. Prefiro mil vezes não estar ao lado da pessoa que amo do que ter ao meu lado alguém que não me ama ou alguém que não quer estar. E eu sei que me amas como sempre me amaste, mas essa necessidade de algo novo, diferente e desafiante falou mais alto e levou-te de mim. Eu queria tanto acusar-te de alguma coisa para tentar aliviar um pouco da dor que a culpa me deixou, mas não consigo. Foste sempre totalmente sincera comigo e por isso não tenho nada contra ti. Só se fosse o facto de teres decidido ir embora de um momento para o outro, mas como seria se assim não fosse? Devagarinho? Aos poucos? Talvez até doesse menos porque me ia habituando à distância que aumentava gradualmente, mas a verdade é que isso significaria que uma boa parte da nossa relação seria uma ilusão. Um engano. E eu acho que, ainda assim, prefiro a verdade na hora dela. Ainda que doa. O que mais me custa nesta história toda é saber que sentes amor por mim e que isso não chega. Claro que não chega. Em que mundo é que sentir amor chega para se estar ao lado de alguém quando uma relação é feita de tantas coisas? Sentir amor é apenas uma delas. E não ter percebido isto a tempo faz-me sentir ainda pior. Não sei se ia mudar alguma coisa, mas pelo menos a culpa não seria tão grande. Mas independentemente de tudo o que fiz de menos bem, uma coisa te posso garantir, tudo o que eu fui para ti foi puro, genuíno e sincero. Pode não ser o suficiente, mas é o melhor que poderás ter de alguém. Não sei onde

andas nem o que decidiste fazer com a tua vida, mas teima no meu peito uma estranha certeza de que voltarás para mim. Talvez voltes quando beijares outra boca e te lembrares da minha e do que só ela te fazia sentir. Porque te beijava sempre com uma entrega total alimentada por um amor e um sonho do tamanho do mundo. Ou talvez quando abraçares um outro corpo e não sentires a segurança e o conforto que os meus braços sempre te deram, porque sempre te agarraram como se agarrassem a vida. Talvez voltes quando perceberes que mais ninguém te amará como eu ou que tu mesma não conseguirás amar alguém mais do que a mim. E talvez tudo isso te faça ver que aquilo que nos unia quando nos separámos era, afinal, muito mais valioso do que aquilo que procuravas longe de mim. Não sei se estarei aqui de braços abertos quando algum dia, se algum dia, decidires conhecer a segunda parte do nosso filme. Tudo o que sei agora é que os meus braços ainda estão abertos se também agora escolheres voltar. Mas nunca antes de teres a certeza de que é o melhor para ti. Nunca antes de a vida te mostrar que é aqui, ao meu lado, que tu pertences. E que é aqui, junto a mim, que a tua felicidade tem mais saúde. Peço-te apenas que, se tiveres vontade de seleccionar a opção *tentar outra vez* comigo, não deixes que a ideia *já não vai ser a mesma coisa* te impeça de, pelo menos, tentares. É claro que não vai ser a mesma coisa. E ainda bem. Pois foi exatamente por ser o que era que deixou de ser. Então se for para começar de novo, que seja algo realmente diferente. Melhor. Se algum dia for essa a tua intenção, peço-te que me procures e logo decidirei o que fazer. Mas nem penses em desistir antes de tentar. Pensa que podes estar a desperdiçar a tua derradeira oportunidade de ser feliz. A tua e a minha. Não sei, não sabes e nunca saberemos, mas acho que o nosso amor,

ainda que hoje não seja suficiente para nos manter juntos,
merece esta esperança.

O último beijo à testa pertence

Namorávamos há oito anos e vivíamos juntos há dois. Eu sempre acreditei que eu gostava mais dele do que ele de mim, no entanto isso nunca foi significativo nem nunca impediu a nossa felicidade. De vez em quando notava algum desleixe da parte dele, mas logo tudo voltava ao normal. Além disso eu também não era perfeita e tinha os meus momentos de incertezas. Nunca nos iludimos um ao outro com ideias de amor eterno. Sempre nos focámos no presente e se fosse para ser para sempre que fosse. A verdade é que desde o início sentia um prazo de validade na nossa relação. Nunca me consegui livrar daquela sensação de que era tudo uma questão de tempo. Até que deixou de ser apenas uma sensação. Os beijos tornaram-se mais rápidos, os olhares mais distantes, as conversas mais curtas, as palavras mais secas e o sexo mais mecanizado. As discussões passaram a fazer-nos companhia todos os dias e a distância entre nós aumentava velozmente. Comecei a desesperar por não conseguir controlar o que estava a acontecer. A nossa relação caminhava a passos largos para o fim e cada tentativa minha de evitar isso só piorava tudo. Pensava obsessivamente naquilo que eu havia feito de errado e não chegava a conclusão nenhuma. Sempre cuidei de mim, sempre dei o melhor de mim em tudo o que fazíamos juntos, nunca deixei que lhe faltasse nada do que ele precisasse de uma mulher e tudo isso tinha-se tornado insuficiente. Percebi então que não havia nada que eu pudesse mais fazer e tudo o que acontecesse a partir daí seria responsabilidade dele. Senti uma impotência horrível ao ver tudo o que construí ao longo de anos a desmoronar-se e não conseguir fazer nada. Não adiantar de nada fazer alguma coisa. Não sei se nesse momento

sentisse culpa por aquilo estar a acontecer, e por isso, de certa forma, o merecer, me ajudaria a suportar melhor aquela agonia. A verdade é que me sentia completamente inocente e ele também sabia que eu o era. No fundo, era por causa disso mesmo que não havia nada que eu pudesse fazer senão assistir, enquanto morria por dentro, ao definhar de um amor. Certo dia cheguei a casa, do trabalho, e ele estava no sofá à minha espera com um semblante carregado. *Senta-te, precisamos de falar.* Pediu. *Pronto, chegou o momento que eu tanto temia, mas que era inevitável.* Pensei para mim enquanto me sentava. Começou depois a dizer-me um monte de coisas de que já não me recordo, talvez porque nem as consegui ouvir por causa do meu choro. Só me recordo que me pediu várias vezes desculpa e que no final terminou dizendo, *hoje durmo aqui no sofá.* Desconfio que essa tenha sido a pior noite da minha vida. Era uma sexta-feira e o choro misturado com as crises de ansiedade deram-me a sensação de que não ia sobreviver. Penso que já era de dia quando o efeito sedante do remédio foi mais forte do que eu e me adormeceu. Acordei ao início da tarde com uns barulhos vindos da sala. Levantei-me e deparei-me com o *hall* de entrada do apartamento repleto de caixotes com as coisas dele. Enquanto ele os ia descendo para os colocar no carro, deixei num deles uma pulseira com a inscrição *per sempre* que me tinha oferecido no primeiro aniversário do nosso namoro e que eu ainda guardava na primeira gaveta da mesa de cabeceira. Quando finalmente carregou o último caixote, eu acompanhei-o à porta e sem trocarmos uma única palavra deu-me um beijo demorado na testa enquanto me descia uma lágrima pelo rosto. Fechei a porta e corri para a varanda. Vi-o colocar o caixote na mala e antes de entrar no carro olhou para cima, como se tivesse a certeza de que eu

lá estava, e lançou-me o olhar mais triste que vi na vida.
Depois arrancou para nunca mais voltar.

Mudança é esperança

Vai haver dias em que vamos olhar-nos ao espelho e não vamos gostar do que vemos. Não vamos gostar nada do que vemos. Vai haver dias em que vamos evitar sair para que ninguém nos veja, até porque nós seremos a primeira pessoa a não querer fazê-lo. Dias em que faltará a vontade de tudo e em que nos vamos questionar o que andamos aqui a fazer. Vamos invejar as pedras e as árvores por não sentirem e vamos invejar cada sorriso que vemos nas pessoas com que nos cruzamos. Vamos sentir-nos na lama, no fundo do poço, insignificantes, descartáveis, substituíveis e toda uma infinidade de adjetivos depreciativos. Iremos sempre sentir-nos mal por vivermos dias assim e até culpa por não os termos conseguido evitar, mas é uma culpa desnecessária porque estes dias são inevitáveis. São dias automáticos, como se a vida os tivesse programado para aparecerem regularmente e em alturas específicas da nossa existência. Temos uma enorme dificuldade em parar e questionarmo-nos *é isto o que eu quero? É isto que eu preciso? É isto que eu sou?* Uma dificuldade que é alimentada pelo medo das respostas que possamos dar a nós mesmos. Ou porque não vamos gostar delas e por isso vamo-nos continuar a enganar, ou nem sequer responder só para fazer de conta que está tudo bem. Ou porque ao dar essas respostas vamos ficar a saber ainda menos depois de concluirmos que temos o que precisamos, mas não o que queremos, ou que temos o que queremos, mas não o que precisamos, ou então que temos tudo isso, mas ainda assim sentimos falta de alguma coisa. São momentos de reflexão profunda que, a não ser que a vida nos obrigue a eles, nós vamos sempre tentar evitá-los. Essencialmente porque sabemos que depois de tanta reflexão seremos induzidos a

decidir alguma coisa. Mudar alguma coisa. E é isto que nos assusta, mudar. A necessidade de mudar é sinal de que algo não está bem ou que o bem que está já nos cansou. Esquecemo-nos tantas vezes de que a essência da vida é a mudança. Tudo o que não muda morre. Tudo o que não se adapta é extinto. Tudo o que não evolui o tempo destrói. Seja de que forma for. O segredo é, por isso, mudar. Não tem de ser tudo nem sequer muito, mas tem de ser alguma coisa. Faz falta remexer as águas, tomar uma decisão, sair do sofá, fugir dos lugares seguros e das zonas de conforto, quebrar a rotina, adotar novos hábitos. Se nos olhamos ao espelho e não gostamos do que vemos, então vamos cortar ou pintar o cabelo, mudar o guarda-roupa, começar a frequentar o ginásio. Ou então o contrário. Se olhamos para o nosso dia a dia e não gostamos do que vemos, então vamos começar a sair mais vezes, estar mais com os amigos, praticar uma atividade qualquer, tirar um curso disto ou daquilo. Ou então o contrário. Se olhamos à nossa volta e não gostamos do que vemos, então vamos começar a ignorar e a largar algumas pessoas, limpar o Facebook e a lista de contactos do telefone, filtrar e redefinir limites para quem nos rodeia. Ou então o contrário. A mudança é o motor de novos começos. E novos começos são sinónimos de esperança, motivação e excitação. Sim, talvez assuste mudar, porque é incerto e porque podemos estragar e perder tudo, ou uma boa parte disso, mas é um risco necessário. E, se a mudança correr mal, muda-se outra vez, e outra, e outra. Quem disse que não o podemos fazer? Enquanto mudar for um poder nosso, havemos de usufruir dele sempre que for necessário. Nunca mudar sem antes tentar que dê certo, mas também nunca deixar-se ficar onde e como quer que seja só pela possibilidade de errar. Mude-se ou não, essa possibilidade vai sempre existir, então, na dúvida, faça-se o que o coração nos pedir.

Perdoa mais, castiga menos

Não se é boa pessoa só porque se quer o melhor para toda a gente, a paz no mundo, ou se reza todas as noites. Não se é boa pessoa só porque se sente e se pensa coisas boas. É-se boa pessoa se se faz, se diz e se mostra coisas boas. Mas, como é claro, quando se sente coisas positivas, mais rapidamente se faz coisas positivas. Aquilo que és é o que és para ti. Aquilo que mostras ser é o que és para os outros. De nada vale ao mundo queres o bem dos outros se quando alguém precisa de ajuda tu não ajudas. De nada vale sentires amor por alguma pessoa se não mostras esse amor, se não o provas com gestos, ações e palavras. O bem só existe quando se manifesta, tal como o mal. Tu podes odiar profundamente alguém, mas se nunca manifestares esse ódio, ou seja, se nunca maltratares essa pessoa e se nunca lhe fizeres qualquer mal por ordem desse sentimento, tu não serás má pessoa só porque a odeias. Até porque não é intencional, nem te podes culpar. Além disso, nunca te esqueças de que o ódio que possas sentir por alguém, ou o mal que esse alguém te tenha feito, não justificará o mal que lhe faças de volta. A vingança só te fará igual a essa pessoa. Não deves negar o facto de viveres numa sociedade. E por mais que sejas isto e aquilo ou penses isto e aquilo é teu dever, como habitante deste incrível planeta, pensares também nos outros e procurar sempre o caminho da paz. Se és feliz na solidão, sem mais ninguém por perto, perfeito, desde que não interfiras na vida de mais ninguém, estás no teu direito. E se os outros te incomodam muito até seria boa ideia mudares-te para um deserto. Mas, se abominas a solidão, então talvez seja importante começares a pensar mais nos outros. Porque é em direção à solidão que o egoísmo e o egocentrismo te vão conduzir. Ser boa

peessoa dá muito trabalho porque exige fazer, mexer, expressar, manifestar, dar uso às mãos. Sentir é fácil, pensar é fácil e até dizer é fácil. E a bondade nunca dependeria de coisas tão fáceis como estas, senão toda a gente era boa gente. E por isso, é por vezes necessário um esforço quase sobre-humano para contrariar uma força natural que existe em nós e que nos leva a ser más pessoas, que é a preguiça. Ironicamente, a preguiça tem tanta força que consegue mesmo imobilizar-nos. E não fazer nada é meio caminho andado para correr mal, simplesmente porque o mal exige muito menos esforço do que o bem. É vital sair do sofá e fazer alguma coisa por nós e por alguém. É essencial dar um melhor uso às mãos e parar de apontar o dedo. É crucial começar a agradecer mais e a reclamar menos. Sim, sentir coisas boas ou más não faz de nós boas ou más pessoas, mas tudo parte de dentro. É então preciso cultivar o bem dentro de nós. E isso consegue-se agradecendo mais o pouco que se tem e reclamando menos o muito que não se consegue. Substituir a raiva que sentimos de alguém que nos fez mal por compreensão por essa pessoa não perceber o quão errada está. Perdoar e ignorar mais em vez de vingar ou castigar. Quando permites que alguém de quem não gostes te afete, ou seja, quando escolhes não ignorar essa pessoa, é como se estivesses a absorver o mal que ela te envia. Cumpres assim o objetivo dela. Conseguiu o que queria. E quando a ignoras e, por isso, não te vingas dela ou a castigas, é como se tivesses criado um escudo protetor contra o mal que ela te enviou. O que vai acontecer? Muito simples, esse mal será refletido em direção a ela, e ela é que ficará na lama porque não permitiste que te afetasse. De nada adianta guardar rancores e qualquer outro sentimento negativo. Compreende. Perdoa. Ignora. Depois disto vais sentir-te melhor contigo mesmo e consequentemente conseguirás

ser melhor com os outros. Não é fácil, pois claro que não, dá muito trabalho, pois claro que dá, mas com toda a certeza que valerá a pena.

Demos-te vida, filho, e agora és a nossa vida

Querido filho, talvez nunca te tenhamos dito isto desta forma, mas fizemo-lo, sem dúvida, de muitas outras formas ao longo de todos estes anos em que deste cor às nossas vidas. Expressámos-te o amor que sentimos por ti de mil e uma maneiras, como só os pais sabem fazer, mas desta vez queremos deixar-te esta pequena recordação, escrita, para que a guardes com o mesmo carinho com que foi feita. Já passaram mais de duas dezenas de anos mas parece que foi há pouco. O tempo voa quando recordamos o teu percurso neste mundo, que te tentámos apresentar da melhor forma. Trocámos-te as fraldas, demos-te o comer à boca, ensinámos-te a andar e a escrever o teu nome. Tentámos explicar-te o que era certo e errado, fazer o bem e fugir do mal. Mas chegou o dia em que começaste a pensar mais pela tua cabeça do que pela nossa. Não precisavas mais daquela mão a amparar-te a bicicleta da vida e começaste a pedalar sozinho. Ficamos aqui, abraçados um ao outro, a ver-te pedalar ao longe. Sabemos que mais tarde ou mais cedo vai aparecer-te alguma pedra no caminho, algum buraco que te fará cair da bicicleta. Sabemos nós e sabes tu, mas nunca te esqueças de que estaremos sempre aqui para te curar as feridas, não importa que idade tenhas ou que idade tenhamos nós. Estaremos sempre prontos para correr na tua direção e levantar-te de novo, ajudar-te de novo. Não tenhas vergonha de chorar no nosso colo como quando fazias em criança. Não tenhas vergonha de dizer que nos amas quando já ouvires o mesmo dos teus filhos. Não tenhas vergonha de nós quando já não pudermos andar pelo nosso pé. Não te pedimos que cuides de nós. Tu tens e terás a tua vida, terás a família que tu irás escolher e

construir. Sabemos que nessa altura não seremos nós a tua prioridade. Sabemos e aceitamos isso, porque a vida é assim. Um dia fomos nós, um dia serás tu. Pedimos-te apenas que nunca te esqueças de nós, que saibas quem somos, o quanto te amamos, onde estamos e que estamos sempre à tua espera. Perdoa-nos por nunca te termos dado tudo aquilo que querias. Perdoa-nos por tantas vezes teres chorado e não termos mudado de ideias. Umas vezes porque não podíamos, outras porque não queríamos, mas sempre para o teu bem. E sabemos que hoje nos estás agradecido porque aprendeste a lutar pelo que querias e a dar valor ao que conquistaste. Foste o primeiro e único, tivemos de aprender ao mesmo tempo que ensinávamos. Não podemos dizer que te educámos da melhor maneira, nem sequer dizer que nunca fomos injustos contigo, mas podemos dizer que demos o nosso melhor. E isso ninguém nos tira. Se havia egoísmo em nós, ele desapareceu quando te segurámos nos nossos braços. Purificaste-nos os corações, deste-nos uma razão para lutar ainda mais, para acreditar ainda mais. Demos-te a nossa vida e tornaste-te nela. Nunca te pediremos nada em troca. Demos e daremos sempre tudo o que temos por ti. Damos a vida sem pensar duas vezes, faz parte de se ser pais, faz parte da nossa natureza, não é algo que se pensa. Um dia entenderás melhor o que dizemos. Um dia, quando nos abençoares com os nossos segundos filhos, saberás que a tristeza deles dobrará em ti, a dor deles será muito maior em ti. Desejarás, muitas vezes, estar no lugar deles para seres tu a suportar os seus sofrimentos. Não fomos, certamente, muitas coisas que poderíamos ter sido, mas fomos pais, e não há bênção maior. Não queremos que sejas aquilo que nós nunca conseguimos ser, mas gostávamos que tivesses o que nunca pudemos ter.

Por vezes não é um fim, mas sim um intervalo

Como te irias sentir se me visses agora, ao virar da esquina, do outro lado da rua ou entre as prateleiras do supermercado? Vais dizer-me que o teu coração não se alterava? Não te ia fazer diferença? Não te ia afetar de forma nenhuma esse remexer do passado? Não negues, pois não acredito que sejas assim tão diferente de mim ou que estejas a superar a nossa distância melhor do que eu. Confesso que tenho saudades tuas. Pronto. Não posso continuar nem vou continuar a enganar-me. Eu tenho saudades tuas. Sinto toda a tua falta em mim. Tenho de admitir que ainda penso em ti, que ainda te quero e desejo. Como posso eu dizer o contrário? Está escrito nos meus olhos, estampado no meu rosto e gravado no meu coração. Sim, é verdade, se voltasses para mim eu seria a pessoa mais feliz do mundo. Custa-me admiti-lo porque significa que ainda não fui capaz de superar o nosso fim. Sinto, aliás, que revelo uma enorme fraqueza ao fazê-lo, mas não há verdade maior no meu peito do que esta. Que posso fazer? Eu ainda te amo. Por vezes recordo, com um tímido sorriso, como tudo começou. Será que ainda te lembras desse nosso primeiro beijo? Foi debaixo de chuva. Céus! Acho que foi o melhor beijo da minha vida. Só via isso acontecer nos filmes e nas novelas, mas nós conseguimos-lo. E foi no momento certo, e foi sentido, e foi sincero. Era ali mesmo, junto àquela árvore que nos viu tantas vezes passar. Quem diria que seria ela a confidente do nosso primeiro beijo. Hoje passo por ela e sorrio. E choro. Choro como se me chovesse por dentro. Como se a chuva que nos molhava o rosto aquando daquele beijo agora voltasse para me lembrar todos os dias que eu não soube dar a continuidade que o

nosso início merecia. Desconfio que aquela árvore, que cresceu a ver-nos passar, estava ali, presa àquele chão, à espera de ver beijar. E ela ainda lá espera, no lugar de sempre, como se não soubesse que íamos demorar. Sei que fui eu que te perdi. E perdi-te porque te fui perdendo e não fiz nada para evitar isso. Perdi-te de uma forma que parecia até que eu não sabia o que estava a perder. Não era tudo. Mas era quase. Fui ridículo e ingênuo e larguei uma pessoa que me agarrava. Deixei cair um sentimento que me segurava. Esqueci-me de amar alguém que me amava. E eu não sabia. Não sabia nada. E agora vejo, com os olhos que o teu adeus me abriu, que nada era tudo o que eu sabia, e quase nada é tudo o que sou sem ti. Só queria que me prometesses que um dia hás de voltar. Só isso. Precisava dessa leve esperança de que nem tudo acabou. Daqui a cinco, dez ou vinte anos, não interessa. Se eu soubesse que gostarias de voltar um dia, essa esperança ia ajudar-me a suportar a dor da tua distância. Não, não ia esperar por ti. Ia e vou seguir com a minha vida. E guardar-te-ei sempre num lugar especial, assim como espero que o faças comigo. Só acho que a nossa história merece muito mais do que isto. Mais do que uns beijos, mais do que umas noites de prazer, mais do que sonhos que não passaram disso, mais do que metades, pedaços e meias coisas que não chegaram a acontecer. Sabe bem acreditar que um dia teremos uma nova oportunidade de mostrar ao mundo que tínhamos tudo para dar certo, não nos tínhamos era cruzado no momento certo. Sei que pensas da mesma forma que eu porque não sentes menos que eu. Sabes é muito bem o que queres e o que não queres para ti. E louvo-te a coragem de pores isso em prática. Mais uma vez manifesto a minha fragilidade e quiçá ingenuidade, mas sonho com o dia em que nós os dois, velhinhos, passaremos diante daquela mesma árvore e

Ihe diremos baixinho que, afinal, há para sempre que não começam à primeira tentativa.

O elogio cria dependência

A sociedade sempre me disse que eu era feio. E hoje, à distância do tempo, consigo perceber como ela o fez. Desde todas as vezes em que era o último a ser escolhido para as brincadeiras de grupo. Desde aqueles namoricos de escola em que todos tinham as suas namoradas e os seus beijos roubados atrás do pavilhão, e eu não. Porque eu era feio. Dizia-me a sociedade. Era feio e, por isso, invisível. Quando o meu grupo de amigos se juntava com um grupo de raparigas, eu ficava automaticamente a mais. Deixava de contar. Se alguém tivesse de *faturar* seriam eles, nunca sobrava nada para o menos bonito do grupo. Além de feio era pobre. Não tinha as roupas e os telemóveis que os outros tinham. Nem tinha disponibilidade financeira para dar asas ao espírito consumista que a sociedade me impingia. E à custa disso ia descendo gradualmente na cadeia alimentar da vida ao ritmo com que a minha autoestima também descia. Sustentava-me de migalhas para me ir aguentando. De um ou outro sorriso que recebia e que me fazia perceber que afinal não era assim tão invisível como a vida me fazia crer. Mas o tempo trouxe-me sabedoria e mostrou-me que eu não precisava de um reflexo num espelho ou da aprovação de um olhar para me sentir bem comigo mesmo. Não precisava de um elogio para ter um motivo para sorrir ou de um incentivo para acreditar em mim. Perdi demasiado tempo à espera de algo que viesse de fora quando o que eu mais precisava podia ser criado por mim e desenvolvido dentro de mim, que era o meu amor-próprio, a minha autoconfiança. E este era um trabalho que tinha invariavelmente de ser feito por mim. Qualquer pessoa me pode fazer sentir bem com um simples elogio. Mas só eu posso evitar não me sentir mal com uma

crítica negativa. E não, não é uma questão de ignorar. Não desta vez. As críticas e opiniões, sejam elas mais ou menos positivas, mais ou menos construtivas, devem ser todas elas ouvidas e compreendidas. E só depois, então, se deve passar o filtro por elas. Deixar connosco o que nos pode melhorar e deitar fora aquilo que nada nos acrescenta. E se não entendermos isto de uma vez seremos consumidos pelas opiniões, tornando-nos em eternas marionetas de uma sociedade viciada. A necessidade de descanso da minha alma obrigou-me a aprender tudo isto e a perceber que não vale a pena lutar contra a vida, o mundo e as pessoas. No entanto, o facto de me fazer perceber que não vale a pena lutar não significa que eu deva deixar de lutar, mas sim deixar de me sentir frustrado quando falhar. Porque existirão sempre pessoas banais, superficiais, preconceituosas e más de todas as formas possíveis e imaginárias. Tal como sempre existirão pessoas bondosas, amigáveis e que valorizam o mais importante. O segredo não é combater mentalidades fúteis, é aprender a defender-nos delas. Até porque uma mente fútil é demasiado inútil para perceber o que realmente importa em alguém. Qualquer pessoa que não tenha sido abençoada com a maior das belezas físicas será sempre feia para uma pessoa com uma mente assim. Faça o que fizer. Simplesmente porque ela nunca conseguirá ver além de um corpo e de um conjunto de adereços materiais. Não tem profundidade intelectual para isso. E se nós não soubermos identificar e ignorar uma pessoa destas vamos passar a acreditar que ela tem razão. Nesse momento deixaremos de ser nós mesmos, para nós mesmos, e passaremos a ser quem essa pessoa diz que somos. E além da autoestima perdemos também a nossa identidade. A maioria das pessoas são apenas bonitas quando os outros têm os olhos abertos e elas a boca

fechada. Façamos, por isso, parte de uma orgulhosa minoria.

Se me agarrares bem, ninguém me roubará de ti

Sabes aquelas coisas que tu dizes só para me magoar? Não digas. E aquilo que tu fazes só para mostrar que és melhor? Não faças. Isso nada me acrescenta ou evolui. Se queres estar comigo, não estejas à frente ou atrás, em cima ou em baixo, está ao meu lado. Diz-me, porque é que quando eu erro tu criticas e quando acerto não dizes nada? Porque é que me castigas por falhar e não me recompensas por acertar? Lembra-te de que perdes toda a legitimidade de criticar quando não tens capacidade de elogiar. Dizes que errei. Mas sabes porque errei? Não. Sabes como corrigir o meu erro? Não. Vais ajudar-me a corrigir o meu erro? Não. Então cala-te. Respeita mais o silêncio. És a primeira pessoa a apontar o dedo e a última a dar o braço a torcer. E, sendo tu alguém que me diz amar, não devia ser antes ao contrário? O mundo está, de facto, cheio de abutres sociais que assistem escondidos à queda dos outros para finalmente saírem das suas tocas e alimentarem-se dos fracassos deles. Gente que vive de quem nada sente é gente que nunca será nada por mais que tente. Não sejas assim. E mostro-te isto desta forma para evitar uma outra provavelmente mais eficaz. Estou a tentar resistir a ela porque não te quero perder. Mas estás a deixar-me sem soluções e no momento da decisão eu não vou deixar que o meu amor por ti seja maior do que aquele que tenho por mim. Não me digas o que fazer ou o que não fazer. Se não souber eu descubro. Não te preocupes tanto com a minha vida, porque até parece que és mais eu do que eu. Quando eu errar, se errar, eu mesmo saberei que errei, por isso guarda para ti esse *eu bem te avisei*. É triste que ajas constantemente dessa maneira e não saibas o que estás a

desperdiçar por seres como és. E infelizmente desconfio que um dia vais arrepender-te disso. Um dia vais querer voltar atrás e não vais poder. Um dia vais querer mudar e já não vai valer a pena. Nesse dia vais-me dizer, para meu desgosto, *tinhas razão*. E como se não bastasse ainda usas o já pouco tempo que me dedicas para tentares afastar as outras pessoas de mim ou para me afastar delas só porque tens medo que alguém me roube de ti. Talvez seria melhor ideia usares esse tempo e essa força para me agarrares melhor. Porque, se me agarrares bem, ninguém me roubará de ti. Do que é que estás à espera para me fazer sentir a pessoa mais feliz do mundo? Eu não posso esperar a vida toda. Quero isso agora. Já. Porque mereço isso. E com toda a certeza que o caminho que estás a escolher não é o melhor nem tão-pouco o mais curto para um final feliz. Se não és capaz disso, então deixa alguém tentar. Passa a vez ou eu fá-lo-ei por ti. Duvido que te agrade a ideia de veres outra pessoa a fazer-me feliz. Então mantém bem viva na tua mente essa imagem e pode ser que assim comeces a perceber o que está em jogo. Tu sabes que quando tomo uma decisão ela é definitiva. Sou muito fiel aos meus *nuncas, sempre e tardes de mais*. E por isso não adianta implorar e fazer juras disto e daquilo que eu não irei mudar de ideias. Dou-me ao trabalho de te dizer tudo isto e a todo este esforço de tentar abrir-te os olhos porque te amo e sei que me amas. E sei que não nos queremos perder um ao outro, no entanto, só eu é que tenho feito por isso. Repara mais naquilo que faço por ti e por nós, no esforço que faço só para ficar bem ao teu lado. Só para te sentires bem ao meu lado. Por mais que eu saiba tudo isso, vou sempre querer que tu repares, te lembres e refiras isto. Porque, sendo tu a pessoa que amo, a tua opinião conta. E podes até não achar relevante, mas no dia em que deixar de me importar com a tua opinião, desculpa, mas já era.

Se eu te amo, porque não te amas também?

Solta o cabelo. Abana a cabeça e deixa-o cair sobre os teus ombros. Agora tira essas pulseiras e esse colar. Passa o desmaquilhante e lava o rosto. Troca essa blusa por uma *T-shirt*. Troca essas calças por umas de fato de treino e tira esses tacões para calçares uns ténis. Agora olha-te ao espelho. Vês como és bonita? Vês como continuas a ser bonita mesmo sem todos esses adereços, roupas exuberantes e maquilhagem retocada? É essa mulher que agora vês ao espelho que tens de amar porque também é essa que eu amo. Não é a outra que não passa de uma máscara que colocas antes de sair de casa. Já sei que gostavas de ter mais uns centímetros de altura e menos uns de cintura, mas tens de aprender a gostar de tudo aquilo que não podes mudar. Sim, tens defeitos que não dão para apagar, mas até eu aprendi a gostar deles, e já é hora de tu fazeres o mesmo. Não te rendas à frustração de não seres como as modelos que vês nas revistas, porque nem elas são como estão nas revistas. Não precisas de um batom, umas pulseiras, um tacão e um grande decote para te sentires bonita. Pois essa é, para todos os efeitos, apenas uma versão temporária de ti. Deves sentir-te bonita por saberes que és bonita e não porque estás bonita ou porque eu ou outra pessoa te fez um elogio. O espelho nem sempre te dá boas notícias, mas quando te quiseres ver de verdade não te coloques diante dele de olhos abertos, fecha-os e reflete tu. É esse teu reflexo interior que conta. É ele que vai definir a tua beleza, não é aquele que vem do espelho. A beldade de uma mulher está guardada na sua simplicidade e confiança. A mulher mais bonita é a que consegue dosear melhor estas duas características e não a que tem as

medidas *ideais*. Uma mulher simples e confiante além de ser bonita para si é também para os outros. No entanto, só o conseguirá ser quando aprender a gostar de si sem *ajudas extras*. Não tens de estar sempre à espera da minha opinião para definires algo que não depende da opinião de ninguém a não ser da tua. Eu sei que gostas de parecer bem e gostas que eu me sinta bem ao teu lado, e agradeço-te essa preocupação e atenção, mas quero que saibas que não vou gostar mais de ti só porque estás com uma saia curta e um batom vermelho. Gosto tanto de ti quando estás assim como quando acabas de acordar com os olhos inchados de sono. Se eu gosto, porque não haverás tu de gostar também? Eu conheço o teu corpo nu. E conheço-o certamente de uma forma bem mais profunda do que tu, pois já fiz coisas com ele que nunca irás fazer. E eu gosto dele. Porque não haverás tu de gostar também se és a pessoa mais interessada nisso? Essa pessoa que estás a ver aí nesse espelho sem uma única pinta de maquilhagem é a pessoa com quem eu me deito todas as noites. E eu gosto dela. Porque não haverás tu de gostar também? Eu amo-te. E o facto de te amar ensinou-me a aceitar muitas coisas em ti que eu não poderia nem tinha o direito de mudar. Por isso, começa por te amares tanto quanto eu te amo. Aliás, não permitas nunca que alguém te ame mais do que tu mesma. Se eu fosse outro provavelmente ia estar constantemente a criticar-te e a relembrar-te das tuas imperfeições para te reduzir a autoestima e te manter dominada. Assim dificilmente me trocarias por alguém, uma vez que não terias confiança suficiente para acreditares que conseguias melhor do que eu. Mas não consigo ser assim. Eu quero que te sintas todos os dias a mulher mais bonita do mundo. Quero que a tua autoestima esteja sempre lá em cima, no topo, no máximo. E se acabares por perceber que consegues melhor do que eu e me trocares por outro, que

seja, mas pelo menos consegui com que te começasses a valorizar mais. E esta é a melhor forma que eu sei de te amar.

Odeio a tua capacidade de me fazeres querer-te

Não há dúvidas, tenho mesmo queda para homens ruins. Cabrões, mesmo. Sacanas sem escrúpulos. Já me rendi a esta triste realidade porque por mais que eu sofra não há forma de aprender. Quando dou por mim já estou eu de novo a suspirar por um *bad boy*. A cada dia que passa faz mais sentido na minha cabeça o ditado *quanto mais me bates mais eu gosto de ti*. E não é que é mesmo? Começo a achar que tenho uma costela masoquista e que a dor é realmente uma forma de prazer. Não suporto homens egoístas, que se acham o centro do mundo e que tudo gira à volta deles. Mas também compreendo que se eles se sentem o centro do mundo é muito por culpa de eu me deixar girar à sua volta. Na verdade, eles não são nem se sentem, eu é que os faço acreditar nisso. O problema está em mim, mas com certeza que a solução também. Eu bem tento dominar, mostrar que sou eu quem manda na minha vida e nos meus sentimentos, que sei bem o que valho e que não vou andar atrás de homem nenhum porque ele se quiser que lute por mim. Mas não dá. Só faço asneirada. Sou demasiado transparente, talvez seja esse o meu maior defeito. Expresso-me, manifesto os meus sentimentos e emoções, digo o que sinto e penso a quem não devo e depois é natural que me tenha nas mãos. É como se estivesse a jogar às cartas com elas viradas para o meu adversário. Mostro o jogo todo, faz o que quer de mim e depois perco e sofro. Mas, pensando bem, ser transparente, sensível e todas estas coisas não significa que eu seja uma mulher especial e que nasceu para ser infeliz no amor. Significa apenas que sou mulher. Em estado puro. E eu só posso honrar-me por isso. No entanto, também não será por

ser mulher que eu irei aceitar este destino de me apaixonar apenas por homens cuja única função no mundo parece ser fazerem-me sofrer. Tenho esperança de que, por maior queda que tenha por eles, haverá um que me vai provar que *não são todos iguais*. Ser como sou, mais do que uma questão de personalidade, é uma questão de natureza contra a qual é inútil lutar. Quando um tipo arrogante e convencido se mete comigo e me desafia ao ponto de me irritar, por mais que eu não queira eu vou ficar a pensar nele, vou ficar a matutar naquilo que me disse ou fez. E isto é dar-lhe atenção, importância e tempo de antena na minha cabeça. O facto de ter sido diferente, ainda que fosse pelo lado negativo, fez com que eu memorizasse essa pessoa e despertasse em mim uma necessidade instintiva de lhe mostrar as garras e provar que eu não sou uma qualquer. Desengane-se o homem que pensa que uma mulher se conquista pelo coração. Nada disso. Uma mulher conquista-se pela mente, pois a mente tem uma passagem secreta para o coração que nos apanha sempre desprevenidas. Sem nos apercebermos, começamos a desejar voltar a ver aquele estupor que só nos trata mal. E depois é como as areias movediças, quanto mais nos movemos mais presas ficamos. Quanto mais não nos queremos lembrar mais nele pensamos. E quando damos conta já nos apaixonámos. *Caíste outra vez, não aprendes mesmo*. Diz-nos a consciência como se já não nos sentíssemos mal o suficiente. Pergunto-me como é possível sentir tanta falta e desejar tanto alguém que nos magoa. Por mais pessoas que estejam ao nosso lado, estendendo as mãos para nos apoiar, os braços para nos abraçar e o coração para nos amar, nós só queremos aquela, a única que não faz nada disso. Aquela que mais se está a marimbar para nós. Enfim, não vou lutar contra a minha natureza porque não espero vencê-la, mas há de chegar o dia em que eu vou conseguir

dominá-la. Esse será o dia em que serei a *bad girl* da minha própria história.

Se não me dás tudo, eu não sinto nada

Eu não faço ideia de quem sejas, nunca ouvi sequer falar de ti, mas se estiveres a pensar entrar na minha vida, então esta mensagem é para ti. Não entres se for tua intenção deixar a porta aberta para saíres logo à primeira dificuldade. Não entres se não trouxeres a eternidade nos braços e a coragem e o atrevimento de quem quer muito ficar. Não tentes sequer entrar se estiveres com pressa, se te faltar paciência ou se só quiseses experimentar. Não digo que não pudesse ser divertido ou que não tivéssemos bons momentos um com o outro, mas o meu coração pede-me muito mais do que isso. O desejo que o meu corpo possa sentir é uma migalha quando comparado à necessidade da minha alma. E ela pede-me um para sempre que ainda ninguém foi capaz de me dar. A efemeridade de um momento de prazer, por melhor que ele seja, é demasiado curta para o tamanho da minha vontade. Não renuncio à turbulência de uma paixão, mas neste momento priorizo a calma de um amor. Não entres na minha vida se não te sentires capaz de me dar muito mais do que tudo o que és. Perdoa-me, desde já, se te exijo demasiado, mas pensa que se calhar o teu demasiado é o meu mínimo suficiente. As pessoas incompletas a quem me entreguei por inteiro mostraram-me que aceitar um bocadinho menos de tudo é o começo para ficar sem nada. E de nada já está o meu passado cheio. Talvez tenha feito escolhas pouco acertadas, talvez tenha dado demasiada voz ao coração e tenha ignorado demasiadas vezes a razão, mas tenha eu errado ou não, há lições que já não consigo desaprender. E uma delas foi que, enquanto me contentar com pouco, nunca terei muito. Tu, que ainda hás de vir, se vieres, não tens culpa dos erros de quem veio antes. Por isso não vou, nem

posso, pedir-te que venhas compor o que estragaram, mas vou exigir-te que faças valer a pena a oportunidade que te darei. Tal como eu irei justificar cada esforço que faças pelo meu amor. Não te conheço, mas se acreditas que não és capaz de ser tudo o que me falta, então deixa-te ficar onde estás e poupa-nos a uma enorme perda de tempo e atenção. Se não vai dar em nada, então que nunca passe disso também. Além de tudo isto, devo dizer-te ainda que não irei à tua procura, mas prometo não fugir de ti. Estarei aqui, no cantinho da minha vida, com a esperança de que ela tenha a gentileza de nos apresentar. Sim, tenho esperança, mas não espero nada. Não conto com nada porque ela não me deve nada. Essa história do destino é muito bonita, mas só serve para embalar os que não se querem culpar pelas más escolhas que hão de fazer. Vem ter comigo. Seja eu quem for, sejas tu quem fores. Lê esta minha carta e vem ter comigo que eu irei receber-te de braços abertos se também abertos trouxeres os teus. Vem ser tudo o que eu preciso, pois agora tudo o que quero é ter o que preciso. Vem cuidar de mim como mais ninguém soube, guardar-me e valorizar-me como mais ninguém foi capaz e entregar-te por completo como mais ninguém quis. Sabes, é muito estranho sentir a tua falta quando nem sequer sei se existes. Consegues fazer-me acreditar que, afinal, a falta do que nunca tive é maior do que a falta do que deixei de ter. Quero muito conhecer-te, mas só depois de leres estas palavras e teres a profunda convicção de que serás fiel a elas. Não te espero, mas espero que não te demores.

Os filhos não podem ser armas nem escudos

Decidi separar-me do Ricardo há cerca de três anos quando descobri que ele tinha outra pessoa. Tínhamos casado há meia dúzia de anos e a nossa menina, Leonor, já contava cinco aninhos neste mundo. Foi a maior desilusão da minha vida. Tentei perdoá-lo, dar-lhe uma nova oportunidade a pensar na família que tínhamos construído e no nosso percurso até então, mas não consegui. Não senti grande empenho da parte dele para que as coisas voltassem a dar certo e além disso eu não conseguia mais olhar para ele da mesma maneira. Tinha estragado tudo, não havia volta a dar. E eu passei a odiá-lo profundamente. Saiu de casa, demos início ao divórcio e pouco tempo depois ele já vivia com outra pessoa. Depois de saber isso, tornou-se insuportável cruzar-me com ele. Não o conseguia ver. Comecei a evitar que se aproximasse da Leonor, inventava desculpas quando ele dizia que a vinha visitar ou buscar nos fins de semana em que lhe competia estar com ela. Dizia que ela estava doente e que era melhor ficar para depois ou pressionava-o psicologicamente para não o fazer. Ligava-lhe uma infinidade de vezes para saber como ela estava quando ia com ele, saturando-o ao ponto de ele desligar o telemóvel. Cheguei mesmo a tentar convencer a Leonor de que *o papá era mau* e meter-lhe ideias na cabeça que não correspondiam à verdade acerca dele, para que ela o comesçasse a repudiar como eu. Estava tão cega de ódio por ele ter estragado um sonho que eu tinha desde criança que nem pensei na porcaria que estava a fazer, que era usar a minha filha para me vingar dele. A pessoa que menos culpa tinha nesta história estava a ser a mais prejudicada. Sinto vergonha e repulsa de mim mesma quando me lembro

de que fui capaz de uma hediondez desta dimensão. O que ele me tinha feito não justificava o que eu lhe estava a fazer. O ódio que eu lhe tinha não era desculpa, pois para todos os efeitos eu estava a vingar-me, e isso não me fazia melhor do que ele. Aliás, fazia-me até pior porque, apesar de ele ter escolhido um caminho diferente e de me ter feito o que fez, sempre quis continuar a ser um pai presente na vida da Leonor e eu feita estúpida tentei evitar isso. Toda a gente perdia com a atitude que eu estava a ter e principalmente a minha filha. Toda a criança precisa do seu pai e da sua mãe, ainda que eles já não sejam esposa e marido um do outro. E eu estava a cair no erro de agir e pensar como ex-mulher em vez de mãe. Não me perdoo, mas fiz de tudo para atenuar as minhas falhas. Parei de uma vez por todas de tentar bloquear o acesso do Ricardo à Leonor e deixei de lhe criar bichinhos na cabeça acerca dele. Não, não foi o marido mais correto, mas a verdade é que nunca falhou enquanto pai. Ao contrário de mim que deixei que a mulher magoada que existia no meu interior envenenasse a mãe que eu não podia deixar de ser. A Leonor, por mais minha que fosse, nunca seria mais minha do que dele. A culpa é igual para os dois, tal como o mérito. Não, não é nada fácil saber que a minha pequenina vai passar fins de semana e férias com *outra família* e com *outra mãe*, mas, ainda que não me sejam nada, para ela são. E é nela que penso incessantemente para que, apesar de todo o aperto, eu consiga sorrir quando sei que está com eles. Além disso, é impossível não ficar feliz quando o pai a vem entregar no domingo à noite e ela chega à minha beira toda contente e cheia de histórias para contar do que fizeram no fim de semana. Penso que, de certa forma, até lhe agrada a ideia de ter duas famílias. Diz-me ela que é *diferente* dos outros meninos da escola e gosta disso. Percebi com ela que a maior cobardia de um pai e de uma

mãe é usarem os filhos para se atacarem ou defenderem um do outro. E que, por mais guerras que travem entre si, os filhos terão sempre a bandeira branca.

Sorrir só porque sim, porque não?

Sorrir é, amiúde, o começo da solução dos nossos problemas. Essencialmente porque um problema nada mais é do que uma interpretação negativa de um determinado acontecimento. O que para um pessimista é um problema, para um otimista é uma oportunidade. Tudo é uma questão de perspetiva e, por vezes, a diferença entre resolver ou não um problema está no ponto de vista que se escolhe para o encarar. Sorrir é, convenhamos, a maneira mais esperta de desviar o medo. E o medo é a primeira barreira que encontramos no caminho até às soluções. Desengane-se quem pensa que há pessoas que não têm medo, há é pessoas que o conseguem enganar ou secundarizar melhor do que outras. Se dissermos a alguém para atravessar uma velha ponte de cordas sobre um desfiladeiro, ela se calhar não o faz porque tem medo. Mas se dissermos que do outro lado está uma boa recompensa ela se calhar já a atravessa. O medo continua lá, exatamente na mesma quantidade, apenas passou para segundo plano face à ambição de alcançar a recompensa. Muitas vezes essa recompensa é apenas a adrenalina, que, por sua vez, supera a importância do medo e que, ironicamente, depende dele também. Pensar em algo mais importante é uma boa forma de empurrar o medo para segundo plano e sorrir é uma boa forma de o enganar. Sorrindo estamos a descomplicar a situação, estamos a torná-la mais leve e mais tranquila. No entanto, por outro lado, a descontração traz distração e o efeito pode reverter-se. Mas, como tudo na vida, é apenas uma questão de equilíbrio que cabe a cada um de nós gerir. Sorrir é, e será sempre, essencial, crucial e vital. Por isso, mesmo quando a vida não te der motivos, sorri. Mesmo quando não tiveres vontade, sorri. Mesmo quando vires

alguém de quem não gostas, sorri. Mais do que mostrares ao mundo que estás de bem com a vida estás a convencer-te a ti disso mesmo. Um dia será de tal forma rotina que se tornará natural. Esse será o momento em que conseguiste educar a tua alma a seguir o caminho que acreditaste ser o melhor. A felicidade é a maior causadora de inveja alheia, mas também é a melhor proteção contra ela. Por isso, quando decidires abraçar o projeto *sorrir por tudo e por nada só porque sim*, assegura-te de que não vais tirar férias, pedir folgas nem cumprir feriados. Esse projeto terá de ser o teu lema de vida e a tua imagem de marca. Haverá sempre alguém que vai ficar contente com uma lágrima tua, alguém à espreita de uma queda ou tropeção teu para se sentir um pouco melhor. Agora é tua missão não deixar isso acontecer. Pensa, quantas vezes permitiste que alguém que não te era nada te impedisse de sorrir? Até quando vais deixar que sorrir seja uma variável controlada por um valor exterior em vez de uma constante definida pelo teu interior? Não queres acreditar porque acreditar implica muito esforço e atrevimento, mas todos os teus problemas são, maioritariamente, uma ilusão provocada pela tua incapacidade de brincar com as coisas sérias da tua vida. Fazê-lo não é, de todo, sinónimo de infantilidade ou irresponsabilidade. Aliás, saber rir dos nossos problemas e de nós próprios é significado de confiança e inteligência. Quando te ris de ti próprio, quando és o primeiro a gozar contigo mesmo, estás automaticamente a tirar o prazer aos outros de o fazerem por ti. É sempre desagradável cair em público, gera risos escondidos e vergonha alheia, mas se não te rires do que acabou de acontecer ou até brincares com isso, acredita que será bem pior. Por isso agarra o lado cómico da vida, pratica o ridículo sempre que a situação o pedir, dá asas à imaginação e faz piadas sobre tudo. E a opinião do outro que se lixe. Pois tu serás sempre muito

mais feliz enquanto rires e sorrires sem te importares com o
que o outro diz.

Posso ser mais contigo, mas não serei menos sem ti

Quando é que arranjas um namorado? Ou, como é que uma mulher tão bonita não tem namorado? Ai se soubessem como estou cansada de ouvir estas perguntas. Bom, partindo do princípio de que sou bonita como dizem, se eu não tenho namorado com certeza que é por opção minha e não dos homens. Por isso, desde logo, não entendo muito bem estas perguntas. Será que eu tenho obrigatoriamente de namorar? Será que o devo fazer para estar em comunhão com a sociedade? Porque é o *normal*, é o *costume*, é o *suposto*? A sociedade e a natureza impõem um contínuo acasalamento. Não estou, de forma nenhuma, contra isso, mas sim contra a incapacidade de as pessoas entenderem que também se consegue ser feliz sem um par. Eu consigo. E consigo porque aprendi. E esta é uma das lições que provavelmente falta à maioria das pessoas, que é saberem ser felizes sozinhas. O facto de andarmos sempre à procura de outra pessoa para namorar, porque toda a gente namora, para casar, porque toda a gente um dia acaba por casar, ou para procriar, porque é essa a nossa natureza, faz-nos apressar os acontecimentos e tomar decisões irracionais baseadas em impulsos. Quando eu terminei o meu último relacionamento, que me esgotou e esmagou, percebi que era o momento de parar para refletir. Não podia sair por aí desesperada em busca de um novo par só porque os trinta estavam aí à porta e todas as minhas amigas já estavam casadas ou com filhos. Tive de perceber que cada um tem o seu tempo e deve viver em função dele e não daquele que é imposto pela sociedade. Era a minha felicidade que estava em causa. E quando assim é, temos de ser capazes de ignorar muitas perguntas, opiniões,

olhares, costumes e tradições. Decidi então que primeiro iria aprender a ser feliz sozinha e só depois de me sentir capaz disso é que iria permitir que alguém entrasse na minha vida. E é por isso que eu não tenho ninguém. Tenho-me a mim e tenho aprendido a ter mais de mim. Durante muito tempo permiti que decidissem por mim, vivessem por mim e controlassem aquilo que eu era porque eu mesma não sabia quem eu era. Somos demasiado dependentes precisamente porque nunca nos permitimos descobrir a nós mesmos. Senão iríamos perceber qual o nosso real valor. Temos tanto medo de perder a pessoa que amamos porque não sabemos viver sem ela. E isso assusta-nos. Essa imagem da solidão. E porque é que nos assusta tanto isso? Porque nunca aprendemos a ser felizes sozinhos. Porque nunca sentimos necessidade ou porque nunca quisemos. Mas não é por nunca termos necessitado que deixará de ser uma lacuna na construção da nossa pessoa. Sem dúvida que somos feitos para interagir, conviver, acasalar, procriar e amarmo-nos uns aos outros. Mas também fomos feitos para nos amarmos a nós, primeiramente a nós. Só depois de sabermos a importância desse amor, que se descobre e conquista essencialmente com as reflexões que fazemos nos nossos momentos a sós, é que estamos preparados para nos entregarmos em segurança num relacionamento. Foi por eu não saber o quão importante era amar-me e preservar para mim este amor-próprio que eu permiti que quem estava ao meu lado me rebaixasse, humilhasse e, de uma forma geral, fizesse o que quisesse de mim. Porquê? Porque eu não sabia viver sem essa pessoa. Vivi de tal forma para ela que me esqueci de mim. E apavorava-me de morte a ideia de ficar sozinha. Agora já percebo que um homem não é uma falta em mim, é um complemento. Ou seja, eu não preciso de um homem para me fazer feliz. No máximo, preciso de um homem para eu partilhar a minha

felicidade. Tudo o que não faz parte de nós não pode nunca ser visto como algo em falta, mas como algo que pode realçar ou esbater aquilo que já somos.

O maior desafio do homem é pensar com a cabeça certa

Estas palavras são para vocês, mulheres, sejam vocês quem forem e de onde forem. Deixem-me pedir-vos desculpas em nome dos homens. Por mais inúteis que elas sejam, ainda são essenciais para demonstrar a noção que temos de que falhámos. Perdoem-nos. Não só por não sabermos o que fazemos, mas também por fazermos de conta que não sabemos o que fazemos. Nós somos parvos, toscos, brutos, infantis e uma infinidade de outros adjetivos depreciativos que vocês saberão melhor enumerar do que nós. Somos tudo isso e o homem que não o admitir, além de tudo isso, também é falso. Somos porque faz parte da nossa natureza. Somos porque a maioria de nós não tem forças suficientes para lutar contra ela. E, como a maioria não consegue, a minoria ganha a fama e no final de contas *somos todos iguais*. Perdoem-nos por nos faltar tantas vezes a noção de que temos ao nosso lado a mulher das nossas vidas e depois de a conquistarmos com tanto esforço vamos logo tentar conquistar outras e outras como se fosse uma coleção de cromos. Somos viciados nisto. Nesta mania de querermos ser uns ganhões e quebra-corações. Nesta crença ridícula de que quantidade é melhor do que qualidade. Não é nem nunca será. E nós sabemos isso. Mas temos um diabinho no ombro que nos diz o contrário e vamos na cantiga dele. Vocês são seres absolutamente extraordinários. A vossa capacidade de cuidar, respeitar, proteger, querer e sentir ultrapassa-nos por completo. Dessem a um homem a capacidade de sentir com a mesma intensidade de uma mulher e ele daria em louco em pouco tempo. Enchemos o peito, levantamos o nariz, subimos as mangas, ajustamos o cinto, fazemos cara de maus,

engrossamos a voz, mas no final... são vocês que mandam. A última palavra é vossa. O poder é vosso. A prova disso é que quando nos sentimos ameaçados passamos de lobos maus a cordeirinhos. Uma mulher sabe muito bem o que quer, mas sabe ainda melhor o que não quer. E isso é um perigo para os homens porque somos uma cambada de desleixados e indecisos que só abrem os olhos quando estão quase a perder ou já perderam. E depois choramos como putos mimados quando já não há nada a fazer. O insensível que éramos com a mulher que amávamos não passava, afinal, de um choramingas anónimo. Perdoem-nos ainda a cobardia de usar os vossos sentimentos para vos agarrar e manipular. Quantas e quantas vezes o único motivo que têm para ficar ao nosso lado é o amor que sentem por nós? E deixam-se ficar porque acreditam que tudo vai melhorar, porque sonham com uma história de amor com um final feliz. Histórias que nós temos o talento nato de arruinar por *não sabermos o que queremos*, ou *não termos a certeza*, ou *querermos outras coisas*. E, no entanto, tudo o que queremos e precisamos está ali, ao nosso lado, que é uma mulher séria, que nos ama e faz tudo e mais alguma coisa por nós. E nós, cegos pela estupidez, não o conseguimos ver. Depois perdemos e sofremos, pois claro. Sofremos, mas a verdade é que merecemos. O pior é que fazemos também sofrer alguém que não merece. Perdoem-nos por sermos parvos, por pensarmos tantas vezes com a cabeça errada e por querermos sempre mais quando não nos falta nada. Um homem é demasiado pequenino ao lado de uma mulher, e só um grande homem é capaz de o admitir. Entendam, por favor, a nossa pequenez e as nossas limitações quando comparados ao ser magnífico que vocês são. Deste lado comprometemo-nos a lutar diariamente contra a nossa natureza impulsiva e ambição desmedida para merecer a vossa companhia e

confiança. Porque um homem sem uma mulher é um trapo qualquer.

O teu prazer é a minha arte

Usa-me o corpo. Estou aqui. Estou aqui porque sou teu. Não me tens somente a alma. Tens-me o corpo também. Usa-o. Abusa-o. Rasga-o, mas satisfaz-te com ele. Não o quero para mais nada se não for para te levar ao céu. Para te derreter num suor eroticamente delicioso. Tranca a porta, desce os estores e faz-me teu. Não me permito, nem admito, que saia do teu quarto sem que os teus gemidos te tenham deixado sem voz. E a tua voz serve exatamente para me mostrares como gostas de me ter dentro de ti. Faz as figuras que precisares e comete as loucuras que tanto queres, mas faz. Eu prometo-te que tudo o que disseres ou fizeres, por mais louco ou absurdo que seja, será um eterno segredo nosso. E prometo-te que serei sempre um pouco mais louco do que tu, só para que te sintas à vontade com a tua loucura. Agora, por favor, usa-me o corpo. Se for necessário faz de conta que não me conheces. Não sabes quem eu sou e eu não saberei quem tu és. Se isso ajuda, faz de conta que somos dois desconhecidos, frente a frente, sem nada a perder. Ninguém saberá de nada. Ficará apenas entre nós, se merecer ficar. Descobre-te, remexe-te por dentro e dá-me o que sabes que te peço. O medo e o complexo não vive aqui. Ficou lá fora. E que bem que ficou. Liberta-te e usa-me sem ninguém saber. Quero que te entregues a mim. Toda. Se vais errar, então erra em grande. Erra de corpo e alma, de cima a baixo, mas fá-lo comigo. Sê quem mais queres ser, quem só queres ser, no segredo dos meus lençóis, no conforto dos meus braços e na calma dos meus lábios. É tudo uma questão de tempo, e tu sabes. Então se o tempo é tudo o que nos separa, e se o tempo não para, então paremos nós no tempo e sejamos feitos um do outro, enquanto nos embrulhamos um no outro. O teu

corpo quer-me, e eu quero o teu corpo como se dele dependesse a minha sobrevivência. Comigo terás sempre toda a liberdade para seres tudo, sentires tudo e viveres tudo. E tenho a certeza de que de ti não terei menos do que aquilo que te dou. Sei que és muito mais do que o que te tens permitido ser. É impossível não teres escondido em ti um apetite do tamanho do mundo. Uma tentação que corrói, um desejo que mói e uma vontade que dói. E eu quero ver e sentir tudo isso com as linhas e cores que desenham e pintam o teu corpo junto ao meu. O teu prazer é a minha arte e a tua satisfação é a minha maior motivação. Saber que te sentes livre e completa quando estás comigo desperta em mim uma sensação de dever cumprido. Não consigo ser egoísta quando penso em ti, porque nunca estarei bem enquanto tu não estiveres tão bem ou melhor do que eu. Talvez seja a natureza do homem preocupar-se primeiramente com o seu prazer e só depois com o da outra pessoa, mas, se assim é, então eu faço questão de a contrariar. Homem que é homem não pode nunca olhar para uma mulher e pensar no prazer que ele vai ter, mas sim no que ele lhe poderá dar. Sei bem a responsabilidade que é ter a tua pele na ponta dos meus dedos, entregue às minhas mãos, na esperança de ser bem cuidada. Tal como sei bem que bem cuidá-la não exclui de todo marcá-la sempre que a excitação assim o pedir. Serei meigo quando tiver de ser e bruto quando te apetecer, sempre com o derradeiro objetivo de te satisfazer. Quando estamos eu e tu, só contamos eu e tu. Tudo o resto é figurante e secundário. Mero ruído que eu não deixarei que interfira com o som dos nossos orgasmos. Pertenço-te desde o mais tímido *olá* até ao mais obsceno fetiche, por isso nunca cometas a injustiça de esconderes as tuas vontades de mim. Enquanto fores a mulher que eu amo, o

meu corpo e alma estarão sempre ao teu inteiro dispor. Dá-lhes uso.

A reciprocidade é o combustível do amor

Acho muito bem que não me facilites o trabalho, que dêes luta e me obrigues a correr atrás daquilo que quero. Acho muito bem que uses essa técnica de *dar para trás* para eu valorizar cada conquista que te envolva. Acho muito bem que digas que não para que me obrigues a tentar outra vez. E se há coisa que te posso garantir é que vou sempre lutar pelo teu amor e dar o melhor de mim para te ter, mas não penses que vou rastejar atrás de ti. Eu sei que te dá um prazer enorme ter-me na mão. Dás-me para trás e calcas-me sem piedade porque estás muito confortável com esse sentimento de posse em relação a mim e cuja culpa é minha. Mas enganas-te se pensas que o teu reinado não tem fim. Não é domingo todos os dias. Eu amo-te e enquanto te amar vou expressar e provar o meu amor, mas não irei permitir chegar ao ponto de rastejar por ti, pois isso não é nenhuma demonstração de amor por ti, é uma demonstração de falta de amor por mim. Sou sempre eu a procurar-te como se tu não quisesses a minha companhia, mas quando venho não queres outra coisa. Então, se de facto me queres, procura-me também. Se de facto me queres, dá-me mais oportunidades de ver e sentir essa vontade. Só irei procurar-te enquanto a força do meu sentimento o justificar e enquanto o meu respeito por mim se mantiver intacto. No momento em que sentir que tenho de abdicar dos meus princípios e do meu amor-próprio para continuar a ter a tua atenção será o exato momento em que me vou embora. E não esperes que te diga que o vou fazer. Posso dar-te um milhão de pistas, mas se tiver de ir embora só te irás aperceber quando já não puderes evitar isso. Eu já sei como tu és. Se ameaço que me vou embora, vais mudar a tua atitude e dar-me um pouco mais de atenção. Mas

assim que voltas a sentir-me na mão eu deixo logo de existir. Não me importo de abdicar do meu orgulho muitas vezes, porque sei que isso faz parte de qualquer relação, seja ela de que tipo for. Às vezes o orgulho faz-nos perder mais do que ganhar e por isso não me importo nada de abdicar dele sempre que eu achar necessário, mas não vou aceitar ser sempre eu a fazê-lo. Eu sei que me queres e que gostas quando eu vou atrás de ti, mas temo que será preciso eu deixar de ir para começares a valorizar mais as minhas procuras e a minha presença na tua vida. Eu tenho os meus sensores ligados, e quando eles me alertarem de que as minhas lutas são mais insistência do que persistência eu vou saber parar. Te garanto que vou. Todos nós gostamos de nos sentir desejados, todos nós gostamos que lutem por nós, mas todos nós temos de ter a humildade de perceber que também é preciso dar para ser justo continuar a receber. A troca é que mantém o equilíbrio. Falo por mim, mas eu sinto-me mal quando estão constantemente a ser generosos comigo e eu não tenho como recompensar essas pessoas de outra forma que não seja com um sincero agradecimento. Até pode ser suficiente para elas, mas sinto-me desconfortável em retribuir com tão pouco. E tenho pena que este desconforto não te contagie. Eu sei que um dia vais dar valor a tudo o que faço por ti, só lamento é que seja numa altura em que já não irei lamentar coisa nenhuma. Fica à vontade. Continua a fazer a tua vida como até aqui. Continua a afastar-me como tão bem sabes fazer. Continua a magoar-me propositadamente só para saberes o poder que tens sobre mim e para te assegurares de que ainda, e repara bem nesta palavra, ainda estou aos teus pés. Mas espero que sejas capaz de superar bem o arrependimento se algum dia chegares à conclusão de que exageraste, de que foste longe de mais ao ponto de me

fazer desistir. Com tantos jogos de psicologia inversa, quem vai acabar por perder és tu.

Quero tudo o que tenho e tudo do que tenho

Quando vieres ter comigo, traz-te contigo. Mas traz tudo mesmo. Traz a tua história, as tuas dores, o teu passado, os teus pesadelos e amores. Traz a tralha toda e eu logo me desenvencilho com o que trouxeres. Apenas quero ter a certeza de que, quando vieres, vens mesmo, e és tu mesmo que vens, não a pessoa que gostavas ou devias ser. O que tiver de ir fora, vai, e o que tiver de ficar eu vou acolher como se fosse meu. Se te doer, irá doer-me a mim também. Se te fizer sorrir, então eu irei sorrir contigo. Mesmo que seja sobre alguém que veio e não ficou, senão na memória. Porque as tuas memórias também fazem parte de ti, de quem tu te tornaste. E se eu gosto tanto da pessoa que és, então eu vou abraçar tudo isso como se fosse meu. Quando vieres, vem inteira. Cheia de ti. Seja bom ou mau, isso não importa. O que importa é a verdade de quem és para mim e a verdade do que foste sem mim. Quando abri os braços para te receber, abri-os já com a largura suficiente para te acolher a ti e à tua vida. Não cometas o erro de não te entregares por completo por causa do medo de sofrer. Porque o medo de sofrer nunca justificará a maldade que é escolheres estar de uma forma incompleta ao lado de alguém. Se decides estar, então está inteiramente, porque ser prudente não é entregar-se menos, mas sim não se entregar de forma nenhuma. Já sabes que eu não vou aceitar metades, bocados ou migalhas. Apesar de tudo aquilo que eu e tu vivemos de mau, apesar de todas as nossas desilusões e frustrações, nós queremos isto. Nós queremos-nos um ao outro. Então sejamos justos e corretos um com o outro e entreguemo-nos de olhos fechados. Sem medidas, restrições, planos, metas ou limites. Que se lixem

todas essas preocupações porque a felicidade depende exatamente de tudo menos delas. Estaremos, sem dúvida, muito mais próximos de voltar a sofrer, mas também é a única hipótese que temos de voltar a viver. Se soubéssemos o que sabemos hoje, nunca teríamos confiado, nunca nos teríamos entregado e muito menos amado alguém. Se soubéssemos nunca teríamos sofrido, mas também nada teria feito sentido e nunca teríamos aprendido. Não nos preocupemos com o fim que pode ter, preocupemo-nos, isso sim, em viver o que pode ser vivido. Se tivermos de cair de novo e outra vez, então que seja, mas nunca nos deixemos ficar no chão só pelo medo de voltar a cair. Talvez depois de te dizer tudo isto, que, apesar de simples, não deixa de ser uma mensagem inspiradora, te sintas motivada a fazê-lo, mas tenho de te dizer que essa vontade vai passar. Não porque não seja genuína ou verdadeira, é apenas porque é uma vontade, e as vontades têm uma queda para a efemeridade. Por isso, nos momentos em que a vontade de tentar e arriscar adormecer, vou precisar que te voltes a lembrar das minhas palavras e que percebas que eu continuo aqui, ao teu lado, para te ajudar. Não estás sozinha no barco. É a mim que me compete agora este discurso, mas não penses que o faço de ânimo leve, pois não és só tu que temes e não és só tu que podes perder. Quero que me dêes um sim, mas um sim seguro, e não um que seja fruto do impulso que as minhas palavras tenham despertado em ti. Sei que travas uma luta diária contra os fantasmas do teu passado, mas eu vou caçá-los um a um e serás novamente livre, finalmente livre para voltares a sorrir. Não haverá pressas nem faremos atalhos. Acredito, e peço-te que acredites comigo, que o tempo e a esperança serão nossos amigos neste amor que tivemos a ousadia de alimentar.

Depois de mim qualquer outro te saberá a pouco

Não preciso de o dizer, porque já o mostro todos os dias, mas sou e continuarei a ser o homem que tu precisas ao teu lado. O homem que tu escolheste e quis ser escolhido por ti. Sou eu. Só eu. Garanto-te que mais nenhum no mundo será para ti o que eu sou, te dará o que eu dou e te amará como eu amo. Como é que eu sei isso? Porque não é possível. És o meu maior compromisso para com a vida e, se algum dia te faltar algo que dependa de mim, não me irei perdoar. Luto diariamente pelo teu bem-estar interior, pelo teu conforto, por um agradecimento teu, um sorriso teu, um orgasmo teu. Olho para ti e não vejo apenas uma mulher que quer estar bem, vejo uma mulher que quer estar sempre melhor. Que quer sempre mais da vida, dela própria e de mim. E essa é uma das razões que me fazem superar dia após dia. Quero, quase obsessivamente, satisfazer-te o corpo e a alma como jamais alguém o poderá fazer. Quero preencher-te os pensamentos e o coração com memórias incríveis e momentos inesquecíveis. Podes até ir embora um dia, mas nunca será por falta de empenho, dedicação e amor da minha parte, pois terei cumprido a missão de me entregar por inteiro a ti. E é saber que faço tudo isto que me deixa tranquilo e em paz com o destino. Tenho a profunda convicção de que se me trocasses por qualquer outro homem sairias a perder. Não me considero perfeito, nem sequer perto disso, mas faço-te sentir perfeita, e sem dúvida que esse é o caminho mais nobre para a perfeição. Esforço-me todos os dias para merecer um elogio ou um agradecimento teus, mas nunca por eu te ter ajudado no que quer que seja. Se me agradeces por eu te ajudar a fazer o jantar, a cama ou a carregar um simples saco de compras,

fazes-me sentir como se eu te estivesse a fazer algum favor. Mas se eu te estou a fazer algum favor, então tu também me estás a fazer a mim. Estaria a fazer-te um favor se fosse algo que tivesse de ser feito por ti e eu te ajudasse, mas em nossa casa não há tarefas de um nem do outro, há tarefas dos dois. Seja na nossa casa como nesta vida que nos une. Todo e qualquer apoio que eu te dê não é um favor, é uma obrigação. Mas daquelas que cumprio com o maior gosto do mundo e não com uma cara de enfado. Somos uma equipa. Aqui ninguém é mais do que ninguém. Cada um de nós é exatamente metade desta relação. Eu quero merecer os teus agradecimentos, não por te ajudar, mas por ser fiel aos meus princípios e compromissos de te fazer sentir a mulher mais feliz do mundo. Não precisas de nenhum homem para isso, mas felicidade partilhada é felicidade multiplicada e eu quero continuar a ser o felizardo que mais vezes vê o teu sorriso e que mais de perto vê o teu sucesso. Por cada vez que te vejo entrar em casa ou que chego em casa e te encontro lá, descubro uma forma diferente de alegria e paz. Gosto do bem que me fazes porque gosto da forma como me fazes bem. E às vezes basta só vires para a minha beira, para o meu colo, onde sempre te espero, para me fazeres sentir assim. Saber que é nos meus braços que encontras o conforto e a segurança de que precisas é motivo suficiente para ter a certeza de que também é nos teus braços o lugar onde pertenço. Muito do que melhor existe em mim devo-o a ti, porque eu também sou feito de ti, porque me faço e refaço à tua medida. Acredita que um dos meus maiores medos é desiludir-te. Falhar, de alguma forma, contigo. E falhar é não superar sempre as tuas expectativas. Talvez seja exagero da minha parte, mas se a paixão não for exagerada... o que será, então? Deixa-me exagerar e exagera comigo. Ultrapassemos os limites, galguemos as leis do admissível e ignoremos os pecados. Faz tudo isto

comigo e eu prometo-te que estarei aqui para te proteger,
ilibrar e perdoar.

Não é preciso momentos certos, é preciso vontade

Beija, sem motivo, a pessoa que amas, abraça e elogia, sem motivo, a pessoa que amas. Dá-lhe um presente sem motivo nem data especial. Será que precisas de momentos e de dias certos para expressares o teu amor? Que se lixem os motivos e os dias especiais. Inventa tu um motivo, torna tu um dia qualquer especial. Está perfeitamente ao teu alcance. Pratica a imprevisibilidade. Surpreende. Usa a imaginação. Esquece o motivo, não precisas disso para nada, até porque tens o maior de todos, sentes amor. Então agora só tens de o mostrar. E porque não hoje? Um dia aleatório da semana. Parece-me o dia perfeito. Para quê esperar pelo aniversário dela? Nesse dia já toda a gente se lembra de que ela existe. Para quê esperar pelo dia de aniversário de namoro ou de casamento, ou pelo Dia dos Namorados, ou pelo Natal? Sabes bem que o amor não tem fins de semana, não tira folgas ou férias, nem tão-pouco tem horário nobre. Se todos os dias são iguais para o amor, então porque hás de tu celebrá-lo mais no dia 14 de fevereiro do que no dia 20 de setembro ou 5 de junho? Deixa lá as modas e os dias marcados no calendário. Cria tu a tua marca. Sê diferente. Sê original. Sê especial e, nunca te esqueças, faz essa pessoa sentir-se especial já que o é também para ti. Não são necessários grandes feitos, efeitos ou enfeites para mostrar o amor que se sente, basta ser-se sincero e genuíno. Sabe tão bem um beijo sem contar de quem se ama, um simples *amo-te* numa SMS a meio do dia, ou mesmo aquela frase mais obscena sussurrada ao ouvido. E se, depois de surpreenderes a pessoa que amas dessa maneira, ela te perguntar porquê... responde apenas *porque sim*. E podes acreditar que essa surpresa, essa

manifestação de amor, estará mais do que justificada. Deixá-la-ás, muito certamente, a pensar, mas com toda a certeza também a sorrir. Tu ganhaste, ela ganhou e o mundo ganhou. E o que te custou? Nada, rigorosamente nada. É tão simples melhorares o dia de alguém. Coloca a preguiça e a vergonha de lado e com bondade e atrevimento faz o que te ocorrer naquele momento. Não te limites a sentir amor e muito menos a ser amado. É preciso dar e mostrar amor ou, por outras palavras, mas com igual significado, é preciso amar. E amar é muito mais do que sentir amor. Por isso é que os preguiçosos e egoístas são capazes de sentir amor, mas não de amar. Precisamente porque isso exige muito altruísmo e esforço. Um beijo, um abraço e um elogio são as formas mais simples e mais sinceras de transmitir este sentimento tão nobre que alguém teve a capacidade de despertar em ti. Vá lá, diz-lhe o que sentes e o que sonhas ser e fazer ao lado dessa pessoa. Diz-lhe o quão importante é para ti a sua existência na tua vida e a sua presença ao teu lado. Tu partes do princípio de que ela já sabe que gostas muito dela e que é muito importante, mas agora imagina que, afinal, ao contrário de ti, ela não tem assim tantas certezas? Assim já não parece tão desnecessário mostrares o que sentes e queres. Não te desleixes nem te distraias com a pessoa que amas. Hoje ama-te a ti, e amanhã? Achas mesmo que se não alimentares esse sentimento ele vai continuar intacto? Lembra-te, todos os dias, de que um amor diário é um amor eterno. Não procures e muito menos estejas à espera de motivos, desculpas e dias certos. Porque o maior motivo é o amor que sentes, a maior desculpa é *porque te apetece* e o único dia certo... já sabes qual é.

Sou mulher, logo não sei o que significa mais ou menos

Dizem que diários é coisa de adolescente, já passei essa fase há algum tempo, mas continuo a precisar do meu. Chamem-me infantil, que eu irei responder apenas que não tenho ninguém que me compreende melhor do que uma folha em branco. Ou, quem sabe, porque as pessoas me provaram, infelizmente, que o papel e uma caneta são os meus melhores amigos, porque não me julgam nem falam da minha vida quando não quero. Enfim. Acabou. Sim, acabou, mais uma de muitas vezes, mas com a particularidade de esta ser a última. Ele decidiu seguir a sua vida por um caminho diferente do meu. Decidiu pôr um ponto final numa história que, na verdade, já tinha acabado muitas linhas antes. Decidiu ser ele a dizer, por nós, as palavras que o meu amor não me deixava dizer, não dá mais. Este é o fim final depois de outros fins que não passaram de pausas ou intervalos. Este é o fim que agora me esmaga o coração, que me aperta o estômago, que me rouba o apetite e que me desfaz em lágrimas. Ele tem o que quer, liberdade, eu perdi o que queria, um sonho. Raios! Sou mulher, é claro que queria viver com ele para sempre, é claro que pensei numa vida ao lado dele, é claro que o imaginei a jogar à bola com os nossos filhos. Raios! Sou mulher, vivo tudo a dobrar, vivo um futuro sonhado, um presente sentido à flor da pele e ainda aturo um passado por esquecer. Raios! Sou mulher, ou é tudo ou não é nada, ou é para sempre ou nunca devia ter sido. Fiz tudo por ele, achava eu que o fazia por nós, que o fazia por mim. Entreguei-me completamente porque para entregar metade... então não entregava nada. E fi-lo porquê? Porque estava parva? Não, porque estava apaixonada, ou será a

mesma coisa? Perguntar-me tudo isto, agora que tanto faz, dói-me ainda mais, por ser inútil, por ser tarde. *Nunca mais*, são estas as palavras que a vida me obriga agora a decorar e a repetir constantemente na minha cabeça. Sim, nunca mais, é esta a verdade que eu não quero aceitar, mas tenho. Nunca mais um abraço, um beijo, um carinho, nunca mais um *amo-te* no final de uma SMS, que por mais ridícula que fosse fazia-me sempre sorrir. Raios! Sou mulher, dou valor a estas pequenas coisas, dou valor a uma flor que ele roubou do jardim da vizinha para me dar, dou valor a um poema que me escreveu num guardanapo no final de um jantar, dou valor porque, por mais pequenas que sejam estas coisas, isto é amar. E agora? O que faço a tudo isto? Para onde vão os dias que passámos juntos? Para onde vão as lembranças e tudo o que sentimos um pelo outro? Para onde vão os desejos e os sonhos que tivemos juntos? E para onde vão as experiências e gestos que trocámos? Não vão para lado nenhum, ficam aqui, e que bem que ficam aqui. Posso ter de esquecer o amor que sinto por ele, mas nunca aquilo que vivemos. Hoje choro porque ainda o amo, mas amanhã sorrio porque vivi. Não foram anos perdidos, foram anos vividos. Tenho de aceitar, este é o meu primeiro passo, enquanto não o fizer vou continuar nesta lama, presa, sem conseguir avançar nem recuar e vou afundando... não posso. Tenho de meter na cabeça que não posso voltar para quem não me espera nem chorar o fim do que já não era. Errámos, os dois, falhámos, os dois, não o posso culpar por não poder viver este sonho ao lado dele, nem tão-pouco posso odiá-lo por isso. Não posso, mas odeio, sem querer, ele que me perdoe, mas odeio-o profundamente, ou talvez seja só uma forma de disfarçar esta dor. Mas também, tenho de ser sincera, se de facto o odeio, então ninguém o odeia com tanto amor como eu. Raios! Sou assim, sou mulher.

Obrigado por existires e não desistires de mim

Gosto quando te preocupas comigo e tomas conta de mim. Quando me perguntas se correu bem o dia, quando me ajeitas o cabelo ou a roupa quando está desarranjada. São todos estes pequenos gestos que tu fazes genuinamente e quase sem te aperceberes que me mostram o grande coração que tu tens e a grande sorte que eu tenho em ter-te. Perdoa-me as muitas vezes em que me esqueço que sou um felizardo por fazeres parte da minha vida. Em que não me lembro de que, ao te ter comigo, então nada me falta. Perdoa-me as vezes em que te peço mais quando me deste o melhor que podias dar e as vezes em que te culpo por atrapalhares quando tudo o que querias era ajudar. Há muito que fazes por mim que eu nem chego a conhecer, precisamente porque tu não procuras reconhecimento. Fazes por gosto, fazes porque és assim e não porque queres parecer assim. Se tudo corre bem no palco da nossa relação é porque tu fazes um trabalho incrível nos bastidores. Eu precisava de mais duas ou três vidas para te recompensar todo o esforço que fazes por nós. Amas-me quando eu não mereço, quando não estou ou mesmo quando me odeias. E é por me amares em todos esses momentos que eu sei que me amas de verdade. E é nesses momentos, em que é mais difícil tu me amares, que eu mais preciso do teu amor. E é por eu te amar e por tu me fazeres amar-te cada dia mais com toda a tua dedicação que eu estou aqui. Onde havia eu de estar senão ao lado de quem faz tudo para eu ficar? Quem havia eu de amar senão a pessoa que me ensinou a amar? Obrigado por existires e não desistires de mim. Obrigado por seres quem eu quero e preciso e não apenas quem eu quero. Obrigado por todas as

vezes que ignoraste os meus defeitos e abdicaste dos teus gostos a pensar em mim e em nós. Eu tenho noção de tudo isto, e se em algum momento, por algum motivo, eu me recusar a admiti-lo, nunca acredites nisso, pois eu sei-o bem. Sei que te devo muito, embora me exijas quase nada, e por isso te peço paciência, compreensão e tempo. Talvez te esteja a pedir demasiado, mas é apenas porque eu não quero nem posso perder-te, apesar de todas as minhas incapacidades de te mostrar da melhor maneira o quão importante és para mim. Nunca duvides que eu sorrio por dentro sempre que olho para ti. Que me derreto sempre que te ouço falar com esse teu jeito meigo e me apaixono novamente por ti em cada abraço que te dou. Seria incapaz de ser quem sou se tu não fosses quem és comigo. És o meu maior incentivo para melhorar diariamente e quem sabe um dia eu consiga ser tão bom e puro como tu. Não me canso de agradecer à vida a gentileza que teve de me fazer cruzar contigo e ainda hoje me espanta a capacidade que eu tive de te fazer apaixonar. Posso não conseguir mais nada no tempo que me resta no mundo, mas há uma conquista que já ninguém me tira, o teu coração. E posso até perdê-lo por culpa da minha ignorância e estupidez, ou pode até alguém habilidoso mo roubar, mas, pelo facto de um dia o ter tido, já valeu a pena ter vivido. Se hoje eu conheço a felicidade, foi porque tu ma apresentaste. Se hoje sei o que é sorrir, foi porque tu me ensinaste. Culpa desses teus pequenos gestos de amor quase invisíveis. Dessa maneira de ser humilde, sincera e carinhosa. Culpa dessa paciência quase infinita posta à prova diariamente por mim. Eu sei que consigo, por vezes, ser insuportável, mas sei que tu sabes que não o faço por mal. E também sei que tu sabes que não és muito diferente de mim e que me obrigas muitas vezes a ser igualmente paciente. E é por tudo isto, por sabermos como cada um de nós é e por sabermos valorizar

mais as intenções do que as ações, que hoje, ainda hoje,
depois de tudo o que de mau e de muito mau passámos,
ainda estamos juntos.

Quem não conta não entra nas contas

Desconfio que tens alguém na tua vida que só te procura quando está triste ou carente, que só te trata bem quando quer algo em troca, e que te exige tudo, mas não te dá nada. Por outras palavras, desconfio que tens alguém a mais na tua vida. Já paraste para contar as pessoas que estão a mais na tua vida? Serão muitas, certamente. Pessoas que não te fazem falta, que não te acrescentam nada e que ocupam um lugar que não merecem na tua vida. Porque tu assim escolhes. Sim, tu. Estás à espera de quê para começares a filtrar, selecionar, cortar, eliminar e deixares ficar apenas quem consegue, pode e merece ficar? Pensa bem, durante quantos dias deixaste de ser feliz por causa desta ou daquela pessoa? Quantas noites de sono tranquilo elas já te tiraram? Quantos sorrisos já te roubaram? Quantas lágrimas te custaram? Será que aquilo que te prende a elas justifica tudo isso? Vale todo esse sacrifício, dor e incerteza? Pensa em ti, já que essas pessoas não o fazem, e escolhe, porque não, ser feliz... longe delas. Quantas vezes te culpaste por teres confiado, aproximado e apegado a alguém que se revelou um fracasso? Certamente essa pessoa disse-te muitas vezes, sem te aperceberes, *não sei, talvez, pode ser, se calhar, um dia, mais ou menos, quem sabe*. Era uma pessoa que não sabia o que queria, apenas sabia que não queria ficar na tua vida. Pelo menos muito tempo. Era efémera, sempre fora, e obrigaste-a, sem querer, a ser mais do que isso porque não soubeste excluí-la da tua lista. No entanto, quem não quer estar não faz falta, e quem não faz falta tem de sair do comboio da tua vida. Repara que, quanto mais o carregares com tralha que pouco importa e gente que não interessa, mais devagar ele anda e mais penosa é a viagem. Quanto mais pessoas que não

queres tiveres ao teu lado, menos tempo serás também a pessoa que queres ser. Por isso te pergunto quanto tempo mais vais ser quem tu não és, não queres ser e não sabes ser, só porque alguém que está perto de ti e que tu fazes questão que continue a estar quer que tu sejas? Quanto tempo do teu dia és realmente tu? Quanto da tua vida és tu que controlas? Tens a certeza de que és tu que conduzes esse teu comboio? Repara que o problema não está nos outros por mais outros que tenhas perto de ti a mexer cordelinhos. Está em ti. Assim como a solução também não está nos outros, mas em ti. Não são eles que mais te enganam, és tu. Porque sabes que não vale a pena, mas não tomas nenhuma decisão. Porque sabes que não te fará falta, mas mesmo assim deixas ficar. Isto é como arrumar a casa. Nós gostávamos de deitar tudo fora porque de facto já não usamos, já não nos serve, mas vamos deixando ficar e ficar até que a nossa casa se torna um monte de entulho. E de quem é a culpa? Nossa, pois. Enquanto não afastares ou te afastares das pessoas que estão a mais na tua vida, não vais conseguir *ouvi-la* em condições. Exatamente porque essas pessoas fazem demasiado *ruído*. Tiram-te paz, sossego e concentração, que são essenciais para tomares decisões importantes. Quando alguém que não conta entra nas tuas contas, o resultado só pode dar errado. Alguém que só te procura quando precisa de ti, não pode contar. Não podes deixar que conte. Tal como não pode contar alguém que não sabe se te quer, alguém que não se lembre de ti ou se preocupe contigo, ou alguém que só exalta os teus defeitos e nada diz dos teus perfeitos. Não podem contar, mas também não tens de fazer uma revolução e mandar foder de uma vez toda essa gente. Podes sempre ir-te afastando, aos poucos. E quando te aperceberes de que essas pessoas não irão atrás de ti, que não te irão procurar, verás, por fim, a falta que não te fazem.

És tão feliz e não sabes

Tinha em mim uma constante e malvada insatisfação como se o saco da minha vontade tivesse um grande rasgão no fundo impedindo-o de se encher. Nunca estava bem com o que tinha porque queria sempre mais enquanto mais houvesse. Queixava-me de tudo e mais alguma coisa. Se mil doenças pudesse ter, eu acreditava que as tinha. Se mil pessoas pudesse culpar por eu as ter, eu culpava. Sentia-me a pessoa mais fraca e frágil do mundo. E sentia que a minha vida era a mais injusta do mundo. Mas depois via o velhote que mijava para um saco enquanto apanhava sol no terraço da casa da filha que não estava. Depois via a mulher que tinha perdido o emprego e chorava no banco de jardim. Depois via o homem já sem cabelo que contava pelos dedos os dias que tinha de vida. Depois via o miúdo a jogar à bola, descalço, com a mesma roupa toda a semana. E depois comecei a olhar para mim, enquanto me olhava ao espelho, e pensei, *porra! És tão feliz e não sabes*. Na verdade, eu sabia, apenas não me lembrava. Ou não me esforçava para me lembrar. E no entretanto ia culpando a vida por tudo o que de mal me acontecia, chorando feito viúvo da sorte, na esperança de que ela tivesse pena e piedade de mim. Estava a ser injusto com ela, pois claro que estava. Precisamente porque exigia dela muito mais do que aquilo que lhe dava. A vida faz questão, muitas vezes, de nos mostrar que não estamos assim tão mal ao apresentar-nos alguém que está pior. O objetivo dela não é fazer-nos sentir melhor com isso, mas lembrar-nos de que, antes de a culpar pelo que ainda não temos, devemos agradecer-lhe pelo que já nos deu. Por pouco que isso seja. Pois ela é perita a provar-nos que há sempre possibilidade de ficar pior. Muito por culpa da sua fraca mania de nos calcar depois de

cairmos, isto se não tivermos a destreza para nos desviarmos ou a força para nos levantarmos. Por estas razões comecei a obrigar-me mais vezes a fazer um pequeno exercício de imaginação. E se eu fosse o velho que mijava para um saco ou o miúdo que jogava à bola descalço? E se eu nem sequer tivesse o pouco que eu considerava ser o que tinha? O que é que é pouco, afinal? A relatividade é tramada e teima em roubar o consenso da resposta. Tudo o que sei é que este *pouco* é o insuficiente de algo para alguém. Mas este mesmo *pouco* é o tudo que esse mesmo alguém tem. Um *tudo* que de alguma forma foi conquistado e, se não o quiser perder, terá de saber valorizá-lo. O que passa por, de vez em quando, sair da sua pele e ver com os olhos do outro. Fazer as simples perguntas, *e se fosse eu? E se fosse comigo?* Refletir sobre isto fez-me começar a agradecer mais e a reclamar menos. *Obrigado* é, sem dúvida, uma palavra muito simples, bonita e humilde para se dizer. Principalmente à vida. E fazê-lo mais vezes melhora muito a nossa relação com ela. Uma relação com mais abraços apertados e menos dedos apontados. Desde então percebi que há sempre, ainda que bem escondido, um motivo para sorrir. Por isso comecei a sorrir porque achava que merecia, ou que alguém merecia, ou simplesmente porque me apetecia. Não será isto mais do que suficiente? A verdade é que estou inundado de motivos para o fazer. Basta lembrar-me que as minhas pernas funcionam ou que não respiro por um tubo. Estamos, erradamente, sempre à espera que nos deem um bom motivo para sorrir, como, por exemplo, quando nos fazem um elogio. E, no entanto, o nosso sorriso é o maior elogio que podemos fazer a nós mesmos.

Quem ama e se ama tolera, mas não espera

Grande parte da paz que procuras reside na tolerância que não tens. A exigência traz stresse que por sua vez afasta a paz. Talvez sejas demasiado exigente contigo e com quem te rodeia. Zangas-te à mais pequena falha. Ainda que muitas vezes não o expresses, isso fica-te a remoer por dentro. Vem-te constantemente à memória que estiveste menos bem ali ou que aquela pessoa podia ter feito melhor acolá. A intolerância, que anda de mãos dadas com a exigência e o perfeccionismo, estreita os teus horizontes e reduz a margem para seres feliz. Uma felicidade que viria da paz que não consegues ter. É preciso ser-se tolerante. É essencial perceber que o erro existe e acontece. É importante entender que nem sempre é possível, que nem toda a gente pensa como nós e que há desilusões que são mais boas do que más. Praticar a tolerância é aceitar a imperfeição e treinar a compreensão. Antes de levantar a voz, apontar o dedo e dar opinião, é preciso parar, pensar e tentar perceber o porquê de as coisas ou de as pessoas serem como são. Quando alguém, do nosso ponto de vista, erra, temos de saber se essa pessoa o fez por maldade, incapacidade ou ignorância. Que, parecendo que não, muda a história toda. Imaginemos que o condutor de um automóvel atropela um peão. Se o condutor interpretou mal um sinal de trânsito e isso deu origem ao acidente, podemos interpretar como ignorância. Se o condutor não teve destreza suficiente para travar a tempo ou desviar-se do peão, podemos interpretar como incapacidade. Se o condutor atropelou o peão intencionalmente, podemos interpretar como maldade. São três histórias distintas. Antes de julgar e culpar a pessoa que, aparentemente, falhou, é

preciso fazer um exercício de reflexão. E é este exercício que nos tornará mais compreensivos e é esta compreensão que nos dará a tranquilidade necessária para não sermos injustos com nós mesmos nem com ninguém. *OK, falhaste, mas para a próxima consegues melhor. OK, perdeste, mas era difícil ganhar. OK, estiveste mal, mas foi uma exceção.* Não é preciso castigar alguém para perceber que errou quando a consciência dessa pessoa já o faz. Seria até uma cobardia e aproveitamento da sua debilidade para nos fazermos maiores do que aquilo que somos. Não há maior castigo do que a culpa nem maior tortura do que o arrependimento. Ninguém, numa situação destas, precisa de alguém que lhe aponte o dedo. Precisa, isso sim, de alguém que lhe dê a mão. Uma mão que condena o erro, mas, acima de tudo, que ajuda a corrigi-lo. Por vezes o melhor que se pode fazer é deixar ser como é. O esforço contínuo para que tudo seja como achamos que tem de ser faz-nos perder mais do que aquilo que nos dá a ganhar. Perdemos constantemente a calma e o equilíbrio com discussões e chatices. Mas esquecemo-nos de que essas discussões e chatices representam batalhas que travamos para atingir um objetivo. Qual? Precisamente recuperar a calma e o equilíbrio. Ou seja, e curiosamente, perdemos algo para o podermos voltar a recuperar. A plenitude que tanto ambicionamos nunca será alcançada com guerras. Quando insultamos alguém porque nos insultou, não estamos a anular esse mal, estamos a alimentá-lo, a incendiá-lo ainda mais. Muitas vezes basta apenas pensar, para nós mesmos, *esta pessoa é ignorante, não tem noção das coisas e por isso é assim, e por isso fez isto, e por isso devo perdoá-la.* A ignorância merece perdão porque não é uma opção. Ninguém é ignorante porque quer, porventura é o resultado de muitas outras escolhas intencionais, mas não é diretamente uma opção. Sejam tolerantes com os

ignorantes. Mesmo quando os ignorantes somos nós. Tolerar não é desimportar ou desinteressar, é somente compreender que temos limites, temos dificuldades, mas temos também a obrigação de melhorar.

Luta contra ti para não perderes o melhor de ti

Homem, eu sei que és muito preguiçoso, desleixado, e os romantismos não são *a tua cena*, mas, meu amigo, *habemus* pena, vais ter de mudar. Isto é, claro, se não quiseses ser assolado pelo arrependimento de teres perdido a mulher da tua vida por culpa própria. Ou, então, se não quiseses ser o maior responsável pela infelicidade de uma pessoa que depositou em ti grande parte da responsabilidade de fazer a sua vida valer a pena. Olha bem para a mulher que tens ao teu lado. Apesar de namorares com ela há três anos, ela ainda vai gostar de receber uma mensagem bonita de boa-noite da tua parte. Apesar de viveres com essa mulher há dez anos, ela ainda vai gostar que a primeira coisa que faças todas as manhãs seja dar-lhe um beijo e dizer-lhe bom dia. Apesar de estares casado com ela há vinte anos, ela ainda vai gostar que a leves a jantar fora nas datas especiais. Apesar de estares casado com ela há quarenta anos, ela ainda assim vai gostar que lhe digas ao ouvido que a amas como se fosse a primeira vez que lhe disseses tal coisa. Porque, apesar da idade e de todos os anos que estão juntos, ela ainda é mulher. Ainda sente. Ainda se importa. Ainda valoriza as pequenas coisas. E ainda te ama como se fosse uma adolescente. Olha para ela. Repara nos sinais dela. Talvez penses que sejam filmes da sua cabeça, feitos, ilusões e exigências tolas de quem quer demasiado. Mas estás enganado. Ela não quer demasiado. Nunca quis. Ela apenas quer tudo. E tudo não é demasiado. Tudo é o mínimo que ela merece. Porque tudo é o que ela te dá também. Pensa, há quanto tempo não a vês sorrir? E mais, há quanto tempo não a fazes sorrir? E, acredites ou não, não é nada difícil. Aliás, se tu és a pessoa

que ela ama, então fazê-la sorrir é a tarefa mais fácil da tua vida, mas, como é óbvio, tens de te esforçar minimamente. E basta uma palavra mais carinhosa, um beijo mais demorado, um pequeno gesto, uma lembrança, e de certeza que ela vai reparar. E, mesmo que a cabeça não perceba, o coração vai entender. Vais ver que ficará mais bem-disposta e predisposta, saindo os dois a ganhar. A mulher é mesmo assim, não precisa de muito, mas o pouco que seja tem de a preencher. Apesar de ser muito independente e senhora do seu nariz na vida, nos sentimentos a história é outra. Porquê? Porque ela tem a correta, mas sempre arriscada, mania de se entregar por completo à pessoa que ama. E isso fá-la viver quase exclusivamente para essa pessoa, dedicar-se a ela e consequentemente depender muito dela para se sentir bem. Se a tem, tem tudo, se não a tem, não tem nada. Não, não tens culpa disso, mas também não tens outro remédio. A mulher é assim e ponto, até porque ela não foi feita para ser entendida. O facto de ela parecer que vive só para ti dá-te a ilusão de que está garantida e comesças a acreditar que, faças o que fizeres, ela já não se vai embora. Com isso vem o teu desleixo e descuido, sempre alimentados pela vil preguiça que te é tão natural. Mas, meu amigo, é isso mesmo, uma ilusão. Ela vai resistir até à última, vai dar-te sinais e mais sinais. Depois de perceber que eles não resultam, porque tu além de preguiçoso és distraído, vai mesmo dizer-te o que está mal e o que não gosta, tornando-se até repetitiva e maçante. E, por fim, perante a tua inércia e relutância, vai tomar a decisão irreversível, repara bem nesta palavra com tonalidade feminina, de se ir embora. E tu não vais gostar, vais chorar e o arrependimento vai dar cabo de ti, mas será tarde de mais. Por isso, agora, enquanto é tempo, enquanto ainda há tempo, abre os olhos, abre os braços e abraça a mulher da tua vida.

Até pode doer, mas se der prazer...

Atira-te aos lobos. Vai doer, e vai, então que se lixe, atira-te aos lobos. Haverá sempre um momento em que terás de o fazer, porque o incerto e o inseguro serão demasiado tentadores. Porque o arriscado e o perigoso serão demasiado sedutores. Então se é para ser que seja agora. Não faças disso a tua vida, mas faz isso pela tua vida. Há coisas que têm de ser feitas. Há erros que têm de ser cometidos. Há experiências que têm de ser vividas. O mais provável é ser efémero, mas também o mais provável é ser intenso. E o que é que queres para o teu futuro? Dias *mais ou menos, assim-assim, vai-se andando*? Sim, esses dias são necessários. Dias em que a paz e a tranquilidade imperam e em que o certo e o seguro dão-te o conforto de que tanto precisas. No entanto, se deixares que todos os dias sejam mais um dia, vais acabar por homogeneizar o calendário da tua vida. Imagina uma árvore completamente verde, desde as folhas até à raiz. Um verde exatamente igual. A cor principal dessa árvore é o verde, e ela é muito bonita, mas se toda a árvore fosse da mesma cor seria feia, chata e enfadonha. O mesmo acontece com a vida. Tu sabes bem onde estão os lobos e tu queres ir para o meio deles, só te falta mesmo um empurrão de coragem. Um impulso que *o que deve ser* e *o que não pode ser* estão a impedir de acontecer. Mas, afinal, quem é que manda nas tuas vontades e faz as tuas escolhas? Os outros? As situações? O tempo? Não percebes que tu és quem mais manda na tua vida? Se um dia, quando as rugas se apoderarem do teu corpo, olhares para todo o teu percurso e não conseguires encher uma mão com momentos verdadeiramente marcantes, não culpes nada nem ninguém além de ti. Porque nada nem ninguém terá mais culpa do que tu. Se dia

após dia, ocasião atrás de ocasião, insistes em dizer que não, em recusar constantemente que a vida entre em ti, como podes acusá-la do que quer que seja? A vida só se preocupa em andar para a frente cheia de pressa e és tu quem tem de acompanhar o ritmo. As pessoas queixam-se das muitas oportunidades fora de tempo que ela dá porque querem que seja a vida a escolher o momento certo para elas acontecerem. No entanto, ela está-se a marimbar para isso. Ela dá as oportunidades quando bem lhe apetece e quem quer, agarra, quem não quer, azar. Acabou-se. E por mais culpas que atires contra ela, vêm todas ter contigo novamente. Não te direi nunca para não honrares os teus compromissos e princípios, pois isso será sempre aquilo que te define, é essa a tua personalidade. Mas até que ponto isso te impede de fazeres o que gostas? É esta a pergunta que tens de te fazer. Até que ponto seres quem deves ser te impede de fazeres o que queres fazer? Assusta-te, para não dizer que te apavora, a ideia de *borrar a pintura* do quadro que é a tua vida. Seja por teres dado uma pincelada fora do comum ou por teres escolhido uma cor demasiado arrojada ou deslocada. No entanto, quando o quadro estiver concluído e olhares para ele, diz-me, quais serão os pormenores em que irás reparar de imediato? Por acaso sabias que, quantas mais oportunidades de viver tiveres a ousadia de agarrar, mais oportunidades a vida te dá? Pois é, ela adora pessoas que a sintam e lhe deem uso, recompensando-as depois com mais umas fichas para andarem no seu carrossel. As outras pessoas, as que se metem na toca com medo do mundo, as que nem se levantam com medo de cair, são as que estão do lado de fora do carrossel a vê-lo rodopiar carregado de gente corajosa.

Fica comigo, temos um para sempre para conquistar

Quero ficar contigo. É tudo o que sei. É tudo o que o meu desejo me deixa saber. Quero que sejas a minha mulher, a minha amiga, companheira e amante. Quero que sejas a parte de mim que em mim não encontro. E és tu. Só podes ser tu. Diz-me o coração, nas muitas conversas que tenho em silêncio com ele, que era por ti que ele esperava. Diz-me ele, apaixonado, que só te quer a ti. E para sempre. Eu bem lhe disse que para sempre é muito tempo, mas ele não quer saber. Já não me dá ouvidos. Às vezes dou com ele a cantar músicas com o teu nome, vê lá tu. É ridículo, eu sei, mas já não tenho mão nele. Não me interessa a posição em que está a minha vida, não me preocupa aquilo que tenho de abdicar para ficarmos juntos, e muito menos terei em conta aquilo que vão falar ou pensar a meu respeito. Sinto que está na hora de me permitir a mim mesmo viver uma paixão como esta, de arriscar e dar uma nova oportunidade à felicidade. Quero viver. Quero viver contigo e que vivas comigo tudo o que nunca nos passou pela cabeça. Quero ajudar-te a fazeres de ti a mulher que sempre quiseste ser e eu quero ser, ao teu lado, o homem que sempre sonhei. É agora o momento. Tenho a certeza. E, se o mundo não quiser acompanhar-nos, então que se sente a assistir ao sucesso das nossas escolhas em função dos nossos sentimentos. Não penses que a paixão ou qualquer tipo de coragem ou loucura que me possui são responsáveis por esta decisão. Tudo isso é apenas mais um motivo que me faz acreditar que chegou a hora de largar o meu passado, que não mais me faz feliz, e entregar-me a este novo começo, como se fosse a minha última oportunidade de voltar a amar por inteiro. É bastante sóbria a decisão que

agora tomo. Não é fruto de um momento de maior carência ou de um relâmpago de consciência que aleatoriamente me atingiu. É o resultado da fusão entre o coração, a razão e a noção. Não tenho mais o medo de errar. Não me assusta mais a possibilidade de me arrepender por não ter feito a melhor escolha porque percebi que foram todos esses receios os responsáveis pela vida morna que tive até agora. Não é justo continuar a abafar aquilo que sinto e não fazer disso um feito maior como tão merece o que despertaste em mim. Fazê-lo seria até um atentado à minha própria felicidade, e de tiros nos pés está a minha história cheia. Andei muitos anos, sem saber, a dizer *não* à vida, mas já abri os olhos. Demorei, mas aprendi. Quero ser teu. Há muito tempo que não me consumia uma certeza tão profunda como esta. E há ainda mais tempo que uma certeza como esta não era acompanhada de uma igual coragem. Só me apetece dizer-te, neste momento, *fica comigo*. Este é o pedido mais sincero e autêntico que eu te poderia fazer. Há, nesta simples frase de duas palavras, uma enorme declaração de amor e entrega que se fosse feita de outra forma nunca seria tão clara. Não há nada que te pudesse dizer agora, por mais bonito que fosse, que te transmitisse melhor aquilo que quero. Fica comigo e eu serei o teu homem. Aquele que ouve os teus desabafos e desaforos depois de um dia mau no trabalho. Aquele que te acompanha nas tuas mais loucas aventuras ou então apenas numa habitual ida ao supermercado. Aquele que olha para ti com um altruísmo sincero e te coloca em primeiro lugar na sua vida. Aquele que se apaixona por ti em cada amanhecer e não se deixa adormecer sem dizer que te ama. Não te estou a fazer nenhuma promessa, estou somente a descrever-me. Nem sequer sei ser de outra forma para a mulher que é dona do meu coração. Sinto que a vida nos pede um ao outro e nos segreda ao ouvido que

agora é a hora. Então, se ela quer e nós também, que seja feita a vontade dos três e acabemos de vez com toda esta demora.

Temos muitas qualidades disfarçadas de defeitos

Se há palavras que dariam um bom nome do meio para mim, uma delas é distração. Raios! Como sou distraído. Tudo o que eu pouso é como se deixasse de existir imediatamente. Nunca mais me lembro de que tenho aquilo enquanto não voltar a precisar daquilo. Basta lembrar-me de alguma coisa, virar as costas, aparecer alguém entretanto ou mudar de conversa e é como se fizesse *reset* ao disco na minha cabeça e começasse tudo de novo. Quase que eram necessárias umas correntes para me agarrarem a tudo o que não posso perder. E com toda a certeza que não é por falta de vontade de continuar a ter. A solução que encontrei para combater este mal que faz desaparecer as coisas da minha mente e depois fá-las efetivamente desaparecer porque alguém as viu primeiro do que eu, trazendo-me uma considerável despesa, foi deixar de pousar as coisas. Ou então pousá-las estrategicamente de forma a que não saiam do meu campo de visão. Além de todo o desembolso a que me obriga esta distração crónica, ainda me deixa ficar mal numa infinidade de situações. Como ando sempre concentrado no *meu mundo*, nos meus pensamentos, acabo por estar distraído do mundo dos outros. Por um lado, é fantástico porque a vida dos outros pouco me interessa, e certamente que eles até me agradecem, mas por outro lado, por exemplo, passo a imagem de antipático ao não cumprimentar algumas pessoas. Mas porque eu simplesmente não reparei nelas. Por vezes, até olho para elas e só mais tarde, quando já é demasiado tarde para demonstrar que as reconheci, é que me apercebo de quem elas eram. Outras vezes estou a ler um livro e dou por mim a pensar numa outra história ou a

lembrar-me de qualquer coisa sem contexto. E depois tenho de ler a página de novo e de novo porque a minha atenção adora tirar férias prolongadas. Sim, sou muito distraído, mas convenhamos que os distraídos são os mais verdadeiros, pois a falsidade exige muita concentração. Por isso, podem-me acusar de ser um cabeça no ar e, por consequência, até um desastrado, mas acusar um distraído como eu de falsidade é irracional. Se nós, os distraídos, tentássemos enganar alguém, nós é que acabaríamos enganados de tão inabilitados que somos em fazê-lo. Apesar das despesas e das más figuras a que nos obriga a distração, ela é sinónimo de coisas boas dentro de nós, como a verdade e a genuinidade. Sim, é efetivamente um defeito, ponto, mas é um mal consequente do bem. É importante fazer um pequeno exercício mental e perguntar a si próprio, *esta pessoa é assim, OK, mas porque é que é assim? Porque é que se tornou assim?* Não só em relação à distração e aselhice, mas também a muitas outras qualidades disfarçadas de defeitos ou camufladas por eles. Talvez não seja muito seguro pedir-nos para vigiar o cão enquanto o dono vai não sei onde buscar não sei o quê. Talvez não seja muito prudente pedir-nos para, às tantas horas, lembrarmos alguém que tem de fazer isto ou aquilo. Aliás, dizerem-nos *não te esqueças de* é meio caminho andado para de facto nos esquecermos de. No entanto, é muito seguro e prudente depositar numa pessoa assim a confiança de que será sempre verdadeira. Pois ainda que não queira ou se esforce para não ser, dificilmente não será.

Não é melhor nem pior, é diferente

Desde sempre ouvimos dizer que não há amor como o primeiro. E de facto é mesmo verdade, não há amor como o primeiro. Tal como é verdade que não há amor como o segundo, o terceiro e por aí em diante. Não é, com certeza, esta a mensagem que pretendem passar quando dizem isso, mas talvez devesse ser esta a mensagem apreendida. E não, ela não é assim tão evidente como parece. Até uma verdade tem diferentes verdades e nem por isso deixa de ser verdade. No entanto, e mais uma vez, deixamos que nos manipulem a mente com frases feitas e ditados bonitos, desperdiçando assim uma boa oportunidade de pensarmos por nós próprios. Quando nos dizem que não há amor como o primeiro, estão a dizer-nos, indiretamente, que não seremos capazes de amar mais ninguém como amámos aquela primeira pessoa que nos conquistou o coração. Estão a dizer-nos também que devemos aproveitar bem esse amor porque todos os que vierem depois *não serão a mesma coisa*. Como quem diz *serão mais fraquinhos*. Estão ainda a dizer-nos, com essa pequena frase à primeira vista inofensiva, que só temos uma oportunidade de amar verdadeiramente alguém. E que essa oportunidade é a primeira. Ou seja, se esse primeiro amor não der certo, acabou-se. Adeus amor inteiro, adeus felicidade plena. Contudo, a mensagem que deverias apreender era a de que os amores seguintes serão, obviamente, diferentes, mas isso não significa que sejam menos intensos. Ou que tu não serás capaz de te entregares a eles por completo. Quem acredita que não há amor como o primeiro, no sentido menos animador dessa afirmação, são as mesmas pessoas que não acreditam que é possível voltar a amar. Começaram a desacreditar nisso exatamente porque não o

conseguiram fazer. E por não terem sido capazes, decidiram fazer-te acreditar de que tu também não és capaz, convencendo-te de que só podes amar verdadeiramente alguém uma única vez na vida. É claro que é possível voltar a amar, desde que se façam as coisas como deve ser. Repara, voltar a amar é começar de novo, certo? E também é certo que nada se começa de novo se o que estiver para trás ainda não tiver acabado. Como a maioria das pessoas é demasiado impaciente, principalmente quando sofre, decide começar sem primeiro ter acabado e depois os acontecimentos atropelam-se uns aos outros, corre tudo mal e começam a acreditar que não é possível. É claro que é possível, desde que haja uma boa compreensão e aceitação de tudo o que correu menos bem ou que não correu como se havia sonhado. Só depois de ter as coisas bem resolvidas com o passado é que haverá condições para se começar de novo. Leva tempo, leva muito tempo, mas se é para se fazer é para se fazer bem feito. Além disso, eu acredito profundamente que por cada coração partido há alguém com muito jeito para *puzzles*. Alguém com vontade de devolver a esperança, repor o amor e desenhar sorrisos. A vida é má e injusta, mas não é assim tão má nem assim tão injusta ao ponto de nos dar apenas uma oportunidade de amarmos alguém e de sermos felizes. Por isso não feches o teu coração. Por mais teu que ele seja, de que te vale ele se for só teu? Deixa-o descansar, respirar e acalmar, mas não o feches. Devolve-o ao mundo como se de um pássaro se tratasse, porque também ele precisa de voar. Também ele precisa de acreditar que ainda consegue voar. As asas estarão um pouco enferrujadas e amedrontadas, mas se atirares o pássaro ele precisará urgentemente de bater as asas para não morrer na queda, e vais ver como ele ainda voa. Que ainda vive. Com o coração

é igual, atira-o a um novo amor e vais ver que ele ainda é capaz de amar e tu ainda capaz de viver.

Encontro em ti o melhor que sou

Vem cá. Põe o teu braço direito por cima do meu ombro esquerdo. Agora põe a tua mão esquerda por trás do meu pescoço. Puxa-me para ti. Encosta o meu rosto ao teu peito e com o teu braço direito aperta-me contra o teu corpo. Inclina a tua cabeça, pousa-a sobre a minha e deixa-te ficar assim por um bocado. Em silêncio. Em sintonia. Em união. Deixa-me alimentar do calor que vem de ti. Da paz e segurança que só o teu abraço me dá. Deixa-me ficar aqui, esquecida, longe do mundo, da vida e das preocupações. Faz-me desaparecer por momentos como se fosse magia. Não deixes que ninguém me veja. É tudo o que eu preciso neste momento. Embalar-me pelo batimento do teu coração e adormecer os medos embrulhada em ti. Sinto-me pequenina quando tenho os teus braços à minha volta e é tão bom não sentir este peso de viver. Não me deixes fugir do teu meio. Se me soltares eu caio. Se me largares só paro no chão. Decidi pôr a vida em *standby*, tirar a pilha ao relógio e ser somente tua. Permite-me fazer de ti o meu suporte. Prometo que não te ocupo muito tempo, prometo que não me demoro nesta missão de me reencontrar com a tua ajuda. Só quero um abraço teu. Saber que és mesmo de verdade e que eu não estou a sonhar. Encostar-me a ti e deixar-me chorar. Sem razão nenhuma. Só porque me apetece. Só porque alivia e esvazia a agonia disfarçada que me ocupa o peito. Desconfio trazer em mim dores camufladas por outras coisas quaisquer não tão assustadoras. Talvez porque eu mesma as pinte com cores alegres para fazer de conta que não existem. Mas estão lá. E hoje decidiram escalar-me por dentro até me jorrarem pelos olhos. Não digas nada. Adoro a tua voz, mas é o teu silêncio que eu procuro agora. Ele é sinónimo de

compreensão e redenção, e diz-me coisas que a tua boca não consegue. Não queria depender tanto de ti para estar bem ou para superar as minhas fraquezas e ultrapassar as minhas fases menos boas. Não era suposto, mas és sempre a primeira pessoa que eu procuro quando me apetece chorar ou viajar para outro mundo à boleia de um abraço. Desculpa se por vezes eu te sobrecarrego ou exijo demasiado. Louvo-te a paciência que tens comigo. Confesso que eu não sei se teria tanta se estivesse desse lado. Sei o quão difícil de amar eu sou e por isso tenho de te agradecer por cumprires tão bem essa missão. Por nunca me negares companhia e atenção. Por concordares comigo mesmo quando não tenho razão. O meu feitio é um bocado complicado. Eu tenho a perfeita noção disso. Sou mandona e resmungona, mas sabes que no fundo sou uma chorona que não consegue viver sem ti. Já te aponteí muitas vezes, irritada, o caminho da porta de saída, mas aí de ti que faças o que te mando quando estou nesse estado. E aí de ti que aceites ir embora algum dia a meu pedido sem sequer tentares ficar. Sabes perfeitamente que digo muitas coisas da boca para fora que deixam o meu coração furioso comigo, por isso é que preciso tanto da tua compreensão para não me arrepender depois. Mas hoje é um daqueles dias em que a mandona está de folga e a chorona veio substituí-la no serviço. Embora eu acredite que seja bem mais a segunda do que a primeira. Todos nós precisamos de uma capa para disfarçar os nossos pontos fracos e só contigo é que eu me sinto à vontade para a despir e ser eu mesma. Sensível, sentimental, vulnerável, envergonhada e apaixonada. Essa é a mulher que agora está encostada ao teu peito. Uma mulher que foi perdendo a ingenuidade, mas nunca deixou de sonhar. Que foi sofrendo devagar, mas nunca se esqueceu de sorrir. Obrigado por este abraço. Agora ergue a tua cabeça e com uma mão de cada lado do

meu rosto ergue a minha também. Aproxima a tua boca da minha testa e beija-a como só tu sabes. E é isto. És o meu melhor remédio. Sinto-me curada.

Enquanto deres corda, vão puxar a corda

Odiava o meu trabalho. Não fazia aquilo que gostava, mas também não desgostava daquilo que fazia. No entanto, o que me despertava esse sentimento tão negativo não era o trabalho em si, mas as pessoas que o partilhavam comigo. E as pessoas, mesmo que não nos sejam nada, têm um poder incrível sobre nós. A prova disso é que personalidades superfamosas se dão ao trabalho de responder à letra a abordagens menos carinhosas de pessoas desconhecidas, que não lhes são rigorosamente nada. E perguntamo-nos, *porquê?* Seria expectável e até compreensível que dada a sua dimensão e eventual importância não ligassem a desconhecidos. Contudo, desconhecidos ou não, são pessoas. E isso, parecendo que não, tem uma forte influência biológica sobre as pessoas. Por melhor que sejamos a fazer aquilo que fazemos, e saibamos disso, e por mais que gostemos de o fazer, as pessoas que nos rodeiam, muitas vezes pelo simples facto de existirem e estarem perto de nós, podem mudar completamente essa realidade. Afinal, o que é que tem mais peso? Gostar do que fazemos ou gostar das pessoas com quem o fazemos? Era uma pergunta que eu repetia constantemente na minha cabeça. Começou a ser um sacrifício gigantesco para mim o simples facto de acordar, porque sabia que iam ser oito horas de tortura a partir daquele momento. Acordar e saber que teria de levar com aquelas pessoas durante todo o dia chegava a dar-me vómitos e uma ansiedade desconcertante. O pior exemplo vinha de cima, de quem mais tinha a ganhar em ter um bom ambiente no local de trabalho e em ter os funcionários bem-dispostos para aumentar o empenho e consequentemente a produtividade, o patrão, precisamente. Não sabia ser um líder, era *apenas* um chefe. As feições

sempre carregadas de negatividade, passava a vida a dar ordens e a apontar defeitos. Se estivesse qualquer coisa mal, criticava, se estivesse muita coisa bem, não elogiava. Eu trabalhava constantemente sob medo e ameaças da parte dele sem, no entanto, reclamar, porque precisava muito daquele dinheiro e ele sabia bem disso. Desta forma estava a dar-lhe, sem querer, autorização para usar e abusar do seu poder. Como se não bastasse, ainda tinha uma colega de trabalho que fazia questão de me dificultar a vida e fazer-me acreditar que eu era má pessoa ao ser capaz de sentir tanto repúdio por um ser humano como ela. Dizia coisas que não correspondiam à verdade, passava enormes quantidades de graxa aos superiores e tinha a arrogante mania de que sabia mais do que os outros e tinha sempre razão. Eu deixava que tudo isto me afetasse profundamente, quase ao ponto de entrar em depressão e comigo levar as pessoas que ouviam os meus constantes desabafos, até que percebi que se continuasse a dar corda iam continuar a puxar. Já tinha demonstrado muitas fragilidades que haviam sido exploradas, mas não acreditava que era tarde de mais para mudar isso e impor limites. Comecei a fazer frente a essa colega quando achava correto, outras vezes a ignorá-la, outras vezes a denunciá-la e ainda outras vezes a rir-me na cara dela para perceber que o mal que me tinha enviado não tinha sido aceite no destino e por isso havia sido devolvido ao remetente. Em relação ao patrão, e já depois de ele ter ultrapassado os limites do respeito ao ofender-me direta e indiretamente, tive de o chamar à atenção e dizer-lhe que não ia continuar a tolerar aquele comportamento desrespeitoso. Foi mesmo necessário ameaçar que o denunciaria, mas foi remédio santo. Percebi que enquanto eu não tivesse amor e respeito por mim e pelo meu trabalho

nunca conseguiria ter o mesmo dos outros. O segredo é simples, não deixar abusar.

Há uma nova vida à distância de uma atitude tua

Nunca, repara bem nesta palavra, nunca vais saber se em vez de teres dito aquele *não* tivesses dito *sim* as coisas teriam sido melhores. Nunca vais saber se tivesses escolhido outro caminho ias estar melhor do que agora. Para de te martirizar com todos esses *ses* e aceita de uma vez tudo aquilo que já não podes alterar. Mas só isso. Se olhas para trás e não gostas do que vês, então começa hoje, hoje mesmo, a fazer alguma coisa por ti. Começa por crescer tudo o que deixaste de crescer por estares agarrado a todas essas hipóteses que nunca passaram disso. Deixa de acreditar à primeira em tudo o que te dizem. Por exemplo. Sempre que o fazes estarás a desperdiçar uma oportunidade de cresceres como pessoa. Tenta saber porquê, porquê isto e aquilo, porquê tudo e mais alguma coisa. Se não sabes nada... não és nada. Pensa por ti, não tens sempre de seguir os outros. Pinta o mundo à tua maneira, com as tuas cores. Sê. Sê um e não mais um. Não penses que somos todos únicos e especiais. Não somos. Só é especial quem dá uso ao que de especial tem em si. E isso todos temos. Por isso experimenta, descobre-te e sê. Sê o que mais ninguém é. Porque para ser o que os outros são já cá estão eles. Não te preocupes em ser mais, concentra-te em ser diferente. Único. Será sempre isso que vai ficar na memória de quem contigo se cruzar. Deixa também de usar as palavras para convenceres alguém de alguma coisa ou para provar alguma coisa a alguém. Usa as tuas atitudes. Usa-te como exemplo. E acredita que a natureza te dará aquilo que mereces. Seja isso bom ou mau. Pois as atitudes são e serão sempre as palavras mais sinceras do livro que é a tua vida. Não deixes nada por dizer nesse livro. Se gostas

de alguém, diz-lhe. Se queres tanto ver, rever ou conhecer alguém, procura essa pessoa. Arrisca. Tenta. Experimenta. Se correr mal, correu. Se não for como imaginavas, não foi. Se não quiser o mesmo, haverá quem queira. Esta é a melhor maneira de te veres livre de todos os ses que não gostas na tua história. É começares hoje uma mudança para que no futuro o teu passado seja claro, definido e bem preenchido. E não cheio de buracos do que não foi e atalhos do quase que era. Adota um estilo de vida saudável. Acrescenta à tua dieta pelo menos um elogio por dia a alguém que mereça. Um sorriso para cada pessoa que vires. Um cumprimento a cada pessoa que conheceres ou reconheceres. As mudanças são atitudes feitas de atitudes. Enquanto não tomares uma, nada acontecerá. Diz para ti mesmo, *é hoje*. E depois transforma essa simples, mas poderosa, frase num chorrilho de acontecimentos incríveis. Convince-te de uma vez que és a pessoa mais espetacular da tua vida. Além disso, és a pessoa que mais manda nela. E nem sequer coloques a hipótese da possibilidade de supor, porventura, que já não vais a tempo. Pois pensares que já não vais a tempo é o primeiro passo para chegares atrasado. Aliás, pensares que já não vais a tempo não pode ser uma desculpa para não ires, mas sim um motivo para te apressares. Não te contentes em ver histórias de sucesso apenas nos livros e em documentários na televisão. Contenta-te somente quando fores tu um caso de sucesso, quando fores tu o protagonista da tua história, quando fores tu a personagem principal do filme da tua vida. Pode ser a mais pequena conquista, e quase insignificante aos olhos de qualquer pessoa, mas tu saberás que só o conseguiste porque em algum momento decidiste tomar uma atitude que nunca havias tomado. Nesse momento fizeste o que nunca havias feito porque querias mudar para melhor. O que é motivo mais do que suficiente para te orgulhares. E

nunca te deixes assustar pela demora ou pela distância.
Porque longe não é o que te separa daquilo que queres,
longe é o que te separa daquilo que não tentas.

Lutar por ti sim, esperar por ti nunca

Diz-me um olá. Agarra no telemóvel, manda-me uma SMS a meio da noite e deixa-me acordar no dia seguinte com as tuas palavras. Olha que forma tão simples de me fazeres sorrir. Há quanto tempo deixámos de falar? No início ainda contava os dias, mas entretanto perdi-me nas contas. Sei apenas que foi há muito tempo. Demasiado para quem ainda te quer como eu. Gosto de acreditar que sentes a minha falta. Pelo menos de vez em quando. Eu sinto a tua. Profundamente. E uma falta profunda não é falta, é saudade. E é tão intensa que me sinto até envergonhado por a sentir. Não era suposto doer. Não era suposto estar a escrever-te daqui, falar-te daqui, gritar-te daqui coisas que nunca saberás que são para ti. Sou ridículo. Pois sou. Estás tu certamente feliz na tua vida, e provavelmente já nem pensas em mim, e eu aqui contigo na minha cabeça, e pior do que isso... no meu peito. A queimar-me como uma fogueira que teima em não se apagar. Vá lá, diz-me um olá. Sim, tu. Diz-me um olá e solta-me um sorriso. Poderás questionar-me, e *porque não dizes tu?* Não digo eu porque foste tu que escolheste outro caminho. Se foste tu a ir embora, deves ser tu a voltar. Quero-te muito, muito mesmo, mas quero-me ainda mais a mim. Ainda sei o meu valor, ainda tenho em mim o meu amor. Não vou atrás de quem não quis ficar, mas se for teu desejo regressar com vontade de continuar o que deixámos a meio, então eu vou receber-te de braços abertos. Gostava muito de não sentir vontade de o fazer. Era sinal de que tinha sido capaz de deixar no passado tudo o que não teve futuro. Quero-te muito, é verdade, mas o meu comboio não está parado à espera que regresse para seguir viagem. Pois segui o meu caminho no exato momento em que me abandonaste nele.

E não, não te culpo por isso. Fizeste o que achaste ser o melhor para ti. Além disso, não me iria rebaixar ao ponto de te convencer a ficar ou implorar para o fazeres. Foi o que foi e talvez tenha sido o que havia de ser. Se as nossas linhas se tiverem de cruzar, mais lá para a frente, que assim seja, mas esperar por ti... nunca. A vida ensinou-me que esperar não passa de uma forma subtil de perder tempo. Um luxo de quem não tem ânsia de viver. De vez em quando pergunto-me o que faria se tu voltasses ou o que faria se me cruzasse contigo na rua. Só os dois. Não sei se te cumprimentava, se esperava que tu o fizesses primeiro ou se simplesmente fazia de conta que não te tinha visto. O que eu tenho a certeza é de que o meu coração ia tentar a todo o custo saltar-me do peito e correr para ti. É incrível o poder que ainda tens em mim. E as músicas que ouvíamos juntos e os lugares onde passámos muitos momentos especiais fazem questão de me provar isso mesmo. Confesso que me irrita receber uma mensagem no telemóvel e estupidamente, eu sei, sentir uma leve esperança de que seja tua. Mas talvez um dia essa esperança faça sentido e eu receba aquele *olá* inocente que tantas vezes me dizias. Podia até não dar em nada, mas pelo menos não me iria sentir tão sozinho nesta saudade que me aperta. Às vezes tudo o que precisamos é de ser lembrados para nos reconciliarmos com o passado. Perceber que, afinal, não fizemos tudo errado, que marcámos a nossa presença e conquistámos um lugar na memória ou no coração de alguém. E ainda que isso não seja suficiente para recomeçar, ajudará sempre os novos começos a não acabarem.

Só quem ama pode ver de olhos fechados

Podemos fazer sexo até cairmos exaustos para o lado. Dar uma, duas ou três, ou fazer amor numa cabana tal como vemos nos filmes, mas é quando sorrio espontaneamente quando te vejo que eu mostro que te amo. As maiores declarações de amor não são feitas por amor, são feitas por paixão ou arrependimento. Podem ser as maiores, mas nunca serão as melhores ou as mais sinceras. São manifestações irracionais de loucura ou desespero, alimentadas por picos de emoção. Mas o amor não é louco, irracional ou expansivo como a paixão. O amor é calmo, sólido, firme, consistente e até silencioso. Não precisa de fogo de artifício ou de ser cantado aos quatro ventos, porque ele vive escondido nos pequenos gestos e pormenores que tantas vezes passam despercebidos. E é por viver escondido nas pequenas coisas que só quem tem um bom coração pode realmente amar. Se queres ver o amor que sinto por ti, então fecha os olhos. Sim, isso mesmo. Fecha os olhos e vê. Fecha os olhos e sente. Fecha os olhos e lembra-te de tudo em que não reparaste por teres os olhos abertos. Aquele ajeitar do teu cabelo, o compor da gola do teu casaco, aquela ida à farmácia a meio da noite, aquelas minhas lágrimas quando eras tu quem sofria, aquele aquecer das tuas mãos com o calor das minhas e aquele sorriso sempre que vinhas ter comigo. No fundo são estas as verdadeiras provas de amor que podemos dar um ao outro. Acontecem sem publicidade ou exaltação no segredo de um gesto que ninguém viu. E só quem ama pode ver de olhos fechados. Tudo o que faço por ti faço-o pelo que sinto por ti e não pelo que espero de ti, mas não me permitirei a mim mesmo receber menos amor do que aquele que dou. Por isso, enquanto sentires amor

por mim, ama-me mesmo. Com tudo o que tens. Ama-me com as mãos, a boca e os olhos. Ama-me hoje, amanhã, e se puderes também depois de amanhã. Entretanto voltaremos a falar, quem sabe ainda consigamos estender o prazo para sempre. Parece até que te estou a pedir amor, mas não. Estou apenas a pedir-te o mesmo que te dou. Que por acaso é amor. Mas só por acaso. Acho muito bonito quem ama incondicionalmente e dá amor independentemente de o receber ou não, mas eu não sou assim. Chama-me interesseiro ou o que tu quiseres, não importa, mas se dou amor... também o tenho de receber. Sei que não te digo muitas vezes que te amo ou o quão feliz sou ao teu lado, mas também sei que apenas não o faço com a boca. Talvez seja o meu orgulho masculino que não me autoriza a ser mais romântico nas palavras, ou apenas porque não tenha muito jeito para dizer o que sinto, ou então porque tenha encontrado formas melhores de transmitir a mesma mensagem. Há tantas maneiras de dizermos que amamos alguém e a maioria de nós cai no erro de usar apenas as palavras. Só quero que me ames na mesma proporção. Pois, se o fizeres, então tenho a certeza de que não me faltará nada e eu serei a pessoa mais feliz do mundo. Dizem que ou se ama a 100% ou não se ama. Eu não vejo o amor dessa forma tão absoluta. Acredito que o amor é precisamente uma luta contínua para estar o mais próximo do 100, mas 99 ou 98 também é amor. Nunca se ama sempre da mesma forma. Tudo evolui. Sabes aquelas vezes em que sorris e não sabes bem porquê? Eu tenho uma teoria, é o amor que recibes sem te aperceberes. A tua cabeça pode não se lembrar, mas o teu coração não esquece. Talvez seja mesmo isto que acontece, ou então sou eu a tentar puxar a brasa à minha sardinha. Pouco importa. Tudo o que me interessa é continuar a amar-te

todos os dias como se cada dia fosse um novo começo. E é.
No amor é. Pois um amor diário... é um amor eterno.

Satisfazes-me mais depressa se não tiveres pressa

Hoje não quero sexo. Só sexo. Quero que faças amor comigo. Quero que me digas ao ouvido todas as palavras doces que eu sei que tu conheces. Quero que mostres o amor que sentes por mim e não apenas o desejo e atração que eu desperto em ti. Quero que me faças sentir amada e que eu sou a mulher da tua vida. Sê carinhoso e paciente comigo. Não poupes nos beijos, nos elogios, nas carícias e na ternura com que fazes tudo isto. Faz-me tua, mas faz-me ainda mais minha. Faz-me sentir a mulher mais bonita, elegante, amada e desejada do mundo. Faz-me sentir perfeita no meio dos teus braços, debaixo do teu corpo e na ponta dos teus lábios. Leva-me às nuvens e eleva às nuvens a minha autoestima. Dá-me o que o espelho me rouba. Sei que consegues. Não me faças sentir um objeto quando te deitas comigo. Dá-me atenção, dá-me mimos, dá-me a tua companhia depois do sexo. Às vezes basta isso mesmo. Não te ires embora, não te afastares de mim. Eu sei que depois de te satisfazeres o que tu queres é ver-te livre de mim, virar para o lado e adormecer, ou ir para outro lugar qualquer, mas peço-te que contraries esses teus impulsos e fiques. Fiques agarrado a mim a ajeitar-me o cabelo e a ouvir os meus sonhos parvos de mulher apaixonada que acabou de fazer amor com o seu homem. O antes atrai, o durante conquista, mas é o depois, esse depois de que tantas vezes abdicas, que me faz querer ficar. Só te peço que não me tires tudo depois de me dares tudo. Não me abandones numa cama a arrefecer sozinha. Pois essa atitude não me arrefece somente o corpo. Não tem de ser sempre. Eu também gosto, adoro, aliás, os nossos momentos puramente carnais. Momentos em que as

carícias ficam lá fora, as doçuras estão de folga e eu acabo com o corpo todo marcado. No entanto, eu também tenho uma alma que tem de ser marcada com lembranças boas. Pois é da alma que eu quero que venham todos os meus orgasmos. Não, não preciso que seja sempre, mas preciso que seja hoje e pelo menos muitas das próximas vezes. Não tenhas pressa. Nunca tenhas pressa quando estás comigo. Usa o tempo que precisares, mas por favor não ignores nenhuma etapa. Beija-me o corpo todo, quero saber o que é sentir a tua boca em cada pedaço da minha pele. Revela-me os pontos fracos e faz-me viajar com um simples e leve beijo. Se os homens se queixam que as suas mulheres não dizem o que gostam e esperam sempre que eles adivinhem, pois tu não tens razão de queixa. Pelo menos no que ao sexo diz respeito. Eu faço toda a questão do mundo de te dizer o que quero, e o que eu quero é simplesmente sentir que fazes amor... por amor. Quero sentir que o nosso sexo é um momento incrível de paixão e não uma mera satisfação biológica. Não interpretes como uma limitação que te imponho, se há coisa que não quero no sexo são limites, mas nestes momentos, mais do que em quaisquer outros, não podemos ser egoístas. Entrega-te completamente, mas sempre com a lembrança de que eu também conto. Não deixes que seja uma experiência desagradável. Depois eu digo que não quero, que não me apetece, que não estou com cabeça ou que estou cansada. E acusas-me de não ter vontade quando tu é que não fizeste o suficiente para a despertar em mim. Uma mulher não querer sexo é um mito. Percebe isso. Quando é bom, te garanto que por ela, e neste caso por mim, é a toda a hora. Por isso te peço que fiques atento aos meus sinais. Eu digo muitas coisas, mas por vezes o meu corpo diz coisas e quer coisas que nem eu sei. O que eu sei é que há dias para darmos uma foda, há dias para fazermos sexo e há dias para fazermos amor. Não são,

convenhamos, a mesma coisa. Não te vou dizer o que entendo por cada um deles, mas posso dizer-te que todos eles são precisos.

Esquecer alguém é subir um escorrega pela rampa

Por mais que eu goste de te ver e saber de ti, por mais que eu precise de te ver e saber de ti, eu acho que prefiro não te ver nem saber de ti. A calma que a tua distância me dá sobrepõe-se à necessidade de te ver. É a tua ausência que me tem curado o peito. É o teu afastamento que me tem ajudado a esquecer-te. Ter novidades tuas é lembrar-me, sem querer, que ainda vives em mim. E de que maneira. E eu não preciso disso. Preciso sim de uma garfada de paz e esquecimento para voltar a ser eu. Para voltar a sorrir. É claro que me preocupo contigo e tenho curiosidade em saber de ti, mas num momento assim eu tenho de ser mais egoísta. Num momento destes a minha prioridade sou eu. E por isso não te irei procurar por mais que queira, vou evitar-te o melhor que puder e eliminar tudo o que esteja associado a ti. Sim, foi lindo tudo o que vivemos e não merece ser esquecido, aliás, não pode ser, mas eu também não posso permitir que continues a ocupar um lugar demasiado grande no meu coração quando a tua presença é demasiado pequena na minha vida. Ficarás para sempre com um cantinho só para ti no meu peito. Um lugar intocável para qualquer pessoa além de ti. Mas só isso. E, por favor, nem penses em ir e voltar, em mandar aquele *olá, como estás?* daqui por uns tempos só para estragar todo o esforço que fiz até então para te esquecer. Seria maldade da tua parte. Nada mais do que isso. Seria como deixares o casaco sobre a cadeira onde estavas como forma de a reservar para poderes ir dar uma volta a meio do espetáculo e ninguém ocupar o teu lugar. É claro que eu ia adorar que voltasses, isso é óbvio porque gosto de ti, mas seria mau para mim porque não me ia deixar seguir em

frente. Custa-me pela vida pedir-te uma coisa destas, mas se não tiveres intenção de ficar, então, por favor, não voltes mais. Um dia, se eu quiser, quando já estiver num lugar seguro e sentir que não corro o risco de escorregar e voltar a sofrer por ti, eu procuro-te. Talvez nesse dia nos queiramos como nunca um ao outro e os ventos do amor soprem a nosso favor. Mas deixa-me ser eu a escolher. E, se já for tarde, não importa, se não for a hora certa para o meu regresso, não interessa, mas não me faças esperar por ti. Não deixes a porta entreaberta ou uma luz acesa lá ao fundo. Vira costas e vai. Dói-me de morte estar a dizer-te isto, e quem me dera haver uma solução menos dolorosa, mas não há, ou então eu é que não a encontro. E não me venhas dizer que não é justo para ti. Não me fales de justiça quando tu despertaste um sentimento em mim que não foste capaz de acompanhar. E o pior de tudo é que tu sabias disso e nem por isso tiraste o pé do acelerador. Deixaste o carro ir até não haver mais estrada e depois saíste e deixaste-me lá. E eu agora que me desenvencilhe para sair daqui. Não sei se foi ignorância, ingenuidade ou apenas maldade tua, a verdade é que fui eu quem perdeu mais, porque fui eu quem apostou mais. Culpa desta minha mania de apostar tudo na mais pequena hipótese. E não, não é por desespero que o faço, é apenas porque não sei ser de outra forma. Dizem que há sempre alguém que ama mais do que o outro numa relação, e eu acho que sou sempre essa pessoa. Talvez seja esta a minha cruz. Confesso que às vezes chego a sentir uma certa inveja de pessoas como tu, que não se iludem tão facilmente e que não se entregam completamente. Mas depois penso para mim, *que raio de vida é uma meia vida?* Pois é isso que, no fundo, tu vives. Uma meia vida composta por meias coisas, repleta de momentos incompletos e filmes abandonados ao intervalo. Apesar de saber que irei ser sempre a pessoa que irá sofrer

mais, se me dessem a escolher, eu escolheria continuar assim. Posso até sofrer mais, mas seria incapaz de aceitar uma vida a meio gás.

Um amor maior do que dois corações

Um dia havemos de fazer um filho. E serei eu, tu e ele. Um dia, meu amor, havemos de deixar de ser apenas filhos e seremos mais do que nós mesmos. Seremos tudo o que alguém tem. Alguém a quem apresentaremos o mundo. Alguém que existirá por nossa causa. Sinto que o nosso amor é tão grande que não cabe apenas em dois corações. Talvez caiba em três, quatro, cinco, sei lá. Um dia havemos de fazer um desses seres pequeninos, de pegar no colo, e ele terá os meus olhos, a tua boca, o meu nariz, o teu sorriso e o nosso sangue. Um dia, meu amor, havemos de ser pais, e nesse dia seremos grandes, gigantescos, do tamanho de uma vida. O nosso amor merece continuação, e já que não podemos viver para sempre pelo menos que possamos adiar o nosso fim com um novo começo, uma nova vida. Talvez Deus exista e tenha piedade de nós. Talvez Deus esteja mesmo lá em cima a olhar por nós e apenas esteja à espera do momento certo. Não acredito que ele tenha a coragem de desperdiçar uma mãe como tu. Mas sabes o que é que eu acho? Ele tem medo. É, é isso mesmo. Ele tem medo de perder o lugar quando tu, finalmente, conseguires esse feito. Ele sabe muito bem que se há ser no mundo que lhe ameaça o lugar é uma mãe. E logo tu, que durante toda a vida sempre foste mais mãe do que filha. Talvez por isso ele vá adiando esse acontecimento incrível, mas tenho a certeza de que o nosso amor irá vencer essa resistência. Vou pedir-te que confies em mim, que acredites em mim e tudo vai correr bem. Às vezes tudo o que precisamos é que alguém se sente do nosso lado e nos sussurre ao ouvido que tudo vai ficar bem. E eu quero ser essa pessoa para ti. Não tenhas medo, princesa. Sim, é um sonho meu, o maior que alguma vez podia ter, mas, por

maior que ele seja, ele tem uma limitação muito peculiar, é que não consegue ser maior que o amor que eu sinto por ti. Eu não te vou deixar nem trocar por mais nenhuma mulher no mundo. Muito mais depressa dou eu a volta ao mundo a pé em busca de uma solução. Este é um projeto dos dois, uma vontade dos dois e, por isso, seremos sempre os dois nesta luta. Estaremos sempre no mesmo barco, nunca perderá apenas um de nós. Acredito que os filhos foram inventados para que as pessoas deixassem de ser tão egoístas. Tal como acredito que toda a criança devia ter o direito de ser filha de alguém. Por isso, se a nossa luta se revelar infrutífera, não desanimes, pois havemos de fazer nosso o filho que alguém não quis. Afinal, e ainda bem, o amor não depende do sangue. Sempre ouvi dizer que ter é dor, criar é amor. Então que assim seja se assim tiver de ser. Tenho a certeza de que, independentemente de quem fosse, iria acabar por herdar todo esse teu feitio tão particular e ao mesmo tempo tão apaixonante com que me cativas todos os dias. O cuidado que depositas em tudo o que fazes e a maneira como acreditas em cada um dos teus sonhos são tão contagiantes que é impossível não viver a vida com a mesma intensidade. Se eu não tivesse a sorte de ser teu marido, acredita que ia adorar ser teu filho. Aprendi tanto contigo e nem sequer tinhas a obrigação de me ensinar nada. A maior responsabilidade de um ser humano é, sem dúvida, educar outro. E eu não tenho a menor dúvida de que tu, quando fores chamada a fazê-lo, porque vais, te garanto, vais cumprir essa função na perfeição. Tu e eu. Se todas as mães fossem mulheres como tu, acredita que o mundo estava repleto de heróis. Não tem como não ser depois de viver a aprender contigo. Sei que por vezes a esperança não passa de uma ilusão, mas se for uma ilusão tudo o que nos resta, então farei de tudo para a manter viva. Um dia havemos de ser pais, meu amor, e nesse dia

terei todo o gosto em descer na hierarquia das pessoas mais importantes da tua vida.

A vida pede-me para chorar, mas eu insisto em sorrir

Tenho trinta e oito anos. Pois é. Sou quase quarentona. Quando se chega a esta idade já nem sequer pensamos que ainda temos os trinta nove para viver, já só pensamos na porcaria dos quarenta. Que número assustador, diria qualquer pessoa, e diria eu também se não tivesse já aprendido que a idade é um número consideravelmente inútil e muito pouco credível. Também me assustava imenso os trinta, e depois de passar essa barreira percebi que continuava a ser eu. Que, pelos vistos, eu ainda continuava a poder fazer tudo o que fazia com vinte e nove e que era apenas o completar de mais um ano. Continuava a desfrutar da vida e a divertir-me. Se era da mesma maneira que aos vinte? Claro que não, mas era diversão na mesma. O próprio tempo encarrega-se de nos adaptar à realidade, não é preciso estarmos preocupados, pois mesmo sem nos apercebermos as coisas vão-se transformando. Com dez anos, a minha forma de diversão era um par de bonecas e umas quantas mudas de roupa para elas. Aos sessenta ou aos setenta, provavelmente vou divertir-me imenso a jogar dominó numa terça-feira à tarde no jardim da cidade. Se essa visão me incomoda? Não, nem um pouco. Porquê? Porque tudo isso faz parte de um *depois* que apenas chegará quando for o seu tempo. E hoje não é definitivamente o seu tempo. Até porque odeio dominó e terças-feiras à tarde. Já sei que um dia vou olhar para quem sou hoje e vou considerar-me ridícula, mas isso faz parte da evolução. Mau será eu considerar-me ridícula nessa altura. Isso é que é mau. Não gostarmos de quem somos, ter vergonha do nosso presente e ainda conformarmo-nos com um futuro que não se adivinha bom. Eu sou uma mulher

divorciada depois de a única pessoa que eu realmente amei na minha vida ter deitado fora um projeto de doze anos em conjunto. Tenho uma pequenina de onze anos e um pequenino de sete completamente dependentes de mim porque o pai só se lembra que eles existem de quinze em quinze dias. Tive de refazer toda a minha vida longe da cidade que me viu ser menina, mulher e mãe. Tenho um trabalho que não é paixão nenhuma, mas as contas para pagar falam mais alto. Os sonhos vão ficando na gaveta porque há duas pequenas vidas para guiar, e os trinta e oito são somente a lembrança de que já consegui muito e ainda mais tenho para conquistar. Se eu tenho imensos motivos para chorar e estar de mal com a vida? Talvez. Se eu tenho motivos para sorrir e acreditar que ainda vou bem a tempo de me sentir realizada? Com certeza que sim. Sinto que a minha vida parou no tempo, é verdade, e há muito que vivo quase apenas para os meus filhos, mas isso está longe de significar que esteja a desperdiçar a minha vida, porque isto também é felicidade. O sorriso com que o meu Francisco me mostra o novo desenho que fez do seu super-herói preferido ou aquele com que a minha Inês me revela a nova descoberta que fez na escola são o exemplo de onde eu tenho procurado a minha felicidade e onde tenho encontrado forças para me levantar todos os dias. A mãe que existe em mim tem-se agigantado perante a mulher, mas também não deixarei que a consuma. Continuo a ter as minhas ambições, desejos e cuidados. Porque, antes de tudo, sou mulher. Porque, antes de tudo, ainda tenho muito que aprender. E porque, acima de tudo, há tempo para tudo se o fizer valer. A minha experiência diz-me que, afinal, estamos mesmo sempre a tempo de começar de novo. Diz-me que existem forças disfarçadas de sonhos e que envelhecer é apenas um mito inventado por quem não soube viver. Se há lição que me fez crescer, depois de já

tudo ter crescido, foi perder. Pois foi perdendo que aprendi a perder e a perceber que só perdendo eu aprendo a ter.

Se for ingénuo e inocente, então é amor

Às vezes procuro palavras bonitas para te fazer alguma declaração ou manifestação de amor, mas acaba sempre por sair algo demasiado simples e tosco. Tal e qual eu. Imagino algo muito bonito e emocionante, mas quando abro a boca ou tento escrever alguma coisa não há uma única frase que saia como eu tinha imaginado. Confesso que uma vez pedi a uma pessoa, que tinha jeito para estas coisas, para me escrever uma carta para depois eu te ler no teu dia de aniversário. Acontece que quando li aquilo pela primeira vez achei de facto muito bonito, mas não era eu que estava ali naquelas palavras, não eras tu a personagem daquela história. Acabei por guardar a carta porque era incapaz de te dizer algo que não tivesse sido sentido por mim. Sabes que a minha imaginação não é a melhor, nunca tive talento para expressar bem aquilo que sinto, mas não penses nunca que é por não sentir ou sentir pouco. Aliás, eu acho que nem é possível sentir mais do que aquilo que sinto, pois o meu coração já rebenta pelas costuras de tanto amor que tenho por ti. No entanto, percebi que não tenho de ter jeito com as palavras ditas ou escritas ou mesmo uma enorme imaginação para te fazer uma surpresa diferente todos os dias. O que tenho de ter é a humildade e a simplicidade de ser sincero e genuíno contigo sempre que demonstro o meu amor. Eu podia perder um dia inteiro a escrever-te uma declaração lindíssima, mas iria ter sempre demasiadas coisas pensadas e estudadas. Nunca seria tão verdadeira como outra em que me limitasse a dizer aquilo que vai dentro de mim, em estado bruto, em estado puro. Talvez fosse de um jeito meio infantil, palerma e atabalhado, mas, sem dúvida, seria muito fiel àquilo que sinto por ti. Assim sendo, e se me permites ser mais sincero do que talentoso,

deixa-me então dizer-te que me sinto grato por te ter ao meu lado. Agradeço diariamente à vida por não me ter deixado morrer ignorante. Por te ter colocado no meu caminho para que me mostrasses, ainda que sem querer, o que era amar verdadeiramente alguém. Achava eu, na minha modesta ignorância, que aquilo que sentia pelas pessoas que chegaram primeiro do que tu à minha vida era amor. E talvez fosse, não digo que não, mas, se era, então era um amor diferente. Não era um amor que me deixava sonhar e por isso havia sempre uma folga no meu peito que me fazia desacreditar que aquilo pudesse chegar a algum lugar eterno. E depois apareceste tu. Escondida atrás de um olhar apaixonadamente desinteressado. Carregada com uma confiança que nada mais era do que um disfarce para as tuas fraquezas. Foste chegando devagarinho como quem não sabe ao que vem, como quem não espera por nada. Foste chegando, foste ficando e foste conquistando, sem que eu me apercebesse, um lugar em mim que para sempre será teu. Sabes, às vezes custa-me acreditar que de entre todos os homens que podias ter agora ao teu lado fui eu o escolhido. Dou por mim a olhar para ti em segredo na esperança de que os olhos me deem a certeza de que és real. Sim, é verdade, continuo a achar que é tudo um sonho e que em algum momento eu hei de acordar. Talvez o verdadeiro amor seja aquele que nos faz julgar que estamos num sonho. Talvez todos os outros amores sejam demasiado reais para serem amores. Não sei, não quero saber, nem é importante que eu o saiba. Tudo o que sei, e chega-me, é que só te tendo é que me tenho. Não existe nenhum sonho meu em que lá não estejas. Cada passo que dou é dado com a força que a tua companhia me transmite. E saber que te vou encontrar, olhe eu para onde olhar, é o incentivo que eu preciso para só parar quando chegar. Perdoa-me se esta não é a mais bela declaração de amor que te podia fazer,

mas tenho a consciência tranquila por não haver uma única palavra nela que não tenha saído do coração.

Ou mudas ou te mudas

Será justo exigirmos que alguém nos ame tal como nós somos? Então e se nós tivermos um feitio insuportável? A pessoa que está ao nosso lado, só porque nos ama, tem de o aceitar? Então e se nós estivermos constantemente a errar porque somos verdadeiramente estúpidos, a pessoa que nos ama tem de aceitar isto só porque *tem de nos amar como nós somos*? Então e se nós formos mesmo uma pessoa que não vale nada, que não quer saber de ninguém e faz mal a tudo e a todos, a pessoa que diz amar-nos tem de nos aceitar? Exigir a alguém que nos ama que nos aceite tal como somos é aproveitarmo-nos cobardemente do sentimento dessa pessoa por nós para sermos quem bem nos apetece. Uma vez que dá muito trabalho mudar, escolhemos obrigar os outros a aceitar-nos. Esquecemo-nos que as pessoas estão em constante mudança e que isso exige uma constante adaptação uns aos outros. E esquecemo-nos também que quando se está numa relação trabalha-se em equipa. Não existe o *eu* apenas, existe ainda o *nós*. E é este *nós* que nos obriga a pensar de uma forma mais altruísta. Faz-nos considerar o bem-estar da outra pessoa. E é tão bom quando a pessoa que está connosco está bem, sem que isso signifique propriamente o nosso desconforto. Porque, quando ambos têm noção desta realidade, então ambos têm a humildade de saber ouvir, ceder e abdicar disto ou daquilo, promovendo a paz na relação e o futuro dela. Mas para se saber ouvir e ceder por alguém é necessário haver aquilo que vulgarmente conhecemos por... amor. E para não admitir que a outra pessoa não mude também por nós quando é a nossa vez de precisar, então é necessário haver aquilo que vulgarmente conhecemos por... amor-próprio. Ou seja, uma relação

saudável tem de ter sempre estes dois amores, o amor pela outra pessoa e o amor por nós próprios. É claro que não iremos mudar o nosso núcleo, que é composto pelos nossos valores e princípios. Pois é isso que nos define. É isso que nos caracteriza. No entanto, a periferia desse núcleo, que é composta pela nossa forma de ser, estar, agir, falar e por aí em diante, pode ser perfeitamente moldada e adaptada para uma melhor convivência. Quando os elementos de uma relação não aceitam mudar de forma nenhuma um pelo outro, é inevitável que estejam em conflito de manhã à noite. Não se ouvem um ao outro, não cedem um pelo outro, ambos são donos de toda a razão e a paz emigra de vez. Mudar e exigir mudança está sempre dependente de uma boa balança. É, por isso, essencial medir bem o peso destas duas questões, serei mais feliz em mudar isto e aquilo em mim e ter esta pessoa ao meu lado ou continuar a ser quem bem me apetece e não ter esta pessoa na minha vida? Quando não nos preocupamos com o outro e, por isso, excluimos a opção de mudar, estamos automaticamente a destruir o *nós* desta relação, seja ela de que tipo for. Logo, estamos invariavelmente a dar as boas-vindas à solidão, que com toda a certeza nos vai receber de braços abertos. Desengane-se quem pensa que basta gostar muito um do outro para viverem felizes para sempre ou então que têm de ser almas gémeas para isso acontecer. Não, claro que não têm, mas, independentemente disso, um para sempre dá sempre muito trabalho. Muito por culpa dessa necessidade de constante adaptação. Quando estamos, parte-se do princípio de que queremos continuar a estar, senão já não estávamos há muito tempo. Assim sendo, a nossa prioridade é ficar melhor onde já estamos, o que implica uma mudança interior nossa ou um apelo à mudança de quem connosco está. Se nenhuma destas

mudanças resultar, e só se, nunca antes de, então sim, tomar a grande e última decisão de sair de onde se está.

Se vai acabar, mais um motivo tens para aproveitar

Não deixes nunca de viver o que quer que seja só porque sabes que vai acabar. Tudo é para ser vivido, mesmo aquilo que sabemos que vai acabar em breve. Principalmente isso. Pois tudo nos ensina, tudo nos faz crescer, tudo nos acrescenta, nem que seja experiência. E, se mais nada podemos levar, pelo menos o ensinamento ninguém nos tira. Por isso vive. Tudo. Até ao fim. Vive todas as paixões efémeras que puderes. Aliás, só é paixão se for efémera. Vive todas as loucuras de uma noite que o teu coração pede para viver. Faz aquilo que nunca acreditaste seres capaz de fazer. Agarra-te de corpo e alma ao mínimo que puderes ter. Espreme bem cada gemido de cada momento de prazer. Cada gota de cada experiência. Cada lágrima de cada dor. Morde, devora e suga cada momento até perder o sabor. Não faças nada pela metade. Nunca deixes nada a meio. Diz todos os *amo-tes*, *obrigados* e *desculpas* que tens para dizer e alivia essa culpa do que já é tarde para acontecer. Não te deixes assustar pelo arrependimento. Ele vai sempre ser hipótese. Tanto nas coisas boas como nas más. E só é capaz de viver quem o souber esquecer. Olha para trás e repara em tudo o que deixaste de experimentar e aproveitar só porque acreditavas que não ia haver depois. E não te apercebeste tu que era precisamente por não ter futuro que o devias ter aproveitado. E, por não o teres feito hoje, esse mesmo momento não faz parte do teu passado. Será que te sentes bem em olhares para trás e não veres nada? Não te lembrares de um único momento verdadeiramente marcante? O que podia ter sido e não foi é um vazio impreenchível. Uma eterna mágoa de quem não teve coragem de o obrigar a ser. Mesmo quando queria, merecia

e não tinha nada a perder. Essa história do *carpe diem* não é só uma frase bonita em latim para tatuar no ombro, é uma lei da vida para ter bem gravada na cabeça. Um apelo ao agora. Uma invocação ao dia mais importante da nossa vida, que é, e sempre será, hoje. Não te direi para viveres cada dia como se fosse o último. Isso é uma ilusão. E em menos de uma semana não tinhas dinheiro no banco, saúde no corpo, nem o dia de amanhã. Mas dir-te-ei para aprenderes a identificar os dias em que o deves fazer. Não serão todos, mas serão muitos. A vida vai dar-te sinais, mas só se tiveres uma abertura mental suficiente para os receber. Deves viver cada dia sempre com a esperança de que o dia seguinte vai existir, mas também sempre com a certeza de que isso pode não acontecer. Já que o fim é certo, então só te resta aproveitar tudo o que vem antes disso. Custa sempre admitir que um dia tudo vai ser diferente, que já nada será a mesma coisa, ou que já não será nada, sequer. Mas repara, todos sabemos que um dia vamos morrer e nem por isso andamos cabisbaixos e infelizes. A vida, e tudo nela, é tão limitada precisamente para nos obrigar a quebrar os limites. E não venhas com a história de que é errado ou de que tens medo de te magoar. Tudo isso são desculpas em que nem tu consegues acreditar. Um dia não terás mais oportunidades, um dia será tarde de mais para tentar outra vez, um dia vais querer que seja o que nunca deixaste que fosse e dessa vez será o tempo a não deixar. O tempo é um insensível do caraças, eu sei. Mas enquanto o tens dá-lhe uso, respeita-o aproveitando-o. Talvez sofras mais, mas só depende de ti fazeres isso valer a pena. Infelizmente a vida não tem por hábito oferecer sorrisos e por vezes cobra-nos algumas lágrimas e apertos no coração. E, se quiseses superar melhor todo esse sofrimento, talvez seja boa ideia entendê-lo como uma espécie de investimento na tua vivência e

aprendizagem e menos como um prejuízo de um negócio que correu mal com a vida.

Fui insuficiente ou quiseste demasiado?

Trair. Que palavra tão feia, pesada e dolorosa. Mas há outra ainda mais dura e maléfica do que esta pelo simples facto de nos colocar bem no meio da história, traíste-me. É verdade, até me custa acreditar que o estou a dizer, mas é mesmo, tu traíste-me. Desiludiste-me, enganaste-me e tudo o que eu consigo sentir agora é um ódio profundo por ti. Odeio-te profundamente porque te amo profundamente e não posso mais fazê-lo. Não tenho mais condições para isso. O meu amor por ti deixou de ter onde se agarrar porque simplesmente partiste a ligação mais importante, a confiança. Pergunto-me se fui eu que fui insuficiente ou tu que querias demasiado. Sim, talvez eu não te pudesse dar tudo o que querias de alguém, mas dei-te o mais importante que podias ter de alguém. Agora arrependes-te, claro, porque comigo sentias que não tinhas tudo, mas sem mim... sentes que não tens nada. Dói-te, eu sei que dói, mas a mim dói-me a dobrar. Talvez assim percebas de uma vez que não é *tudo* o que se procura em alguém, mas sim o mais importante. Pois quem tem o mais importante, e sabe que o tem, sentirá que tem tudo. Erraste e não devias. Erraste e, mais importante do que isso, não podias. Erraste e, mais estranho do que isso, não precisavas. Agora sentes pena e vergonha de ti mesmo e a verdade é que isso é tudo o que pode sentir alguém que foi capaz de fazer o que fizeste. Não é ser-se fraco. Porque um fraco cai sem querer. É ser-se muito pior do que isso. E tu foste. Por favor, não digas que me amas. Perdeste toda a credibilidade e razão para o fazer. E também não me peças perdão. Não é de perdão que tu precisas, é de ajuda. Uma ajuda que vai exigir tempo, trabalho e sofrimento da tua parte. Vais ter de perceber, da pior maneira, o peso da responsabilidade que é transpor-

tares em ti a confiança de alguém. Se não for difícil para ti recuperar-me, será muito fácil voltares a fazer o mesmo. E se não for a mim será a outra pessoa. Não sou apenas eu que tenho de sofrer com esta traição, pois eu não mereço esta dor. Tu sim. E agora cabe-me a mim devolver-te um pouco dela. Sinto-me na obrigação de te obrigar a perder-me. Não é por vingança, acredita, mas faz parte da ajuda de que tu precisas. Se eu não te ajudar agora. Se te perdoar só porque não te quero perder. Se eu voltar para ti pedindo-te por favor que não o voltes a fazer, tu não vais valorizar. Ainda que queiras, não vais. Porque pouco depois de me voltares a ter, vais acreditar que estou garantida novamente e vais-te desleixar. Continuarás a cometer os mesmos erros. E vais apanhar o gosto de me ter a mim e mais esta ou aquela. Eu sei que não tenho culpa, mas mesmo assim não me consigo sentir inocente, porque sei que esta insistência em me entregar por completo quando estou com alguém vai dar-te novamente essa ilusão de garantia e segurança e vais achar que está tudo esquecido. Mas até isso será uma ilusão. De facto, há muitas coisas de que só nos arrependemos quando somos descobertos. E eu não quero acreditar que esta tenha sido uma delas para ti. Não quero saber e, por isso, não me confirmes nem desmintas, pois já soube demasiadas coisas, mas espero bem que te tenhas sentido arrependido muito antes de eu ter sabido. Não penses que manchaste o nosso passado. Não, de forma nenhuma. Irei olhar para o nosso passado sempre com um sorriso, precisamente porque me fizeste feliz. O que manchaste foi precisamente o futuro que deixou de ter condições para acontecer. E é um borrão tão grande na página que eu vou ter de a virar e começar de novo. Não te digo nunca... mas não esperes mesmo que seja contigo.

Caixinha desarrumada escondida no peito

Tens tanta tralha presa no teu peito. Tantas frustrações dilacerantes, sonhos por cumprir, arrependimentos tardios e desejos incompletos. Isso é entulho que insistes em guardar na arrecadação em que o teu peito se transformou. Trancas as janelas e tentas arrumar tudo, mas logo em seguida vem um novo desassossego em forma de rajada de vento que estraga todo o teu esforço. Pensas para ti *nunca vou encontrar paz, nunca vou ficar tranquila*. Temos, por natureza, a mania de acreditar que estas coisas más só nos acontecem a nós. Não sabes, ou fazes de conta que não, mas a vida é mesmo assim. Pois o dia em que encontrares paz e sossego será o dia em que deixarás de viver. E viver é precisamente a constante busca pelo equilíbrio na corda bamba da vida. Imagina-te a caminhar normalmente e, entretanto, por causa de um buraco ou de uma pedra solta no caminho, desequilibras-te quase ao ponto de cair. O que acontece ao teu coração nesse preciso momento? Pois é, acelera de imediato. Dispara. Até então nem tinhas reparado no teu batimento cardíaco, tinhas-te até esquecido de que havia um coração no teu peito a trabalhar. Apenas porque estava sossegado, calmo e em silêncio. O que era sinal de que tinha vida, mas também era sinal de que não estava a viver. E depois desse desequilíbrio, dessa possibilidade iminente de sofrer, caso se consumasse a queda, quase que poderias sentir o batimento do coração nos tornozelos. Moral da história? A moral é que a vida acontece nos momentos em que te desequilibras, em que corres riscos, em que desprezas a tranquilidade e repudias a calma. Viver não é andar de carro numa boa estrada e com uma paisagem de montanhas no horizonte. Viver é mesmo descer essas montanhas numa bicicleta sem travões. Se

não sentes o teu coração a bater, ainda que bata, então não vives, sobrevives. À vida, às pessoas, ao tempo. Reflete, é mesmo isso que queres? Paz e sossego? Equilíbrio e tranquilidade? Segurança e estabilidade? Se não tens a resposta, basta imaginares a tua vida calma, onde não se passa nada de novo, em que os dias não diferem muito uns dos outros, em que praticamente já sabes o que vai acontecer amanhã e em que aquilo que tens é certo e garantido. Faz lá mais este exercício de imaginação e vê se gostas ou não. Já sei que também tem muitas vantagens, mas compensam? Tu és mulher e queres o melhor dos dois mundos. Queres um lugar seguro para estar e ao mesmo tempo desejas a adrenalina do desconhecido. Lamento ter de te lembrar, mas a vida muito provavelmente vai obrigar-te a escolher um deles. E, se assim for, não te direi para ouvires o coração para tomares a melhor decisão. Pois ele é burro. E tosco. Deves tê-lo em consideração, mas não apenas a ele. Ouve também o tempo. Conversa muito com ele. Com o que passou e com o que ainda há de vir. Quando conseguires que eles se entendam, encontrarás a pessoa que és. E depois de saberes bem quem és, qualquer decisão que tomes será a mais acertada. Ainda que mais tarde se revele um fracasso, naquele momento foste fiel a ti mesma e sentiste que era a mais acertada. Logo, o arrependimento não te assombrará. Sei que te pesa e estorva essa tralha que o passado deixou desarrumada e ao abandono dentro do teu peito, mas quem serias tu sem ela? Já pensaste nisso? Quem serias tu sem toda essa inquietação, atribulação e preocupação? Não mais do que uma pessoa vazia a olhar ininterruptamente para um relógio sem ponteiros na esperança de que o tempo te contasse uma história que não foste capaz de viver.

Sê tudo aquilo que és quando tiveres de ser

Quero-te natural. Quero que sejas sempre tu, tal como és. Sem efeitos, adereços ou adaptações. Porque quero saber quem és. Quero saber quem amo e quem eu escolhi para ter ao meu lado. Não me interessa viver uma ilusão de que eu até gosto, mas que não passa disso mesmo. Dispensso cenários pensados, posturas estudadas, frases feitas e maquilhagens forçadas. Descarto tudo o que não seja improvisado e, por isso, genuíno. Se tens de fazer alguma *figura triste* para estares mais confortável, faz. Ou se tens de usar um fato de treino qualquer, o cabelo solto e umas *Crocs* nos pés para te sentires mais natural, que seja. Se isso a ti faz toda a diferença, então a mim não me faz diferença nenhuma. A sociedade impõe uma infinidade de restrições ao comportamento das mulheres e à forma como se apresentam, obrigando-as na maior parte do tempo a serem quem devem ser e não quem querem ser e, consequentemente, quem realmente são. Mas comigo podes e deves esquecer o resto das pessoas. Além disso, não deixes, também, de ser e fazer o que quer que seja com receio do que eu vou pensar. Nunca. Tudo o que eu quero é que sejas tu mesma, no teu estado mais puro. Por isso, sê. Sê tudo e mais alguma coisa, mas sê. Mostra quem és, o que és, o que sabes, o que vales, o que sonhas e o que queres. Deixa-me a mim e ao mundo conhecer-te. Deixa-me a mim e ao mundo amar-te. E tens tanto para se amar. Sei que tens receio que eu deixe de te considerar bonita, mas isso não vai acontecer. Sabes porquê? Porque tu continuas a ser bonita quando eu fecho os olhos. Aliás, só és bonita porque és bonita mesmo quando não te vejo. És feita de muitos pormenores que só quem te ama como eu consegue

ver. Esse teu jeito de mexer no cabelo ou esse teu sorriso envergonhado, por exemplo, se mos tiram, tiram tudo. E depois essa mania de amuar por tudo e por nada. Eu antes irritava-me com isso, confesso. E ficava irritado. Mas agora essa irritação passa logo em seguida e dá lugar a um sorriso. Porquê? Porque percebi que tu és tudo isso. E eu quero que te permitas cada vez mais seres quem és comigo. Uma pessoa que gosta de tudo no seu devido lugar e no momento certo. Alguém que vive tudo intensamente por mais insignificante que seja cada pormenor. Se és assim, então sê assim. Independentemente de mim. Podes até tirar-me do sério mas, acredita, por dentro estarei a sorrir. Tantas vezes me perguntei se eras a mulher certa para mim. Depois compreendi que não és a mulher certa nem a errada, és a mulher que o meu coração escolheu. E, se ele te ama, então podes acreditar que todo o meu corpo também te ama. Pois faz-me tanta falta uma noite de amor contigo como um beijo teu na minha testa. Sabes... gosto mesmo de te amar. Dá-me um gozo enorme despertar-te um sorriso quando te elogio ou faço uma surpresa. Adoro tomar conta de ti, mimar-te e beijar-te sem parar. Sou homem, e nós, homens, sentimo-nos meninos quando demonstramos os nossos sentimentos. Mas contigo eu sinto a liberdade de ser um menino lamechas ou um adolescente apaixonado. Por isso, quero que sintas a mesma liberdade. Porque a mereces. E porque isto só faz sentido se a tiveres. Basta não pensares tanto no que eu penso ou vou pensar. Deixa ser eu a preocupar-me com isso. Quanto mais pensas, menos vives e menos és. Não debes ignorar a minha opinião, até porque eu sou metade da nossa relação, mas não tens de viver em função dela. Nem da minha nem da de outra pessoa. Tens tanta boa verdade dentro de ti que é um desperdício escondê-la com tantos *politicamente corretos*. Amar-te não significa que eu goste de tudo em ti, mas

significa que eu farei um esforço para aprender a gostar ou simplesmente aceitar tudo aquilo que não gosto.

Há lutas que só se vencem não lutando

Calma. Não te enerves. Para e pensa, *vale a pena?* O que te deixou assim, ou quem, merece toda essa importância? Justifica esse teu desequilíbrio e turbulência interior? Olha só o que estás a deixar fugir. Olha o tempo que te escapa das mãos como se fosse areia. Olha a vida que te passa ao lado sem dares por ela. Não te deixes manipular por sensações que não são dignas de ti, nem te deixes influenciar por ideias que só desejam o teu mal. Há muita coisa que te acontece e que te é dita que tem de ter passagem direta para a reciclagem do teu pensamento. Senta-te. Fecha os olhos. Respira fundo. Já passou. Agora estás no teu cantinho. Agora a única pessoa que te pode fazer mal és tu. Isto não quer dizer que é mais seguro, mas quer dizer que é mais controlável. Agora estás apenas nas tuas mãos. Estás de volta a ti. Sente o teu próprio silêncio e ouve a tua própria voz. Aquela que te liga diretamente o coração à cabeça e lhe segreda o quanto és importante e o quanto és grande. Bem maior do que tudo o que te incomoda. Tu és essa pessoa que o ruído exterior te fez esquecer. És essa pessoa cheia de uma vontade enorme de ser feliz que o nevoeiro das tuas inquietações te impede de ver. Agora que te encontraste, é hora de encontrares as pessoas que merecem um sorriso teu. Que merecem o teu melhor eu. As pessoas que estão do teu lado mesmo quando estás no chão, mesmo quando não mereces ou mesmo quando não queres. Imagina-as junto a ti. Uma a uma. Repara na injustiça que estás a cometer com elas, contigo e com a vida ao abdicar da atenção que seria para elas para a dedicares a algo ou alguém que só te faz sofrer. Quantas vezes as ignoraste, lhes respondeste torto ou até mesmo as maltrataste por culpa de um assunto que não vos

dizia respeito e que tu deixaste que se infiltrasse no vosso meio? Vive mais devagar. Se chegares depois dos outros, que se lixe, o importante é que chegaste e além disso desfrutaste bem mais da viagem do que eles. A vida não é uma questão de corridas, é uma questão de metas. Já sabes que vai haver muitos dias que vão custar a passar e dos quais não te vais querer lembrar. Por isso, sempre que hoje for um desses dias, lembra-te de que eles também contam, de que também fazem falta, mas, mais do que isso, lembra-te de que são esses dias, em que os problemas são mais do que as soluções, que mais te fazem crescer. E, por vezes, a única forma de os venceres é simplesmente não lutares contra eles. Esperares apenas que acabem e depois que venha uma noite e um bom sono que os lave, e por fim um novo dia que os seque, dobre e arrume numa gaveta que não voltarás a abrir. Vives a vida como se tivesses sempre um comboio para apanhar, mas tens de perceber que há comboios que tens de deixar ir. Não tentes correr mais do que o que as tuas pernas conseguem. Luta sempre por aquilo que queres, mas não forces nada a acontecer. Tens-te preocupado demasiado em abrir portas e janelas em busca de luz e respostas, quando na verdade tudo o que precisas é de fechar muitas portas e janelas para reduzires o barulho à tua volta e te concentrares nas que verdadeiramente importam. Tens divisões abandonadas a mais na casa que é a tua cabeça. Alçapões e sótãos atolados de entulho que só te roubam o foco. Não tenhas complexos em bater com a porta, rodar a chave e atirá-la para longe. Andas sempre com uma rede de dilemas e chatices à volta dos pés que te impede de seguir em frente com maior desafogo e está na hora de te desprenderes. Para um bocado. Olha à tua volta, principalmente de olhos fechados, pois só assim é que consegues ver, e repara em todos aqueles que estão contigo, em tudo aquilo que és e que conquistaste. Tudo

isso merece muito mais do que uns amuos e frustrações por culpa de quem não te é nada ou por culpa de alguma coisa que se não existir não te fará falta.

Amor pedido não é amor, é pena

Nunca mendigues por amor. Ou a pessoa dá ou não dá. E se ela realmente te ama nunca será necessário pedir-lhe. Acontece espontaneamente. Acontece porque ela quer e não porque tu pedes. Não permitas que alguém te ame por favor, porque amor pedido não é amor, é pena. Não te deixes humilhar dessa forma. Não tens de implorar bocadinhos de atenção, afeto ou companhia, tens sim de exigir, no mínimo, aquilo que dás. Não aceitar nunca menos do que isso. Quem passa constantemente fome faz de uma migalha um banquete. Vais-te habituando cada vez mais ao *pouco* e ao *quase nada* que recibes de quem muito te deve, que depois quando te faz uma festinha ou te diz uma palavra mais bonita sentes-te, ridiculamente, a pessoa mais feliz do mundo. O pior disto tudo é que foste tu que aceitaste essa condição. E por demasiado tempo. Quando a pessoa mais prejudicada da situação aceita a sua condição, então estão reunidos os requisitos essenciais para que nada mude. A não ser para pior, que é o caminho do menor esforço. Só quando tiveres a ousadia de abandonar o barco e decidires dizer *basta* é que terás possibilidades de voltar a sorrir. Não estejas à espera que a outra pessoa mude de um momento para o outro e comece a valorizar-te mais e a demonstrar isso. Não vai. E, se o fizer, desconfia. Além disso, pensa, que legitimidade tens tu de exigir que te valorizem quando és a primeira pessoa a não o fazer? Entende que só depois de tomares noção do teu valor e daquilo que mereces é que poderás passar essa mensagem para o outro lado. O lado onde vive a pessoa que amas, que é uma pessoa que debes amar depois de ti. E repara bem nesta palavra, *depois*. Por a amares muito e não saberes viver sem ela, acabas por viver sem ti para poderes

continuar a tê-la contigo. Isto é, convenhamos, um paradoxal autoatentado ao teu amor-próprio. Já sabemos que o que falta é sempre a coragem. No entanto, nada se consegue sem coragem. Sem coragem para decidir, para escolher ou para dar um simples passo, que por mais curto que seja será sempre muito mais do que estar parado. E não é pela grandeza do seu tamanho, mas pela grandeza do seu significado. Contudo, um dia a dor será tanta, e por tanto tempo, que o único caminho que resta é ser-se corajoso. Dói-te só de imaginares a dor que sentirias se decidisses abdicar da pessoa que amas para que te pudesses amar. E, para não sofreres muito de uma vez, escolhes sofrer um bocadinho todos os dias estando ao lado de alguém que não retribui o amor que lhe dás. Agora pergunto-te, será masoquismo queres continuar ao lado de alguém que te magoa ou será antes egoísmo por queres muito essa pessoa só para ti sabendo que se a largares ela vai para outros braços? Precisarás de muitas lágrimas para conseguires conquistar alguns sorrisos. Mas serão, sem dúvida, sorrisos seguros, consistentes e duradouros, exatamente porque foram conquistados com muito esforço. Foram alcançados depois de muito sacrifício. Serão em menor número do que antes, é certo, mas não te assustes nem sintas mal por isso, pois será apenas porque o sofrimento aumentou a fasquia daquilo que é capaz de te fazer sorrir. A vida insiste em ensinar, da pior maneira, que desistir é, muitas vezes, o primeiro passo para se conseguir. Desistir disto para se conseguir aquilo. E ensina também que o momento em que se começa a mendigar por amor é o momento em que se entra no campo do tão famoso e cruel *tarde de mais*. Ou seja, o momento em que se começa a descer descontroladamente pela montanha do nosso valor. E não é preciso fazer muitas contas para se perceber

quando é que se vai conseguir parar. Por isso é simples, embora não seja fácil, não deixes que seja tarde de mais.

E se amores provisórios existissem?

Quero esquecer-te. Quero tanto tanto esquecer-te. Já tentei de tudo e mais alguma coisa para te tirar da minha cabeça. Sair com os amigos, ver filmes de comédia, manter a minha mente ocupada ou conhecer novas pessoas. Mas nada ainda resultou. Falam-me no tempo. Mas a verdade é que o tempo é mau. O tempo é lento. E eu tenho tanta pressa e tanta vontade de fugir, de voltar a sorrir e de voltar a sentir o que o teu adeus me tirou. Fiquei eu. Só eu. Onde já nem eu estou. Mas vai. Não tenhas pena de mim. Vai e não olhes para trás. Sai e fecha a porta. Fecha bem a porta. É importante para eu poder seguir em frente. Não tentes sequer remediar ou pedir desculpa. Mais tarde ou mais cedo eu ficarei bem. Foi bom, é verdade, mas acabou. E o meu coração há de perceber isso. Até lá, vou continuar a sofrer, sofrer e sofrer. Mas, no dia em que eu voltar a sorrir com vontade, serei eu de novo. E nesse dia irei finalmente perceber que não se morre de coração partido. Até lá vou acreditando que não éramos para ser. Não sei bem o que isso significa, mas na falta de melhor é sempre algo bom para se acreditar. E neste momento agarro-me a tudo o que posso para me ver livre desta agonia. Talvez o que aconteceu entre nós já tivesse uma data de validade e eu apenas não queria aceitar. A paixão tem mesmo uma capacidade incrível de nos iludir e roubar a lucidez. Pelos vistos eu fui mais uma vítima dela, mas, sinceramente, ainda bem. Enquanto for capaz de me apaixonar é sinal de que o meu coração ainda funciona. E não é por hoje eu sofrer por ti que ele se vai avariar. Sofrer também é uma das suas funções. É desagradável, mas não deixa de ser um mal necessário para um dia mais tarde voltar a sentir coisas boas. Se eu não fosse capaz de sofrer, não seria capaz

também, com toda a certeza, de ser feliz. Quem se deixou endurecer pela vida e por isso já não se importa, já não quer saber e é indiferente aos sentimentos e acontecimentos é alguém que, para todos os efeitos, está morto. Quero esquecer-te com todas as minhas forças, mas se há alturas da nossa vida em que temos de saber esperar e ser pacientes é num momento assim. Um momento em que está em jogo a nossa capacidade de voltar a acreditar no amor. Sim, tenho pressa e o tempo é lento, mas ninguém melhor do que ele para me curar. É uma tortura lembrar-me constantemente de ti porque qualquer coisa me faz lembrar de ti. Raios! Parece que há bocadinhos teus em tudo o que os meus sentidos captam. Como conseguiste espalhar-te por tanto lugar? Começo a pensar que foi de propósito para que um dia, quando não resultássemos mais um com o outro, eu ainda te desse razão por me dizeres que era para sempre. Como é que eu não pensei nisso, não era para sempre na minha vida que tu querias dizer, era para sempre na minha memória e coração. Analisando melhor, talvez a paixão não nos iluda, pois ela não nos faz ver coisas onde não existem, não nos deixa é pensar direito sobre as coisas que vemos. Tudo acontece tão depressa que quando damos por nós já estamos ensarilhados numa teia de sonhos e desejos. Enfim, não ficaste tu, mas ficaram as vivências e as lições que aprendi contigo. Até na ausência há sempre algo que fica, quanto mais não seja um gigantesco vazio, que será sempre a eterna lembrança do amor que vivemos. Vou tentar convencer-me de que só faríamos sentido se em algum momento deixássemos de sentir. E vou tentar convencer-me também de que tudo aquilo que fomos foi exatamente aquilo que havíamos de ser. Talvez existam amores provisórios que apenas acontecem para nos prepararem para algo maior. E, se algo maior aí vem, eu quero preparar-me bem para o receber... esquecendo-te.

Não comeces se não for tua intenção continuar

Foi para isto que me conquistaste? Foi para o encostares a um canto que te entreguei o meu coração? Foi para ficar em segundo plano na tua vida que eu permiti que fizesses parte da minha? Foi para eu ir para o fim da fila que fiz de ti uma prioridade para mim? Porque me encheste de promessas e ilusões quando sabias perfeitamente que estavas de passagem? Quando sabias que nunca me irias dar tudo o que me farias querer de ti? Entreguei-me por completo quando tu apenas querias um pedaço. Agora arde-me no peito toda a culpa que se vai acumulando e todo o amor que me vai sobrando. Há tantas formas de se dizer *não* e tu escolheste a pior de todas, que foi primeiro fazer-me acreditar num *sim*. Foi quereres que eu te quisesse mesmo sabendo que não me querias de igual forma. Dizerte isto agora, temo que já não irá mudar nada entre nós, mas pelo menos que mude algo em ti. E se não for a tempo de ser eu a tirar proveito dessa mudança, que seja alguém que mereça. Se não o fizeres por mim, fá-lo por esse alguém que ainda não te conhece. Dói-me dizer tudo isto desta maneira porque parece que fui uma espécie de treino para um jogo a sério que ainda há de vir, mas não me vou culpar porque também não te iria amar de outra maneira. Pois só conheço uma, que é entregar-me por inteiro e com os maiores sonhos do mundo à pessoa que amo. Eu bem me tento convencer de que já chega, que mereço mais do que aquilo que me dás e que eu sou mais do que aquilo que me fazes sentir. Eu bem digo e repito inúmeras vezes ao espelho que é desta que eu ponho um ponto final na nossa história, que é desta que eu darei uma oportunidade a mim de ser feliz e de seguir um caminho diferente do teu. Porque

eu sei, *raios, como eu sei!*, que isto é o melhor para nós. Mas quando dou por mim, lá estou eu de novo nos teus braços. Exatamente porque um dos resultados de te amar como eu é transportar em mim uma ingenuidade disfarçada de teimosia de tentar *só mais uma vez* que dê certo. Exatamente porque amar-te como eu também é transportar em mim uma ingenuidade disfarçada de esperança de que ainda vais mudar. Só te peço que não desperdices o meu tempo. Se não é para ser, diz logo. Se não tens a certeza do que queres, eu decido por ti. E já sabes qual será a decisão. Mas não posso, de maneira alguma, continuar à deriva. O meu tempo ainda é o que de mais valioso posso dar a alguém. E espero que tenhas a noção de que não tens feito muito para o merecer. Já sei que agora que sentes que me estás a perder vais implorar para eu ficar e não sei o quê, mas, por favor, poupa-me a mais um desses filmes. Não vale a pena fazeres pedidos porque eu não faço favores. Se queres que fique, então faz por isso, com gestos e atitudes. Pois o melhor pedido que me podes fazer é dares-me motivos para ficar. O meu amor até pode ser teu, mas eu não. Qual é a diferença? A diferença é que amanhã sei que ainda te vou amar, mas amanhã não sei se ainda estarei ao teu lado. Se ainda terei razões para estar. E isso, neste momento, é algo que depende muito mais de ti do que de mim. Não tenho muitas mais forças para continuar a carregar a nossa relação sem a tua ajuda. Não tenho muito mais amor para continuar a amar pelos dois. Poderás dizer-me que o amor não se gasta, mas eu dir-te-ei que, se não se gasta, então desgasta-se. E sinto que o meu anda todo desbotado e esfarrapado a pedir-te uma esmola para comer. Tens-te dado ao luxo, por estupidez minha, de receber amor sem o dar. Ou seja, é tudo lucro. E só te darás conta do bom que é quando eu fechar a torneira. No entanto, quando finalmente o fizer, não será porque eu tenha decidido deixar

de dar sem receber, será apenas porque eu não terei mais nada para dar. E nesse momento não adianta chorar ou implorar porque eu já não irei voltar.

Não importa o que sentes, mas sim o que fazes com isso

A maioria das pessoas é egoísta. Talvez por natureza. Têm muitas dificuldades em se importarem com alguém que não lhes é importante, como um desconhecido qualquer que precisa de ajuda. Ou um sem-abrigo que pede uma esmola enquanto segura um cartaz de papelão numa rua movimentada. Pois bem, já que são assim *tão egoístas*, porque não dar um bom uso a esse egoísmo? Uma vez que por outro motivo certamente não o fariam, ou pelo menos tão prontamente, então ajudem alguém pensando em si mesmas e não na pessoa que estão a ajudar. Sabemos que, em condições normais, se ajudarmos alguém, uma vez que estamos a cometer uma boa ação, isso vai fazer-nos sentir melhor com nós mesmos. À partida vamos ficar de consciência tranquila e com o sentimento de dever cumprido. Imaginemos, então, que o fizemos inteiramente a pensar no nosso bem-estar e não no da outra pessoa. Parece mau, à primeira vista, mas agora pergunto, nós ficamos bem porque ajudamos alguém, certo? A pessoa que foi ajudada também ficou bem porque, precisamente, foi ajudada, certo? E o mundo ficou melhor porque quem ajudou ficou melhor e quem foi ajudado também, certo? Ora aqui está uma boa forma de transformarmos algo aparentemente mau em algo bom. Ajudámos alguém com as melhores segundas intenções possíveis, que foi procurar uma maneira de nos sentirmos melhor fazendo alguém sentir-se melhor. O que fica é sempre aquilo que se manifesta e transmite. Parecendo que não, o importante não é aquilo que somos, mas sim o que fazemos com isso. De pouco serve ao mundo e às pessoas aquilo que somos e sentimos de bom se não se transformar isso em gestos,

atitudes e palavras. Pois o altruísmo é das melhores manifestações de bondade. Ainda que ele tenha sido originado a partir de um egoísmo, tivemos a capacidade de repudiar e transformar. Imaginemos uma faca. Um simples objeto que tanto pode ser um utensílio de cozinha como uma arma branca. E tudo depende do uso que lhe é dado. E com isto vem o tema da inveja. Tal como o exemplo do egoísmo e até como o da faca, a inveja acaba por ter uma conotação negativa precisamente porque as pessoas teimam em dar-lhe um mau uso. A inveja é um sentimento e enquanto não passar disso afetará apenas a pessoa que o sente, o invejoso. O verdadeiro mal reside no ato que se comete com o sentimento que se tem. Quando alguém sente inveja de outra pessoa por ela ter ou ser mais, a tendência do invejoso é prejudicar essa pessoa até que ela tenha ou seja menos que ele. Quando o consegue, a inveja vai-se embora. No entanto, a pessoa que a sentia continua na mesma posição de sempre. A outra é que está pior. Este é o mau uso, e também o mais comum, dado à inveja. O bom uso é exatamente transformar essa inveja pela outra pessoa em motivação. Usar essa inveja como estímulo para se tornar maior e melhor do que ela sem com isso lhe provocar qualquer dano. Um dia terá mais e será mais do que ela e a inveja vai-se embora porque deixa de ter razão de ser. Prejudicou-se? Não. Prejudicou a outra pessoa? Não. Fez algum mal ao mundo? Não. E no final de contas ainda se livrou desse sentimento desagradável. Ninguém nos pode culpar por sentir inveja, pois é instintiva, natural. O que nos podem culpar é de usar essa inveja para fazer mal a alguém. Ninguém é punido por odiar esta ou aquela pessoa, é punido precisamente por transformar esse sentimento em ações e fazer mal a esta ou àquela pessoa. Por isso, não te limites a sentir e pensar coisas boas, é preciso fazê-las e mostrá-las.

Amem-se como irmãos como vos amo como filhos

Esta carta é para todos vocês, meus filhos. Meus sete filhos. Meus eternos pequeninos. Se lerem esta mensagem é porque já não há mais tempo para mim. Já não há mais oportunidades de vos acariciar o rosto, de vos pedir para vestirem o casaco antes de saírem de casa porque está frio lá fora, de vos dizer para irem devagar na estrada porque está tempo de chuva, enfim, de vos chatear a cabeça com minúsculas preocupações que só uma mãe tem. Perdoem-me se em algum momento fui demasiado cuidadosa, injusta até, ou se demonstrei gostar mais de uns do que de outros. Acreditem que não dá. Se alguma vez quisesse dizer que gostava mais deste ou daquele, tenho a certeza de que não me iria sair palavra nenhuma da boca. Não há mãe nenhuma no mundo que consiga dizer que ama mais um filho do que outro, não por não ser possível, apenas porque o amor por um filho vai muito além daquilo que se possa comparar. Sei que os mais velhos sentiram, por vezes, que eu e o vosso pai protegíamos mais os mais novos do que eles. Mas não foi, nunca, por gostarmos mais deles ou termos mais esperanças neles, era apenas porque precisavam mais. Um dia, vocês, os mais velhos, estavam no lugar deles e foram tratados da mesma maneira, que era a melhor que sabíamos. Mas até nós, pais, precisamos de aprender. Sei que parece que sabemos tudo ou até que devemos ter essa obrigação, mas nós também tínhamos de aprender. Há coisas que não vêm nos livros e não há conselhos que nos valham. Não me culpem, por favor, por ter educado uns melhor do que outros. Porque eu eduquei cada um sempre da melhor maneira que sabia quando tinha de o fazer. Agora, nesta hora em que já não existem mais

horas e em que tudo o que ficou por perguntar ficará sem resposta, eu tenho apenas um pedido para vos fazer, continuem irmãos. Mesmo depois destes anos, e apesar de cada um ter construído a sua própria família, a que escolheram, nunca se esqueçam da família que vos dei. Porque isso é um elo que vos une para sempre. Mesmo que não queiram. E, quando assim é, aquilo que *temos de aceitar* tem ainda mais força. Saibam que, esteja eu onde estiver, estarei desiludida se alguns de vocês estiverem de costas voltadas. Não há nada que mais magoe um pai ou uma mãe do que ver os filhos uns contra os outros. Se algum dia alguma situação pedir isso, lembrem-se deste pedido. Mas lembrem-se dele antes de qualquer discussão ou desavença. Por mais motivos que haja para se revoltarem, acreditem que haverá sempre um motivo bem maior para fazerem as pazes. Não vos peço mais nada. Não vos peço flores, velas, missas, orações, nem nenhuma dessas desnecessidades, apenas que permaneçam ligados e unidos com o amor que vos deixo. Também vos quero dizer que não vos culpo pela falta de tempo que tiveram para mim durante a minha velhice. Sim, senti a vossa falta, sim, gostava de ter tido mais a vossa companhia numa despedida que dia após dia ganhava força. Mas também sei que a família que cada um de vocês construiu é a vossa prioridade. É difícil para qualquer pai ou mãe aceitar que já não é *tão* importante, mas a vida é mesmo assim. Nós acabamos por compreender. Não quero que se sintam culpados, apenas que nunca se esqueçam de que um dia estarão no meu lugar e que também vocês deverão estar preparados para isso. As meninas aqui do lar sempre me trataram muito bem e as pessoas que conheci aqui foram um bom suporte de amor sempre que não vos tinha por cá. Talvez amanhã, ou depois, visitarão esta mesma cama de onde vos escrevo e não me encontrarão aqui. A vossa mãe

não estará mais aqui. Nem nesta cama, nem neste mundo. Mas garanto-vos que, se valeu a pena vir a este mundo, foi porque cada um de vocês os sete veio também.

Terás de mim aquilo que cativares em mim

Não, eu não sou mil pessoas num corpo, nem sequer bipolar ou qualquer uma dessas coisas. Eu apenas sou para as outras pessoas aquilo que cativam em mim. Se me tratarem bem eu serei bom, se me tratarem mal eu serei mau. É simples. Talvez eu devesse ser sempre bom, independentemente do mal que me fazem, mas não consigo. Sou, acima de tudo, justo. Isso não me tornará santo, já sei, mas é a forma que tenho de me defender de quem me quer mal e retribuir o bem de quem me quer bem. Não me vingo nem faço mal a ninguém, apenas tento ser um fiel espelho do que são para mim. Talvez desta forma as pessoas que me rodeiam tenham melhor noção daquilo que são. Aprendi que devo ser bom, mas não bonzinho. As pessoas têm tendência para abusar de quem não exige retorno. Não me acusem de falsidade, não me acusem de para umas pessoas ser uma pessoa e para outras outra. Não sou falso porque não finjo ser o que não sou, não finjo gostar do que não gosto e não digo uma coisa na cara e outra nas costas. Os meus valores e princípios mantêm-se intactos, independentemente de quem está do outro lado e do que me tenha feito. E é isso o que melhor me define enquanto elemento da sociedade. Sou sempre eu, com todas as pessoas, a diferença é que umas pessoas merecem uma faceta minha e outras outra. Não seremos todos assim, ainda que de uma forma subentendida? Talvez seja uma questão de instinto, reagir em função do impulso e estímulo, mas é também essa a nossa natureza. Muitos hão de ser capazes de a contrariar, e independentemente de tudo o que lhes fazem permanecem imutáveis e sempre dispostos a dar a sua parte boa ao outro. Não nego que seja esse o

caminho mais acertado, pois se devolvermos o mal a quem nos dá mal só vamos piorar a situação. No entanto, por outro lado, se não reagirmos, se permitirmos que nos façam tudo e mais alguma coisa sem que sejam punidos de alguma forma por isso, estaremos a abdicar do nosso respeito e amor-próprio. E não há melhor punição do que ignorar, limitar ou afastar essa gente da nossa beira. Se não o fizermos estaremos a dar livre passe para continuarem a agir incorretamente connosco sempre que quiserem. Perdoem-me a incapacidade de ser mais vezes quem eu devo ser em vez de quem realmente sou, mas não fui feito para ouvir e calar. Tal como não irei pôr o meu orgulho constantemente de lado só porque *há outras coisas em jogo*. Pois se eu deixo de ser quem sou só porque alguém é quem é, quem serei eu, afinal? Tudo menos eu, com certeza. Não, não vou dizer tudo o que penso, nem fazer tudo o que me apetece. Conheço bem os limites do desnecessário e inapropriado. Por essa razão, tudo o que digo é verdade, mas não digo todas as verdades. Não permitirei nunca que façam de mim o que querem. Não serei alguém em quem aliviam as suas frustrações só porque sabem que nada irá acontecer. Percebi que cada silêncio que eu consentir contra a minha vontade é uma mágoa que acrescento à já extensa coleção que trago no peito. E eu não quero ocupar o pouco espaço que ainda tenho com coisas que não interessam, vindas de pessoas que nada importam. Já engoli muitos sapos para promover a paz à minha volta e no meu interior, e hei de continuar a fazê-lo sempre que achar que é o melhor, mas não vou deixar que pensem que é a minha refeição favorita. Independentemente de todos os sapos, mágoas, instintos, culpas e punições, há uma lei que faço questão que me acompanhe todos os dias, e essa lei define que terão de

mim o que mais ninguém tem enquanto forem para mim o que mais ninguém é.

Se há alguém para estragar, há alguém para compor

Desculpa. Já sei que não queres as minhas desculpas para nada, tampouco os meus conselhos, mas deixa-me dizer-te tudo isto numa tentativa, porventura inútil, de me sentir menos mal comigo mesmo. Desculpa se ela estiver com um pé atrás em relação a ti ou desconfiar de ti. A culpa não será tua, mas minha. Fui eu que não soube valorizar a confiança e o amor dela quando me deu a honra de partilhar a sua vida comigo. Desculpa se ela estiver receosa e não se entregar por completo a ti. Não, não é culpa tua, garanto-te, nem sequer a culpes a ela, por favor. Sou eu o culpado, porque fui eu que nunca soube estar por inteiro ao lado dela e nunca fui capaz de retribuir na mesma proporção tudo o que ela fez e foi comigo. Perdoa-me ainda todo o trabalho que terás para compor o que eu estraguei e o que eu não consegui cuidar com o jeito que merecia alguém como ela. Chega aos teus braços cheia de medos e desilusões com que eu mesmo lhe fui alimentando a alma enquanto me amou. Fui burro e estúpido e mereci perdê-la. Dói-me tanto tanto admiti-lo, mas acho que se não o fizer ainda me irá doer mais. Abri os olhos tarde de mais e o arrependimento que sinto é uma dor que tortura muito mais do que dói. Não penses que ela é assim porque não gosta de ti. Se não gostasse e não acreditasse, ela nem sequer te dava uma hipótese. Compreende-a e sê paciente, pois é tudo o que ela precisa. Qualquer dúvida que a possua neste momento não é real, e tu vais ter de lhe mostrar que não és igual a mim para ela finalmente poder descansar e voltar a amar. Porque ela quer, merece e consegue se tiver a pessoa certa ao lado dela. Espero, e digo isto do fundo do coração, que sejas tu essa pessoa. Não sei se conseguirei suportar a

dor de a voltar a ver passar pelo mesmo, somada à culpa de ter desperdiçado uma oportunidade de a fazer sentir a mulher mais feliz do mundo. Talvez seja ridículo da minha parte fazer isto, e talvez até me ignores, estás no teu direito, mas deixa-me dizer-te que a melhor forma de ela adormecer é deitada sobre o peito. É muito certinha e não suporta ver coisas fora do sítio. Talvez já saibas tudo isto, mas... quando ela está irritada não vale a pena tentares acalmá-la. Não te aproximes e nem sequer lhe toques, ela não suporta. É melhor deixares passar algum tempo e ela mesma virá ao teu encontro. Adora filmes de guerra, odeia filmes de terror. Tem fobia a aranhas, mesmo, e não suporta andar. Aliás, se ela pudesse andar de carro dentro do centro comercial, ela andava. Mas é apenas porque ela liga muito à imagem e anda sempre que possível de tacão. Tudo isto porque gosta que a pessoa que está ao lado dela sinta orgulho nela. Como já deves ter reparado, ela é muito insegura e a autoestima não é das melhores, não te posso dizer que sou completamente inocente neste aspeto, mas, por favor, não refiras os seus defeitos mais óbvios. Ela já os conhece perfeitamente e esforça-se muito para os tentar corrigir. Essa é das suas melhores qualidades, o esforço que faz para ser sempre melhor, para merecer cada elogio que lhe façam. Estaria aqui uma infinidade de tempo a falar-te sobre ela, mas seria incorreto da minha parte. Deves e mereces descobri-la com os teus próprios olhos, é impossível não nos apaixonarmos com o seu jeito infantil com que por vezes fala. E só quem a conhece de perto sabe do que falo. Sê para ela tudo o que eu não soube nem consegui e ajuda a amenizar a minha culpa e o medo dela. Não sabes, mas está nas tuas mãos muitos dos nossos futuros sorrisos. Com o tempo vais ver que ela merece o teu melhor *eu*, e se lhe deres o melhor de ti só poderás ser feliz ao lado dela. Não cometas o erro de lhe alimentar um sonho

que sintas que não vais ser capaz de cumprir e desfruta ao máximo do sonho que é viver ao lado dela. Um sonho que eu não soube aproveitar e hoje convivo com este pesadelo.

Deixemos acontecer, mas façamos por acontecer

Quanto tempo mais vamos continuar longe um do outro a negar e a reprimir os desejos que sentimos um pelo outro? Quantos mais sinais precisamos nós da vida para tomarmos, de uma vez, a decisão que ela e nós queremos? Começo a acreditar que ela não vai descansar enquanto não nos juntar. A cada dia que passa falta-me mais o teu corpo nas minhas mãos. E eu nem sequer sei o que é tê-lo por completo nas minhas mãos. É ainda mais inexplicável a falta que sinto por ser de algo que nunca tive. O desejo, a atração e os sonhos em comum unem-nos pela distância de dois olhares silenciosos que imploram um pelo outro. Estamos separados pelo medo do desconhecido, pela dúvida do que deve ser ou não, pela paradoxal insegurança que todas as nossas certezas nos provocam. Queremo-nos tanto e há tanto tempo que já nem sabemos qual o momento certo mais acertado. Temos medo de não acertar no momento. E isso é o que ainda nos vai segurando. Vamos deixando que o destino vá fazendo o seu trabalho e que o *que tiver de ser* seja bom e nosso amigo. E se o momento certo estiver apenas à distância de uma decisão de um de nós? E se o destino não passar de um mito e tudo o que nos separa for, afinal, um simples passo na direção um do outro que apenas ainda não decidimos dar? Se fosse mesmo para ser, se calhar já devia ter sido. Mas e se fosse para não ser, será que ainda éramos o que somos um para o outro? Parece que estamos à espera da vida e o mais certo é ela estar também à nossa espera. Quando assim é, nada acontece e tudo não passa de um engano que o tempo não perdoa. Eu não vou forçar rigorosamente nada. Não te vou pedir nem convencer de nada. Vou simplesmente deixar

acontecer, mas antes disso vou fazer por acontecer. Temos sempre estado na expectativa um do outro, na esperança de que o outro saiba qual a melhor altura para o que quer que seja, mas para mim não dá mais. Se de facto não queres nada comigo, então não te aproximes. Mantém a distância e nada acontecerá entre nós. Mas se te aproximares de mim, eu vou interpretar isso como um *sim*. Não me vou segurar nem conter e vou fazer de tudo para ficar contigo. Se te aproximares de mim, estarás a dizer-me que queres, que também queres tanto quanto eu, tudo o que possa acontecer entre nós. E eu vou fazer-te querer ainda mais. Não preciso que me digas uma única palavra, nem esperes que eu te diga alguma coisa. Mas se te aproximares, acredita, não te vou deixar mais fugir. Que se foda se é o que a vida quer ou não ou se é ou não o que estava destinado. Tudo o que nos irá comandar serão os nossos desejos. Nada mais. E acredito profundamente que eles sabem muito melhor o que fazer connosco do que qualquer uma das nossas razões que até agora nada fizeram. Se realmente me quiseses ao teu lado, nos teus braços, na tua vida e na tua cama, vais ter de arriscar comigo e confiar em mim. Vais ter de perceber que nos poderemos magoar, mas que será bom, que nos poderemos arrepender, mas que valerá a pena. Se realmente me quiseses, vais ter de estar preparada para caminhar no limiar daquilo que é proibido e errado. No entanto, não acredito, também, que exista outra maneira de viver. Existem muitas outras formas de vida, mas só esta nos garante que viveremos. Não sou mais nem menos do que qualquer outro homem com quem te cruzaste na tua vida, mas sou diferente. E isso basta-me para fazer de ti uma mulher realizada. Temo que tudo o que possa acontecer depois de agora dependerá apenas da tua coragem para ficar... ou ir embora. Já passámos, há muito, aquela fase de

incerteza acerca do que cada um quer. Já sabemos que queremos o mesmo. Só falta saber se faremos também o mesmo para levar até ao fim o que nos trouxe até aqui.

A questão não é seres, mas acreditar que és

Talvez o teu problema seja mesmo a falta de confiança. Em ti, claro. Pois certamente que mais depressa confias noutra pessoa do que em ti. Diz-me como é que queres que alguém acredite em ti quando nem tu o fazes? Pensa comigo, que motivos tem alguém para acreditar em ti, quando tu, que és a pessoa que mais sabe de ti, não o fazes? Antes da confiança de qualquer pessoa, deves ter a tua. Podes estar a dizer a maior mentira do mundo, mas se a disseres com confiança e convicção até o mais cético vai acreditar. A confiança das tuas palavras será sempre o melhor argumento para convenceres alguém. Porque ela é contagiante. É assim como um riso engraçado que quando o ouves te dá vontade de rir. É claro que não há fórmulas mágicas, nem a confiança em ti mesmo se conquista de um dia para o outro, mas qualquer caminho, seja curto ou longo, precisa sempre de um primeiro passo. E talvez esse primeiro passo seja dizeres para ti mesmo *não sou capaz*. Sim, diz bem alto para ti mesmo *não sou capaz*. Mas depois para e questiona-te: *não sou capaz porquê?* Se o tempo é pouco, apressa-te. Se não sabes, aprende. Se não tens oportunidade, inventa-a. Uma coisa é não ser capaz, outra é não querer ser capaz. Portanto, primeiro certifica-te de que queres. Que queres mesmo. Que queres muito. E depois então faz por isso. Faz tudo por isso. É importante saberes que a vida, em algum momento, vai tentar convencer-te de que não vale a pena acreditar, amar, tentar, lutar e confiar. E nesse momento vais ter de te convencer de que enquanto se acreditar valerá sempre a pena amar, tentar, lutar e confiar. Acreditar é sempre a base de qualquer conquista. Cair faz parte. Sofrer faz parte. Perder faz parte. O que não

faz parte é não admitir que se falhou. É não aprender com os erros. É não levantar a cabeça. É não seguir em frente. Se há coisa que se deve aceitar é que o mal vem e se há coisa que não se pode aceitar é que o mal fique. E todas estas pequenas coisas vão influenciar a tua confiança. Principalmente quando ela é sensível. Quantas vezes dizes *talvez, não sei* ou *escolhe tu*? Quantas vezes abdicas do primeiro plano só para que ninguém repare em ti? Quantas vezes deixas que decidam e escolham por ti só pelo medo de fazeres uma má opção? Temes de morte dar um passo errado ou que alguém te julgue pelo que fazes ou dizes quando tu és a pessoa que mais sabe e manda na tua vida. Enquanto permitires que isso aconteça, serás sempre a sombra, a marioneta ou o reflexo de alguém e nunca tu mesmo. Cria as tuas próprias regras, impõe os teus limites, monta uma cerca à tua volta se for preciso. Define bem a tua personalidade, aquilo que permites e aquilo que não admities. Cria o teu próprio mundo. Se nesse mundo és tu quem mais manda, quem poderá ter mais confiança do que tu nele? Quando assim é, a opinião do outro deixa de te influenciar tanto porque a tua palavra impera. E quando te disserem *é melhor de outra maneira*, tu respondes *eu é que sei como é que é melhor*. Porquê? Porque na tua vida, no teu mundo, és tu que mandas. As coisas só vão mudar quando tu aceitares o desafio de vir para a luz, escolher o primeiro plano, dizer mais vezes que sim, que queres, que sabes e que consegues. Achas mesmo que as pessoas confiantes não têm medos e fraquezas? Claro que têm, muitos, até porque ser confiante não depende de ter ou deixar de ter, mas sim de saber camuflar, contornar e controlar isso. O segredo não está naquilo que és, mas naquilo que pensas de ti. Está na tua forma de pensar, ver e gerir aquilo que acontece dentro de ti e à tua volta e não no que realmente acontece. Solta-te desse pessimismo que te

impede de seguir em frente e verás que a confiança surge naturalmente. Afinal, porque é que uma queda tem de ser uma queda e não um simples voo na vertical?

Não importa o que vai ser, mas sim o que ainda é

Confesso que às vezes, quando acordo durante a noite, deixo-me ficar por uns momentos a olhar para ti. É tão bom ver-te dormir ao meu lado. E é tão incrível a sensação de saber que uma mulher como tu dorme na minha cama. Adoro ficar a olhar-te com os olhos reluzentes de amor e ver os teus cabelos desenhados sobre os lençóis e o teu corpo recolhido como o de um bebé que dorme sobre uma almofada de sonhos e esperança. Sinto-me mesmo o homem mais sortudo do mundo por saber que fui o escolhido para partilhar as tuas noites de sono. Sabes essas histórias de almas gémeas? Eu nunca acreditei muito nisso. Nunca fui de me iludir com essas coisas que se leem nos livros. Mas tu, tão simples e natural, provaste-me finalmente que essas histórias não são de escrever, são de viver. Se há dias que valem por uma vida inteira, o dia em que te conheci é um deles. E se há noites que valem por uma eternidade é qualquer uma em que te possa ver dormir junto a mim quando o sono se interrompe. Por mais que já o saibas, deixa-me, por favor, lembrar-te de que sempre fui e sempre serei contigo o melhor que sei ser, o melhor que consigo ser, o melhor que me deixas ser. Se estou ao teu lado, acredita que estou inteiro, completo, de corpo e alma. E enquanto estiver ao teu lado dar-te-ei mais do que dou a mim, tirarei da minha boca para te dar a ti e serás sempre a minha prioridade. Por isso, se algum dia te faltar e não puder mais fazer-te companhia durante os teus sonos e proteger-te nos teus pesadelos, então que deixe saudade no teu peito e um sorriso no teu rosto sempre que te lembrares de quando o fiz. Se algum dia te faltar, meu amor, então que nunca te tenha deixado faltar nada enquanto estive. Se

algum dia te faltar, seja por que motivo for, estarei zangado comigo mesmo por não continuar ao teu lado para te amar e proteger como devia. O meu medo nunca foi ir embora da tua vida cedo, mas sim nunca ter realmente estado quando podia estar. Preocupamo-nos tanto com o que vai ser, com o que pode ser e com o que podia ter sido que nos esquecemos de viver aquilo que é. E aquilo que é... é tudo o que temos. Às vezes estou quase a cair na tentação de adiar fazer algo contigo, experimentar ou dar-te alguma coisa e tenho de dizer para mim mesmo, *não, não adies, parvo. E se amanhã não estiveres mais ao lado dela? E se amanhã não estiveres mais aqui?* Assusta-me demasiado a ideia de já ser tarde, de já não ir a tempo, de já não ser mais a mesma coisa ou até de não ser coisa nenhuma. Por isso, quero viver tudo o que puder e souber contigo, pois tenho como missão interior dar-te as melhores experiências e recordações da tua vida. Quero ser o teu melhor acontecimento. E quero acontecer e fazer acontecer todos os dias o amor que nos faz ficar. Pois só o que nos faz ficar é que nos mantém em movimento. E se um dia, quando te lembrares de mim, te florir um sorriso, acredita que estarás a fazer um homem feliz, esteja ele onde estiver e mesmo se de nada ele souber. O amor é um sentimento calmo e tranquilo, e por ser assim tantos de nós nos esquecemos que o sentimos. E tantos de nós nos desleixamos por não nos lembrarmos sequer que sentimos amor. Mas eu farei questão de me lembrar diariamente que o sinto por ti, tal como farei questão de te fazer saber que o sinto por ti. E se em alguma das nossas muitas noites acordares a meio do sono e me vires acordado a olhar para ti, peço-te que não te assustes e nem me perguntes o que é que se passa, pois eu iria apenas responder-te que tudo o que se passa é simplesmente... amor.

Depois de doer é que sabes o que vale quando não dói

Eu tenho pouco, é certo, mas tudo o que tenho é meu. Tudo o que tenho eu posso ter. Tudo o que tenho eu fiz por ter. Não me faço mais do que aquilo que sou, aquilo que puder dar eu dou e sempre que puder estar eu estou. Se o outro não me é importante, a vida dele muito menos é. Não me interessa a classe social, a orientação sexual, a religião ou a cor de ninguém porque atrás de cada rótulo e capa existe uma pessoa com uma história que só ela conhece. Guardo as minhas opiniões para mim porque a minha paz é demasiado valiosa e não abro a boca quando não percebo do assunto ou ele não me diz respeito. Dou a mão a quem quero perto, um empurrão a quem quero longe e assim vou limpando as bermas do meu caminho. Esforço-me para não ficar por dizer nenhum *obrigado* ou *desculpa* e sempre que erro sou o primeiro a reconhecer. São estes os meus princípios e valores e é por causa deles que hoje não olho pelo ombro e a consciência não me pesa. Sabe muito bem dormir descansado, mas até para isso é preciso muito esforço e trabalho. O caminho mais fácil é odiar, julgar, opinar, discutir, endividar. E tudo isto são formas de perder a nossa paz e nos pesar a consciência. Só quando olhamos para nós próprios e aprendemos a aceitar aquilo que somos e temos, seja isso muito ou pouco, é que alcançaremos a humildade suficiente para viver tranquilamente. E abraçada a essa humildade está a verdade e a honestidade. Uma pessoa falsa está sempre preocupada em esconder, controlar, mudar e manipular qualquer coisa. Não tem sossego porque a ordem natural das coisas é a verdade e ela sente necessidade de desviar os acontecimentos. Mas só a verdade traz descanso. É importante perceber que

haverá sempre alguém pronto a tramar-nos a vida. Sempre alguém que não vai com a nossa cara e muitas vezes sem razão fundada. E eu aprendi a aceitar que as coisas são mesmo assim. Que se ninguém me odiar ou não gostar de mim por algum motivo, então é porque eu estarei a ser falso com alguém. Devemos sempre tentar adaptar-nos às pessoas que queremos que façam ou que continuem a fazer parte da nossa vida. No entanto, isso não pode significar que deixaremos de ser nós mesmos. E para isso não acontecer é preciso mantermo-nos fiéis aos nossos valores. Haverá sempre alguém que vem e não vai ficar e alguém que por mais que amemos não nos vai amar. Talvez porque estejamos todos de passagem na vida uns dos outros e algumas passagens demoram tanto tempo que acabamos por morrer primeiro do que elas. Talvez seja este o fenómeno que ouvimos falar de *para sempre*, uma passagem que apenas foi mais longa do que a nossa vida. Não queremos acreditar, mas os finais também fazem parte. Perder, cair, sofrer também faz parte. Também é necessário. Só depois de sabermos o que dói é que sabemos o que vale quando não dói. São estes pequenos acontecimentos que nos vão moldando por dentro, que me foram moldando por dentro. E se hoje não julgo alguém pelos rótulos que tem foi porque um dia eu soube o que isso doía. Foi porque um dia eu senti na pele a injustiça que isso era. Se hoje não deixo nada por dizer foi porque também um dia eu queria que o tivessem feito comigo e não o fizeram. A própria vida faz questão de nos chamar à atenção e de nos dar reguadas para aprendermos, nós é que insistimos em ser maus alunos só porque não concordamos com os métodos de ensino dela. E depois, teimosos como somos, vamos deixando tudo para mais logo. Agora nunca é hora, nunca dá tempo. E o tempo vai passando devagar para não nos incomodar. E a

vida vai-nos escapando pelos dedos, porque com todos os nossos medos não a conseguimos aproveitar.

Se respeitas a vida, não esperes

Não esperes por essa pessoa. Ela foi embora porque quis e sabia o que estava a fazer. Achas mesmo que, se quisesse ficar, tinha ido embora de livre vontade? Não te deixes morrer para a vida numa espera incerta. Segue em frente. Faz o teu caminho. Não desperdices o pouco tempo que tens para esperar por alguém que não quer voltar. Esperar é dos piores crimes que podes cometer contra a vida. Se essa pessoa tiver de voltar, que volte, quando lhe apetecer, mas no intervalo de tempo entre o momento que foi e voltou tu continuaste a viver porque escolheste não esperar por ela. Quando voltar, se voltar, logo verás o que é melhor para ti. Avalias os pontos negativos e positivos e tomas uma decisão. Mas nunca deixes de agarrar uma certeza que te faz bem por acreditares numa hipótese que poderá ou não fazer-te melhor. Não te iludas, já viveste o suficiente para não cometeres esse tipo de erros. A esperança é bonita, sim, mas na maioria das vezes não passa de uma desilusão adiada. Isto não serve para te desanimar, serve apenas para te manter os olhos abertos e os pés na terra. Se o teu coração te diz que é melhor esperar e a razão concorda com ele, então só te resta fazê-lo. Mas fá-lo apenas se os dois estiverem de acordo. Porque, se fores apenas pelo coração, o mais certo é esperares a vida inteira por um regresso que não vai acontecer e por um amor que não vai aparecer. Faz-te à estrada sem perder tempo. Se essa pessoa quiser realmente voltar, ela vai atrás de ti, vai procurar-te e só vai descansar quando te encontrar. No entanto, se decidires esperar por ela, ela vai saber onde estás e vai voltar à mínima vontade porque sabe que a vais receber de braços abertos. E não será difícil de perceber que volta com a mesma facilidade com que se vai embora novamente. Já sei

que quem ama tem muitas dificuldades em dizer *não*, mas isso só desvaloriza cada vez mais o *sim* que se dá e a oportunidade que ele transporta. Respeita-te mais, porque mereces e porque tens de o fazer se quiseres continuar a olhar-te ao espelho e sentires orgulho do que vês. Percebe que quem quer arranja sempre maneira de conseguir. E tu não queres querer ninguém que não te queira também. Mantém a ideia de que um dia talvez regresses, isso vai ajudar a atenuar a dor da partida, mas não a alimentes muito, senão o efeito será bem pior. E depois não te esqueças de seguir logo viagem. Ironicamente, o passo mais importante quando nos deixam sozinhos é dar um passo, é não ficar parado. A vida só acontece em movimento. Vai custar muito caminhar porque à medida que vais avançando vais-te afastando de um lugar onde foste feliz. E isso dói sempre. Mas lembra-te de que, por outro lado, estarás a aproximar-te de um lugar onde voltarás a ser feliz. Ficares onde estás, depois de já não teres razões para estar, só te vai encher de infelicidade. Culpa das inúmeras recordações do que já não é mais. E tudo o que já não é mais é propriedade do passado, logo é lá atrás que tens de ficar, logo esse é um lugar que tens de abandonar. Caminha sempre com a esperança de que a vida é justa e de que mais à frente, algures no tempo, haverá alguém bom que sem esperar por ti te encontrará. E esses são, sem dúvida, os encontros mais incríveis. Alguém com os braços abertos para te receber e um coração pronto a encher-se com o teu amor. Segue acreditando que vale a pena cada passo que dás e cada lágrima que te corre pelo rosto. Encontrarás muitas bifurcações no caminho da tua vida e muitas das pessoas que tens ao teu lado não vão escolher o mesmo lado que tu. Mas não as culpes, pois para elas foste tu que não escolheste o mesmo lado. Precisamente porque cada um faz o seu percurso e as suas escolhas. Não é mais nem

menos correto, é diferente, apenas. Compreende e aceita tudo isto e o que vier a seguir que seja o que tiver de vir.

Fizeram-nos irmãos, fizemo-nos amigos

Parece que finalmente vais desencalhar, maninha. Se ele não mudar de ideias, é hoje que tu casas. É hoje o dia em que eu me vou ver livre de ti. Confesso que durante muito tempo foi um desejo profundo meu, mas também há muito que deixou de o ser. Principalmente nos últimos dias eu comecei a sentir algo que eu nem sabia que era possível sentir por ti, saudades. Vivemos quase sempre só os dois em casa. Os pais trabalhavam durante a maior parte do tempo e tu, como irmã mais velha, tiveste de assumir muitas vezes o papel da mãe. Eu compreendia essa tua obrigação pessoal, sempre compreendi, mas isso não impedia de te odiar quando me davas ordens com aquele tom de voz desprezível e irritante. Acontece que hoje consigo sentir até saudades disso. Fomos crescendo e a maturidade que a idade nos trouxe, principalmente a mim, foi espaçando cada vez mais no tempo os nossos conflitos. Mais do que irmãos, fomo-nos tornando amigos, e hoje é o dia em que esses dois amigos se separam oficialmente. Isto agora vai parecer mais uma carta de um ex-namorado do que outra coisa qualquer, mas a verdade é que eu ainda não sei viver sem ti. Hei de aprender a conviver com isso, que remédio o meu, mas desde que anunciaste a data do teu casamento que eu fui sempre adiando o processo de mentalização. Não sei porquê, talvez porque tinha um fio de esperança, e perdoa-me por isto, de que esse rapaz que se prepara para casar contigo desistisse da ideia. Enfim. Isso não se concretizou, ainda bem, e agora sou obrigado a aprender a conviver com a realidade de não levar com a tua cara todos os dias, não te ouvir a discutir com a mãe por não a ajudares em casa, nem aturar o teu mau humor por razões desconhecidas. Agora que se acabaram as regalias

de viver com uma irmã mais velha, deixa-me dizer-te umas coisas para que possamos começar esta nova etapa com o passado bem resolvido. Não sei se este é o momento certo para dizer isto, mas se não for agora nunca mais será. Sabes aquele *MP3* que tu adoravas e que ficaste muito triste porque pensavas que o tinhas perdido? Pois, eu não te contei logo e o segredo acabou por durar todos estes anos, mas uma vez esqueceste-te dele em casa e eu aproveitei e levei-o para a escola. Por ironia do destino perdi-o nesse mesmo dia e deixei-te acreditar este tempo todo que tinhas sido tu a perdê-lo. Desculpa, mas tu nunca me deixavas levá-lo e eu tive de aproveitar aquela oportunidade. Infelizmente, com a euforia, acabou por desaparecer. Hoje acredito que já não te faça diferença e que não passaria de mais um objeto, mas precisava de te confessar este meu pecado. E agora que me sinto mais aliviado é o momento de te agradecer por tudo o que fizeste por mim. Obrigado por todos os almoços que me preparaste para que tivesse o que comer quando chegasse da escola. Obrigado por todas as vezes em que me arrumaste o quarto e me lavaste a roupa, ainda que fosse contra a tua vontade. Obrigado por deixares sempre um resto das batatas fritas que compravas, no fundo do pacote, para me dares a mim, e obrigado por nunca comeres as tuas bolachas todas por saberes que eu também ia gostar de as provar. Obrigado, especialmente, por todas aquelas vezes em que me defendeste na escola quando eu ainda era um lingrinhas. Eles gozavam-me por ter de ser a minha irmã a defender-me, mas a verdade é que nunca mais me tocavam. Obrigado, acima de tudo, por teres substituído tão bem a nossa mãe sempre que ela não podia estar presente. Dito isto, resta-me desejar-te as maiores felicidades deste mundo, pedir-te que não te esqueças de mim na altura de escolheres um padrinho para o teu primeiro filho e dizer-te ainda que, sempre que

precisares, tens um quarto lá em casa preparado e decorado para te receber.

Sou fria ou tu é que não mereces o meu calor?

Fria, eu? Não acho que seja insensível ao ponto de merecer esse título. Sinto, penso e preocupo-me demasiado, logo não cumpro sequer os requisitos mínimos. Aquilo que tenho não é frieza. É distância. Distância de segurança. As pessoas já me surpreenderam e desiludiram muito para eu cair no erro de dar confiança às primeiras tentativas. Quem realmente quer a minha confiança há de dar-me a sua primeiro e fazer por merecer a minha. Tal como eu faço quando quero muito a de alguém. De certa forma até agradeço a todas essas pessoas mal-intencionadas que apareceram na minha vida porque sem dúvida que me ensinaram muitas coisas e me prepararam bem para o futuro. Tinha a mania de acreditar que as pessoas eram todas verdadeiras, sinceras e que quando se aproximavam era com intenção de ficar e fazer valer. Enfim, acreditava que dificilmente alguém se daria ao trabalho de mentir ou ao esforço de camuflar uma verdade pois seria muito fácil desmascará-lo. Além de que seria necessário não ter vergonha nenhuma na cara para o fazer, e eu não acreditava que alguém não a tivesse. Pois eu além de ter vergonha pessoal ainda sinto muito a vergonha alheia. E sofro com isso. Sinto-me muito desconfortável com situações desconfortáveis de alguém que nem sequer conheço. E achava eu, feita parva, que toda a gente era igual a mim. Pelos vistos era muito ingénua, mas felizmente ou infelizmente essas pessoas levaram-me a ingenuidade e obrigaram-me a estabelecer um perímetro de segurança à minha volta. Hoje paga o justo pelo pecador, mas também posso garantir que, se o *justo* fizer por merecer, eu irei compensar o esforço que fez para entrar no meu círculo de

confiança. Não, não me estou a fazer mais do que ninguém por agir assim, apenas ainda tenho o direito de escolher quem quero perto de mim. E vou dar-lhe uso. Fria? Nada disso, fria é quem fecha o coração com medo de voltar a sofrer. Fechar o coração é o caminho mais fácil depois de uma experiência difícil. É muito mais fácil dar duas voltas à chave e virar costas do que ficar ao portão a vigiar quem se aproxima e a controlar quem entra. É claro que quando está fechado não vai entrar ninguém com más intenções. Não entra ninguém mau, mas também não entra ninguém bom. Não se chora, mas também não se sorri. No fundo não se passa nada, morre-se por dentro e daí a frieza. Mas eu não permiti que isso acontecesse comigo. Continuo a acreditar e a ter fé nas pessoas e continuo a deixá-las aproximarem-se de mim, apenas não o faço logo. Quem quer o meu coração com intenção de passar férias não se vai dar a muito trabalho para o conquistar. À primeira barreira desiste, e a primeira barreira é precisamente a muralha que construí em meu redor para me proteger. No entanto, cá dentro o meu peito continua quente e preparado para acolher quem fizer por merecer. Talvez ainda haja uma réstia de ingenuidade em mim, pois acredito que a qualquer momento aparecerá alguém capaz de me mostrar que todo este resguardo é desnecessário. Até lá, perdoem-me, mas vou continuar a desconfiar, pensar e ponderar, e vou continuar com um pé atrás ou mesmo com os dois. As desilusões ainda estão bem frescas em mim para eu conseguir baixar a guarda. Mentir, trair e enganar é, afinal, e ao contrário do que eu pensava, muito fácil, simples e comum. No fundo, só são necessárias duas condições, a primeira é ter a confiança de alguém e a segunda é não ter vergonha na cara. E as pessoas, preguiçosas como são, sentem-se demasiado seduzidas pelos caminhos fáceis. Uma parte delas escolhe cometer erros e a outra parte escolhe fechar o coração para que

esses erros não sejam com elas. E depois existe aquele grupo de pessoas, o mais pequeno de todos, onde há esperança e muito esforço para corrigir e eliminar erros de forma a evitar o fecho de muitos corações.

Existe, algures, um amor eterno escondido num olá

Queria dizer-te alguma coisa. Não sabia como havia de meter conversa sem parecer que queria meter conversa. Um *olá* era demasiado óbvio. Um *olá* era demasiado tosco e simples. Mas um *olá* era tudo o que eu te sabia dizer. E assim o fiz. E tu respondeste, com tudo o que me podias dizer, sem dar a entender que querias mais do que saber o que eu te queria dizer, e devolveste-me um *olá* com um *smile* naquela mensagem. Um *smile* que bastou para encher de esperança uma pessoa que nem esperança tinha numa resposta tua. Sorri. Sorri feito parvo como se do fundo da minha ingenuidade achasse que querias o mesmo que eu. E não querias. Mas o *olá* não ficou por aí, e eu, com tempo, fiz-te querer o mesmo. Hoje, depois de tanto tempo, tu és minha e eu sou teu. Existem, de facto, palavras muito fortes, e *olá* é uma delas. Bendita a hora em que eu tive a coragem e o atrevimento de ta dizer. Há muitas *negas* que não se ouvem por se guardar este atrevimento para nós, mas também há muitos amores eternos que não acontecem por essa falta de coragem. Na dúvida, arrisquei, e na certeza te digo que foi o melhor que podia ter feito por mim. Amar-te ensinou-me a ser muito mais do que eu, pois há um coração, além do meu, que também precisa do meu amor. Só depois de te conhecer percebi o quão pequeno eu era. O quão ingénuas eram as minhas mãos e a minha boca por não conhecerem o teu corpo. Confesso que, agora, me sinto até um pouco envergonhado por acreditar que antes de ti tinha tudo o que queria. Quanto mais te descubro mais aumenta a fasquia das minhas vontades e necessidades. Sinto que todas as mulheres se tornaram desinteressantes pelo simples motivo de não serem tu. Não sabes, mas

agradeço-te, em silêncio, e todos os dias, a forma como me tornas um homem melhor. Exigindo sempre mais de mim, o melhor de mim, tudo de mim, porque é exatamente isso o que eu tenho de ti também. Obrigas-me, com esse teu jeito subtil e apaixonante, a fazer valer a pena o primeiro *olá* que te disse, para que nunca tenhamos de dizer um ao outro... *adeus*. Não sei, e tampouco me interessa, o que o futuro tem reservado para nós. Só sei que, enquanto me preocupar com o presente, o futuro nunca será preocupante. E hoje, neste que é sempre o dia mais importante das nossas vidas, eu tenho-te ao meu lado. A rir e a chorar comigo. A dividir as minhas dores e a multiplicar os meus sorrisos. O que me faz lamentar profundamente por todas as pessoas que não te conhecem. Só peço que o tempo me permita amar-te e ser amado por ti até que mais tempo não exista. Pois não te aceito perder primeiro do que a vida. Não suporto sequer a dor imaginada de algum dia não te ter. Dá-me um aperto sufocante e uma mágoa dilacerante só de pensar nessa possibilidade. Não te quero, como quero, só porque despertaste amor em mim, mas também porque parte do amor que sinto foi um amor que aprendi a ter. E esse amor representa tudo aquilo que eu aprendi a gostar e a aceitar em ti. Não se constroem amores eternos baseados em *acontecimentos naturais*. Sim, acabará por ser natural, mas é um *natural* que exige muito esforço. É claro que tens defeitos, é claro que tens coisas que eu não gosto e é claro que eu farei sempre um esforço para compreender e não permitir que isso ofusque a infinidade de qualidades que tens. Se tudo tivesse de ser natural, então seria natural que esse tudo acabasse em nada. Porque haveria sempre algo que o tempo não ia ser capaz de mudar e haveria sempre algo que não ia ser mudado a tempo. Por isso, enquanto o tempo me der a possibilidade de te amar e aprender a amar, eu vou continuar a dizer-te *olá*, todas as manhãs, com

a humilde intenção de te conquistar o coração... todos os dias.

Se não for para me devorares, nem me tires a roupa

Olha bem para o meu corpo. É teu. Faz o que entenderes com ele. Faz-me tua dos pés à cabeça, da cama do quarto à mesa da cozinha. Estou pronta para ser consumida por ti. Só preciso que me prometas que farás tudo com o máximo de amor e respeito por mim e pelo meu corpo e dentro desses limites faz tudo o que te vier à cabeça. Tudo com a única intenção de me saciar a fome e de me dar o melhor sexo do mundo. És só tu quem eu quero dentro de mim. A devorar-me. A torturar-me. A dilacerar-me. Mas, mais do que isso, a amar-me. Sempre mais do que tudo isso, a amar-me. Eu alinho. Fecho os olhos e que seja o que tiver de ser, não quero saber, mas eu arrisco entregar-me à depravação da tua mente. Quero provar desse veneno que te brota dos olhos sempre que me olhas excitado. Quero sentir a tua respiração ofegante ao meu ouvido enquanto me penetras desvairadamente. Quero sentir as tuas mãos firmes nas minhas costas a prenderem-me contra o teu corpo. Mostra-me que és tu quem manda aqui e que eu sou uma aluna malcomportada. Castiga-me por nunca ter tido a coragem de viver o sexo plenamente, por nunca me ter entregado sem pensar nas consequências e por me conter muito mais do que aquilo que devia. Castiga-me por tudo isto porque eu mereço. Sei agora que pequei durante muito tempo ao não ter tido a ousadia de pecar. Peço-te, por isso, que me faças arrepender de todo este tempo que estive adormecida e num estado profundo de ignorância erótica. Mas faz-me também, ao mesmo tempo, agradecer a mim própria o atrevimento que tive em sair desse estado de letargia sexual e despertar finalmente para os prazeres do mundo. Estou pronta para me fazeres tua e transformares o meu

corpo em milhões de estrelas e orgasmos. Entra em mim. Sem medo. Sem piedade. Sem meiguices. Não tenhas pena, eu aguento. Se doer de mais eu logo te peço para parar, mas nunca o faças antes de tentares. Quero que me mostres o poder dessa imaginação e me faças suplicar para continuares. Não me perguntes porque é que estou assim ou porque te peço isto, mas não percas tempo com perguntas dessas e não me dês tempo sequer de pensar. Se eu pensar vou estragar tudo, vou dizer para ires com calma e devagar quando na verdade tudo o que o meu corpo quer é exatamente o oposto. E hoje é ele quem manda. Ele e tu. Então impõe logo as tuas ordens que eu prometo que as cumpro. Diz o que queres, como queres e eu faço. Se o objetivo é apresentares-me todo um novo mundo de prazer, então venha ele. Quero-o todo. Faz isso e assegura-te de que me deixarás completamente exausta, esgotada, dorida e marcada. Se amanhã não me custar levantar, não te perdoo. Se amanhã for um dia normal para mim e não quiser repetir a experiência de hoje, não te desculpo. Há tanto tempo que querias isto, pois aqui o tens. Aqui me tens. Prova-me que vale a pena confiar o meu corpo às tuas mãos e que elas sabem bem como tomar conta dele. Experimenta-me em todos os lugares e de todas as maneiras, seja de pé ou deitada, no chão ou contra a parede. Atira-me para tudo o que é lado, mas atira-te para cima de mim logo depois. Deixa-me sentir a tua pele suada a escorregar-me das mãos, o teu peito a latejar na ponta dos dedos e o teu olhar feroz diante do meu enquanto me entras no corpo como um touro enraivecido. Também quero isto por ti. Porque quero ser a mulher que sempre sonhaste ter na tua cama. Aquela que te enlouquece só pela forma como te olha e pede mais. Ajuda-me a desmascarar essa mulher que eu sei que existe em mim e nunca mais a deixes voltar para o anonimato. Vamos mostrar ao mundo que

quando o amor, o sexo e a coragem coexistem em dois corpos que se entregam não há cama nem móvel nenhum capaz de os segurar.

Tudo o que sei é dor, tudo o que não sei é ciúme

Quem és tu quando não estás junto a mim? Quem és tu quando eu não te estou a ver? Quem és tu quando sabes que eu não vou saber? Não me culpes por não pôr as mãos no fogo por ti. Não me culpes se eu não conseguir confiar em ti. Pois confiar em ti não é um trabalho só meu. Se não me dás motivos para isso, não me culpes por isso. O que fazes tu quando as oportunidades aparecem? Eu não sei. Não tenho como. Tudo o que vejo é tudo o que sei. Tudo o que vejo é tudo o que eu me permito saber. Não juro nada, nem prometo nada a não ser fazer sempre o que a minha consciência me pede. Sim, é insegurança, e depois? Sim, é falta de confiança, e depois? Se não escondesses tantas coisas, se não tivesses tantos segredos e se demonstrasses mais vontade, se calhar não era nada disto. Se calhar eu não me mataria a pensar no que andarás tu a fazer quando não estás à minha beira. E se calhar não duvidava tanto de ti quando dizes que me amas. Quase que é preciso pedir-te para o fazeres e quando o fazes é sempre depois de mim. Porventura para não parecer mal ou não dar tanto nas vistas. Falta-te muita proatividade na nossa relação, e isso faz-me pensar que estás nela por estar. Como se me fizesses um favor ou como se estivesses à espera de alguém melhor do que eu. É muito difícil amar sem confiar. É um desassossego constante. É uma inquietação profunda que o ciúme teima em afundar ainda mais. Era tão mais fácil se fosses transparente comigo. Eu podia ver o que não queria, mas pelo menos sabia. Porque o que é bom é bom, o que é mau é mau, mas o que não se sabe o que é, é horrível. E depois é a tua indiferença. Que me mata por dentro. A forma como não reages, não te importas e não

queres saber, faz-me odiar-te de uma forma tão visceral que me questiono como é que ainda sou capaz de te amar. Como é que ainda corro atrás, como é que ainda te quero e ainda faço tudo por ti. Sou até capaz de me odiar por te amar tanto. Cada resposta que não me dás ou cada olhar distante que me lanças é uma facada no meu ego e na esperança que ainda tenho de nós resultarmos. Mas a verdade é que o mais certo... é não darmos certo. E talvez eu apenas não me queira convencer disso e vá adiando o nosso fim. Eu já percebi que o meu erro foi deixar-te perceber que me tinha apaixonado por ti. Completamente. Pois a partir daí sentiste que me tinhas na mão. E tinhas. E negá-lo a ti era confirmá-lo ainda mais em mim. Acabei por me enterrar no meu próprio sentimento. Emaranhei-me de tal forma em negações e afirmações que hoje me culpo por não me ter conseguido controlar. Enquanto isso, tu olhas para mim com ar de gozo do alto do teu ego e pensas, *consegui, mais uma vez consegui*. Começo a acreditar que sou mais uma peça para a tua coleção. E é triste, tão triste estar com alguém que nos faz sentir assim. Mas desta vez a culpa é minha. Por te amar. Ou talvez por não me amar. Consegues fazer-me sentir inveja quando vejo um casal feliz. Porque eu também queria aquilo e não tenho. Porque eu também queria sorrir sem a dúvida irritante se aquele sorriso tem fundamento e seguimento ou se não passa de mais uma ilusão que as tuas belas palavras tão bem sabem criar. O meu amor por ti é magro, esquelético, e a esperança é tudo o que o suporta. E a verdade é que eu nem te peço muito, apenas sinceridade. Eu não me importo de ir embora, só não quero ficar em lado nenhum como me sinto neste momento. Quero sentir a terra firme debaixo de mim, quero sentir que o lugar onde estou é o lugar onde pertenço. E se tu sentes que não és capaz de me dar esta segurança e firmeza, então diz de uma vez. Confessa. Não

te preocupes se vai doer ou não, porque já me habituaste à dor. Sinto-me quase imune a ela. Desta vez pode ser um pouco mais intensa, mas acredito que compensa.

Quando rebaixas alguém, és tu que ficas mais baixo

Olá, *bully*, como estás? Já gozaste, inferiorizaste e humilhaste alguém hoje? Já alimentaste esse teu ego? Imagino que o teu prato favorito seja um olhar de medo, regado com uma baixa autoestima alheia e a acompanhar um pedido silencioso para que pares. Sim, esta mensagem é para ti, homem ou mulher já bem crescidos e que já sabem muito bem o que fazem. Para ti, patrão, que passas a vida a rebaixar os teus empregados e a gozá-los diante dos outros como se não precisasses deles para nada. Mas esqueces-te de que tu é que não és nada sem eles. E para ti, colega de trabalho, que apesar de estares há mais tempo na empresa ou teres um cargo superior precisas de recorrer à humilhação para te respeitarem. Mas esqueces-te também de que é muito fácil conquistares o respeito à tua frente, difícil é continuares a tê-lo quando viras as costas. Se queres ser respeitado, respeita, não levantes a voz nem rebaixes o outro. E tu que não te identificas com nada disto podes não estar isento de culpas. Nunca é de mais refletires sobre aquilo que andas a fazer. Aquelas piadas que fazes constantemente sobre uma pessoa e ela até se ri delas, será que achou mesmo piada ou foi uma maneira que encontrou de se defender delas? Aquela alcunha com que tratas uma certa pessoa, será que ela gosta mesmo dela ou apenas já se habituou? Faz lá este exame de consciência. Sê melhor sendo melhor, e não fazendo os outros piores. Senão tudo o que és não passará de uma ilusão, e ainda por cima repugnante. Mérito é alguém sentir-se maior ao fazer os outros sentirem-se maiores. Mérito é saber elogiar, ajudar, congratular, recompensar alguém. Porque, além da boa ação e do sentimento positivo despertado na outra pessoa,

ela irá devolver gratidão. Que é um sentimento que tem mais capacidade de ser eterno do que o próprio amor. Porque hoje amamos alguém e daqui a vinte anos se calhar amamos outra pessoa. No entanto, quando alguém nos ajuda e nos torna melhores, despertando em nós um sentimento de gratidão, de certeza que daqui a vinte anos iremos continuar gratos a essa pessoa por nos ter apoiado naquele momento. Podemos já nem sequer saber quem é, mas o sentimento estará lá sempre que nos lembrarmos do que aconteceu. É tão fácil escolher o lado bom da vida. O lado positivo e saudável. E na maioria das vezes basta um simples elogio ou agradecimento. E insistimos em cair no erro de estar constantemente a apontar defeitos, imperfeições ou até uma característica qualquer que de tão referida se torna num defeito aos olhos de quem a tem. E para quê? Às vezes até uma mentirinha não é pecado. Qual o mal de dizer àquela determinada pessoa que é muito bonita quando na verdade não a achamos nada de especial? Já que é algo que a pessoa não pode mudar, pelo menos ajudemo-la a carregar esse fardo. Contudo, não é o mesmo que elogiar um trabalho que está mal feito a uma pessoa que consegue e deve saber fazer melhor. Por exemplo. E a intenção ainda é o que mais conta. Quando uma crítica é construtiva, de certeza que quem a receber, se for minimamente inteligente, vai compreendê-la e apreendê-la para se melhorar. No entanto, quando a crítica ou a referência é somente para inferiorizar e denegrir a outra pessoa, então nesse caso vale zero. A crítica e a pessoa que a faz. Quem é realmente grande, por dentro, nunca precisará de rebaixar ninguém, porque será sempre grande independentemente do tamanho de quem o rodeia. Essa é uma das vantagens da grandeza interior.

As tentativas também devem valer pontos

Todos conhecemos um ou outro caso em que alguém abdicou de uma carreira em medicina, engenharia, advocacia ou outra área qualquer para se dedicar ao seu verdadeiro sonho. Isto de facto é uma atitude muito bonita, mas nem sempre é uma atitude corajosa. É fácil sonhar quando se é parte de uma família avantajada, onde o dinheiro não é problema. É fácil sonhar quando sabemos que se cairmos vamos ter lá o papá e a mamã para nos dar tudo o que nos falta. A todos estes, a quem nunca pesou a responsabilidade, não custa sonhar. E o que custar o papá paga, e o que faltar o papá dá. Nunca tiveram de trabalhar, nunca tiveram de se esforçar muito mais do que um beicinho ou um simples pedido para terem o que queriam. Não podemos colocá-los no mesmo saco de todos aqueles que arriscaram verdadeiramente carreiras com mais garantias ou abdicaram de títulos mais *bem cotados socialmente*, para seguirem os seus sonhos, quando sabiam que, se de facto falhassem, o chão iria lembrá-los do quão dura é a vida. Mas, pensando bem, se eles podem ter, porque não haviam de ter? Quem de nós trocaria o caminho fácil pelo difícil só para crescer enquanto pessoa, só para *saber o que é a vida*? Contudo, a humildade não fica mal a ninguém, seja ele rico ou pobre. O mal não é ter as coisas dadas, é vangloriar-se de as ter, é exhibi-las como troféus de um esforço que não saiu do seu corpo nem do seu bolso. O mal não está em mostrar, mas na vaidade com que se o faz. E depois dizem os pais *eles não dão valor ao que têm*. Esquecem-se eles que as pessoas dão o valor às coisas que têm equivalente ao esforço que fizeram para as conseguir. Um dia, se se acabarem as nuvens de algodão, se os bolsos já não forem tão fundos, se as pedras começarem a

aparecer no caminho e se a papinha já não estiver toda feita, muitos olhos irão abrir-se e ver o mundo como deve ser visto. Um mundo em que é preciso lutar para se conseguir, uma vida em que a sorte não chega. O dinheiro e o poder não são justificações para a arrogância e o exibicionismo, mas a fraqueza humana sim. É a falta de humildade, a falta de vergonha de se gabarem de vitórias que outros conseguiram por si, a incapacidade de reconhecer que *não fizeram nada de mais* e a incapacidade de se colocarem no papel do outro que faz das pessoas pequenas. Abdicar de tudo por um sonho é de louvar, mas enquanto para uns é um fetiche, para outros é um ato de verdadeira coragem. É importante reconhecer o nosso mérito, mas é igualmente importante reconhecer quando não o temos. Não basta ter muito, é preciso ser muito. Podemos ter tudo dado, mas também podemos escolher merecer primeiro aquilo que nos é dado, pois uma conquista sem mérito não sabe a nada, é oca. A verdade é que nos seduz demasiado os caminhos fáceis. Queremos sempre ter primeiro, chegar primeiro e com o menor esforço possível. Mas depois chegamos ao fim, àquela meta tão desejada, e não damos valor. Porquê? Porque simplesmente não o tem, pois nós assim o escolhemos. Quando o dinheiro é fácil de ganhar, é fácil de gastar. Ponto. Só assim não seria se fôssemos muito avarentos. Não tenho qualquer problema com quem tem a vida facilitada. Com quem vai de carro enquanto eu vou a pé para o mesmo destino. Só tenho problemas é com quem apenas valoriza o resultado final e ignora o percurso. Se todos os professores de matemática apenas avaliassem o resultado e não quisessem saber dos passos que o aluno fez para chegar a ele, as notas, com certeza, seriam bem piores. A vida é sempre um pouco mais justa quando, apesar de não chegarmos ao resultado correto ou sequer a algum resultado, o nosso esforço é

contabilizado. Quanto mais não seja por pelo menos termos tentado.

A vida é distraída, mas não se esquece

Focar naquilo que realmente importa. Respirar fundo as vezes que forem necessárias. Fechar os olhos para poder ver o mundo que quero. Abri-los para ver o caminho para o alcançar. Abraçar cada raio de sol nos dias nublados. Rir e sorrir sempre como se me faltassem vários parafusos. E faltam. E ainda bem. Abrir as portas e janelas da minha mente para a deixar respirar. Estender a mão a quem nunca a recolheu quando eu precisava. Acreditar em finais felizes, *para sempre* e reencontros dignos de um filme. Lutar e esperar que não seja em vão. Sonhar, mas sem tirar os pés do chão. Tentar só mais uma vez, sempre que mais uma vez se justificar. E desistir sempre que for preciso para não me humilhar. Aprendi, com o cansaço, que não vale tudo para conseguir o que se quer e que a persistência é mais inteligência do que resistência. Longe vão os dias em que dava mais do que o que tinha e ia muito além do limite da dor à espera de encontrar, algures na distância do tempo, um bocadinho de amor. Hoje sei aquilo que valho e valho por aquilo que sou. O piso é irregular, a vegetação agreste, não tenho calçado nem roupa que preste, mas vou caminhando sempre acreditando que vou passar neste teste. Porque, apesar de a alma estar esfarrapada, resfriada e esfomeada, a esperança e a fé irão mantê-la de pé. Sinto que o melhor a fazer é manter o movimento sempre na expectativa de que a próxima curva me traga uma alegria. Enfim, tenho em mim uma corajosa teimosia de querer ser feliz. Porque acho que mereço. Porque acho que fiz por isso. E porque acho que a vida, por mais distraída que seja, acabará por se lembrar de mim na hora de recompensar alguém pelo seu esforço na procura da felicidade. Não, ela não me deve nada, e por isso não posso esperar nada dela,

mas posso esperar do meu trabalho. Se semeei, tenha sido isso bom ou mau, eu tenho de acreditar que vou colher os frutos. Sei que por vezes tudo vai parecer perdido, sem sentido, mal resolvido, mas vou pensar que faz parte do processo. Que é como aquelas linhas que sobram no fabrico de uma peça de roupa. Parecem um defeito, mas no fundo não passam de um mal necessário para um acontecimento maior e que algo cortante pode facilmente resolver. Talvez exista um momento certo para tudo acontecer, mas nenhum momento certo é mais certo do que a perda de tempo a esperar por ele. A vida pede que não nos demoremos. Está sempre a avisar-nos e a mostrar-nos o quão depressa o tempo corre. Tão rapidamente se perde uma oportunidade, tão incrivelmente ela não se volta a repetir. Não vou agarrar todas as oportunidades, mas também não as vou desperdiçar todas. O meu coração, com a sua humilde opinião e sempre com o aval da razão, saberá dizer-me quais é que serão as melhores. E, se falhar, falhei, se errar, errei. E então? Há de haver sempre alguma coisa que vai correr mal, uma tentativa falhada ou uma oportunidade mal aproveitada. Há de haver sempre um arrependimento a remoer-me no peito, mas também há de haver sempre um sonho a levar-me, numa viagem interior, para um lugar onde há paz. E por mais que o desassossego dos meus pensamentos me tire a calma, e o frenético tiquetaque do relógio me avise segundo a segundo o quanto custam algumas horas a passar, eu sei que a paz existe dentro de mim. Seja escondida num lugar imaginado ou disfarçada de um encosto que não encontro. Mas ela existe. Todos temos as nossas tempestades e batalhas, mas todos nós também temos o nosso porto seguro, o nosso abrigo, onde a chuva só cai lá fora e as flechas esbarram no escudo de um abraço.

Nunca confies num depois

Morreste-me sem que eu te dissesse o quanto gostava de ti e o quanto eras importante para mim. Morreste-me sem que eu te desse tudo o que podia e devia ter dado. Foste embora e eu fiquei com as frases a meio e os gestos na gaveta. Adiei, adiei, adiei e perdi-te antes de completar o que nunca devia estar incompleto. *Hei de encontrar o melhor momento, ainda vai durar muito tempo*, pensava eu, mas não duraste muito tempo. Não duraste, aliás, tempo nenhum para quem me dizia que nunca havia de partir. O que ficou por dizer e fazer ganhou uma dimensão tão grande dentro de mim depois de me faltares que sinto o meu corpo esmagar-se por dentro. Tudo isto havia de ser teu. Tudo isto não me pertence e está a mais em mim. Percebi, da pior maneira, que um dia... amanhã não existe. Um dia será o segundo e último dia a não se viver por completo depois do primeiro dia da nossa vida. É senso comum, lógico, mais do que óbvio, e ainda assim custa tanto dizê-lo. O que se faz a tudo o que não se fez quando já não o podemos mais fazer? O que faço a tudo o que não te cheguei a dizer? Queria tanto acreditar na vida depois da morte. Queria tanto acreditar que ainda existes de alguma forma que não apenas na minha memória e no meu peito. Mas não consigo. Até a eternidade é limitada, seja pela vida ou pela memória. Acredito que cada início tem direito a um fim para que o intervalo entre os dois faça algum sentido. A vida nada mais é do que jogar às escondidas com a morte até que um dia ela nos descobre. E desta vez descobriu-te a ti. Tão cedo. É sempre demasiado cedo para quem não espera. Resta-me chorar-te no silêncio da culpa do que nunca disse, com a esperança de que as lágrimas sejam o esvaziar da dor num gotejo aliviante. Falo-te com uma voz

que só eu ouço. E dói tanto saber que ninguém nos ouve. Dói tanto saber que ninguém nos responde. Agora és uma mistura de recordação e imaginação a quem eu faço uma infinidade de agradecimentos que nunca terão de volta o teu *de nada*. Mas preciso de os fazer. Deixa-me agradecer-te pelas chamadas de atenção, pelos alertas e conselhos. Deixa-me agradecer-te por todas as vezes em que me irritavas por teres tanta razão e por saberes tão bem como fazer os teus ensinamentos ficarem-me na memória. Sei que tudo o que fizeste, tenha sido ou não da melhor maneira, foi sempre com a melhor das intenções. Desconfio até que tu sabias que ias cedo embora e por isso quase me obrigavas a aprender depressa. Devo-te muitos *obrigados*, pois há muito em mim que é culpa tua. Agora só me resta transformá-los em lições para que não volte a cair no erro de adiar. Porque adiar é confiar demasiado num depois duvidoso. E tu mostraste-me o quão pesado e difícil é um depois que não existe. A impotência e a revolta que sinto fazem questão de me lembrar incessantemente disso. Eu só queria ter mais um dia para escoar este arrependimento num desabafo profundo sobre a tua importância na minha construção. Faltas-me tanto e eu queria tanto dizer-te o quanto me faltas. Pudesse a vida dar-me mais uma oportunidade e eu juro-te, juro-te mesmo, que neste momento dir-te-ia tudo o que sinto e penso e esta saudade não me abafava tanto a alma. Tu merecias tanto sabê-lo, por mais desnecessário que fosse, tu merecias. Eu acreditava, estupidamente, que fazias o que fazias por não ser mais do que a tua obrigação ou então só para exhibires a tua sabedoria e por isso guardava para mim o que ia dentro de mim. Talvez até por vergonha ou complexo em dizer-te o que sentia e pensava. Como se isso fosse um atestado de inferioridade. Agora, tudo o que posso fazer, em mais uma tentativa minha de atenuar este sofrimento, é uma

promessa. É prometer-te que em todos os meus próximos
começos terei bem vivo na minha memória o teu fim para
que não volte a deixar nada a meio.

A dor que me provocas é uma lição que me dás

Eu só queria que me quisesses. Só queria que me quisesses tanto como eu te quero a ti. Só queria que sentisses tanto a minha falta como eu sinto a tua. Quisesses o mesmo que eu e nós seríamos tudo. Quisesses um bocadinho que seja menos do que eu e nós seríamos nada. Onde estás agora se é aqui onde pertences? Porque escolhes um abraço frio e deixas o meu vazio? Deixa-me dar-te o que mais ninguém conseguiu. O que mais ninguém soube. Olha para mim. Estou aqui. Estive sempre aqui à espera que me visses. À espera que deixasses de olhar para quem não te olha. E tu sabes onde estou, sabes que quero que estejas onde estou, sabes que te posso dar o que mais ninguém dá e sabes que te quero aqui neste momento, agora e já. Pensar em ti, ver-te, querer-te ou imaginar-te são formas diferentes de dor por não te ter. E a dor é tudo o que nos une. A dor do que podia ser e não é. Mas a culpa é minha. É minha porque eu deixei. É minha porque eu não evitei. É minha porque eu também quis. Nós os dois quisemos e quisemo-nos. E nós os dois ainda nos queremos. A única diferença é que talvez nos queremos com intensidades diferentes. Eu sou quem mais perde porque sou quem mais quer. No entanto, sem querer nada se tem, a não ser por sorte. Mas a sorte é demasiado incerta para uma pessoa tão certa como eu. E entre todas as minhas certezas vive a certeza de que quanto maior for a vontade menos o conseguir depende da sorte. Só ainda não fui capaz de preencher ou disfarçar, com toda esta minha segurança, o buraco que a tua ausência insiste em escavar no meu peito. É uma falta profunda que me atravessa de um lado ao outro como se eu fosse um saco de dor cheio de

nada. Isto faz-me perceber o quão frágil sou sem a pessoa que mais quero. É como se fosse um avião de papel a tentar voar à chuva. Uma chuva feita de lágrimas e frases interrompidas. Querer-te muito é uma das minhas muitas certezas, mas não vou morrer nem enlouquecer se nunca te chegar a ter. Nem sequer me vou permitir andar por aí a chorar pelos cantos. Sofro, claro. Choro, claro. Mas também é claro que nenhum amor justificará a minha ruína. Por mais frágil que seja o papel em que me desenho, não há chuva que o destrua. Já sabes que te irei receber com um sorriso do tamanho do mundo se perceberes que é ao meu lado que pertences, mas também espero que saibas que por mais que me doa a tua distância eu não vou perder a minha calma e o meu equilíbrio. Tenho bem presente na minha mente que a pessoa de quem mais depende a minha felicidade sou eu. E por isso estou em paz comigo, mesmo no meio de um turbilhão de emoções eu estou em paz com aquilo que sou e quero. Este é o meu balão de oxigénio quando as lágrimas tentam, a todo o custo, afogar-me a esperança. Faças as escolhas que fizeres, só te peço que elas nunca sejam em função das minhas vontades. Nunca te iria aceitar ao meu lado só porque eu quero. Só porque eu quero muito. Mas porque tu queres tanto quanto eu. Neste momento a tua escolha é não me escolher e eu já fiz tudo o que tinha de fazer. Não há parte nenhuma de um futuro que nos envolva os dois que dependa mais de mim. Resta-me somente assistir a um filme que teima em não começar. A vida é repleta de inícios preguiçosos e fins desajeitados que nos obrigam a esperar e a desiludir uma infinidade de vezes até percebermos finalmente que o *durante* é que conta. E enquanto esse *durante* não começa eu vou seguindo viagem sem deixar de acreditar que em alguma paragem tu hás de entrar. Quem sabe nesse dia eu já não sinta a tua falta. Quem sabe nesse dia já não me doas como hoje.

Aprendi a ver a dor como uma lição em vez de um castigo, e pode ser que tudo o que me tens ensinado sem querer me ajude a querer-te cada vez menos.

Desculpa, mas não tenho tempo para te odiar

Não me zango com ninguém, não tenho tempo para esse tipo de banalidades. Já tenho o meu trabalho que me ocupa demasiadas horas e atenção preciosa ao longo do dia. Depois tenho de cuidar da casa. Depois tenho de cuidar de mim. Depois tenho os amigos, a família e as pessoas que eu amo e me amam que me ocupam o resto do tempo livre. Onde é que eu consigo encontrar tempo para odiar alguém? Para fazer mal a alguém? Não dá. Tenho muito mais que fazer. Às vezes as pessoas desiludem-me. Erram comigo. Falham-me e enganam-me. E eu penso para mim, *tu merecias era uma bem preparada para te arrependeres*. Mas, sinceramente, tenho muito mais com que me preocupar. Porque havia eu de usar o pouco tempo que me resta para literalmente não fazer nada e descansar, para me vingar de alguém ou fazer algum mal a alguém? Não cumpro sequer os requisitos para ser o vilão de nenhuma história porque isso requer muito tempo livre. E isso é coisa que escasseia na minha vida. Além disso, era ainda necessário um coração com muito espaço disponível para preencher com ódio. Mais um requisito que eu não cumpro, pois o meu coração está repleto de amor, amizade, gratidão e boas intenções. Onde cabe um amor cabe sempre mais um, porque o amor é um sentimento assim, humilde e acolhedor. O ódio não. Onde está ocupa sempre demasiado espaço, além de contaminar tudo à sua volta. Chega mesmo a expulsar do coração todos os outros sentimentos pela sua arrogância e egoísmo. Ficando somente com ele todos os seus submissos, como os rancores, as invejas e outras coisas más. Às vezes sinto que estou a falhar por ser assim. Por não atacar de volta, por não me vingar e fazer-lhes o

mal que me fazem. Sinto que se não o fizer as outras pessoas vão continuar a errar constantemente e eu é que vou ter de levar com isso. Mas depois lá vem o problema do costume, falta de tempo, paciência e vontade. Chamem-lhe preguiça. Preguiça de ser má pessoa. Ignorar dá muito menos trabalho e chatices. E por isso acaba por ser sempre a minha escolha. E que boa escolha que é. Se todas as pessoas tivessem tão pouco tempo como eu, estariam muito mais preocupadas com as suas vidas e com aquilo que realmente importa do que com a vida dos outros. Agradeço imenso a atenção que me dão quando falam mal de mim, inventam coisas sobre mim e até engendram planos para me dificultarem a vida, mas eu lamento muito não ter tempo para retribuir todo esse *carinho*. Estou demasiado ocupado comigo e com quem me ama, e demasiado concentrado em devolver o amor que me dão. Esta é e será sempre a minha prioridade. Agora, para todas as outras pessoas que usam o seu muito tempo livre para o dedicarem da pior maneira à vida dos outros, incluindo a minha, tudo o que eu lhes posso dar são duas mãos cheias de desprezo, um sorriso sincero, para mim, pois isso é o que importa, e por fim um virar de costas. E já que gostam tanto de falar mal de mim nas minhas costas, nem me podem culpar de não as ajudar. Eu quero mais é que se entretenham umas com as outras, porque enquanto as suas vidas estão paradas no tempo preocupadas comigo, a minha segue viagem. Por ser como sou até posso parecer um alvo tentador, inofensivo até, mas enganam-se. Se me incomodasse o mal que me fazem, a missão destas pessoas tinha sido alcançada, o que seria bom para elas. Se lhes fizesse mal de volta, a missão delas tinha sido igualmente alcançada, mas já ia ser mau para elas. Se tudo o que eu fizer for desprezar esse mal, a missão, além de não ter sido alcançada, ia ser muito mau para elas, porque tinham de

consumir o próprio veneno. O que é bem pior. Até porque o meu veneno não seria tão mau como o delas. Por isso, mais uma vez, agradeço imenso a preocupação, mas não terão a minha atenção.

Por vezes, para seguir em frente é preciso voltar atrás

O teu negócio de sempre foi ao charco. A ideia, que te fez ser quem tu és, aos olhos de quem não te conhece, deixou de funcionar e não tiveste outra melhor. Endividaste-te até ao pescoço, tens a caixa de correio cheia de cartas das finanças e os credores a violarem-te a campainha da casa que não sabes como vais pagar. A mulher que dizias ser da tua vida abandonou-te quando se apercebeu da tua inevitável ruína e com ela levou a filha que lhe fizeste. Os amores da tua vida deixaram de fazer parte dela de um momento para o outro e ficaste tu, sem chão e ainda com um mundo às costas. Amigos... só para beber cervejas, e quando eras tu a pagar. E a família, coitada, não tem muito mais do que tu, e sempre que a procuras atiram um *eu bem te avisei*. Estás há uma semana fechado em casa. As noites são longas e o sono só acontece aos bocadinhos. Entopes-te com ansiolíticos, mas a ansiedade continua a dar cabo de ti. Fartas-te de ligar à mulher que te abandonou na esperança de ouvires a voz da tua filha, mas ela é a rainha das desculpas e inventa sempre uma nova para não cumprires o teu objetivo. As dores de estômago são cada vez mais insuportáveis por já nem te lembrares de comer e sempre que tentas meter qualquer coisa à boca, numa tentativa inútil de amansar o estômago, os vômitos devolvem-na ao exterior. A única coisa que ainda vai descendo é a cerveja. A única resistente no teu frigorífico em decomposição. Ainda tentas ligar a televisão, ver algum filme ou ouvir uma música animada, mas tudo te parece banal tal é a inexistência do que mais importa na tua vida. A depressão arrasta-te silenciosamente para o fundo do poço. As luzes vão sucumbindo às profundezas para onde

vertiginosamente te diriges, a esperança é cada vez mais esquelética e a vontade de viver não passa de uma ilusão não mais capaz de te segurar. Vais então ao frigorífico e lá no fundo resta uma única lata da bebida que te alimenta. Pegas nela e voltas a fechar a porta. Ocorre-te de imediato a visão da luz do frigorífico a apagar-se quando lhe fechas a porta, sem mais intenção de a abrir, uma vez que não tens mais motivos para o fazer. Essa era, também, a decisão que havias acabado de tomar com a tua vida. Sentas-te no sofá e de olhos encovados vais encarando os finos raios de luz que vão entrando por entre os estores corridos enquanto desfrutas da tua derradeira cerveja. Amassas a lata assim que o conteúdo se esgota, tal como o teu tempo, e pegas nas chaves do carro que ainda é teu. Arrancas nele pela estrada fora e semicerrando os olhos tentas orientar-te na floresta de sinais que se desenha à tua frente. Mas apenas por mero instinto, pois não te importas minimamente de provocar um acidente. *Não tenho nada mais a perder*, pensas tu. Lá te consegues vingar por entre os sinais STOP e o vermelho dos semáforos, que não respeitaste, até que te vês a percorrer a estrada paralela à linha de comboio que algumas árvores ladeavam. Assim que encontras um espaço entre as árvores, avanças com o carro para cima da linha e puxas o travão de mão. Está feito. Assunto arrumado. Respiras fundo e pela primeira vez em muito tempo não sentes peso nenhum. É um alívio profundo saberes que não terás mais sofrimento. Vais ao porta-luvas, retiras uma foto da tua filha e comesças a olhar fixamente para ela ao mesmo tempo que comesças a ouvir o comboio ao longe. Cai-te a ficha. Atiras a foto, metes a primeira e aceleras para sair dali, mas as rodas começam a escorregar na linha. Engatas então a marcha-atrás e o carro consegue recuar saindo finalmente da linha momentos antes de o comboio passar. Nesse instante faz-se luz e percebes que, quando seguir em

frente não é possível e estar parado é morte certa, a única solução é voltar atrás para que a vida possa continuar.

Não convenças ninguém a ficar, só te estarias a enganar

Deixa ir. Se não quer ficar, deixa ir. Se não vale a pena continuar, deixa ir. Repara no enorme esforço que fazes só para manter na tua vida quem não quer estar e o que não é para estar. Estás a forçar uma coisa só porque não queres sofrer pela falta dela. Ou porque achas que sem isso não saberás o que fazer à tua vida. Assusta-te tanto o *depois do fim* e a mudança que preferes esfolar as mãos a segurar por uma corda tudo o que não te pertence. Pois nada que não te quer como tu queres de volta te pertence. Não é mais do que uma fantasia alimentada por um desejo teu. Por vezes lutar, querer, persistir e merecer não é o suficiente para ter. Um passarinho não é teu a partir do momento em que o apanhas, mas a partir do instante em que abres a mão e ele permanece lá. Por isso, abre a gaiola onde estão todos os teus passarinhos e deixa ser eles a escolher ir ou ficar. Uma gaiola aberta não é uma gaiola. Pois a sua principal função, que é conter, que é, no fundo, prender, deixa de ter efeito. Abre-as a todas, então, e liberta-te das prisões que construístes para guardar aquilo que amas. Isso não é amor, é possessão. Deixa ir e vais ver que a vida se tornará muito mais suportável. Deixa ir e usa essa força para agarrar quem te agarra. Perdes tantas energias a tentar controlar e segurar tudo. Calma. Só tens dois braços e dois olhos. Também tens limites. E eles servem exatamente para te protegerem. A dor, por exemplo, é um deles. Ela indica-te o momento em que deves parar ou mudar. Se não a sentisses, tu continuavas sempre e os danos seriam bem maiores. Não a ignores, nem a interpretes como um mero dano colateral ou até como um castigo. A principal função dela é fazer-te ver que algo está errado para que o possas corrigir. Então

não faças de conta que ela não existe e toma logo a decisão que sabes que é a melhor para ti. Larga. Solta. Liberta. Não deixes nada nem ninguém ficar a mais na tua vida, nem te deixes ficar a mais na vida de alguém. Decide mandar embora. Decide ir tu embora. Mas decide. Escolhe. Faz. Sempre com a noção de que és tu quem estás no centro da tua vida. Pois é por te esqueceres disso que tantas vezes desrespeitas os teus próprios limites e vais muito além daquilo que merecem de ti. Quanto tempo da tua vida passas a pensar nos outros? A preocupares-te com os outros ou a fazer alguma coisa para os outros? Em que lugar estás tu na tua vida? Último? Penúltimo? Repara neste caso prático, quando viajas de avião as assistentes de bordo dizem-te que, em caso de despressurização da cabina, primeiro deves colocar a máscara de oxigénio em ti e só depois nas crianças. E tu perguntas-te: *mas porquê em mim primeiro se elas são mais vulneráveis?* Por uma razão muito simples, porque se tu não estiveres bem nunca poderás ajudar quem é mais frágil do que tu. Queres dar a mão a toda a gente, ajudar toda a gente, mas a vida vai sempre obrigar-te a selecionar e a priorizar. Quando decides abrir as tuas gaiolas, não pode ser apenas para deixar sair quem não quer estar, mas também para tirar quem não merece estar. Sim, deixa ir, mas às vezes até para deixar ir é preciso um empurrãozinho. A culpa é desse grande coração que carregas no peito que de tão grande que é te dá a sensação de que cabe lá toda a gente da tua vida. Sim, talvez até caiba, mas não é por isso que hão de lá ficar. Não permitas que o teu coração seja um lugar mal frequentado só por causa da tua falta de coragem para dizeres as coisas como elas são e para tomares uma decisão. Custa ver ir embora, já se sabe, custa abdicar das pessoas de quem gostamos, também já se sabe, mas custa ainda mais fazer

de conta que não custa nada lutar todos os dias por quem não quer ficar.

Precisamos de um não para ter a certeza do nosso sim

Desculpa, mas eu não tenho de estar sempre de acordo contigo. Não tenho de te apoiar em tudo o que tu queres, nem tenho de defender todas as tuas ideias como tu. E não, isso não significa, em lado nenhum do mundo, que eu goste menos de ti. Até porque não é por gostar de ti ou por gostar muito de ti que eu vou deixar de pensar pela minha cabeça e de ter as minhas próprias ideias. Não podes, por isso, usar o sentimento que nos une como argumento para me acusares de não te apoiar sempre. São assuntos completamente diferentes. Se estamos os dois juntos e tu tomas uma decisão que me vai afetar a mim, seja positiva ou negativamente, então eu tenho uma palavra a dizer. E tu só tens de ter a inteligência e humildade de perceber isso. Deves fazer contigo e com a tua vida aquilo que bem entenderes, esteja eu de acordo ou não, mas depois também deves entender que se isso me afastar, ou afetar o que sinto por ti, não me podes culpar. Aquilo que me faz estar ao teu lado e gostar de ti é aquilo que tu és para ti e para mim. Se tomas uma decisão qualquer, pela tua cabeça, que vá influenciar isto, então depois não me podes acusar se também influenciar aquilo que sou para ti e para mim. O meu compromisso é rir e chorar contigo, é apoiar-te e estar ao teu lado nos maus momentos, é defender-te e cuidar de ti sempre que for necessário. Mas também é chamar-te à atenção sempre que falhares, é ajudar-te a corrigir os teus erros e defeitos, e não apenas aceitá-los, e é expor-te o meu ponto de vista sempre que achar que não tens razão. Não faz parte do meu compromisso contigo dar-te palmadinhas nas costas quando erras, ou virar a cara às tuas falhas, ou calar-me só porque sei que não vais gostar. Porque eu

também não gosto de muita coisa e tenho de ouvir. Somos os dois adultos, já não temos idade para birras e amuos. Quem gosta de verdade escolhe sempre a verdade e a sinceridade. Ainda que doa. Ainda que saiba que pode custar a continuação da relação. Mas pelo menos foi sempre fiel a si mesmo e à outra pessoa. Nenhuma relação saudável é construída sobre um constante *deixa pra lá*. Quem ama importa-se. Sempre. Mesmo que a outra pessoa já não esteja ao seu lado. Quem ama vai sempre querer a melhor versão do outro e vai sempre apoiá-lo para chegar lá. Isso implica, muitas vezes, ficar com o papel ingrato de vilão da história. Mas eu acredito que, um dia, te vais lembrar de quando me apontavas o dedo por não te apoiar e ainda me vais agradecer. Sabes, quando alguém pensa exatamente da mesma maneira que nós, parece bom, porque à partida estaria sempre de acordo com as nossas ideias. Independentemente da quantidade de loucura presente nelas. No entanto, isto ocultava o reverso da medalha. Suprimia todos os outros pontos de vista. Escondia uma realidade oposta. Imagina que achavas interessante a ideia de te atirares de cabeça para o mar do alto de um penhasco e não vias qualquer risco nisso. Se eu pensasse exatamente da mesma maneira que tu, eu também não ia ver risco nenhum nisso e ia apoiar essa ideia. No entanto, como eu pensaria de uma maneira diferente, seria capaz de ver coisas que tu não vias, como, por exemplo, a possibilidade de, dada a altura, te magoares ao embater na água ou então caíres muito próximo das rochas e te magoares seriamente. Ao ouvires o meu ponto de vista e a minha opinião podias formular melhor a tua e se calhar até ias tirar a ideia da cabeça. Este é o poder da oposição. Mostrar-nos outra perspetiva acerca daquilo que ambos vemos. Por isso, antes de me acusares por não apoiar todas as tuas ideias, reflete sobre as minhas e

entende a minha posição. Se depois de me ouvires e refletires sobre o que disse mantiveres a tua, então segue em frente. Pois não terei direito a fazer mais nada.

O destino não é para ser lido, é para ser escrito

É mais fácil acreditar que já está tudo escrito. É mais fácil empurrar as responsabilidades para a vida. Por isso é que acreditamos tanto no destino e na ideia de *o que tiver de ser, será*. É demasiado pesada a culpa de uma escolha mal feita. É agonizante perceber que somos os culpados pela nossa própria destruição. É difícil aceitar que fizemos asneira e que já não dá para corrigir. Então preferimos acreditar em ilusões impossíveis de negar, como o destino. Se eu hoje for despedido do emprego ou conhecer o amor da minha vida, eu não tenho como negar que isso não estaria já definido, porque é simplesmente impossível negá-lo. Assim sendo, na dúvida e na falta de melhor solução, acredita-se que, se aconteceu, é porque *tinha de ser*. Bom, cada um escolhe enganar-se como bem entender. Quando aquela pessoa, por quem estamos apaixonados, não nos diz nada durante muito tempo, o nosso cérebro busca automaticamente mil e uma hipóteses para justificar aquela ausência para não nos deixar pensar na pior de todas, e que quase sempre é a verdadeira, que é simplesmente porque não quer dizer nada. No fundo, não é uma escolha, mas um mecanismo de defesa para não sofrermos tanto com a dureza e frieza da realidade. Mas, pergunto, se tudo estivesse realmente escrito e definido no momento em que nascemos... o que vínhamos cá fazer? Não poderíamos escolher nada porque *alguém* já o teria feito por nós. Ou seja, não passávamos de marionetas e a nossa vida não era, na verdade, nossa, uma vez que pouco ou nada dependeria de nós, e estaríamos aqui apenas a *cumprir calendário*. Não consigo acreditar nisso. Consigo acreditar no destinado, mas não no destino. Ou seja, não acredito que

determinada pessoa, que nasceu em tal dia e a tal hora, viesse já portadora de um destino que definiria que aos vinte anos iria enveredar pelo caminho das drogas e aos vinte e um, numa sexta-feira ao final da noite, morreria de *overdose* dentro do carro de um amigo. O que eu consigo acreditar é que essa mesma pessoa nasceu sem absolutamente nada definido e que em função do ambiente em que estava inserida e em função dos seus gostos e vivências escolheu, e repare-se bem nesta palavra que é odiada profundamente pelo destino, escolheu meter-se nas drogas. Posto isto, face a esta escolha e à ausência de outra, esta mesma pessoa passou a estar destinada a, mais tarde ou mais cedo, ter complicações ou problemas por causa da escolha que fez. O que, neste caso, a levaria à morte. Se eu vou na estrada, de carro, e escolho, repare-se novamente nesta palavra, escolho largar o volante, estarei destinado a quê? A ter um acidente. Como é óbvio. Mas foi algo que derivou de uma escolha minha. A vida o que faz é isto mesmo, deixa-nos escolher, e depois nós temos é de arcar com as consequências. Sejam elas boas ou más. Acreditar que tudo está definido e que o que tiver de ser, será, não passa de uma forma de fugirmos às nossas responsabilidades. Se eu escolhi dar um murro numa pessoa e levei um de volta, vou dizer que era porque *tinha de ser*? Claro que tinha de ser, estava eu à espera de quê? Um beijinho e um abraço? De quem foi a culpa? Da vida e do destino? Não, foi minha. Porque eu é que escolhi dar-lhe um murro. Então eu também tenho de assumir as consequências das minhas ações. O nosso mal é estarmos sempre à espera que a vida saiba melhor do que nós o que é melhor para nós. Culpamo-la por tudo o que de mal nos acontece e ela, do outro lado, deve ficar a pensar, *que é que eu fiz? Então tu fartas-te de fazer escolhas erradas e vens culpar-me a mim pela situação em que te meteste?*

Sejamos mais corretos com ela e mais pragmáticos com nós mesmos. Se errarmos é culpa nossa, se acertarmos é mérito nosso. Ponto.

Quero não sei o quê para ser não sei quem

Tira-me daqui. Dá-me um lugar. Um novo lugar no mundo e na vida. Tira-me daqui, por favor, e faz o meu coração voltar a bater. Sinto-me a morrer. Sinto o tempo a correr à velocidade da luz. Sinto-me a envelhecer a cada segundo e a vida a passar-me diante dos olhos sem que eu a toque ou lhe tome o gosto. Agarra em mim e diz-me, *vou mudar a tua vida*. E eu deixo tudo. Juro-te que deixo tudo e vou contigo. Confio em ti. Não quero mais este aborrecimento, esta monotonia e estes dias amenos. Quero viver. Quero viver de uma vez por todas. És a minha última esperança porque eu já começo a desacreditar em mim. Salva-me. Solta as amarras deste barco encalhado e dá-me a vida que o tempo nunca teve coragem de me dar. Quem melhor do que tu? Quem melhor do que a pessoa que amo? A timidez sempre foi uma característica minha. Os complexos e a falta de confiança ataram-me as mãos, amordaçaram-me a boca e vendaram-me os olhos desde que me lembro. E o constante medo de errar nunca me deixou fazer nenhuma escolha com absoluta certeza de que era aquilo que eu queria. Mas cansei de ser vítima da minha própria mente e o carrasco do meu próprio amor. Já desperdicei demasiado tempo a ser a pessoa que a lei impõe, o preconceito exige e a sociedade vigia. Quero voltar a ser quem eu era quando não pensava e por isso não me importava. Tenho saudades e inveja dessa pessoa e tenho pena de mim por não ter sido capaz de a manter acordada. Preciso que lhe dê um abanão e a tires deste sono profundo, pois, ainda que ela esteja adormecida, eu sei que está aqui dentro. E sei que tu tens tudo o que é necessário para a libertar. Quero recuperar a sensação de ter o mundo nas mãos e a convicção de que o futuro só

pode ser risonho. Quero voltar a dar luz, cor e forma às minhas vontades e pensamentos como se não existissem danos colaterais ou efeitos secundários. Quem me diz que viver não é isto? Quem tem coragem de dizer por mim o que é a felicidade quando sou eu a única pessoa da minha vida capaz de saber isso? Tira-me daqui, por favor. Vamos os dois, só os dois, para um lugar qualquer onde ninguém nos conheça. Um lugar onde possamos ser nós mesmos e fazer tudo o que nos der na cabeça sem que ninguém nos julgue ou olhe de lado. Ou então façamos nós esse lugar, nem que seja dentro das nossas cabeças. Preciso muito que o faças comigo. Tens a incrível capacidade de me libertar de todos estes medos que me atormentam o sono. Junto a ti, a dor é mais suportável, sonhar é mais fácil e viver é mais intenso. Incute-me esse teu espírito aventureiro. Ajuda-me a arriscar mais. Arriscar aquele passo que pode ser em falso, atravessar aquela ponte que pode não suportar o meu peso, acreditar em algo que parece ridículo para toda a gente, apostar tudo o que tenho numa crença minha. Porque vencer é o caminho que percorremos até à vitória ou até à derrota. Vencer é o caminho, é o trabalho. A vitória ou a derrota é o fim desse caminho, apenas. É a sorte ou o azar. Nada mais. E contigo sinto-me sempre mais perto de conseguir, de alcançar, de vencer. Olha bem para as minhas palavras, diz-me se não são elas prova mais do que viva de toda a minha vontade. Ela existe, ela está cá, só preciso daquela pontinha de coragem e atrevimento para pôr este meu barco em movimento. Pudesse eu ser tudo o que quero que havia de continuar a querer tudo o que não pudesse ser, só para ter algo por que lutar. Talvez não me falte nada e eu apenas é que não sei. Talvez não me falte nada e eu apenas é que quero de mais. Talvez os dias sejam mesmo todos diferentes e só a mim é que pareçam todos iguais. Mas, se assim é, então tira-me daqui para perceber que é

aqui que pertenço. Quem sabe assim eu deixe de sofrer pela saudade do que nunca fui e pela falta do que nunca tive.

És mais aquilo que precisas do que aquilo que queres

Quanto vale sair de casa e ter um beijo de despedida? Quanto vale chegar a casa e ter um abraço à nossa espera? Vale uma consciência tranquila e um coração cheio de amor. É assim, tão simples assim, viver com quem se ama. É nunca faltar um ombro onde encostar a cabeça, uma mão que nos ampare e segure quando os buracos da vida nos surpreendem os pés, e um olhar sempre em busca do nosso só para dizer *estou aqui*. E amar é estar. É, essencialmente, estar. Parece demasiado simples, mas só quem ama é que está. Está quando não pode, não consegue e até quando não quer. Está sempre. Quem não ama está somente quando pode. Quanto vale uma pessoa que deixa tudo para vir ter connosco, que nos vê como uma prioridade, que nos dá força mesmo quando não a tem, que acredita em nós mesmo quando nem nós acreditamos? Quanto vale uma pessoa que apanha chuva só para que nos possamos abrigar no seu casaco, que escolhe o lugar mais desconfortável para podermos ficar com o melhor, que enche o nosso prato primeiro e fica com o que sobrar e se sobrar? Cada um destes pontos estão carregados de amor. Um amor que tantas vezes colocamos de parte só porque parece demasiado fácil. Só porque não nos dá luta, não nos dá *pica*, e por isso é aborrecido. Talvez o defeito seja ser bom de mais. Ser tudo. E se calhar não é *tudo* aquilo que nós queremos. Passamos a vida a pedir que seja tudo e, quando temos tudo, já não queremos nada. Esta é a mais crua e cruel realidade daquilo que somos. Queremos transparência total, mas quando sabemos tudo perdemos o interesse. É a eterna rivalidade entre coração e razão a fazer estragos na nossa paz interior. Quanto mais facilmente

quisermos aquilo que precisamos, mais facilidade teremos em alcançar a felicidade. E isto é algo que nos custa a aceitar porque achamos que a vida tem obrigatoriamente de nos fazer cruzar com a nossa alma gémea. E essa alma gémea com que tanto sonhamos é aquela que reúne no mesmo corpo a pessoa que precisamos e a pessoa que queremos. Que quase sempre pertencem a corpos diferentes. Ora, na impossibilidade de ficarmos com as duas ou com um bocado de uma e outro de outra, quem é que escolhemos sempre? A pessoa que queremos em detrimento da que precisamos e ainda em detrimento da solidão, que seria não escolher nenhuma das duas. E quem é a pessoa que queremos? É aquela que não nos liga nenhuma, que não quer saber de nós, que só nos magoa e não nos devolve o amor que lhe damos. Na hora da decisão, a vontade fala sempre mais alto do que a necessidade, mas esquecemo-nos de que a vontade é efémera e a necessidade não. E depois sofremos. E depois voltamos a sofrer e a sofrer de novo até percebermos que nunca seremos felizes ao lado de alguém que não nos ama. Isso é uma certeza. E esse é o momento em que aquela pessoa que sempre nos tratou como prioridade, sempre quis estar e sempre nos tentou dar aquilo que mais nos faltava, amor, merece uma oportunidade nossa. E é só nesse momento que finalmente vamos conseguir responder às perguntas, *somos mais felizes ao lado da pessoa que amamos ou ao lado de uma pessoa que nos ama? É mais fácil precisar de quem queremos ou querer quem precisamos?* Há conclusões que apenas são alcançadas depois de darmos com a cabeça numa pedra muitas vezes. Como também há conclusões que só são necessárias se também tivermos de dar com a cabeça numa pedra muitas vezes. Se nunca o tivermos de fazer, e por isso nunca necessitarmos dessas conclusões, melhor. Há, de facto, lições tão complexas e

profundas que são precisas muitas quedas para as aprendermos. E uma delas resume-se na simplicidade de uma frase, *a paixão quer, o amor precisa*.

Sou o que sou porque foste o que foste

Há mesmo males que vêm por bem, e a tua partida foi um deles. Foste embora pelo meu bem. Não foi com essa intenção, mas foi esse o resultado. Chorei tanto por me teres abandonado, ou melhor, por me fazeres ver que já me tinhas abandonado há muito, que eu nem me apercebi de como isso me estava a fazer crescer. Achava eu que não ia mais conseguir viver e, afinal, foi quando eu comecei realmente a viver. A tua partida fez-me ver o quão inútil era a tua presença, o quão insignificante era o teu contributo para a minha felicidade. Tudo o que eu precisava para ser feliz era deixar de precisar de ti. E eu aprendi a deixar de precisar quando me obrigaste a fazê-lo. Só então é que ganhei a lucidez necessária para ver o que o meu amor por ti não me deixava ver. Hoje digo ainda bem por todas aquelas demoras em responderes-me às mensagens e todas aquelas chamadas não devolvidas. Ainda bem, por todas as vezes em que ignoraste os meus pedidos e opiniões, todas as vezes em que trocaste a minha companhia por algo *mais interessante* para fazer e todas as vezes em que não estavas ao meu lado quando eu mais necessitava. Ainda bem por tudo isto e ainda bem por finalmente teres tido a coragem de ir embora. Porque da maneira como eu gostava de ti não seria capaz de o fazer. Da maneira como eu só vivia para ti, parecia até que eu gostava de sofrer. Eu achava que não era masoquista, mas ainda que o queira negar, depois de saber tudo o que passei ao teu lado e de me aperceber da vontade que eu tinha em continuar, não o posso fazer. Tiveste a gentileza de me mostrar, da pior maneira, é certo, tudo o que eu não quero para mim. Agora sei-o bem. Hoje olho para trás e penso que foste um amontoado de dias perdidos, mas depois lembro-me de

tudo o que cresci e aprendi com o que me fizeste e concluo que, se calhar, tu até foste das pessoas mais importantes da minha vida. Não podemos só agradecer às coisas boas que nos aconteceram, mas também às más, pois são elas que nos fazem ver o quão boas as coisas boas da vida são. Só depois de te perder é que percebi que estavas a mais. Só depois de não te ter é que entendi que há começos também feitos de finais. Deste-me uma oportunidade de renascer das cinzas em que me tornei sem saber. E o facto de me sentir capaz de te agradecer todo o mal que me fizeste é a prova viva de que eu renasci. Tive de aprender de novo a andar, porque não queria sair de casa, a falar, porque não me apetecia conversar com ninguém, e a comer, porque não conseguia meter nada à boca, mas este recomeçar do zero permitiu conhecer-me melhor e valorizar-me mais. Garanto-te que não ficaram traumas, apenas ensinamentos. Nem ficaram mágoas, apenas recordações menos boas. Qualquer outra pessoa iria suplicar para que lhe apagassem todas as más recordações de alguém que passou mas não ficou. Eu não. Quero lembrar-me de tudo. Quero ter bem vivas na minha memória todas as boas e más lembranças, porque cada um desses pequenos acontecimentos são frases que ligam parágrafos, que ligam textos e que ligam capítulos daquilo que é a história da minha vida. Fazer de conta que nada disso aconteceu é fazer de conta que durante esse tempo eu não existi. Mas eu estava lá, vi, senti e aprendi tudo aquilo. Não poderei nunca repudiar o que também contribuiu para ser quem sou hoje, apesar de terem sido experiências negativas. Porque nós também somos feitos de tudo o que fomos e de tudo o que deixamos de ser. Lamentei, por demasiado tempo, o facto de não termos dado certo e de não passarmos de um sonho, mas agora tudo o que eu consigo lamentar é a tua falta de capacidade para amar quem te ama. Pois acredito que

quem não ama reúne bem mais condições para não ser feliz do que quem ama.

Se for para sempre que seja contigo

Quero amar-te para sempre. Olha que frase tão cliché e lamechas. E saída da boca de um matulão como eu soa ainda mais estranho. Mas como posso eu dizer-te outra coisa se é exatamente isto que quero dizer? Quero amar-te todos os dias até que mais dias eu não tenha. É isso que eu quero. É só isso que eu quero. E só não digo que quero que me ames também porque isso eu não tenho de querer, tenho de merecer. E sei que enquanto merecer irei ter. Porque és assim. Sempre foste assim. Justa, correta, recíproca. E isso dá-me a boa responsabilidade de o nosso *para sempre* depender muito mais de mim. Sei que erro e falho como um burro e que muitas vezes a palavra estupidez escreve-se com as letras do meu nome, mas não interpretes nada disso como maldade, mas talvez como ignorância minha. Ainda que te mostre não saber, acredita que eu sei que mulher como tu não volto a encontrar. Ainda que, por vezes, não seja capaz de o mostrar da melhor maneira, acredita que se há certeza que tenho na vida é a de que eu te amo. Sabes, às vezes dou por mim a imaginar como seríamos nós, velhinhos, no terraço da nossa casa a protestar com os nossos netos por nunca estarem quietos. Talvez fôssemos um pouco rabugentos com eles, mas com certeza que também seríamos os melhores avós do mundo. E pronto, é isto que eu faço quando não estás por perto. Imaginar-te e deliciar-me com essas imagens. Oxalá a vida me permita ter forças para tomar conta de ti sempre que as tuas te faltarem. Oxalá nunca me falte a visão suficiente para te poder olhar nos olhos e perceber que, depois de tantos anos, ainda são os mesmos pelos quais me apaixonei. Oxalá que os ouvidos não me falhem e me permitam ouvir a tua voz doce a dizer o meu nome de uma

forma ainda mais doce, mesmo atrás da rouquidão que a velhice trouxe. Não há nada que eu sonhe que não te veja ao meu lado e assusta-me tanto só a hipótese de não te ter. Não ia morrer, mas sinceramente não sei como ia viver. Não sei amar mais ninguém. Desenhei o meu amor tão em função de ti que se algum dia te fores embora deito o meu coração fora porque de mais nada me serve. Toda a minha existência é inútil se olhar para o lado e não te vir. Porque é quando estás aqui, só quando estás aqui, que a vida se digna a acontecer. É como se ela não quisesse saber de mim para nada e apenas me desse atenção quando estás por perto. Sei que não vais aceitar o meu agradecimento, mas obrigado por me fazeres viver um sonho. Sou um sortudo por ser amado por uma mulher como tu. Prometo nunca me esquecer da sorte que tenho. E se algum dia me esquecer é porque também não me irei lembrar de mais nada. Pudesse eu viver mais cem anos que mais cem anos eu te iria amar. Quero mesmo amar-te para sempre. E que nesse para sempre existam muitos domingos de chuva e uma cama só para nós. Que existam muitas viagens a dois, muitos fins de tarde partilhados e muitas conversas noite dentro sobre tudo e sobre nada. Nunca te disse, mas o teu amor ensinou-me uma coisa muito especial que o meu egoísmo nunca me deixou fazer, que foi dividir. E aprendi ainda contigo que no amor aquilo que se divide, afinal, multiplica-se. Parece um pormenor insignificante, mas é nestas pequenas coisas que o verdadeiro amor se esconde. E foi nelas que tu me ensinaste a vê-lo. Amar-te como eu te amo é a única garantia que tenho de que, viva eu muito ou pouco tempo, a minha passagem neste mundo não foi em vão. Só temo a morte porque ela um dia me vai impedir de te tocar e perceber que não és um sonho. Mas não é, de todo, aquilo que mais temo. Aquilo que mais me atormenta

é a possibilidade de um dia a velhice me levar a capacidade de me lembrar o quão feliz fui ao teu lado.

Ninguém sabe melhor do que tu o que só tu podes saber

Procuro no silêncio a paz que o *tenho muito que fazer* e o *agora não dá* me tiram. É no silêncio, comigo só, que me arrumo por dentro, que organizo as prateleiras do meu pensamento e limpo o pó das ideias que fui deixando para depois. Todo o ruído que me rodeia de manhã à noite e toda a azáfama para executar o maior número de tarefas por dia impedem-me de me ouvir. De ouvir a minha voz que tantas vezes me implora por dentro para parar, descansar e refletir. Por isso sinto tanta necessidade de me afastar do mundo, bater com a porta, correr as cortinas e ficar no meu cantinho a ouvir nada e, assim, entender tudo. As conversas mais enriquecedoras são, sem dúvida, as que temos com nós mesmos. São essas que mais nos orientam porque para todos os efeitos as escolhas e a responsabilidade das mesmas serão sempre nossas. Antes, sempre que me deparava com algum problema, a primeira coisa que fazia era procurar alguém que me aconselhasse ou então que apenas me desse uma palavra de incentivo. Mas depois de perceber a tranquilidade que sentia e a reconstrução que operava em mim nos meus momentos a sós percebi que a primeira pessoa que eu devia procurar era eu. Quando decidimos procurar alguém é porque, de certa forma, nos sentimos perdidos, sem saber o que fazer, mas a verdade é que só nós nos podemos encontrar. Queremos tão desesperadamente que nos ajudem que quando nos perguntam o que é que se passa nem conseguimos responder em condições. Porquê? Porque se calhar faltaram estas conversas que só o silêncio nos permite ter. Este organizar de ideias que a pressa de resolver as nossas complicações ignora. Temos o costume ou a tendência para

considerar um dia de chuva como um dia mau. Batizamos os dias de chuva como dias de mau tempo, no entanto fazem tanta ou mais falta do que os dias de sol. Estamos, de certa forma, a ser injustos com a natureza. O mesmo acontece dentro de nós, onde cada dia é como se fosse um ano inteiro porque parece que atravessamos as quatro estações. Desde dias de tempestades e tormentos até dias de sol e calmarias. Com a desvantagem de que não nos podemos abrigar e proteger debaixo de um telhado pois neste caso somos nós o abrigo. Assim sendo, resta-nos somente aprender a controlar as intempéries e a desfrutar das bonanças. Por isso, nos meus dias de chuva interior eu não a ignoro, sento-me a ouvi-la, de olhos fechados e respirações profundas. Por vezes, a chuva é tanta que me sai pelos olhos, mas é bom. Pois se na terra ela é precisa para fazer crescer as plantas, dentro de mim ela também é precisa para me fazer crescer. Hoje sou a primeira pessoa que procuro quando preciso de alguém. E só depois de me encontrar e perceber que não sou suficiente para conseguir sair do buraco em que entrei, então sim, procuro alguém que me dê uma mão. Mas só depois de me procurar, pois serei sempre a minha primeira tentativa, o meu primeiro recurso. No que à minha vida diz respeito, a primeira e a última palavra serão sempre minhas. Irei ouvir todas as vozes que me são importantes, irei refletir sobre o que elas me disseram, irei ter em conta as suas mensagens, mas no fim sou eu que escolho, sou eu que decido. Pedir conselhos é muito arriscado e dá-los é uma responsabilidade muito grande. Qualquer conselho que recebamos será sempre influenciado pelo que essa pessoa viveu, o que nunca será o mesmo que nós. Como tal, por melhores intenções e conhecimentos que ela tenha sobre a vida, as suas ideias não poderão pesar mais do que as nossas. O dia em que percebi isto foi o dia em que comecei a valorizar mais os

meus momentos de silêncio e as minhas tempestades interiores, mas, mais do que isso, foi o dia em que comecei a valorizar mais a importância que eu tinha na minha própria vida.

Só tens controlo sobre aquilo que não dizes

Já paraste para pensar porque é que quando te perguntam se está tudo bem contigo e tu respondes que sim não dizem mais nada, mas se tu respondes que não já te perguntam porquê ou o que é que se passou? Isso acontece por uma razão muito simples, porque a maioria das pessoas sente prazer em saber do mal dos outros. Sente-se melhor só por alguém estar pior. É claro que não te perguntam isso para te tentarem ajudar, é apenas por mera curiosidade para alimentarem os seus egos com as tuas derrotas. Quais são os jornais mais vendidos? São os que falam de mais desgraças. Quais os programas de televisão mais vistos? São os que demonstram o lado degradante da humanidade e os que mais apresentarem pessoas revoltadas umas com as outras. As pessoas são capazes de te odiar só por seres feliz. Pessoas que nem sequer te conhecem nem sabem da tua história. Isto até pode parecer senso comum, mas o óbvio também tem de ser dito. Não para ser ensinado, mas para ser lembrado. E é importante lembrar isto todos os dias, essencialmente por duas razões, uma delas é para te defenderes melhor das energias negativas que te enviam e a outra é para te tornares cada vez mais independente de energias positivas exteriores para te sentires bem. E não, esta história das energias nada tem a ver com questões astrais ou divinas, mas sim com acontecimentos claros do dia a dia, como, por exemplo, um elogio ou uma crítica que te fazem. O mais feliz é sempre aquele que menos depende. Porque, quanto menos dependes de algo ou de alguém, mais livre és, e liberdade é um sinónimo de felicidade. O segredo é sempre o mesmo, ignorar. Se alguém procurar uma discussão, muda de

assunto. Se alguém te *picar*, deixa para lá. Se alguém levantar a voz, mantém o tom da tua. Deixa essa pessoa entalar-se com a sua maldade. Não dês o troco. Pois estarias a ser igual a ela. Todas estas formas de agir são escudos que constróis em torno de ti e que te protegem dessas energias negativas que te enviam. Não esperes piedade de ninguém, não esperes bondade, generosidade, reciprocidade ou alguma recompensa. Não esperes, por exemplo, que aquela pessoa a quem emprestaste dinheiro vá correr atrás de ti para to devolver. Resumindo, não esperes nada. E isto, mais uma vez, não é para te fazer desconfiar das pessoas que te são próximas ou desanimar-te em relação àquelas que ainda vais conhecer, é apenas para não te iludires. E a ilusão nem sempre significa ingenuidade, a ilusão, por vezes, é apenas uma consequência de se ter um bom coração. E por causa disso acreditar que as pessoas são um reflexo de si mesmo e estão repletas de boas intenções. Não custa nada deixares um pezinho ligeiramente atrás. O mesmo acontece quando alguém te vem falar mal de não sei quem, achas mesmo que essa pessoa não vai fazer o mesmo contigo? Até podes pensar que por ser tua amiga não o faria, mas a questão é que, muito provavelmente, ela não é apenas tua amiga. Tem outros amigos que podem ou não ser comuns a ti, e certamente com o mesmo grau de afinidade, e entre os quais tu podes perfeitamente ser tema. Isso se calhar até não te incomoda, mas certamente que te fará pensar duas vezes antes de fazeres alguma revelação. Vais ter sempre de, em algum momento, confiar e acreditar em alguém, mas pelo menos não o farás de olhos fechados e não te apanharão de surpresa se a tua confiança tiver sido em vão. Sempre que puderes, não confies, sempre que não for necessário, não confies. Sempre que ninguém precisar de saber, não digas, se ninguém te perguntar, não digas. Só

tem de saber quem precisa de saber, quem importa saber, tudo o resto a ti pertence. Lembra-te de que cada desabafo teu é um bocado de ti que pões à disposição de alguém. Quanto menos souberem, menos estragam. Uma máxima que não envelhece.

Deixa doer, pois dor que não dói vira mágoa

Há feridas que só o tempo pode sarar. Dores que nos obrigam a esperar pelo tempo. Esperar que seja bom conosco, esperar que não nos faça esperar muito tempo. E o tempo vai correndo devagar, enquanto em segredo nos confessa que, mesmo sem pressa, ele nos vai curar. Se fizermos a nossa parte, com certeza que o tempo fará a dele também. A verdadeira dificuldade da dor não é a capacidade de a tolerar, mas a incerteza de quando vai acontecer. Se te prenderem uma pinça na orelha e te disserem que a irão tirar passados cinco minutos, com certeza que te irá custar bem menos a passar esse período de tempo do que se não te tivessem avisado que essa dor era limitada. Essa é a grande dificuldade do sofrimento, não saber quando acaba. Pois não saber acrescenta-lhe agonia e ansiedade. Dois temperos essenciais para apurar o sabor de uma dor. Mas se esperar é tudo o que nos resta, então não esperemos sentados e façamos do tempo que nos separa do alívio um ensinamento para a vida. Aprendendo a sorrir enquanto se chora por dentro. Aprendendo a continuar enquanto o desânimo nos tenta convencer a parar. Aprendendo a acreditar que vai ficar tudo bem mesmo quando tudo aponta que não. A fé nunca fará o trabalho por nós, nunca fará tudo sozinha, mas é uma força extra indispensável, um empurrãozinho fundamental. Então, se assim é, que se acredite sempre até não fazer mais sentido. Que se lute sempre até que o cansaço nos derrote. Que se tente sempre até que a esperança se esgote. E que se saiba sempre quando cada uma destas coisas acontece. Pois um dos nossos males é a *falta de noção*. E não, ela não afeta somente os tolos e os loucos. A todos nós, em algum

momento, faltará a noção de quando parar, de quando desistir, de quando dizer *não dá mais*. A eterna dúvida de qual o momento certo é a prova viva desta falta de noção que tantas vezes nos faz ultrapassar os limites e que outras tantas vezes nos impede de lá chegar. E depois de nos faltar a noção falta-nos ainda a paciência para vencer as amarguras que a falta anterior nos trouxe. Somos demasiado impacientes quando sofremos. Por menor desconforto que sintamos, queremos que passe imediatamente. Mas a dor é como uma espécie de produto químico, precisa de um tempo de atuação para surtir efeito. Por isso mesmo ela não se vai embora cedo. Fica durante algum tempo para nos endurecer e fortalecer. Pois é essa a sua missão. Não é enfraquecer-nos, é reforçar as nossas defesas. E cumprido o seu propósito vai-se embora naturalmente. Por tantas vezes a tentarmos expulsar a todo o custo é que ficam tantas mágoas, assuntos mal resolvidos e inconformismos à deriva dentro de nós. Se vai doer, e vai, então que doa até ao fim, que se esprema essa angústia até à última gota, que se esvaia por completo e nos deixe em paz. É importante compreender o porquê das coisas, principalmente o porquê das coisas más, o porquê das coisas sem sentido. Não é só julgar as pessoas que é feio, julgar as coisas que nos acontecem também é. Estamos constantemente a acusar a vida de ser injusta, de não nos ajudar e de não nos recompensar, e porventura tudo o que precisávamos de fazer era refletir sobre tudo isso. Sem julgar ou reclamar. Apenas parar, pensar e perguntar *porquê?* Queremos respostas a perguntas que nunca fizemos e condenamos silêncios que não passam de um reflexo dos nossos. Agradecemos a Deus o bom e culpamos o Diabo pelo mau. Boa, assim é fácil ser sempre inocente. Passamos o tempo todo a fazermo-nos de vítimas e a arranjar bodes expiatórios para os nossos fracassos que não

temos tempo para perceber que se calhar é tudo uma questão de falta de paciência e compreensão. Usemos as mãos para nos erguermos do chão e não para apontar o dedo a quem nos fez cair.

Tenho de te dizer não para a felicidade me dizer sim

Por várias vezes me convenço de que não te vou dizer mais nada, mas quando dou por mim já estou a mandar-te uma mensagem, a inventar um assunto qualquer só para voltarmos a falar ou a desculpar-me mais uma vez de algo que não tive culpa. E tu voltas, talvez porque não tens nada a perder, talvez porque não tens nada de melhor para fazer ou então por pena. Voltas porque eu vou atrás, porque mais uma vez, e outra vez, e outra ainda, eu vou procurar-te. Mas será que não há ninguém que me agarre antes de ir atrás de ti ou que me dê duas boas bofetadas para eu acordar? Que mais provas eu preciso para saber que não me queres como eu te quero? Que já não me queres mais como ainda te quero? E assim ando eu a enganar-me dia após dia como se isto fosse alguma forma de felicidade. Fazes a tua vida normalmente e eu não passo de um escape, de alguém que usas quando te falta melhor. Dá muito jeito alguém sempre disponível para nós, não dá? Alguém que larga tudo para vir ter connosco. Alguém que ignora tudo e todos só para nos dar atenção. Eu não sei o que isso é, mas deve ser muito bom. Pode ser que nunca tenhas de passar por aquilo que me fazes passar. Gostava muito de não te culpar, mas eu sei que tu sabes o que estás a fazer. Sei que sabes perfeitamente que não tens planos para nós, não tens sonhos nem ambições nenhuma além de dar umas voltas de quando em vez. Mas aqui o carrossel está a ficar cansado. Não penses que a minha esperança durará muito mais tempo. Já começo a conhecer bem os teus truques. Principalmente aquele de demonstrares mais atenção e afeto por mim quando sentes que estou a escorregar-te das mãos. Só para me manteres por perto. Só para não me

deixares voar e fazer aquilo que sabes que é o melhor para mim. Como podes reparar, eu já percebi tudo, apenas estou à espera de encontrar coragem para te dizer *não* quando o meu coração gritar *sim*. Porque é essa a única resposta que ele te sabe dar. Sim para tudo o que tu queres. Sim para todos os teus pedidos. No entanto, ele não manda sozinho e, quando finalmente for capaz de te negar num desses teus regressos *inocentes*, vou provar isso mesmo. E podes acreditar que, quando eu o conseguir fazer, não irei voltar atrás, nem sequer olhar para trás. Quando decido ir é de vez. É para sempre. Não porque seja a pessoa mais decidida ou teimosa do mundo, é apenas porque se eu decidi ir embora é porque não tinha mais motivos para ficar. Não te digo isto com esperança que abras os olhos e percebas que, afinal, sou eu o amor da tua vida e que sou tudo o que tu mais queres. Infelizmente sei que, se precisas de me perder para perceberes que me queres, então é porque não me queres. Pois mesmo que eu voltasse para ti, depois de saberes o que é o verdadeiro arrependimento por me teres perdido, seria uma questão de tempo até voltares a ir embora. Custa-me fazê-lo, mas o único motivo pelo qual te digo isto é para que finalmente possas ter tu, por mim, a coragem de ires embora. Pedir-te isto é como se te implorasse para me dares um tiro por eu estar a sofrer muito e não ser capaz de o fazer a mim. Irias perder-me, é certo, mas saberias que teria sido por uma boa causa, que era acabar com o meu sofrimento. E o que está a acontecer agora é idêntico. É demasiado agonizante estar sempre à espera de uma mensagem tua, de um regresso teu para voltar a sorrir. É insuportável saber que estou a pensar em ti e imaginar que ao mesmo tempo te estás a divertir e a fazer a tua vida normalmente como se eu não existisse. Vou vivendo assim, mas isto não é vida não é nada, somente uma tortura que a esperança alimenta cobardemente. Por

isso, se realmente tens o mínimo de carinho e consideração por mim, vai embora em minha vez.

Há fins finais e há fins que não são fins

Não sei porquê, mas há em mim uma leve desconfiança, que eu prefiro chamar de esperança, de que isto não fica por aqui. Há coisas que têm mesmo de acontecer para que a passagem por este maravilhoso mundo faça realmente sentido. Todas as histórias de amor devem ter um fim. Seja junto ou separado, triste ou feliz, mas têm de ter um fim. Nenhuma história de amor deve ficar a meio. Talvez por eu acreditar profundamente nisto é que eu desconfio que, daqui a um mês, um ano ou vinte, nós nos voltaremos a encontrar para dar um fim à nossa história. Seja ele qual for. Uma certeza eu tenho, é que ficámos a meio de alguma coisa. Ou então tudo não passa de um engano da minha cabeça só para não me sentir tão mal com a distância que nos separa. A verdade é que pensar assim não custa tanto, não dói tanto, mas, no entanto, sei que nunca deixará de doer. Por um lado, dói menos se acreditar que um dia voltaremos a pertencer um ao outro, por outro lado, dói mais pela agonia da incerteza de quando será ou se será. Por vezes, saber que não há volta a dar e que não existem mais hipóteses é um empurrão importante para partirmos para outra. Mas, sinceramente, não sinto falta disso neste momento. Sabe bem saber que há algo que nos une, que aquilo que sentimos não morreu e que a vida apenas achou que estava na hora de seguirmos um caminho diferente, para nos encontrarmos mais à frente e sermos ainda mais felizes. Dá-me uma certa paz saber que não tenho de deixar de te amar. Que não tenho de pressionar o tempo para me ajudar. Pois sei que mais tarde ou mais cedo isto vai passar. Não porque já te tenha esquecido, não porque já não te queira de volta, apenas porque vou acabar por perceber que por mais desilusões e dissabores o coração tem sempre

espaço para bons amores. E tu és um deles. Não me quero livrar de ti só porque nos afastaremos. Eu também tenho em mim muito do que é teu. Um bocado do que sou és tu. E por isso sinto que o melhor que posso fazer por nós é continuar a amar-te. De uma forma diferente, é certo, mas nunca deixarei que esta fogueira se apague, ainda que não arda. Se há páginas que eu gosto de reler nesta minha história de vida são as páginas onde tu apareces. Escrevemos juntos um passado bonito com palavras de dor e amor. Quando me lembro de tudo o que vivemos, sinto-me a caminhar numa corda tentando equilibrar-me entre um sorriso e uma lágrima. És uma dor alegre. Uma alegria dolorosa. E é também por seres tudo isso que eu sou tudo o que sou. Promete-me, por favor, que não vais tentar apagar-me do teu peito e que se alguma coisa tiver de morrer que seja o tempo a tratar disso. Promete-me que seremos sempre, de alguma forma, um do outro e que se algum dia sentires vontade de me procurar vais fazê-lo. Não me digas adeus, pois não acredito que haja algum adeus mais eterno que o nosso amor. Seria um adeus inútil e sem sentido. Diz-me antes até já ou, no máximo, até um dia. Até um dia em que o teu coração volte a chamar por mim e a tua vida nos peça de novo. Nesse dia vais procurar-me ou eu irei procurar-te a ti e, se ambos quisermos o mesmo, então é porque tudo isto tinha de ser. É tão estranho amar-te e perceber que isso não chega, que o coração não manda sozinho e que a vida nem sempre quer o mesmo que nós. Era tão bom que o amor fosse a única resposta, a única solução e a razão para tudo. Mas ele não escolhe, só acontece. Liga almas e vidas completamente distintas e quem se apanhar no meio dele que se desenrasque depois. Hoje temos de nos despedir pelos motivos que só nós podemos saber, mas vamos embora com a certeza de que o amor que nos une ainda tem uma palavra a dizer.

As mães são super-heroínas à paisana

Às vezes não consigo, não aguento, não suporto. Às vezes falho, caio e choro. Às vezes a paciência é nula, a força escassa e o tempo curto. Às vezes não sei explicar, não sei o que fazer, não sei para onde ir. Às vezes o heroísmo de mãe que existe em mim tira férias. Às vezes pareço uma adolescente, um ser carente e quase filha dos meus filhos. Às vezes dispo o fato de ferro e sou apenas uma mulher que também precisa de mimo. Porque é que o mundo ainda acredita que uma mãe pode tudo e não precisa de nada? Chego a desesperar quando olho para a vida que me espera e não encontro um espacinho no tempo para ser... eu. Apenas eu. Sem fatos de super-heróis ou máscaras para disfarçar o cansaço. Tenho de fazer isto e depois aquilo, mas quando aquilo acabar já tenho de fazer não sei o quê e depois mais alguma coisa. O tempo, esse, nunca espera por mim, mas espera sempre algo de mim. Já não sei há quanto tempo não conto o tempo e há quantos dias um novo dia é apenas mais um dia. Vivo sempre para alguém, em função de alguém e as minhas vontades ficam para quando tiver tempo, que é um tempo que nunca tenho. Às vezes eu também desisto, para mim, e em silêncio, embora sempre antes de uma nova tentativa. Às vezes eu também sinto que não sou capaz, mas tento sempre novamente. Há corridas que não são ganhas por chegarmos em primeiro lugar, mas por as conseguirmos terminar. Corridas em que vale mais o percurso que se faz do que a rapidez com que se o faz. É disto que me tento lembrar constantemente para não perder a esperança de atingir as minhas metas. Se não for este ano que seja no próximo, ou no seguinte, mas hei de lá chegar. E, tenha a idade que tiver nesse momento, a conquista ninguém ma tira. Não sei ao certo quantas foram

as vezes em que caí e desanimei, mas de certeza que foram tantas quantas me levantei. Não sou de ferro, mas se é isso que a minha família precisa, é isso que serei. Há sempre alguma força maior que nos move, seja um sonho, uma crença, um ideal, e a minha força maior é a minha família. Os meus três pequeninos e o meu grandão. É neles que penso sempre que me bate à porta algum destes às vezes. Sei que dependem de mim tanto quanto eu dependo deles. Se um não está bem, ninguém está bem. Por isso, um dos maiores medos é eu adoecer. Embora eu ache que nem tempo tenho para adoecer. Além de não poder cuidar dos meus meninos, eles ainda iriam descobrir que a mãe deles também fica doente. Jamais percebi que eu era uma farsa e que andei todo este tempo a esconder que era humana como eles. Mas é verdade, as mães também ficam doentes, e ficam muito mais vezes do que aquelas que se sabe. Temos este dom para disfarçar as dores e os males que nos atormentam. Temos sempre um sorriso a mais para vestir quando for preciso e um *vai correr tudo bem* para usar quando fizer falta. Todos os meus momentos menos bons e todas as minhas fraquezas por muito que me atormentem serão sempre um pormenor ao lado do que realmente importa. E a vida não me vai convencer do contrário, ainda que tente. Uma das minhas maiores certezas é a de que há sempre uma maneira de dar a volta por cima, de fazer dar certo, eu é que nem sempre tenho a destreza suficiente para a descobrir. É um pensamento que me dá a tranquilidade necessária para enfrentar os dias em que um simples degrau parece um obstáculo enorme. Talvez tudo isto não seja mais do que um conjunto de ilusões negativas da elevada exigência que tenho comigo mesma. E eu não seja, afinal, assim tão frágil como me sinto às vezes. Mas também sei que se sou a mulher que o meu marido quer e a mãe que os meus filhos precisam foi porque todos os dias

procurei ser mais um bocadinho e fazer mais um bocadinho do que no dia anterior.

Sou tímido ou tu é que não me pões à vontade?

Dizem que sou tímido e envergonhado. Bom, com certeza que são opiniões vindas de pessoas que ainda não mereceram a minha confiança, senão pensariam completamente o oposto. Quando ouço dizerem isso, confesso que até me rio e penso cá para mim, *não sabes nada*. Não as posso culpar, pois é efetivamente essa a imagem que passo numa primeira abordagem, porque não sou por natureza uma pessoa expansiva e muito menos quando não conheço as pessoas. Adoro pessoas bem-dispostas e divertidas, que falem para mim e brinquem comigo, mas só quando o nível de confiança o justificar. Tal como eu sou e faço. Antes disso só me irá afastar ainda mais e fazer-me fechar dentro de mim mesmo. Embora haja sempre uma ou outra pessoa que, tal é a nossa afinidade de pensamentos, parece que nos conhecemos há anos e eu até me surpreendo comigo próprio ao aperceber-me de todo o meu à vontade com ela. Naturalmente que isto é um fenómeno raro e o mais certo de acontecer é eu mal abrir a boca num primeiro contacto. E depois é natural que pensem que sou tímido e acanhado. Que são, confesso, termos que não gosto de ouvir. Não por não serem verdadeiros, mas por serem baseados numa análise superficial da minha pessoa. Eu também não gosto de o ser, mas gosto ainda menos de quem não me ajuda a deixar de o ser. Enfim, sou assim, mas muito por causa das pessoas com quem estou. Todos nós temos muitas características que não são fixas, mas que variam em função das pessoas que nos rodeiam. E esta minha timidez é uma delas. Por eu não gostar nada das situações que me obrigam a ser contido e recatado é que eu adoro pessoas que têm a tão nobre capacidade de me

deixarem à vontade. O que é muito difícil de encontrar porque este simples pormenor exige um altruísmo extremamente invulgar. A capacidade de se preocupar com o bem-estar do outro em primeiro lugar e a humildade de deixar o outro falar e ainda ter a atenção de o ouvir são qualidades que só cabem num grande coração. E eu adoro pessoas com um grande coração, pois sei que só os grandes corações têm a capacidade de acolher todo o amor que dou quando gosto. Que é sempre todo o que puder dar. Não sou fácil de agradar, mas também não sou picuinhas. Aquilo que de bom merecerem ter de mim, terão. Seja isso um sorriso ou um silêncio de desprezo. É que, além de pensarem muitas vezes que sou tímido e envergonhado, ainda pensam que sou antipático. Julgando-me logo por aquilo que mostro ser e não por aquilo que realmente sou. Esta parece ser a tendência de toda a humanidade, não dar o benefício da dúvida. Mas há certas atitudes das pessoas que despertam o pior de mim. E tal como me surpreendo comigo próprio pela positiva, o mesmo acontece no lado oposto. Não suporto, por exemplo, que cheguem à minha beira, sem me conhecerem de lado nenhum, e falem para mim como se fôssemos amigos de infância. Depois encosto-me ao meu canto ou não respondo de uma forma tão afável que, numa situação normal, me é característica, e ficam a pensar que sou antipático. Não é que isso me afete significativamente, mas aquele leve sentimento de injustiça por ter sido julgado precocemente e sem real fundamento fica-me a moer aqui dentro. Quando tudo o que aconteceu foi alguém que não soube estar no seu lugar e abusou do meu espaço e confiança. Eu dou tudo de mim, dou tudo o que tiver e não me importo nada, mas têm de merecer. Têm de fazer por isso. E fazer por isso exigirá sempre, comigo, muito tempo e esforço. Como tal, não tolero que façam entradas a pés juntos na minha vida e comecem logo a

queimar etapas como se não houvesse amanhã. *Vai com calma, camarada, não andei contigo na escola.* Penso eu para mim.

O sexo alimenta, mas só o amor sacia

Quero-te na minha cama. Hoje. Agora. Já. Não suporto esta distância que separa o meu corpo do teu. Não suporto o peso desta roupa que me cobre e muito menos aquela que te esconde de mim. O teu corpo às minhas mãos pertence, a tua boca foi desenhada a pensar na minha e os teus orgasmos são música para os meus ouvidos. Não te demores que a vontade não espera e o prazer não tem tempo a perder. Quero-te toda por baixo de mim, coberta por mim, possuída por mim. Sou teu, só teu até ao fim. Quero-te de tal forma que quando fecho os olhos és tu que me ocorres. És só tu que eu vejo. Nua. Erótica. Esfomeada. E não há nada mais divinal do que ver-te suada e realizada depois de um intenso sexo. É essa a imagem que procuro incessantemente na minha memória quando não te posso ter por perto. Por isso vem rápido. A minha cama espera-te. Nem imaginas a falta que lhe fazes e o quão desejosas estão as paredes do meu quarto para nos voltar a ver. É este o mundo a que nós pertencemos, uma cama de nuvens, quatro paredes que não revelam segredos e uma noite sem fim, vergonhas ou medos. Não existe um desejo em mim que não tenha nele gravado o teu nome. Tal como não há um sonho meu que não te tenha presente. Estás em tudo do que sou feito, quem havia eu de chamar na hora em que me deito? Sinto-te a perfeição na ponta dos dedos e cada recanto de ti é-me conhecido. Não há uma curva tua que eu não seja capaz de contornar de olhos fechados nem um fetiche teu que o teu silêncio me consiga esconder. Foste a melhor forma que encontrei de estar na vida, foste a melhor forma que encontrei de viver. Ferves a cada toque e beijo meus e explodes a cada penetração. A maneira tão natural e irracional como vives o sexo é um constante

incentivo para dar sempre o melhor de mim. Mesmo quando já falham as forças e o corpo me implora por descanso. Nem sei viver o sexo de outra maneira que não seja ir sempre além dos limites do corpo, da loucura e da imaginação. Somos feitos de carne, osso e tesão. E é tão bom que seja assim. Não te demores e vem. Vem para sorrisos. Vem para sentires. Vem para te vires. Custa-me de morte cada minuto à tua espera. Sinto que hiberno após cada despedida. Não sei sequer o que fazer ao meu corpo quando está longe do teu. Apetecia-me despi-lo e arrumá-lo num guarda-fatos para só o estragar contigo. Tu, mais do que qualquer outra pessoa no mundo, onde me incluo também, tens permissão para o estragar com a suprema intenção de te satisfazeres. Que se lixem as nódoas negras, os arranhões ou as dentadas que me deixas marcados na carne, se te dá prazer então não te contenhas. Sou teu e estou aqui. Pronto. Sempre pronto para ti. Podia sair por aí e deitar-me com todas as mulheres do mundo que tenho a certeza de que nenhuma delas me iria saciar melhor do que tu. Por um simples motivo, é que tu és a única mulher do mundo que eu amo. Logo, és a única mulher do mundo capaz de me saciar o corpo e a alma. Não penses que eu não sei das tuas lágrimas depois de fazermos amor, nem penses que é à toa que fico agarrado a ti depois do sexo. Não sei de cor apenas os segredos da tua pele, sei-te de cor também por dentro. Sei a importância que tem um simples abraço e um *amo-te* depois dos nossos momentos mais íntimos, porque conheço bem as tuas inseguranças, receios e complexos. E saber tudo isto faz-me querer amar-te ainda mais, como se fosse sequer possível. Mas o *mais* estará sempre ligado ao nosso nome e à nossa personalidade. E ter-te ao meu lado, seja na cama, na rua ou na vida, é o único motivo que eu necessito para ser o *mais* que tu precisas.

Um amor pesará sempre mais do que mil paixões

Perdoa-me. Eu era jovem. Perdoa-me não ter conseguido amar-te como tu merecias. Perdoa-me ter-te feito sofrer, mas eu não sabia mais. Eu queria o mundo. Queria mil e uma vidas que pensava que não podia ter contigo. Perdoa-me por ter querido tudo e não ter sabido que tudo já tinha eu ao meu lado. Eu era jovem. Talvez não seja desculpa, mas não fui capaz de contrariar os meus impulsos e conter todas as vontades que despertavam em mim naquela altura. Perdoa-me a ingenuidade com que tantas vezes tratei a nossa relação e a instabilidade que te fiz sentir enquanto ela durou. Perdoa-me. Eu era jovem. Não tive a maturidade que o nosso amor exigia e que tu precisavas de mim. Queria experimentar e provar tudo o que a vida tinha para me dar. Queria adrenalina, loucura e mudança. E eu não conseguia encontrar tudo isto no amor que nos ia. Desculpa, eu não conseguia. Hoje percebo, depois de o tempo ter passado por mim e o arrependimento me ter amadurecido as ideias, que abdiquei da profundidade de um amor para desfrutar da superficialidade de muitas paixões. Hoje faria tudo de forma diferente, hoje iria valorizar o mais importante, mas hoje é tarde de mais. Perdoa-me. Eu era jovem. Não sabia o que fazia. O que eu pensava que seria espetacular revelou-se uma porcaria. Custa-me saber que destruí um sonho teu para realizar um desejo meu e isso é um peso que nem o teu perdão me consegue tirar. Já perdi a conta às vezes que repeti na minha cabeça a frase *se eu soubesse o que sei hoje*, mas não podia saber, não tinha como. Talvez nada seja realmente por acaso e isto tenha um propósito, mas não consigo deixar de acreditar que apareceste demasiado cedo na minha vida. Apareceste

numa fase em que eu só queria agarrar e não segurar e acabei por te largar. Perdoa-me. Eu era jovem. Hoje olho para a mulher que te tornaste e imagino como seria viver contigo e ser eu o homem que tens hoje ao teu lado. E isso faz-me sentir orgulho da mulher que és e pena do homem que fui. Sorrio enquanto choro por dentro sempre que sei de ti, mas sinto uma certa paz por perceber que encontraste o teu caminho. Que, apesar da desilusão que te dei, vingaste no amor e na felicidade. Hoje tenho a certeza de que uma só vida contigo valia muito mais do que as mil que escolhi viver sem ti. Mas hoje também tenho a certeza de que se eu decidisse ter ficado não iria conseguir estar como tu merecias. Que era estar por completo e ambicionar uma eternidade ao teu lado. Perdoa-me. Eu era jovem. Sei que já sou mais do que passado e agora talvez olhes para trás e acredites que foi melhor assim, mas preciso de te dizer tudo isto. De te pedir desculpa. Preciso que tenhas a noção de que sei que cometi erros e os erros que cometi. Preciso que entendas que o problema não foi teu e que nunca me faltou amor por ti, mas sim sabedoria para te amar. Talvez agora já não façam diferença estas minhas palavras, mas tu não merecias que elas fossem segredo. Entende este meu pedido de desculpas não apenas como uma demonstração de arrependimento por ter falhado, mas acima de tudo como uma manifestação de gratidão por ter aprendido. Talvez se eu não me tivesse ido embora tu nunca irias saber o que era ser amada por inteiro e eu nunca iria saber valorizar um amor verdadeiro. Deixa-me pensar assim e pensa comigo também assim, por favor. Façamos juntos as pazes com o passado para que ele fique sentado e calado no lugar que lhe pertence. Gostava que um dia pudéssemos sorrir juntos enquanto nos lembramos daquilo que fomos e que conseguíssemos transformar todos os nossos lamentos em lembranças de superação. Entretanto envelheci, cresci,

aprendi, mas não nos esqueci, e o jovem que existe em mim
ainda precisa do teu perdão.

Viveram felizes para sempre, mas nem sempre felizes

Todos os dias eles discutem e todos os dias se beijam. Todos os dias se abraçam e todos os dias se protegem. Ainda assim, todos os dias eles discutem, mas também todos os dias se preocupam um com o outro. Todos os dias esperam um pelo outro. Todos os dias desejam um bom dia um ao outro. No entanto, todos os dias se chateiam por alguma coisa, mas também todos os dias resolvem os seus problemas. Todos os dias se esforçam para se entenderem melhor. Todos os dias aprendem a amar-se de uma forma diferente. Todos os dias têm um motivo para acabar, mas também todos os dias têm mil motivos para continuar. E assim se constroem os *para sempre*. Porque problemas, diferenças, divergências e discussões toda a gente tem. O que nem toda a gente tem é a capacidade de ver além dos defeitos. É a humildade de admitir que errou e a bondade de valorizar as coisas boas no outro. As pessoas estão tão preocupadas em tentar corrigir os erros umas das outras que se esquecem das suas qualidades e dos seus acertos. Se em cem falhar apenas uma, irão apontar-lhe o dedo por ter errado essa tentativa, mas não irão dar-lhe os parabéns por ter acertado as restantes. Este é um exemplo comum, mas claro, da mesquinhice de que são feitas as pessoas. Partem do princípio, por natureza, de que o comum é acertar, de que o normal é estar bem. E quando isso não acontece salta-lhes à vista e não resistem em apontar o dedo. Uma pessoa mesquinha e egocêntrica terá sempre dificuldades em manter uma relação por muito tempo porque irá sempre encontrar um defeito que a fará torcer o nariz. Além disso, não tem a capacidade de *fechar os olhos* de vez em quando e deixar de dar importância ao que

realmente não a tem. Todos querem falar mais do que ouvem, todos querem ficar por cima, todos querem obsessivamente a razão. E o amor onde fica? E a paz para onde vai? E o respeito por onde anda? Às vezes é preciso pedir desculpa sem ter culpa, abdicar da razão para evitar uma discussão e engolir as opiniões que não acrescentam nada. No entanto, para se conseguir isso é preciso ver muito mais do que o que os olhos nos dizem. Mais do que saber é preciso entender, mas ninguém tem tempo nem paciência para isso. Entender dá muito trabalho. Entender exige um silêncio que as pessoas não querem ter. Calar é sinónimo de consentir, ou então sinónimo de falta de melhores argumentos ou conhecimentos, e ninguém gosta de estar nessa posição. Contudo, calar também é sinónimo de ignorar ou de saber abdicar em prol de um bem maior e isso só está ao alcance de pessoas incríveis. A vida é, convenhamos, uma constante busca por um lugar confortável para se estar. Uma constante fuga ao incómodo e um desvio constante daquilo que aborrece. Mas para se cumprir esse objetivo com distinção não basta deixar acontecer. Nenhum casal é feliz apenas porque *deixa acontecer*. Deixar acontecer é muito bonito, mas, se pararmos para pensar, deixar acontecer é, por outras palavras, deixar andar. E esta não é uma expressão tão agradável. Ironicamente, o *deixar andar* não leva a lado nenhum. É por se deixar constantemente à vida o trabalho de fazer acontecer que depois não acontece nada. O deixar andar é a lei preferida dos preguiçosos porque é a lei do menor esforço. *A vida que decida, a vida que faça, as coisas que aconteçam*. A ordem natural de uma discussão, por exemplo, é piorar. Por isso é que depois de umas palavras menos agradáveis se parte para os insultos e depois para as agressões. Deixar acontecer é deixar as coisas seguirem a sua ordem natural, mas nem sempre isso é o melhor. Por

várias vezes a vida vai testar a nossa capacidade de vencer a ordem natural dos acontecimentos e um *para sempre* é o expoente máximo dessa vitória.

Amo tudo o que és, respeito tudo o que foste

Quando te aceitei na minha vida, não te aceitei apenas a ti. Aceitei também o teu trabalho, a tua família, os teus amigos, o teu passado e, especialmente, o teu filho. Eu sabia que tu eras feita de tudo isto e sabê-lo não mudou nem um bocadinho a minha intenção. Sabia que tu, tendo um filho e não tendo ninguém ao teu lado, tinhas uma *ex-pessoa* na tua história. Que, independentemente da importância que eu viesse a ter para ti, continuaria a ser uma pessoa marcante no teu percurso. Quanto mais não fosse por ser alguém insubstituível para o teu filho. Eu sabia tudo isto e não diminui nada a minha vontade. Muito pelo contrário. Quando digo que te amo é porque amo tudo o que te envolve. No momento em que te acolhi, eu abracei toda a tua vida, as coisas mais e menos boas, e não apenas o que me convinha. Este é o meu compromisso diário para contigo, olhar para ti sempre como um todo. Não quero apagar nem abafar rigorosamente nada numa tentativa forçada de marcar a minha presença. Eu estou na tua vida para lhe dar a melhor continuação fazendo parte dela, mas sem me apoderar dela. Se há pessoas a mais, então nós aprenderemos juntos a lidar com elas. E se há um passado pesado de mais, então nós iremos carregá-lo juntos. Todos os problemas e tormentos que vêm lá detrás, muito antes de mim, eu ajudar-te-ei a suportá-los. Não será, nunca, por não terem sido responsabilidade minha que eu irei ignorá-los. Se te incomodam, então também me incomodam. Eu sei que cheguei numa espécie de intervalo do filme da tua vida, mas eu não farei de conta que a primeira parte desse filme não existiu. Quero sim que tu me contes tudo o que aconteceu e me coloques a par da história para me ajudares

a fazer desta segunda parte a melhor parte do filme. Por respeito a ti, ao Lucas, ao pai dele e à história que inevitavelmente vos une aos três, eu não tentarei conquistar o título de pai do teu filho, mas posso prometer-te que o irei amar como tal. Não irei, de forma alguma, intrometer-me na relação dele com o pai, mas assumirei o papel de pai sempre que o dele não estiver presente. E não deixarei que sejamos adversários, lutarei sempre para que sejamos uma equipa a pensar e a lutar por um bem maior, que é a felicidade e o bem-estar do vosso filho. Vocês são agora a minha família e darei a minha vida por vós. Não tenhas medo, princesa, não tenhas medo. Vou mostrar-te que afinal valeu mesmo a pena não teres desistido do amor e que eu era o grande merecedor do teu coração. Estou preparado para aquilo que temos à nossa espera. Para os desafios e entraves que vamos encontrar pelo simples facto de não sermos propriamente uma família convencional. Não te preocupes comigo porque eu quero isto também e vou defender-vos e cuidar de vocês da melhor forma que puder. Comprometo-me, acima de tudo, a esforçar-me para que o Lucas não se aperceba de que a sua família é um bocadinho diferente da dos amigos. Ele é o verdadeiro amor da tua vida e eu sei bem qual é o meu lugar. Por isso a minha missão é bem clara na minha cabeça, amar-te a ti e ao teu filho como se estivéssemos juntos desde sempre. Não há passados demasiado grandes ou bagagens demasiado pesadas para quem encara cada uma dessas coisas com o mesmo amor e esperança que eu. Em momento algum penses que estou de passagem e que apenas me quero aproveitar da tua carência para saciar o meu ego. Estou porque, além de te querer amar, sei que precisas do meu amor. E eu quero ser o homem de que precisas e a peça que falta na tua família. Cheguei há pouco tempo, mas cheguei com vontade de ficar, de me fazer notar e de contribuir para

dar um rumo mais feliz à vossa história. Agora nossa história.

Não vemos o que queremos, mas o que o coração deixa

Ama-me, por favor, quero tanto saber como é. Sou sempre eu que amo, mas também mereço conhecer como é estar do outro lado. Não é justo vir ao mundo apenas para se amar. Devia ser sempre metade metade, porque é que não é? Olha só ao ponto em que cheguei, implorar por amor. Mas é isso mesmo que estou a fazer, quem me dera não ter de ser assim, mas não aguento mais dar sem receber. Mostra-me, por favor, que és diferente de todos os outros homens e ama-me com tudo a que tenho direito. Sim, és tu quem eu escolho para me dar o que mais preciso. Diz-me que és especial e prova-me que, afinal, a esperança que sinto tem sentido. Estou cansada de uma infinidade de paixões que nunca me levam a lado nenhum. Estou cansada da adrenalina do incerto e inseguro, e das borboletas na barriga que não passam de ilusões. Estou cansada de tudo o que só me cansa. Quero a paz e sossego que só o amor me pode dar. E quero a tranquilidade e segurança que só ao lado de alguém como tu posso ter. Ama-me e ensina-me a amar-te. Não me digam que não é possível. O que não devia ser possível era apaixonar-me sempre por quem só me faz sofrer e não tem intenções de me amar de volta. Isso é que não devia ser possível. Então também acredito que é possível aprender a amar quem é bom para mim. E eu estou pronta para isso. Todas as minhas deceções já me prepararam para abraçar uma nova forma de estar na vida e no amor. Estar apaixonada é, sem dúvida, uma sensação incrível e única, mas infelizmente para mim não tem compensado. Tenho sofrido muito mais do que aquilo que tenho aproveitado. Talvez por isso hoje repudio esse sentimento. Não porque não o queira, mas porque comecei

a perceber que não preciso dele para ser feliz. Preciso, isso sim, de estabilidade para poder assentar e construir a minha felicidade sobre a rocha. Prova-me, por favor, que ainda vale a pena amar, confiar e sonhar. Prova-me que eu tenho razão quando digo que és a pessoa certa para mim e que o amor também se aprende. Só preciso que sejas paciente e compreensivo comigo e que entendas as minhas necessidades. Está na hora de dar uma oportunidade a quem realmente fez por a merecer. E tu fizeste. Tu sempre estiveste pronto, disponível e com vontade de me ajudar. Sempre foste correto e carinhoso comigo apesar de andar demasiado distraída com quem não merecia a minha atenção. Nunca desanimaste nem desististe de mim quando eu te fiz sentir que não valia a pena. E eu só te posso agradecer por teres ignorado todas as minhas dicas e nunca teres ido embora como eu tantas vezes te dei a entender que queria. Agora eu sei tudo por que passaste. Agora sei o quanto dói querer alguém que não nos quer e isso faz-me olhar para ti com olhos de ver. Sempre estiveste aqui e nunca te vi por mais que te olhasse. Como é possível uma pessoa incrível como tu ter sido invisível ao meu coração? Sinto-me parva sempre que me lembro das vezes em que te desprezava. Nem imaginava eu o erro que estava a cometer. Se for demasiado tarde para mim, para nós, eu vou compreender, e não posso dizer que não o mereça, mas se ainda formos uma hipótese eu quero fazer valer a lição que a vida me deu. Olha-me nos olhos, por favor, e diz-me que me queres fazer a mulher mais feliz do mundo. Sussurra-me ao ouvido que nunca te foste embora porque sabias que este dia ia chegar. Abraça-me e não me deixes fugir como um dia fiz sem saber. Ninguém pertence a um lugar onde não é amado porque ninguém é feliz ao lado de alguém que não o ame por mais que ame esse alguém. Hoje

sei-o bem, por isso, peço-te, se ainda for a tempo, que faças deste reencontro a maior razão para ficar.

Todos temos um lugar à espera de nos reencontrar

Minha querida aldeia. Meu pequeno cantinho do mundo. Meu humilde pedaço de terra. Sou feito de ti. Sou feito das histórias que vivi contigo e das memórias que trazem o teu nome à superfície do meu pensamento. Trago ainda nos joelhos as marcas que o teu chão gravou em mim, tal como trago ainda no peito a lembrança de uma felicidade que parecia não ter fim. Podem ser inúmeros os tombos de bicicleta que dei pelas tuas ruas irregulares e incalculáveis, as vezes em que tropecei nos teus caminhos, mas são ainda mais numerosos os sorrisos que todas estas recordações me desenham na alma. Viste-me nascer e crescer e guardas segredos que comigo hão de morrer. Esteja eu onde estiver, vá eu para onde for, viva eu onde viver, sei que terás sempre os braços abertos para me receber. Primeiro a faculdade levou-me para longe de ti quando a maioridade me bateu à porta. Queria ter voltado no fim, mas tu não tinhas tantas oportunidades como as cidades grandes e eu precisava de começar uma vida. Depois o amor encontrou-me, ainda longe de ti, e falou mais alto. Mas hoje voltei para matar saudades. Hoje decidi visitar o lugar que me visita todos os dias, e é tudo tão diferente. Tão estranhamente diferente. Mudaste tanto que é como se não sentisses a minha falta. Como se aqueles lugares que me apresentaste em criança não fossem mais importantes. Mas sei que não é culpa tua, eu é que me esqueço que as coisas evoluem. Agarro-me à última lembrança que tenho e depois sou surpreendido pelo tempo. É como quando encontramos, muitos anos depois, aquele primo que não vemos desde que era criança e agora já está um homem feito. Olho-te, meu querido lugar, e sinto que não és mais meu. Sinto que não

tenho o direito de te reivindicar ou a legitimidade para te fazer juras de amor. A verdade é que fui embora e escolhi não voltar. E tu pertences a quem decidiu ficar, és de quem está e és feito dessas pessoas. Mas não é por saber tudo isto que aquilo que sinto por ti vai mudar. A saudade sempre esteve e continuará a estar aqui no meu peito, e quando te olho ela remexe-me ainda mais por dentro por não conseguir ver-te como te via. A Sãozinha da loja morreu. Soube hoje pela sua vizinha quando passei lá e encontrei a loja fechada. Senti-me envergonhado e mal comigo mesmo quando a senhora me disse que já tinha morrido há uns três ou quatro anos. *Que filho da terra és tu que nem sabe que a Sãozinha tinha morrido?* Perguntei a mim mesmo. Cruzei-me também com a Bárbara e trocámos algumas palavras. A rapariga mais franzina e baixinha da escola, o que lhe valeu o apelido de ratinha, era agora mãe de duas lindas e crescidas meninas. *Tenho de ir.* Disse-me com um sorriso esbatido pelo cansaço, depois de alguém, provavelmente o marido, a chamar do outro lado da rua. Vi ainda o senhor Zé dos Tapados, como era conhecido, numa cadeira de rodas à porta da sua casa e com uma manta sobre as pernas. Eu sempre o conheci velhote e pensava eu, ingenuamente, que já não podia envelhecer mais. Estava enganado. Levantei-lhe a mão, na companhia de um *boa tarde*, do lado de fora do portão. Ele devolveu o cumprimento, mas o rosto inexpressivo deu-me a entender que já não me reconhecia. No regresso a casa dos meus pais que ainda lá vivem, e depois de uma curta volta pela aldeia, passei junto a um fontanário e estanquei diante dele. Nas minhas idas a pé para a escola parei ali muitas vezes, nos dias quentes, para matar a sede. Mas aquela fonte não matava mais a sede a ninguém. Estava seca e os arbustos tinham-se apoderado dela. Depois de ver tudo aquilo, era praticamente inevitável não me sentir triste. Minha querida

aldeia, fazes-me lembrar o quanto eu já envelheci, mas também és o único lugar do mundo onde eu me sinto pequenino de novo.

Procuras, sem saber, aquilo que já é teu

Não me libertas porque és egoísta. Porque tens medo de não encontrar alguém que te ame tanto quanto eu e que, por outro lado, cumpra os *requisitos* que eu não consigo. Vives num dilema porque não consegues valorizar o que mais importa. E tu sabes isso, culpas-te por isso e eu tenho pena disso. Porque eu consigo. Eu sei valorizar o mais importante, que é o amor que sinto por ti. Mas isso não é suficiente para te fazer ficar. Tu queres tudo. E eu não te consigo dar tudo. O teu tudo. *Apenas* te consigo dar todo o amor do mundo. E todo o amor do mundo não é tudo para ti. Não te chega. O que me faz sentir uma profunda tristeza porque sei que vais acabar por me perder por seres como és. E sei que vais sofrer e arrepender-te por não teres percebido isso a tempo. Estou a ver nitidamente o filme todo diante dos meus olhos e é ainda mais frustrante não conseguir fazer nada. Lamento que assim seja, lamento porque essa atitude é a culpa do meu sofrimento hoje e vai ser a culpa do teu sofrimento amanhã. Mas amanhã ou depois eu irei acabar por encontrar alguém que sentirá ter tudo por ter todo o meu amor. E serei então feliz. Finalmente feliz. A tua obsessão pela perfeição irá conduzir-te à solidão. Não percebes que vais sempre encontrar um conjunto de defeitos que te fará querer mudar novamente? E de novo e outra vez? Não entendes que à medida que vais trocando esta pessoa por aquela e depois aquela por outra vai-se tornando cada vez mais fácil, superficial e temporário? Eu não te culpo por queres encontrar a pessoa que idealizas, aquela que aos teus olhos é perfeita. Afinal, quem é que não quer? Estás no teu direito. O que não estás no teu direito é ires-me segurando enquanto não encontras essa pessoa que encaixa na perfeição no molde

que criaste. Como deves imaginar, não é esse o papel que eu quero ter na tua vida, por mais que eu te queira e ame. Não sou nenhum treino de aquecimento ou preparação para um desafio maior. Eu sou o desafio maior. E quero ao meu lado alguém que me veja como tal. Imagina que eu agora decidia ser como tu e começava constantemente a apontar os teus erros e a criticar os teus defeitos. Começava constantemente a comparar-te com outras pessoas e a dizer, *vês? Podias ser assim*. Como te irias sentir? Não custa nada fazeres um esforço para te colocares no meu lugar. Se de facto estás comigo para te entreteres enquanto não encontras melhor, então toma uma atitude de gente adulta e afasta-te de mim. Respeita-me, ao menos, pelo amor que te tenho. Não é justo eu estar aqui a fazer planos para nós e a imaginar coisas ao teu lado se sabes perfeitamente que não consegues e, pior do que isso, não conseguirás dar-me aquilo que preciso de ti. Como queres que depois não tenha ciúmes se além de me baixares a autoestima ainda me fazes acreditar que eras capaz de me trocar por alguém que tem o que eu não tenho? A pessoa que sou e sempre fui para ti não merece ser um plano B na tua vida, uma saída de emergência ou uma sala de espera. Mais do que a primeira opção, eu mereço ser a única. E, se não te sentes capaz de me dar essa prioridade e exclusividade, então liberta-me. Não me iludas e nem alimentes algo que não queres que cresça ou sequer que viva. Não me digas também que me amas. Porque amar pressupõe continuação. Amar está intimamente ligado com o amanhã, não sabemos nunca se ainda estaremos juntos, mas lutaremos sempre para que assim aconteça. Se para ti é hoje e amanhã *logo se vê*, então não é amor, é somente vontade. Queres-me, mas não me amas. No entanto, eu amo-te com o coração inteiro e esforço-me diariamente para atenuar as minhas imperfeições, mas, se isso não é

suficiente para ti, então resta-me desejar-te boa sorte nessa procura interminável pela pessoa dos teus sonhos.

O medo não te torna incapaz, mas faz-te acreditar que és

Sabes o que são juros de mora? Bom, se não souberes eu explico. Juros de mora são a pena imposta ao devedor pelo atraso no cumprimento da sua obrigação. Ou seja, por cada determinado período de tempo depois de findado o prazo para saldar uma dívida é cobrado um certo valor, como uma espécie de indemnização pela demora. Como é óbvio, não te vou falar de contabilidade, mas de vida, porque isto acontece exatamente na vida no que ao medo diz respeito. Quando alguém sofre um grave acidente de carro é natural que fique traumatizado com essa experiência tão negativa. Quando voltar a andar de carro, porventura vai ter aquela visão a atormentar-lhe constantemente a memória. É perfeitamente normal. Com certeza já ouviste falar também que determinada pessoa depois de ter um acidente nunca mais conduziu um carro. Mas o que é que isto tem a ver com juros de mora, afinal? É que o medo é como uma dívida que temos para connosco, que deve ser saldada o mais depressa possível porque está sempre a cobrar juros. Ou seja, quanto mais tempo deixarmos passar depois de determinado trauma sem que tentemos ultrapassá-lo, mais difícil será vencê-lo. Mais difícil será pagar essa dívida para com nós mesmos. A única maneira de ultrapassar um medo é enfrentá-lo. E a melhor maneira de o fazer é fazê-lo logo. Sempre que deixarmos para depois estamos a dar-lhe força. O medo é como uma porta de vidro, mas sem o vidro, apenas com a armação. Ao longe vai parecer-nos que a porta está fechada e que não conseguimos passar. Mas quando tentamos passar e vemos que conseguimos, percebemos que essa porta, que é o medo, não passa de uma ilusão que apenas serve para nos assustar, mas que

não é realmente capaz de nos impedir de passar. O medo tem somente o poder que nós lhe damos. Não passa de uma barreira ilusória que só consegue conter aqueles que não a tentam ultrapassar. Vai sempre ser preciso o atrevimento de pensar, *tenho medo, mas acredito. Tenho medo, mas tento. Tenho medo, mas vou.* Tiveste um grande acidente de carro que te atirou para o hospital, então quando saíres do hospital vens a conduzir para casa. Fizeste uma viagem de avião e no regresso apanhaste tanta turbulência que temeste que ele fosse cair, então na primeira oportunidade vais voltar a marcar uma viagem de avião e se possível para ainda mais longe. Mas tem de ser logo. Imediatamente a seguir. Não dar tempo ao medo de dizer uma única palavra sequer. Senão um dia será ele a dizer-te o que tu podes ou não fazer. Será ele a escolher e decidir por ti e não passarás de uma marioneta nas suas mãos. Ele existirá sempre, se há certeza que te posso dar é que ele nunca te vai abandonar, mas não é ele o vilão da história. És tu. Ele prende-te, mas és tu quem lhe dá as cordas. Ele magoa-te e tortura-te, mas és tu quem lhe põe as ferramentas na mão. Além disso, é o medo, na dose certa, que te permite avaliar as situações com prudência e realismo. É ele o responsável por esse perímetro de segurança que te protege. Ele também é teu amigo, mas só enquanto és tu a controlá-lo, e não o contrário. No entanto, para isso acontecer, vais ter sempre de confiar. Essa é a principal parte que dás de ti. Esse é o teu maior investimento. À parte da coragem, atrevimento e todas as outras coisas. É confiar. Seja confiar no carro onde vais e acreditar que não vai perder a direção ou uma roda durante a viagem. Seja confiar no piloto que está ao comando do avião onde vais e acreditar que ele sabe bem o que está a fazer. Mas, mais importante do que tudo isto, é confiares em ti e acreditares que és capaz de mostrar ao medo que,

enquanto souberes aquilo que és e aquilo que vales, ele nunca irá escolher ou decidir por ti.

Quanto menos os mandas foder, mais eles te fodem

Pratica o foda-se. Mas não é aquele que dizes quando a torrada cai ao chão com o lado barrado virado para baixo ou quando dás com o mindinho do pé na esquina dos móveis lá de casa. É aquele que dizes quando escolhes mesmo não querer saber do assunto. Aquele que te sai genuína e elegantemente quando pretendes mandar tudo prà puta que pariu. Se é lá que pertence o que só te incomoda e não acrescenta nada, então é para lá que tens de o encaminhar. Enfiar tudo na arrecadação do *que se foda* e deixar isso para lá a fazer companhia ao que não interessa. Foda-se aquela opinião que te aborrece, mas que não é minimamente construtiva. Foda-se o patrão que não para de te chatear porque nunca está satisfeito com nada. Foda-se aquela vizinha coscuvilheira que está sempre a olhar pela janela e aquela tua tia que quer saber tudo, mas não conta nada. Fodam-se as regras de etiqueta que te obrigam constantemente a deixar de seres quem és para seres quem tens de ser. E fodam-se também os *dress codes* que te metem os pés dentro de uns sapatos apertados e uns alfinetes debaixo do queixo para manteres a postura. Fodam-se ainda, porque não, de vez em quando, as regras, os limites e as obrigações. Talvez seja apenas isto que te falta. Tirares uns dias da tua vida só para mandar foder aquilo que te apetecer. Uns dias para seres quem tu sempre quiseste ser. Uns dias em que simplesmente escolhes ser louco e malcriado. E o melhor disto tudo é que nem precisas de insultar ninguém. Aliás, ninguém tem de te ouvir sequer. Não encontrarás nada mais libertador do que isto. Chega a ser terapêutico mostrar o dedo do meio, ainda que mentalmente, a todas as pessoas cuja função no mundo

parece ser tirarem-te do sério. Azucrinarem-te a cabeça e enublarem-te os dias de sol. A todas elas um grande, bonito e cheiroso foda-se. Já reparaste em quanto tempo do tão pouco tempo que tens dedicas a coisas e pessoas que não o merecem? Quanta atenção dás a pormenores que não interessam minimamente e quanto do teu bem-estar permites que algo ou alguém que não te é nada te roube? E depois falta-te paciência para o que realmente importa e para as pessoas que verdadeiramente se preocupam contigo. Não sejas injusto com estas ao ser demasiado correto com as outras. A própria vida está preparada para te dar uma margem para saíres fora dos padrões sem que te prejudiques, pois sabe que também é preciso isso para se ser feliz. Às vezes implica deixares alguém incomodado com a tua postura ou resposta, mas não podes ser sempre tu a ouvir e calar, não podes ser sempre tu a fazer o que te pedem em vez de pedires que te façam, nem podes ser sempre tu a engolir em seco e a renunciar às tuas vontades. A não ser que seja tua ambição ganhar o Prémio Nobel da Paz ou conquistar um lugar VIP no céu. Liberta esse teu *eu rebelde* que existe aí dentro. Dá-lhe vida. Porque ele também és tu e tu também precisas dele. Não permitas que façam o que querem de ti, que passem a vida a darem-te encontrões e tu a procurares sempre um cantinho onde te possas esconder. Mostra que também tens uma palavra a dizer, que tens uma personalidade e uma forma própria de ser. Foda-se o politicamente correto. Foda-se o momento certo. Fodam-se as mentes quadradas e fechadas. Fodam-se as modas, as dietas rigorosas e os modelos ideais. Dá mais voz às tuas vontades e ignora mais vezes os teus deveres. Podes e deves ser mais egoísta sem que isso faça de ti egoísta. Já sei que gostas de parecer bem, de fazer o outro sentir-se bem e que goste de ti também. Sei o quanto esses aspetos são importantes para ti e, por isso, não te digo para

deixares de ser assim, peço-te, somente, que saibas qual a altura ideal para que um *foda-se* seja dito.

Um otimista nunca cai, voa até ao chão

Livra-te de todos os teus pessimismos. Livra-te dessa mania de acreditares, por vezes, que tudo o que está para acontecer vai correr mal. Talvez sejas assim porque a vida te ensinou a esperar sempre o pior e a estar preparado para isso. Ou talvez penses assim apenas como uma forma que encontres de te protegeres das desilusões. Que é nunca estar a contar com nada e ter o mau como certo e o bom como hipótese. Apavora-te a ideia de seres enganado pelas tuas ambições e ilusões e isso se tornar num castigo extra que se soma ao insucesso das tuas ações. Castigo esse que não tens, já que o teu pessimismo te ajuda a mentalizares-te do fracasso. No entanto, ao usares esse pessimismo como escudo de proteção contra essa hipotética punição extra já te estás a punir. E, além de essa punição ser garantida, ainda se poderá tornar mais inútil caso a tua missão seja cumprida com sucesso. Isto é, por outras palavras, sofrer por antecipação. O que, ainda por outras palavras, significa que escolhes sofrer durante todo o tempo que antecede o cumprimento ou não de um objetivo, apenas para não sofreres tanto caso tenhas de sofrer muito se esse objetivo não for cumprido. Ser pessimista é agarrares numa parte do sofrimento que julgas que vais ter caso corra mal e dividi-lo pelos dias anteriores para o suportares melhor. É tal qual como um seguro em que pagas todos os meses para na eventualidade de um azar a despesa não ser muito grande. Enfim, há uma imensidão de analogias. Esta técnica para gerir o sofrimento, ainda que seja aplicada inconscientemente, não deixa de ser inteligente. No entanto, ela, além de prejudicar o teu empenho, ao diminuir-te a motivação e a confiança, ainda é somente baseada numa hipótese. Que, por sua vez, ganha

força precisamente quando aplicas esta técnica, porque vais tirar o pé do acelerador e menos possibilidades terás de atingir essa meta. Concluindo, são muito mais as desvantagens do que as vantagens. Pensa, se não fosse obrigatório teres um seguro do teu carro, terias? Porventura sim, porque o facto de não lhe acontecer nada de mal não depende apenas de ti. Mas então porque não tens um seguro para a tua casa, para o teu telemóvel ou para as tuas pernas? Mais do que razões económicas, é porque tu confias que não vai acontecer nada de errado ou porque preferes o risco. É esse atrevimento que define um otimista e ele existe em ti, tu apenas o tens adormecido. Tudo isto é definido pela forma como tu escolhes ver as coisas. Porque, parecendo que não, as coisas são mais aquilo que acreditas que são do que aquilo que realmente são. Esse pessimismo que te pune mais do que protege pode ser substituído por esta simples forma de pensar, *OK, eu sei que pode correr mal, e se correr mal correu, mas vou fazer a minha parte e lutar até ao fim para que corra bem ou pelo menos... menos mal.* Se de facto se consumir o fracasso, o trabalho e o esforço têm de continuar, porque por pior que estejas podes sempre piorar. E ainda que seja difícil ser-se otimista antes da derrota, é ainda mais difícil sê-lo depois dela. Nesse momento vais ter de ser capaz de te focar nas coisas boas das coisas más. E todas as coisas más têm um lado bom, tu é que nem sempre o consegues ver, mas ele está lá. A aprendizagem está sempre lá, a experiência e o conhecimento estão sempre lá. Há males que não sabes o quão bem te fazem. Às vezes é essencial uma ou outra desilusão para nos abrir os olhos e nos fazer ver tudo de uma forma mais realista. Às vezes é fundamental cair para aprendermos a valorizar o que é estar de pé. Tudo pode sempre correr mal, mas tudo também estará mais perto de correr mal se acreditares que assim vai ser.

A imaginação é o maior tormento de um ciumento

Não me incomodam muito, sinceramente, as pessoas ciumentas. Porquê? Porque percebi que esse é um problema delas e não meu. Sofrem muito mais do que eu. Incomodam-se muito mais com elas próprias do que eu com elas. Esse ciúme é uma tortura bem maior para quem o envia do que para quem o recebe. Não me incomodam muito, primeiro porque se uma pessoa sente ciúmes é porque de alguma forma gosta de mim ou, no mínimo, eu desperto o seu interesse e atenção. Seja de que forma for. Pois com certeza que se assim não fosse ela teria mais com que se preocupar do que em saber de mim. E segundo porque eu não vou deixar de fazer o que tiver de fazer só porque alguém se sente incomodado. Esse argumento não é suficiente. Eu tenho o meu espaço e os meus limites. E cabe-me a mim impô-los a quem se aproxima ou quer estar na minha vida. Se não aceitam vão-se embora. Simples. A partir do momento em que eu não permito que aquilo que pensam de mim e sentem por mim me impeça de ser quem eu quero ser, eu sinto-me muito mais livre e bem comigo mesmo. O ciúme é uma energia que nos enviam com intenção de nos fazer alterar alguma atitude ou intenção. Se eu não mudo o que quer que seja só porque alguém está mal com isso, então só essa pessoa é que se sentirá afetada. Se era melhor não haver ciúmes? Claro que sim. Mas seria melhor não haver ciúmes apenas se fosse por não haver razões para não haver ciúmes e não por não haver capacidade de os sentir. Porque alguém que não tem capacidade de sentir ciúmes é alguém que não tem medo de perder. E quem não tem medo de perder não quer ter. No entanto, uma coisa é ciúme e outra é sentimento de posse.

O primeiro é mais responsabilidade do amor, o segundo da obsessão. Muitas vezes o ciúme transforma-se em sentimento de posse precisamente porque nós não soubemos estabelecer limites e fizemos a outra pessoa acreditar que lhe tínhamos dado algo que na realidade apenas lhe tínhamos emprestado. Para não haver ciúmes são essenciais dois tipos de confiança, a confiança em si mesmo e a da outra pessoa. E é *da outra pessoa* e não *na outra pessoa* porque é uma confiança que tem de partir dela, uma vez que ninguém é obrigado a confiar em alguém se não lhe der motivos para isso. Não é só porque se ama uma pessoa que se vai confiar nela. Se eu amo uma pessoa e ela quebra a minha confiança, eu vou deixar de confiar nela, mas não vou deixar de a amar. São coisas diferentes. O amor leva muito tempo a nascer e igualmente muito tempo para morrer. A confiança leva muito tempo a nascer, mas pode morrer de um momento para o outro. Posso ser muito confiante, mas se a outra pessoa não me transmite confiança haverá uma margem considerável para o aparecimento de ciúmes. Se, por outro lado, não tenho razões para desconfiar da outra pessoa, mas sou muito pouco confiante, então não vou ter segurança suficiente para acreditar que não me iria trocar por outro. É por isso necessário que as duas confianças andem de mãos dadas. É por isso, também, responsabilidade dos dois a ausência ou não de ciúmes numa relação. Contudo, na impossibilidade de controlar tudo, resta-me focar na minha parte. E a minha parte é esforçar-me para ser sempre a melhor pessoa que conseguir e não me preocupar com aquilo que não depende de mim. É importante saber colocar um travão a quem quer mandar mais do que aquilo que pode, ter mais do que aquilo que merece e parecer mais do que aquilo que é. Irei colocar sempre na minha balança as vontades e preocupações de quem me é importante, mas as minhas

serão sempre as mais pesadas. Não permitirei nunca que decidam por mim aquilo que eu faço e visto, ou para onde e quando vou, por mais ciúmes e medos que tenham.

Não é por te amar que não vou parar de tentar

Desculpa. Sei que é uma palavra inútil neste momento, mas eu tinha de te dizer. Desculpa, mas não consigo mais. Desculpa, mas não é mais a mesma coisa. Desculpa, mas este capítulo das nossas vidas... chegou ao fim. Quero que saibas que eu fiz de tudo para evitar isto. Sempre me esforcei, sempre dei o melhor de mim pelos dois, sempre te alertei para as coisas que não estavam a correr como deviam. E tu dizias-me sempre que ia ficar tudo bem, que era apenas uma fase e logo logo tudo voltaria ao normal. Mas não voltou. Perdoa-me, mas não consegui lutar sozinho pela nossa relação. Perdoa-me, mas não aguento mais amar-me por ti. Foste deixando sempre tudo para depois. Amanhã é que era o grande dia, amanhã é que íamos ser verdadeiramente felizes, mas esse amanhã nunca chegou. E hoje já é tarde de mais para ele chegar. Já não vale a pena. Já não faz diferença. Parece que é fácil dizer-te tudo isto, mas não é. Acredita que não. Dói-me de morte fazê-lo, mas se o faço é porque não há mesmo volta a dar. Desculpa. Já tentei várias vezes que desse certo, fui por várias vezes além do fim ressuscitar o nosso amor e voltar a reerguê-lo, mas nunca me ajudaste a mantê-lo vivo e de pé. Agora é o momento de desistir. De dizer para mim mesmo que chegou a altura de seguir em frente. Parecia inevitável e foi mesmo. Não, eu não deixei de te amar, o meu amor por ti não morreu, mas não é mais forte o suficiente para justificar continuar ao teu lado. É um amor que se resume a um carinho especial e que já não me permite sonhar. Um conjunto de boas e más recordações que eu irei levar para sempre no meu coração. Ninguém te apagará da minha história, e não será por não ser mais importante ou

marcante do que tu, mas sim porque eu não permitirei que isso aconteça. Tu conquistaste, por mérito próprio, um lugar eterno na minha memória. E perdeste também, por culpa própria, um lugar eterno na minha vida. É aqui que os nossos caminhos se separam e é uma desilusão enorme que me assome por isto acontecer. Percebe, por favor, que não me resta outra alternativa. Não posso continuar ao lado de alguém que não me preenche mais o peito e que nunca sequer se esforçou por fazê-lo. E se refletires sobre tudo o que aconteceu tenho a certeza de que me vais compreender. Quem me dera não ter de fazer isto, mas chegámos ao fim. Acabou. É uma palavra tão dolorosa de ouvir como de dizer, acredita. Faço o que um dia jurei nunca fazer. Achava eu, na minha inocência que, sendo tão forte aquilo que sentia por ti, não era possível algum dia amar-te menos do que aquilo. Mas conseguiste mostrar-me que o amor não é assim tão absoluto, que também ele pode ir diminuindo aos poucos, enfraquecendo aos poucos com o acumular de desilusões e com a falta de reciprocidade. Até que um dia chega ao ponto a que o nosso chegou, um mero *carinho especial*, mais alimentado pelo que foi do que pelo que ainda é. Não me acuses, por favor, de nunca te ter amado. Isso eu não posso admitir. Eu fiz tudo por nós, lutei até não ter mais forças, amei-te até não poder mais. Se há certeza que eu tenho em mim é a de que um dia eu te amei. Um dia eu quis tudo ao teu lado. Queria casar-me contigo, queria ter filhos contigo, queria envelhecer contigo, queria o que qualquer pessoa que ama de verdade quer, um para sempre ao lado do seu amor. Hoje tudo isto não faz mais sentido na minha cabeça. Saber que quis tudo isto faz-me até sentir um pouco estranho por perceber o quão ingénuo eu era por acreditar que o amor que sentia não podia enfraquecer. Entende que mais tarde ou mais cedo uma das nossas muitas tentativas havia de ser a última.

Podia ter sido a anterior como podia ter sido a seguinte.
Agora resta-nos somente acreditar que fomos uma
passagem positiva na vida um do outro e que algo melhor
estará algures à nossa espera.

Simplificar não é fácil, mas facilita

As coisas não são tão simples assim. Não sabes, mas esta frase, à partida inocente, e que tu repetes muitas vezes, é uma das responsáveis pelas tuas tantas preocupações. Quem te disse que as coisas não são tão simples assim? Porque é que insistes em dizer que as coisas não são tão simples assim? Não percebes que pensar dessa maneira é uma das razões para que as coisas de facto não sejam tão simples assim? Simplifica a tua realidade livrando-te de perguntas desnecessárias. Quando vês passar um carro na rua já te estás a questionar de onde virá ele, para onde irá, quem vai lá dentro, qual deverá ser a profissão daquela pessoa para ter o carro que tem, etc. Não importa. É um carro qualquer, conduzido por uma pessoa qualquer, que vem de não importa onde e vai para um lugar que não interessa. Se é algo que não te acrescenta nada e além disso algo que tu nunca irás saber, então ignora. Porque, por melhor que te faça exercitar a imaginação, essas perguntas tiram-te mais do que aquilo que te dão. E muitas vezes tudo isto se resume a aceitar as coisas como elas são. Se pensares no que é uma mulher, também dirás, certamente, que é muito complicada. Mas a mesma mulher deixará de ser complicada a partir do momento em que te deixas de questionar sobre o porquê de ser assim e comesças a aceitar que ela é como é e pronto. Não são as coisas que são complicadas, tu é que fazes perguntas a mais. Se tens um telemóvel na mão, interessa-te somente que ele cumpra as funções para as quais o compraste, não te interessa, por exemplo, como é que ele o consegue. Então, se não interessa, não penses nisso. Se não fores capaz de o fazer, vais acabar por contaminar a forma como vês a vida e vais perder demasiado tempo com perguntas

que não interessam. E o problema é que depois não tens paciência para as coisas que realmente importam, depois não as entendes e depois comesas a acreditar que são mais complexas do que aquilo que realmente são. As coisas são simples, sim, mas para serem simples tens de aprender a simplificá-las, e isso nada mais é do que te focares no mais importante, e sempre que os teus pensamentos te começarem a levar para longe de mais só tens de mudar de assunto dentro da tua cabeça. Mas não confundas simples com fácil. O objetivo de simplificar não é tornar as coisas fáceis, mas sim mais fáceis ou então menos difíceis. Queres encontrar logo a solução como se te restassem apenas algumas horas de vida e isso faz-te saltar etapas que, por sua vez, são essenciais para chegares à solução. Pelo menos bem mais depressa. Se te pedissem para resolver a fração $256/64$ de cabeça e decidisses tentar fazê-lo de uma vez, certamente que ias demorar muito mais tempo do que se optasses por ir reduzindo, ou seja, simplificando, a fração dividindo-a constantemente por dois. Irias chegar ao resultado $128/32$ e depois $64/16$ e depois $32/8$ e depois $16/4$ e depois $8/2$ e por fim chegarias ao resultado final que é 4. Aqui está um exemplo de que simplificando não torna propriamente as coisas fáceis, mas facilita-as bastante. Por vezes, para se chegar mais depressa é preciso ir-se à volta. Não te assustes se o caminho é mais longo ou se vai levar mais tempo, concentra-te no resultado final que sabes que vai ser aquele que tu queres. É preciso paciência, claro, é preciso esforço, obviamente, mas de outra forma muito dificilmente chegarás a algum lado onde valha a pena chegar. A ideia de que a vida é um bicho de sete cabeças é adotada por aqueles que não conseguem lutar contra as suas adversidades como forma de desculpar o seu fracasso. Simplifica-te, descomplica-te, desimporta-te e desfruta das coisas mais incríveis da vida que são aquelas que só

consegues ver quando escolhes não querer saber de onde vieram, como vieram e porque vieram.

Estou de partida de coração partido

Lembras-te, mãe, quando eu era pequenina e sempre que te cortavas ou arranhavas eu cuidava das tuas feridas? Eram quase sempre inofensivas, mas mesmo assim eu tratava delas com a maior das atenções. Lembras-te, pai, quando uma vez ficaste uma semana de cama e eu sempre que chegava da escola ia para a tua beira para poder tomar conta de ti? Claro que te lembras. Vocês sempre souberam qual era a minha vocação e a minha paixão. Sempre gostei de ajudar e cuidar de quem precisava, não poderia ser outra coisa que não enfermeira. E também sabiam, tal como eu, das dificuldades que eu ia encontrar para fazer o que mais gostava junto de quem mais gostava. Sempre souberam e mesmo assim nunca deixaram de me apoiar e nunca me tentaram convencer a escolher outro caminho para não ter de me afastar. Mas um dos nossos maiores medos vai mesmo concretizar-se. Perdoem-me, meus pais, minha família, mas vou ter de me ir embora. Estou de partida para um país que me dá o que este não consegue... Um futuro. Tenho as malas prontas, a viagem marcada e não sei quando regresso. Vou carregada de malas, mas daquelas que se levam dentro do peito. Daquelas repletas de sonhos, dúvidas e receios. Daquelas cheias de lágrimas de despedida, saudades adiantadas e lembranças do que não chegou a ser. Aqui sou filha, neta, prima, sobrinha, amiga, e lá serei apenas colega e profissional. Juro que tentei ficar, mãe, juro que queria ficar, pai, mas não posso. Tenho uma vida para começar, sonhos para realizar e um mundo para mudar. O meu mundo. Aquele que terá sempre um lugar para vocês os dois, esteja eu onde estiver. Prometo. É aqui que eu pertenço, sei bem disso, mas não há espaço para mim. Estou a mais no país que me viu crescer e estarei a

partir de agora a menos na família que me criou. Vou, mas deixo-vos a certeza de tudo ter feito para ficar. Vou, mas deixo convosco o meu coração, feito de amor e recordação, à espera de eu voltar. Não chorem por mim, por favor. Sempre que as lágrimas vos pedirem para sair, lembrem-se de que eu estarei a fazer aquilo que sempre quis. A curar as dores das outras pessoas primeiro do que as minhas e a ouvir as suas lamentações para que não se sintam sozinhas. Todos temos uma missão neste mundo, e esta foi a que eu escolhi. Estarei longe, muito longe do lugar de onde sempre serei, mas terei comigo o calor da saudade de um abraço que nunca me faltou. Obrigado por tudo o que fizeram de mim e por mim. Obrigado por sempre me terem deixado escolher e dessa forma eu perceber o peso que tem uma decisão. Obrigado por todas as dores que sentiram por mim sem eu saber, mas agora não o poderão fazer. Desta vez, meus queridos pais, a dor é dos três. Gostava tanto que não tivesse de ser assim. Oh, mãe, abraça-me e diz-me que não tenho de me ir embora. Que vai correr tudo bem. Diz, mãe, diz! Não podes. Não consegues. Oh, mãe, deita a minha cabeça no teu colo e não me deixes partir. Não me devolvas o adeus que te dei e depois diz-me ao ouvido que foi por não ser necessário, pois afinal eu não tinha de ir. Mas não consegues, mãe. Como eu gostava que conseguisses. E tu, pai, dá-me a tua mão e diz-me que sou a menina dos teus olhos. Acorda-me e diz-me que isto tudo foi apenas um pesadelo. Diz-me que já é tarde e que eu tenho de ir para a escola. Ou diz-me que se não comer a sopa toda vem aí o bicho-papão. Já não dá, pai. Eu sei que não reparaste, mas eu já cresci muito, já cresci tanto. Mas eu juro que foi sem querer, papá. Não me castigues. A vida já faz isso por ti. Cresci muito, é verdade, mas por dentro continuo a ser a mesma menina pequenina que colocava pensos nas vossas

feridas. Oh, mãe, oh, pai, quero tanto ficar, digam ao senhor do avião para não me levar...

Os títulos não dizem quem és, apenas o que és

O senhor doutor desabafou com o senhor engenheiro, seu amigo, que o excelentíssimo senhor doutor juiz proibiu-o de se aproximar da sua, também doutora, ex-esposa. Tal facto deveu-se a um grave desentendimento entre o senhor doutor e a então, também doutora, sua esposa, que resultou numa agressão. Já o senhor reverendo, padre da freguesia, na altura em que os casou, desconfiava que eles não tinham sido feitos um para o outro, mas nunca imaginara tal desfecho. Por tudo isto e não só, o filho de ambos, perturbado, e no meio de uma discussão, acabou por agredir um colega na sala de aula. Perante esta situação, o senhor professor teve de fazer queixa ao senhor diretor da escola. Para piorar tudo, o colega agredido era sobrinho do excelentíssimo senhor presidente da câmara municipal e filho do senhor agente da autoridade da PSP mais respeitado da região. Somos senhores disto e daquilo, somos senhores de tudo, mas ainda não somos senhores do nosso nome. Com tantos títulos, antes mesmo de começarmos a dizer o nome da pessoa, quando damos conta já se queimaram umas quantas linhas só a descrever, enumerar e ordenar um amontoado de rótulos. Mas pergunto-me se o fazemos por questões de educação, de respeito, de reconhecimento, ou será antes por receio de uma repressão por parte desses *senhores*? A todos os *Senhores* a quem não interessam os títulos que o seu esforço conquistou e que, por isso, dispensam que antes de invocarem o seu nome de batismo lhes acrescentem uma etiqueta profissional, eu só posso fazer-lhes uma vénia, louvando-lhes a humildade que o poder não lhes roubou. Já aos outros *senhores* que fazem toda a questão do mundo de

serem tratados por senhores doutores disto e daquilo, não por uma questão de respeito ou reconhecimento, mas sim para conseguirem mais umas pitadas de ego, e só para estes, eu gostaria de lhes sugerir um jogo interessante. Um jogo que consiste em fazer passar um cartão por dez amigos, onde cada amigo escreverá uma qualidade sua. E depois é simples, basta ler o cartãozinho todas as manhãs e aumenta logo a autoestima sem criar ódio nem repulsa nos outros. No entanto, esta é uma questão particular e pessoal, depois ainda há a questão geral e social. Pois a verdade é que somos uma sociedade de títulos. Somos, no fundo, uma cambada de títulos. Vivemos numa selva de doutores e excelentíssimos que nos distanciam como pessoas, que nos afastam da humanidade e do calor que ela nos traz, e nos aproximam das máquinas e dos mecanismos automatizados, frios e insípidos. Deixamos de ser pessoas para sermos profissões. Deixamos de ser o João ou a Fernanda para sermos o Doutor ou a Doutora. A verdade é que nós queremos um título, aliás, nós estudamos e trabalhamos anos e anos para conquistá-lo e merecê-lo. Mas não é esse o problema, é óbvio que não. O problema é acharmos que somos mais ou melhores por termos esse título. O problema é precisarmos que nos chamem doutores para nos sentirmos como tal. Com certeza que um verdadeiro doutor terá humildade e sabedoria suficientes para saber que o é. E quem o é mesmo dispensa que o estejam sempre a lembrar. E esse é um pormenor que muitos *senhores doutores* desconhecem. A sociedade ensinou-nos que o doutor João é mais do que o João e que o arquiteto Monteiro é mais do que o Monteiro, no entanto, o que a sociedade não sabia, e por isso não nos ensinou, é que estes dois são a mesma pessoa, em princípios e valores, com ou sem título.

Crescer é uma obrigação e envelhecer uma opção

Gosto de ter os meus momentos de criança. Preciso deles e não tenho vergonha deles. Eu também preciso de dizer baboseiras, parvoíces e fazer palhaçadas. Eu também preciso de ser ridículo, infantil, brincalhão e até comediante amador. Eu também preciso de despir esta pele de adulto e deixar brincar a criança que existe em mim. A idade obriga-nos a guardá-la num cantinho como se fosse um brinquedo que já não mais usamos, mas nunca nos obriga a deitá-la fora. Ela deve permanecer aqui dentro e, ainda que apenas de vez em quando, merece um tempinho só para ela. Infelizes daqueles que não lho dão. Achrom eles, esses adultos sem graça, que vão perder a credibilidade. De facto, o risco de a perder será menor, mas, por outro lado, o risco de enlouquecer será maior. Eu cá, para manter a minha sanidade mental, tenho de a perder de vez em quando. Tenho de dançar descoordenado e cantar desafinado. Tenho de rir por tudo e por nada e depois perder-me por um bom bocado. Temos de crescer e amadurecer, mas não temos de ficar carrancudos e enfadonhos. Não é necessário estar sério para se ser sério. É tudo uma questão de momento, lugar e companhia certos. Por isso é que eu gosto tanto de estar com pessoas com quem eu possa ter a idade mental de alguém de onze, doze ou dezassete anos. Pessoas que me fazem sentir livre e reviver a felicidade genuína que sentia antes de a responsabilidade, que veio agarrada à idade, a ter esmagado com o seu peso. E sim, tenho a minha juventude bem resolvida, não tenho complexos nem traumas recalcados, tampouco vivo preso a um passado despreocupado de uma infância que não existe mais. Não fui a criança mais sortuda do mundo, mas sempre soube

fazer muito com pouco. Uma criança, quando está habituada a não ter, arranja sempre forma de colmatar essa ausência com a ajuda da sua infinita imaginação. Eu era uma dessas. E talvez por isso, por ter sabido aceitar a idade que vem e a inocência que vai, é que hoje consigo ser criança de novo sem nunca deixar de ser adulto. E quem se incomodar com isso que vá remoer para longe as suas frustrações e se me criticarem a infantilidade ou me chamarem à atenção ainda lhes deito a língua de fora. Percebi que envelhecer é uma escolha e eu escolhi não a fazer. Ponto. É quando decidimos abafar a criança que existe em nós que começamos realmente a envelhecer, pois de outra forma não há velhice que nos apoquente. Às vezes, chega a ser essencial passar uma tarde a jogar consola, ou uma manhã a ver desenhos animados, ou ir jogar à bola para o jardim, ou gastar todo o dinheiro que se tem na carteira em gomas e chupa-chupas. Só pelas sensações que isso nos traz. É preciso desenjoar desta maioridade tantas vezes rígida de mais. É preciso desligar o contador dos anos e escolhermos nós próprios que idade queremos ter, sabendo, *a priori*, que é uma questão de tempo até o contador se voltar a ligar sozinho. Eu próprio, por várias vezes, deixei de fazer coisas, que até acharia uma certa piada fazer, por serem *coisas de criança* ou *coisas de adolescente*. Por, veja-se só, *já não ter idade para isso*. Depois percebi que se houver vontade a idade não passa de uma desculpa. Se me vão olhar de lado? Quero lá saber. Se vão falar mal de mim? Pouco me interessa. É nestes pequenos e momentâneos desprendimentos da idade que eu vou buscar grandes momentos de diversão e consequente felicidade. Estou bem comigo mesmo porque sei que quando tiver de voltar à minha realidade eu vou saber fazê-lo. Vou saber separar as coisas. Vou saber voltar a guardar a criança ou o adolescente que existe em mim de

novo na prateleira. Tal como vou saber quando os devo tirar para achincalharmos juntos as mentes retrógradas do *ai* se *eu tivesse a tua idade*.

Se não pudesse morrer não teria valor

Há, inevitavelmente, muitos fins que têm de acontecer. O sentido da vida depende, invariavelmente, de muitos deles. Há portas que têm de ser fechadas e ciclos que têm de terminar. Seria bom viver num mundo em que as coisas boas não tivessem de acabar, mas muitas coisas boas só são boas porque sabemos que vão acabar. E outras coisas só foram boas porque acabaram quando tinham de acabar. Quantas vezes ouviste falar de uma série televisiva qualquer que devia ter acabado numa determinada temporada, mas decidiram fazer mais temporadas e acabaram por estragar a série? A última imagem é sempre a que fica. A intensidade e o tempo não se dão muito bem. Quando um é muito, o outro acaba por ser pouco. Porquê ver o fim de algo bom como algo mau se podemos ver como uma oportunidade para algo melhor? A felicidade está intrinsecamente dependente da nossa capacidade de aceitar os fins que acontecem na vida. É o *continuar* e o *seguir em frente* que dão alento à felicidade, pois é o movimento a sua fonte de energia. É tal como aquelas bicicletas que têm uma lanterna à frente que para dar luz é necessário pedalar. A felicidade é igual, é preciso dar ao pedal da vida para manter o movimento, e por sua vez o equilíbrio, que depois irão gerar a felicidade que nos iluminará o caminho. A capacidade de habituação do ser humano é tão grande que por vezes se torna numa desvantagem. Habitua-se tão facilmente às coisas boas que rapidamente elas se tornam aborrecidas ao ponto de a felicidade se esfumar por culpa da sua própria razão de existir. Ninguém é feliz parado. Ninguém é feliz à espera. Ninguém é feliz preso. A felicidade anda sempre de mãos dadas com a liberdade. A liberdade de ir, de partir, de

seguir, de sair, de desistir. Porque há sempre também aquela ínfima esperança de que lá à frente está um autocarro repleto de coisas boas e pessoas incríveis com um lugar disponível para nós e pronto a seguir viagem. Não aceitar um fim é o mesmo que trazermos arrastos atrás de nós, e preso por uma corda um pedregulho. E quantos mais fins não aceitamos, mais penedos trazemos a rastos até que um dia não conseguimos mais andar. Morreu, está mais do que morto, mas enquanto não formos capazes de aceitar isso e largar todas essas cordas vamos continuar presos a nada. Há muitos começos à espera da tua coragem para acabar o que não tem condições de continuar. Há muitas oportunidades à espera da tua coragem para as agarrar. Algo que nunca poderás fazer enquanto tiveres as mãos ocupadas com o que já não podes mudar. Não tenhas medo do fim, ele não existe para te assustar, apenas para te lembrar de que deves aproveitar enquanto dura. Vais sempre levar com esta realidade de finitude, de limite, de impotência. Seja pelo fim que já aconteceu, seja pelo fim que pode acontecer ou por aquele que é inevitável. Agora tu escolhes qual a maneira de lidar com ela, que pode ser ignorando-a, aceitando-a ou contornando-a. Tal como se fosse uma lei que, neste caso, é a vida que te impõe. É desnecessário revoltares-te contra a realidade quando tens todas estas opções bem mais positivas de lidar com ela. Lembra-te de que tudo aquilo que deixaste de ser também és tu. És o que és porque houve muito de ti que deixaste de ser. Porque houve muito na tua vida que deixou de existir. Um dia vais olhar para trás e vais agradecer os fins que aconteceram contra a tua vontade e vais pensar para ti *ainda bem*. A vida, com a ajuda do tempo, tem uma capacidade incrível de nos ajudar a superar, mas para isso precisa que estejamos livres. Livres das culpas e

arrependimentos. Livres dessas pedras que arrastamos atrás de nós.

Foste a hipótese mais bonita da minha vida

Já me mentalizei de que isto já deu o que tinha a dar e acredito que a vida tem coisas novas para me mostrar. Se eu queria ficar e continuar? Claro que queria. És tu quem eu desejo, mas sinceramente não tenho paciência para este vai e não vai. Dás uma para a frente, dás vinte para trás. Um dia sinto que me desejas, mas depois durante uma semana sinto que estás por estar. E eu tenho mais que fazer, como deves imaginar. Sei que ages assim porque eu te dou corda e não a puxo com medo de a romper ou de te soltares dela. Fico aqui a segurar nela e a ver-te cada vez mais distante como se isto fosse alguma espécie de segurança para mim ou tu uma propriedade minha. É sim uma ilusão que eu já desmascarei e que não pretendo continuar a alimentar. Não deixarei de gostar de ti de um momento para o outro e lamento neste momento não ter a tua capacidade de esconder os sentimentos e de jogar com as palavras, mas não tenho dúvidas de que este é o princípio do fim daquilo que nos une. Ou melhor, daquilo que me une a ti. De certa forma até tenho de te agradecer por me ajudares a libertar-me. Esse teu afastamento gradual e esse estado indefinido onde fazes questão de permanecer vão deteriorando aos poucos este sentimento que é já moribundo. É uma questão de tempo até virar pó e soprá-lo para longe no arrumar do meu coração. Quando é de um momento para o outro dói sempre mais, não é mesmo? Por isso aqui tens o meu obrigado por me fazeres ver, devagarinho, que perder-te pode muito bem ser a melhor continuação da nossa história. Compreendo os teus medos, inseguranças e indecisões. Compreendo e aceito. O que eu não aceito é que me metas ao barulho num problema que não devia ser meu. Não sei

porque ainda te dás ao trabalho de me procurar. Parece que sentes falta de companhia. E, como gostas da minha, vens. Mas não penses que me contento em ser uma *boa companhia*. Não vou ser o teu encosto se quando preciso do teu ombro não estás. Procuras-me porque sabes que te vou receber, feliz e contente, e isso é uma lufada de ar fresco para o teu ego. Respeita-me mais, não achas que mereço? E, por favor, não venhas com essa conversa de que *não queres nada sério e vamos ver no que dá*. Tu não queres nada sério e eu não quero nada a brincar. Já passou o meu tempo de curtes e paixonetas, e se o teu ainda não, então aproveita-o bem, mas longe de mim. Já me mentalizei, mas não deixa de ser uma desilusão enorme. Sentia que o destino nos queria juntos porque tudo apontava nesse sentido. Todas aquelas coincidências e todos aqueles encontros inesperados fizeram-me crer que havia qualquer coisa já escrita para nós e algo fantástico à nossa espera. Mas, entretanto, percebi que tudo não passava de criações imaginárias minhas, fruto da paixão que me consumia. No fundo, só falta a declaração de óbito para oficializar algo que já morreu há muito tempo. Pode ser um *acabou*, um *adeus*, um *não dá mais*, ou um simples desaparecimento do mapa de algum de nós. Talvez seja apenas isso que o meu coração precisa para aceitar finalmente partir para outra. E acredita que não tenho a menor dúvida de que algo espantoso me aguarda no verso desta página da minha vida que deixaste a meio. Aceito com tranquilidade o nosso *não deu certo* porque sinto que fiz tudo o que podia fazer e se não houve mais foi porque tu não quiseste. Que fique isto bem claro na memória dos dois, pois não quero os remorsos de algo que ficou por dizer. Já me mói o suficiente aquilo que ficou por fazer. Estou bem e vou ficar ainda melhor porque tenho a minha consciência tranquila e as pazes feitas com a vida. Se não dá, não dá. Há uma porta para

fechar, uma janela para abrir e uma nova história para escrever.

Na dúvida entre a feia e a bonita, escolhe a que amas

Vais acabar por, em alguns momentos, comparar a pessoa que está ao teu lado com outra que já esteve ou com outra que está ao lado de outra. E irá parecer-te que as outras são todas melhores do que a que está ao teu lado. Porque os maridos das outras é que são perfeitos, porque a galinha da vizinha é sempre melhor que a minha. Não te deixes enganar por essa ideia, nem te deixes levar por essa ambição desmedida de querer o que não tens. Porque vais sempre querer o que não tens. Podes e deves querer mais e melhor, mas isso não te pode fazer esquecer aquilo que já tens e as pessoas que já estão e querem continuar a estar na tua vida. Sê exigente contigo e com a pessoa que está ao teu lado para que ambos estejam em constante evolução e aperfeiçoamento. Contudo, não cometas a injustiça de acusar essa pessoa de não ser o que outra é quando elas não são sequer parecidas, não passaram pelas mesmas histórias e nem sequer estão nas mesmas situações. Não compares o que não tem comparação porque estarás a cometer um grande erro que irá afetar desnecessariamente aquilo que tu vês e sentes. E principalmente vai afetar uma pessoa que não tem culpa nenhuma da tua incapacidade em distinguir as coisas. Se alguém te der 20 euros e outro 10 e os comparares sem saber a história de cada um, vais acreditar que aquele que te deu 20 é mais generoso do que o outro. Mas se fores investigar e descobrires que o que te deu 20 era muito rico e o que te deu 10 era muito pobre, a tua opinião vai mudar completamente. Se na escola um aluno tira *excelentes* e outro *razoáveis* e os comparares com base unicamente nessas notas, vais concluir que o que tira *excelentes* é mais inteligente. Mas se calhar esse aluno

quando chega a casa da escola vai para o quarto estudar e o outro tem de ir trabalhar para ajudar os pais. As comparações vão sempre levar-te por um caminho perigoso de onde provavelmente alguém sairá magoado. A começar pelo facto de ninguém gostar de ser comparado. Já sabemos que a pessoa que está ao teu lado podia melhorar isto e aquilo e ser mais assim e mais assado, no entanto, essa é a pessoa que escolhes todos os dias ter ao teu lado. E porque é que o fazes se sabes que há milhões de pessoas melhores do que ela e que certamente até te fariam muito mais feliz? Porque essa é, para todos os efeitos, a pessoa que amas e que te ama também. E esse é um argumento que mais nenhuma pessoa no mundo tem. E só por acaso é o argumento mais forte. Além disso, essa pessoa que tens ao teu lado é a que leva com esse teu feitiozinho especial todos os dias e ainda assim escolhe continuar lá. Ou pensas que és só tu que tens razões de queixa? Não permitas que, só por aquela pessoa ser melhor neste ou naquele aspeto, isso te faça abdicar de um amor. Se queres melhor, se essa pessoa não consegue melhorar e se tu não a queres trocar, então só te resta focar nas suas qualidades. Não devem ser assim tão poucas. Se és tão exigente como dizes e essa pessoa conseguiu conquistar o teu coração é porque bons argumentos tem de certeza. Então concentra-te neles e livra-te de uma vez dessa frustração virtual por não teres a pessoa perfeita contigo. Agora se tens dificuldades em fazê-lo e vives constantemente na sombra de uma vontade que não consegues saciar, então toma uma decisão e segue um caminho diferente do dela. Mas uma certeza te posso dar, escolhas quem escolheres, irás sempre encontrar alguém, mais tarde ou mais cedo, capaz de te fazer ponderar uma troca. Já sabemos também que por ti pegavas no amor da pessoa que tens ao teu lado, juntavas ao corpo que a outra tem, adicionavas o estatuto daquela outra e ainda a

personalidade de uma quarta pessoa e *voilà*, estava feita a pessoa dos teus sonhos. No entanto, lamento informar, mas terás sempre de escolher apenas uma delas. Tenta não errar.

Ser para ter em vez de ter para ser

O dinheiro não é problema para mim porque não o tenho. Porque havia eu de ter problemas com algo que não tenho? Bom, talvez não seja bem bem assim, mas é uma excelente forma de pensar e eu adotei-a com todo o gosto. Não ganho muito mais que o ordenado mínimo, vivo numa humilde casa arrendada na periferia da cidade e vou e venho no meu carrinho com mais de metade da minha idade. Tenho pouco e isso limita-me os horizontes, mas às vezes até agradeço. Nunca tive muito e isso sempre me fez ver muito no pouco que tinha, porque era tudo o que tinha. Hoje dou valor à mais pequena coisa que compro ou à mais pequena conquista que alcanço. Valorizo muito mais as coisas simples da vida que são também as mais importantes. Não me refugio em objetos caríssimos e ostentações poderosas para que o olhar submisso do vizinho me diga que sou alguém ou mais do que alguém. É tão bom não ser assim e é tão libertador saber que não preciso disso. Não tenho a menor dúvida de que se tivesse mais dinheiro ia ter maior qualidade de vida, mas não a ia valorizar tanto. Uma vitória que seja fácil de conseguir, que não tenha sido suada e chorada, não é uma vitória, é apenas uma etapa cumprida. E eu não consigo imaginar a minha vida sem vitórias, ainda que pequeninas, são elas que dão cor a esta minha humilde passagem pelo mundo. Sou um anónimo, mais um no meio de tantos, mas sou um anónimo feliz. Um comum mortal que encontrou na sua pequenez o caminho para a felicidade. Não posso dizer que esteja satisfeito com o pouco que tenho, mas com certeza que estou satisfeito com o tanto que consigo ser com o pouco que tenho. Passamos a vida a trabalhar para ter, ter, ter, que nos esquecemos tantas vezes de ser, ser, ser. E nós nunca seremos aquilo

que temos. Devemos ser para ter e não o contrário. Até o dicionário respeita esta ordem. Se eu quero ter mais? Claro que quero. Se vou trabalhar para ter mais? Claro que vou. Não sou hipócrita. Mas é uma ambição que carrego com a profunda certeza de que dinheiro nenhum no mundo vai mudar a pessoa que sou. Uma pessoa que vem de baixo. Uma pessoa que sabe o que é ter o dinheiro contado para manter uma casa pouco eficiente e dar de beber a um carro bêbado. Uma pessoa que muitas vezes teve de aprender a fazer maravilhas com uma lata de atum e uma embalagem de esparguete. Estou tranquilo com a vida que tenho, não invejo quem tem mais do que eu nem tampouco odeio ou repudio gente rica. O que eu repudio é gente que faz toda a questão do mundo de mostrar que é rica. Gente que não aceita baixar o queixo para olhar nos olhos das pessoas mais pobres que na maioria dos casos são a razão da sua riqueza. Este tipo de atitude é típico de pessoas que não sabem o quanto custa a vida a ganhar. Pessoas que não começaram por baixo, mas sim a meio ou já lá em cima. É este, também, um dos resultados de uma vida em que as vitórias não passam de etapas cumpridas. Vidas sem cor. Repudio estas pessoas, mas no fundo tenho-lhes pena. Parecendo que não, são infelizes. São porque a vida não teve oportunidade de lhes mostrar qual o verdadeiro significado da felicidade. Ou então deixo-as esquecer-se dele. De que nos vale esta obsessão desenfreada pelo dinheiro? Desperdiçamos tanto tempo a ganhá-lo que depois até nos falta tempo para o aproveitar. Em vez de vivermos dele, vivemos para ele. Achamos que nunca temos o suficiente, mas na verdade nós é que nunca estamos satisfeitos. Abdicamos dos nossos valores e princípios, geramos discussões e vinganças, e tudo isto para quê? Para acabarmos a sorrir quando olhamos para o extrato da conta

e a chorar quando olhamos para o nosso lado e não vemos ninguém.

Deixa ir, pesa menos a saudade do que a infelicidade

Sabes porque é que o amor da tua vida nunca mais aparece? Porque tens o teu coração cheio com os desamores da tua vida. Como é que queres receber amor de qualidade se tens o teu coração a abarrotar de tralha disfarçada de amor? De sentimentos rotos, corrompidos e baratos que pessoas baratas te foram deixando? Achas mesmo que isso não influencia a chegada de coisas boas? Achas mesmo que o teu coração tem um tamanho infinito? Se queres realmente alguém que valha a pena, tens de ter espaço para o receber. E para teres espaço vais ter de te livrar de muitas pessoas e sentimentos que não estão a fazer nada na tua vida a não ser ocupar espaço. Tens de dizer *adeus* mais vezes. Eu sei que custa, que dói, que deixa saudade, mas precisas de o fazer para dares lugar a novos *olás*. Não podes agarrar uma nova oportunidade se tens as mãos cheias de meias hipóteses. Deixa ir, deixa cair, solta, larga, liberta, desprende-te de tudo e de todos os que já fizeram o mesmo contigo. Há algures, perto de ti, alguém disposto a merecer um lugar no teu coração, alguém disposto a arrumá-lo, limpá-lo e fazer dele a sua morada. Mas é alguém que tu não consegues ver porque tens demasiadas pessoas à tua volta. Esse alguém está lá ao fundo, atrás da multidão a acenar-te com uma mão e a gritar o teu nome que o ruído dessa gente abafa. Admite, sem medo, que fizeste escolhas pouco acertadas e que tens lutado muito mais do que aquilo que podes. Admite que há coisas que já não são as mesmas e nunca mais voltarão a ser as mesmas. Admite que tens dado demasiadas oportunidades a quem nem uma merecia e que tens batalhado por causas perdidas. Convenceres-te de tudo isto

é o primeiro passo para poderes finalmente libertar as amarras desse teu barco encalhado e seguires viagem pelo mar adentro. É lá, no alto-mar, no meio das ondas e das tempestades, que tu pertences. É lá que a vida acontece. Não é aí, na margem, à espera de alguém que foi à terra e demora a voltar. Mete na tua cabeça que quem quer estar à tua beira não se demora longe. Fartas-te de culpar a vida por não teres sorte no amor, e não percebes tu que a culpa é mais tua do que dela. Ajuda-a a ajudar-te. Ela não consegue fazer tudo sozinha. Estará sempre dependente das tuas escolhas e decisões, pois só depois é que poderá fazer a parte dela. No entanto, se te demorares, e impaciente como ela é, vai acabar por decidir por ti. E não esperes que essa seja a melhor decisão. A felicidade é mais uma escolha do que uma sorte. Acredita em mim quando te digo que é possível voltar a amar. Acredita em mim quando te digo que o melhor ainda está para vir e que ainda não encontraste o grande amor da tua vida. Acredita em mim quando te digo que ele está mais perto do que pensas e que tu apenas não o consegues ver. Por isso, começa logo a trabalhar pela tua felicidade e escolhe afastar tudo o que te faz infeliz. É hora de arrumar a casa. É tempo de atirar ao lixo os sentimentos avariados, os sonhos fora de validade, as vontades inúteis e as pessoas fúteis. É o momento de dizeres *boa viagem* e *até nunca mais*. Não te rendas à força das desilusões e das missões impossíveis. Tu és e sempre serás quem mais manda no teu destino. Não vais gostar de concordar, mas a verdade é que muitas das tuas lágrimas são mais fruto das tuas escolhas do que das escolhas dos outros. És tu quem escolhe ficar na mesa do canto ou no lugar mais desconfortável só para poderes continuar numa festa que não é tua nem conta contigo. Carregas na mão uma mala muito pesada com aquilo que julgas ser o essencial da tua vida. Mas agora experimenta pousá-la e

abri-la. Sabes o que vais encontrar lá dentro? Pedras. Pedras que quem se foi embora te deixou para não te aperceberes das suas partidas. Agora é hora de também tu te ires embora.

Para quem ama, o depois é sempre muito tarde

Era domingo à tarde. E só tu sabes o quanto odeias domingos à tarde. Toca o telemóvel. É a tua namorada. Pede-te para ires com ela ao *shopping*. E só tu sabes o quanto odeias ir ao *shopping*. Especialmente com ela. Começas a imaginar as horas que vais passar lá dentro, carregado de sacos, a andar para trás e para a frente, feito menino de recados, e o teu primeiro impulso é dizer que não. Como é óbvio, ela ia insistir. Tu voltas a recusar. Inventas uma desculpa esfarrapada. E, como também é óbvio, ela não acredita e volta a insistir. Acabas por ceder e vais com ela. Passa a viagem toda a falar dos sapatos e dos vestidos que tinha visto na Internet e que queria muito comprar, mas tu limitas-te a ouvi-la, inerte, em frente ao volante. Já no *shopping* entra numa loja e tu recusas-te a acompanhá-la. Teimas em esperar cá fora e desta vez não insiste contigo. Encostas-te então ao gradeamento e entreténs os olhos a ver as pessoas a passar à tua frente. A certa altura olhas para o espaço de descanso onde estavam vários sofás repletos de pessoas e quando dás conta estás a olhar diretamente para ela. Sim, é ela mesmo, a tua última grande paixão. Está ali, a meia dúzia de passos de ti, a devolver-te o olhar. Desvias os olhos dela sem saber se havias de mostrar que a reconheceste, sem saber se devias sorrir-lhe ou cumprimentá-la à distância. Depois lembras-te de que, apesar de não a teres sabido agarrar e por isso ela ter decidido afastar-se de ti e seguir o seu caminho, não tinha ficado qualquer remorso ou mal-entendido entre os dois. Quando decides voltar a olhar na sua direção à procura de um novo contacto visual, dás com ela a dois passos de ti preparada para te cumprimentar. O teu coração dispara e

sem te sair uma palavra sequer dás-lhe dois beijos no rosto. *Olá... como é que estás?* Diz ela com o mesmo olhar brilhante e apaixonante de sempre. Usa agora o cabelo mais curto e a roupa é bem mais formal, mas a essência é a mesma. Respondeste à pergunta antes de a devolver e depois de dois dedos de conversa apercebes-te de que não paras de lhe olhar nos olhos. Tentas desviá-los, mas é mais forte do que tu. Falas e quanto mais falas mais queres continuar a falar. Vais olhando de vez em quando para a saída da loja e dás por ti a pedir em silêncio para que a tua namorada se demore mais um bocado. A cada frase que diz mais certezas tens do quanto ela ainda mexe contigo. Pensavas que já tinhas ultrapassado tudo e, afinal, era apenas uma ilusão. Ela ainda existe bem viva dentro do teu peito. Fala para ti com uma ternura tal que podes quase jurar que o mesmo está a acontecer dentro dela. Rezas para que sim, e quando te preparas para recordar um momento especial entre os dois, na esperança de remexer algum sentimento que ainda possa ter por ti, ela começa a acenar para o outro lado do *shopping*. Do outro lado, um jovem responde ao aceno e dirige-se até vós. *É o meu namorado*. Disse ela, apresentando-o a ti. *É um amigo que já não via há muito tempo*. Disse ela, apresentando-te a ele. A conversa fica por ali, despedem-se, mas desta vez apenas com um sorriso e um leve toque no teu braço. Viram-te as costas, ele coloca o braço por cima do ombro dela e afastam-se sorridentes um com o outro. Tu ficas ali, ainda encostado ao gradeamento a vê-la ir-se embora, e uma solidão e uma tristeza profundas começam a apoderar-se de ti à medida que a vês desaparecer entre a multidão... Dói imaginar todo este cenário, não dói? Então mantém-no bem presente todos os dias na tua memória para que ele não se torne real. Valoriza-a, importa-te com ela, cuida dela e agarra-a bem para continuares a ser tu o homem que caminha com o

braço por cima do ombro dela. Fá-lo agora enquanto ainda é tempo para que o *tarde de mais* não te atormente.

Encontrei na amizade a força do nosso amor

Sempre foste uma pessoa perfeitamente saudável, ou pelo menos era essa a imagem que me passavas. Praticavas muito desporto, preocupavas-te com a tua alimentação e talvez por isso nunca te faltava energia. Tinhas uma vida muito ocupada, sempre com muito que fazer, mas não sabias viver de outra forma. Por vezes até faltava tempo para mim, mas eu compreendia. Não o fazias por mal, era apenas a tua maneira natural de ser. Afinal, também tinha sido por essa mulher que se preocupava com tudo e queria fazer tudo por todos que eu me tinha apaixonado. Mas essa mesma mulher, que eu jurava ser indestrutível, mudou. A dada altura a tua energia não era mais a mesma, a motivação tinha baixado e começaste a deixar de cumprir na perfeição tarefas simples do dia a dia como estender uma peça de roupa ou segurar um copo na mão. Percebemos logo que algo não estava bem, que havia ali algum mal escondido, mas não sabíamos o quê. Depois de montes de consultas e exames, os médicos chegaram finalmente a uma conclusão. Sofrias de esclerose lateral amiotrófica, também conhecida por ELA. Um nome demasiado simpático para uma doença tão destrutiva. Já tínhamos ouvido falar dela, mas só depois de estudarmos mais sobre o assunto é que ficámos a perceber o que estava realmente à nossa espera. Sim, à nossa espera, não apenas à tua. E isso foi algo que desde logo deixei bem claro. Ainda na ressaca da notícia, tu olhaste-me várias vezes com aqueles olhos como se me disseses que compreenderias se eu não ficasse ao teu lado. Que entenderias que era demasiado para mim e que eu não podia deixar de viver para te apoiar. Que aceitarias se eu entregasse essa tarefa

a pessoas mais competentes e assistisse de longe ao teu imparável enfraquecimento. Não podia nem conseguia fazê-lo. A primeira coisa que te prometi foi que ia estudar tudo o que eu precisava de saber para te poder apoiar de perto, para ser eu o teu enfermeiro e assistente. Não te podia entregar a umas mãos desconhecidas que, por mais competentes que fossem, nunca te tratariam com o mesmo amor que as minhas. Sempre acreditei que era mais fácil profissionalizar umas mãos que amam do que ensinar o amor a umas mãos profissionais. Então assim fiz. Se a vida te obrigava a cair e mais nada podia ser feito a não ser cair devagar, então só me restava cair contigo e amparar-te na queda. Nunca senti, em momento algum, que gostava menos de ti. Muito pelo contrário. Descobri em mim uma forma diferente de amor. Um amor mais independente do corpo, um amor que se alimenta pela alma, através de um simples olhar ou de uma simples companhia. Um amor que só foi possível descobrir porque, mais do que desejo ou atração, sempre fomos unidos por uma amizade inabalável. Na verdade, eu desconfio que só soube o que era amar quando tive de começar a empurrar-te numa cadeira de rodas. Quando tive de começar a dar-te o comer à boca e a dar-te banho. Só soube o que era amar quando tive de passar horas agarrado à tua mão inerte, do lado da tua cama, a ouvir a tua respiração através de um tubo. Só descobri mesmo o que era amar quando tive de começar a decifrar as tuas palavras através do teu piscar de olhos para uma tela com o alfabeto desenhado. E só realmente percebi que te amava quando dei por mim a implorar a Deus para trocar os nossos corpos para que pudesse sofrer por ti. Deram-te, no máximo, três anos de vida, e nós provámos que às vezes o amor supera a ciência, pois aguentaste o dobro do tempo. Por isso, obrigado, minha querida mulher, por entre os teus silêncios interrompidos pelo som da tua

respiração, e os olhares presos num corpo quase inútil, me
teres ensinado que cuidar é o melhor sinónimo de amar.

Os dias também merecem o benefício da dúvida

Aprendi a fazer das segundas-feiras o meu dia preferido. Eu também fazia parte dos noventa e nove por cento de pessoas que odeiam este dia, mas como eu sempre gostei de ir contra a corrente, fiz o melhor que podia ter feito por mim e aprendi a ver as segundas-feiras como um dia igualmente bonito e importante. Como o primeiro de cinco dias em que me comprometo comigo mesmo a fazer pelo menos uma conquista. Ainda que pequenina. Ainda que o principal beneficiado seja o patrão e não eu. Mas fui eu que a consegui. Se durante esses cinco dias me levanto às sete da manhã com a certeza de que vou para onde faço falta, onde esperam por mim e onde eu também preciso de estar, então eu tenho motivos mais do que suficientes para gostar desse dia. A segunda-feira é tão odiada porque representa o início de uma semana de trabalho, que tem, quase sempre, uma conotação negativa. Ou porque cansa, ou porque não gostamos do que fazemos, ou então simplesmente porque preferimos o fim de semana. Mas a verdade é que nós precisamos do trabalho para podermos valorizar e saborear o descanso. Precisamos dos momentos baixos para valorizar os altos. E precisamos muitas vezes de perder para valorizar o que é ter. Isto porque nos habituamos tão facilmente ao bom que nos esquecemos rapidamente do quão bom é. E eu percebi que a minha vida seria uma seca se fosse toda ela um fim de semana. Pode parecer uma ideia interessante, mas não passa de uma ilusão. Tal como a ideia da eternidade. Quantos de nós adorariam viver para sempre? Exatamente o mesmo número de pessoas que não tem noção de que a eternidade seria uma maldição. Só valorizamos a vida porque ela é limitada. Tal como só

valorizamos tanto o fim de semana porque ele é limitado. Muito limitado. Deixei de ver a segunda-feira como o fim do descanso e o começo do trabalho, mas sim como o fim do descanso e o começo do que me fará valorizar o descanso quando ele chegar. Pois eu só posso querer algo a que dou valor. Se durante uma semana de suposto trabalho eu não fizer rigorosamente nada de útil por mim, por algo ou por alguém, então o fim de semana representa somente mais dois dias que vêm cimentar a minha inutilidade. E por isso deixei de permitir que a fantasia de uma vida só com coisas boas me impedisse de ver a vida como ela realmente é e tem de ser. Aprendi a gostar das segundas-feiras porque elas representam o início de mais uma missão, o início de mais um ciclo, o início de mais uma oportunidade de demonstrar a minha utilidade enquanto profissional. Aprendi, sobretudo, a não rotular os dias. Temos a mania de pensar que a segunda é desagradável porque é o primeiro de muitos dias de trabalho. A quarta é especialmente difícil de passar porque é o dia em que já estamos cansados do trabalho e ainda falta muito para acabar. A sexta é boa porque vem aí o fim de semana. O sábado é muito bom porque é o primeiro dia do fim de semana e depois o domingo já não é assim tão bom porque é o último. O calendário deve ser importante para planejarmos o que vamos fazer em cada dia da semana, mas nunca para definir o ânimo com que vamos enfrentar cada um deles. As segundas-feiras são más muito por causa da nossa ideia negativa preconcebida acerca delas. Temos a imagem de que são aborrecidas e começamos o dia aborrecidos, quando na realidade se as enfrentássemos com o mesmo entusiasmo com que encaramos o sábado certamente que correriam bem melhor. A pensar nisso mesmo decidi que seria o próprio dia a definir se seria bom ou mau e comecei

a deixar os prognósticos para o dia seguinte. Afinal, nós também temos o direito de ser felizes à segunda-feira.

Não importa apenas se acabou, mas como e porquê

Já fomos tanto. Já fomos tudo. Mas já não somos nada mais que passado. Não vivíamos um sem o outro e hoje até nos evitamos. Sabíamos tudo um do outro e hoje nem nisso acreditamos. A vida tem a incrível capacidade de nos surpreender. Nunca imaginei que, depois de tanto sentimento, juras e promessas, tudo fosse dar em nada. Falhámos. Falhámos tão redondamente que conseguimos até faltar à nossa palavra. Sentimos na pele, da pior maneira, que tudo pode mudar, e muda mesmo, de um momento para o outro. Hoje penso em ti e dóis-me. Dóis-me por tudo o que eu não consegui fazer de ti, e ainda mais por tudo o que não consegui ser contigo. Somos dois estranhos e como estranho é. Não consigo deixar de sentir uma mistura de pena e saudade sempre que me lembro de nós. Foi bonito. Apesar de tudo, foi bonito. Não penses que me arrependo de um dia ter dito que te amava, de ter sonhado coisas incríveis contigo e de me ter entregado a ti. Independentemente de tudo o que me fizeste, eu não consigo arrepender-me de momentos que foram bons. Não tiveram seguimento, é certo, mas não deixaram simplesmente de existir. Estão lá, no lugar que só a eles pertence, e hão de fazer parte da minha vida para sempre. Hoje somos dois estranhos, com vidas completamente distintas, mas nada nem ninguém apagará o toque que cada um tem no outro. Eu sou um bocadinho de ti e tu és um bocadinho de mim. E é tão bom quando aceitamos tudo o que não correu como esperávamos e aprendemos com isso. Tenho de te agradecer por tudo o que me ensinaste com e sem intenção. Por todas as desilusões e alegrias. Por todos esses grãos de areia que hoje compõem a praia que

sou. Nunca me serás indiferente. Mesmo que eu quisesse não era possível, e além disso não era justo nem correto para com a nossa história. Não és uma pessoa de que evito falar, por exemplo. Não fujo a nenhum assunto que te envolva porque não és uma pessoa que eu queira ou tenha de esquecer. E foi precisamente por eu ter percebido que não tinha de o fazer que eu consegui mais facilmente seguir em frente depois de nos separarmos. Não deu certo. Ponto. Ambos tivemos as nossas culpas e não importa agora quem teve mais ou menos. Não guardo rancores de ti porque, além de isso só me fazer mal, eu sei que te arrependes das vezes em que não agiste da melhor maneira comigo. E eu acho que quem erra é que deve sentir as coisas más e não os outros. Tudo o que fizeste foi com plena consciência do que estavas a fazer e não tenho dúvidas de que terás também consciência se foi certo ou errado. Da minha parte a mesma coisa. Tenho o meu passado bem resolvido, mas isso não significa, de maneira nenhuma, que já não mexa comigo. E, por isso mesmo, não faz parte das minhas pretensões que voltemos a ser amigos. O meu coração ainda não está assim tão evoluído. Ainda há coisas que me ultrapassam. Acho muito bonito ex-casais darem-se como amigos, mas eu não consigo. Lamento. Perdoa-me se por causa disso acabo muitas vezes por te evitar, mas não consigo cumprimentar com dois beijos no rosto e um *olá, tudo bem?* uma pessoa com quem eu já me deitei e fiz tudo e mais alguma coisa. Prefiro não dizer nada. É menos constrangedor. Não me interessa se não é correto da minha parte, mas não vou fazer de conta que sou alguém que não sou só para parecer bem. Desejo-te o melhor do mundo, mas não desejo voltar a ter-te na minha vida. Pelo menos durante os próximos tempos. Talvez seja culpa da forma como terminámos, ou como fomos terminando, mas esse é um acontecimento que já não dá para mudar. Quem sabe se

a distância no tempo e no espaço não muda a minha forma de pensar, mas até lá sejamos apenas dois desconhecidos que se conhecem muito bem.

A vida é feita de escolhas, das que fazes e não fazes

Perdoa-me a insensatez, vida, mas eu ainda acredito no amor. Lamento por não teres conseguido fazer-me desacreditar neste sentimento, apesar de tantas tentativas. Não sei se era suposto depois de todas as minhas desilusões e projetos inacabados eu já não acreditar no amor por esta altura, mas desconfio que falhaste o alvo. Aliás, umas vezes falhaste e outras acertaste, só que eu tenho um bom escudo para me defender. Esse escudo é composto, além de um respeito enorme por mim, por uma capacidade infinita de sonhar e uma profunda dificuldade em desistir do que vale a pena. Ainda acredito não só no amor como também nas pessoas, mas é um acreditar de esperança e não de confiança. É muito arriscado da minha parte e não precisas de me dar constantemente motivos para me convencer disso porque eu sei o que estou a fazer. Às vezes pareces demasiado protetora. Eu agradeço-te imenso os avisos e as lições, mas ainda assim prefiro a imprudência do risco do que a monotonia dos lugares seguros. Vou continuar a acreditar porque só acreditando eu poderei ter a certeza de que estou no caminho certo para encontrar aquilo que quero. Seja o meu rumo ou a minha vocação, seja o amor da minha vida ou o meu cantinho no mundo. Lamento, sem pena nenhuma, que os teus planos tenham saído furados, mas confesso que não conseguiste, nem vais conseguir, impedir-me de lutar pela minha felicidade. A prova de que tu não queres saber de mim para nada é que por um lado mostras-me que acreditando eu estarei sempre mais perto de alcançar e por outro és a primeira a fazer-me desacreditar. Já percebi, há muito, que por ti é melhor esperar sentado. Não és nem nunca foste

minha amiga. No fundo é como se eu não passasse de uma diversão para ti. Dás com uma mão e tiras com a outra, mas para teu azar eu não me deixo levar e manipular assim tão facilmente. Perdoa-me a ingenuidade, vida, eu sei que tentas todos os dias tirar-me à força, mas eu vou conseguindo resistir aos teus assaltos. É graças a essa ingenuidade que eu ainda sou capaz de sonhar com finais felizes. É ela que alimenta esta esperança de encontrar o meu grande amor. E eu sei que vou encontrá-lo. E no dia em que isso acontecer vou esfregar-te na cara o meu sorriso de felicidade e provar-te que estavas enganada quando me segredavas ao ouvido que já não valia a pena lutar mais e me pedias em silêncio para me render. E mesmo que se venha a concluir que eras tu quem tinha razão, eu vou continuar a ser o grande vencedor por nunca ter permitido a mim mesmo deixar de acreditar. Posso nunca chegar a alcançar esse sorriso final que tanto ambiciono, mas os sorrisos que me florescem hoje por ter esperança no amanhã já ninguém nos consegue roubar. Estes estão garantidos, já são parte da minha história. Perdoa-me também a coragem, vida, pois sei que não contavas com ela. Estavas à espera que eu seguisse os passos dos outros que pensam que tu é que mandas nisto e controlas tudo e todos. Pensavas que eram favas contadas, mas saiu-te o tiro pela culatra. Não me rebaixei perante a tua imponência, nem me deixei amedrontar pelas tuas ordens. Porque eu também tenho uma palavra a dizer. E essa palavra é *chega*. Chega de me enganares e dares a entender que já é tarde de mais. Chega dessas rasteiras cobardes e dessas demonstrações foleiras de superioridade. Tu não sabes, vida, mas também precisas de mim. Também dependes de mim. Pois sem as minhas escolhas atrevidas e as minhas atitudes destemidas tu serias uma seca. Não terias graça nenhuma. Serias mais uma igual a tantas outras cujo dono

não tem a ousadia de pensar por si. Mas eu penso por mim, eu escolho por mim, e esta é a maior ameaça que te podem fazer.

Serei feliz, mesmo contra a vontade do universo

Parece que a vida quer tentar convencer-me de que eu não nasci para ser feliz no amor. Não sei se tem alguma coisa a ver com os signos ou com o destino, mas é demasiado azar para eu acreditar que são meros casos pontuais. Ou então é apenas muita burrice da minha parte. O que duvido muito. Uma vez não dá certo porque me entreguei demasiado e perderam o interesse, outras vezes é porque não me amam como eu amo e outras vezes é porque não sou a *pessoa certa* ou então não é o *momento certo*. Mas será que é necessário um alinhamento dos astros para poder encontrar o amor da minha vida? Não sei se sou eu que vejo defeitos a mais, ou então sou eu que tenho defeitos a mais, mas só queria um pouco de paz e amor correspondido no meu coração. Não acredito que alguém esteja destinado a ser infeliz no amor, acredito é que há muitas pessoas que não querem aprender a amar. Muitas pessoas que não aceitam mudar pelo bem dos dois. Muitas pessoas que não querem fazer, mas sim comprar tudo feito. Querem tudo sem esforço, sem ter de ceder ou abdicar. Vivem em busca da tão desejada alma gémea que se esquecem que as almas gémeas também se constroem. Mas para isso, claro, é preciso tempo, dedicação, esforço e muitas cedências de parte a parte. Eu sei que não tenho um feitio fácil e que isso acaba por ser um grande entrave, mas também sou a primeira pessoa a admiti-lo e a primeira a tentar mudar. Não vou obrigar ninguém a aceitar-me exatamente como sou porque eu também tenho olhos na cara e sei que não é fácil. Às vezes imagino-me no lugar da outra pessoa e não é a melhor sensação do mundo. Por essa razão é que eu não tenho qualquer problema em esforçar-

me para ser melhor, o mal é que o mesmo nunca acontece do outro lado. Talvez eu é que tenha uma queda por pessoas preguiçosas e egoístas. Talvez a culpa seja minha por ainda não ter sido capaz de me apaixonar pela pessoa altruísta, carinhosa e dedicada que eu tanto preciso de ter ao meu lado. Vou acreditar que tudo é uma questão de tempo e oportunidade. Vou acreditar que a vida sabe o que está a fazer e que mais tarde ou mais cedo a pessoa certa carregada com o amor certo há de aparecer. Depois de tantas desilusões e tentativas falhadas, o que é que me podem pedir mais além de esperar e ter esperança que a vida seja boa comigo? Não me considero uma pessoa invejosa, mas é inevitável sentir uma pontinha de inveja dos casais felizes e das pessoas que são realizadas no amor. Porque eu também quero. Porque eu também faço por isso e, por isso, também mereço. Quero ter a minha própria felicidade e começar a identificar-me com os filmes românticos. Não podem ser só filmes, nem podem ser só baseados na vida dos outros. Não preciso de uma história de amor absolutamente incrível, até porque essas normalmente acabam em tragédia, só preciso que seja verdadeira e me preencha o peito. Acho que a minha coleção de desilusões me está a limitar as ambições, mas a minha principal preocupação agora é não me iludir para não me magoar de novo. Mais do que encontrar o grande amor da minha vida, não quero encontrar a grande decepção da minha vida. Acredito que o caminho para a felicidade começa por evitar os atalhos e trilhos da infelicidade. Pois normalmente eles estão enlameados e depois de entrarmos é difícil voltar para trás, e quanto mais andamos para a frente mais nos atolamos. Por isso, a minha prioridade é, antes de sorrir, não chorar. O amor já me custou demasiadas lágrimas e até agora tem dado mais prejuízo do que lucro. Apesar de tudo, ninguém me tira da ideia que

ainda hei de ser muito feliz no amor. Nem que para isso tenha de obrigar os astros a ficarem direitinhos em fila indiana.

Desistir também faz parte do conseguir

Quando nascemos a vida coloca-nos dentro de um quarto, e esse quarto tem muitas portas a toda a volta. Cada uma dessas portas dá para uma carreira diferente, seja de médico, cantor, cozinheiro, jogador de futebol, engenheiro, ator, etc. No momento em que a vida nos coloca nesse quarto entrega-nos também uma chave que, mais tarde ou mais cedo, dará para abrir uma dessas portas. Mas no início essa chave não está limada. Ou seja, não abre porta nenhuma. Contudo, ao longo da nossa vida vamos limando essa chave em função da nossa forma de ser, dos nossos talentos e habilidades, em função do meio em que estamos inseridos, como os grupos de amigos e familiares, entre muitos outros. Um dia essa chave estará pronta para abrir uma dessas portas, mas qual é o problema? É que nós não sabemos que porta é que ela abre. Porquê? Porque não sabemos aquilo em que somos realmente bons, uma vez que não é possível experimentar tudo para sabermos se temos jeito ou não, ou se gostamos ou não. E esse é o grande desafio da vida, pois o momento em que temos de abrir uma das portas para seguir o nosso rumo é o momento em que acontecem as maiores realizações e desilusões. É, literalmente, o momento-chave da vida. O momento em que se tomam as decisões que acabarão por nos definir quase sempre para sempre. Assim sendo, e numa primeira tentativa, qual é o nosso impulso? É tentar abrir a porta que daria para fazer aquilo que nós gostaríamos de fazer em função, porventura, do pequeno leque de coisas que já experimentámos na vida. Por exemplo, ser ator. Nós gostamos muito de filmes e novelas, interessa-nos bastante a fama e o espetáculo que envolve os atores e por isso vamos tentar abrir a porta que daria

para uma carreira no mundo da representação. Contudo, concluímos que não temos jeitinho nenhum para a coisa. Estudámos, tirámos cursos e cursos, fizemos *castings* e mais *castings* e nada, porque efetivamente éramos muito maus a representar. Não era, de todo, para fazer aquilo que tínhamos nascido, mas, como gostávamos, foi essa a porta que decidimos tentar abrir primeiramente. E o que é que representam todas estas tentativas falhadas de fazer carreira no mundo do espetáculo? Representam, precisamente, todas as voltas que tentámos dar à chave, mas sem sucesso. Porquê? Porque não era para aquilo que ela tinha sido limada ao longo da nossa vida. Porque gostar de fazer ainda não é sinónimo de ser bom a fazer. No entanto, alguém atrás de nós diz-nos ao ouvido, *nunca desistas*. E nós, feitos parvos e iludidos por aquela frase sempre inspiradora, continuámos a tentar, a tentar e a tentar e quando olhámos para o relógio já se passou uma vida e nós sem nada conseguido. Se porventura, e depois de tanto forçarmos a fechadura, conseguíssemos abrir a porta e, por isso, fazer carreira como atores, íamos, muito certamente, ser mais um dos tantos maus atores que vemos na televisão que mais por insistência do que persistência, ou então por alguma cunha, lá conseguiram abrir a porta à força. Uma porta cuja chave não era aquela. Contudo, se depois de ouvirmos a frase *nunca desistas* tivéssemos refletido bem, talvez tivéssemos percebido que tínhamos dado o nosso melhor para abrir aquela porta e, uma vez que nem assim abriu, é porque provavelmente estava na altura de parar de tentar. Esse seria o momento em que se desistiria, se tiraria a chave e se tentaria abrir uma outra porta. E se essa porta fosse uma que daria para uma carreira de cantor, por exemplo, talvez se abrisse facilmente, porque em função de toda a nossa vida fomos desenvolvendo, às vezes sem sabermos, esse talento para

cantar. E seríamos igualmente realizados. Por isso, antes de desperdiçarmos uma vida a tentarmos ser bons nalguma coisa, porque não procurar primeiro aquilo em que somos realmente bons?

Confiar também é aceitar o que não se sabe

Gosto de ti. Gosto muito de ti. Mas o meu espaço é o meu espaço. E por mais que goste de ti eu preciso dele só para mim. Isso não impede, de forma nenhuma, que sejamos o casal mais feliz do mundo. Mas por mais que gostemos um do outro e por mais tempo que estejamos juntos, eu preciso do meu espaço e tu precisas do teu. E não, não tenho de te dizer tudo. E não, não tens de saber tudo. Nem tu de mim, nem eu de ti. Nem quero. Quero apenas saber o que tenho de saber. Há coisas que, por mais que nos amemos, só a nós pertencem. E não será por não sabermos tudo um do outro que haverá segredos entre nós. Essa é uma história diferente. Uma coisa é tentar esconder alguma informação, outra é simplesmente escolher não a revelar. A confiança um no outro não se mede pela quantidade de coisas que se sabem um do outro, mas pela forma como se lida com as coisas que não se sabem. Quem confia não precisa de saber porque sabe que só não sabe do outro aquilo que não lhe faz falta saber. Mas quando te digo que preciso do meu espaço só para mim é muito mais do que pedir-te para respeitares os meus silêncios. É também aceitares os meus amigos e perceberes que, tal como tu, eles merecem a minha companhia. É aceitares a minha família e perceberes que, tal como tu, ela merece o meu tempo. És a pessoa que eu escolhi ter ao meu lado para sempre. És a pessoa com quem eu quero dividir a minha vida. Mas a minha vida é muito mais do que tu. É muito mais do que eu. A minha felicidade depende desde o meu programa de televisão favorito até ao abraço da minha avó. Por mais que eu te ame, não vou permitir que a minha felicidade dependa única e exclusivamente de ti. Nem seria justo para ti tornar-

te responsável por toda a minha felicidade. E isso ia acabar por acontecer se eu resumisse a minha vida a ti. Desculpa, mas não o farei. Garanto que nunca faltará amor da minha parte para as pessoas que me são importantes. Até porque não preciso de tirar amor de uns para dar a outros porque são amores distintos. Não se misturam. Tu tens um lugar nobre na minha vida, mas há mais lugares. E cada um tem o seu. Não vou expulsar toda a gente da sala só para te dar toda a atenção. Quem me garante que não vais tu também sair da sala por vontade própria e eu ficar sem ninguém? Perdoa-me a prudência, mas esta é a melhor forma que encontrei de gerir a minha própria felicidade. Tal como eu, também não quero que vivas só para mim ou em função de mim. Não quero que, se algum dia me perderes, seja de que forma for, sintas que perdeste tudo. Porque não perdeste. Não interpretes isto nunca como se eu olhasse para nós como um projeto temporário. Se eu estou é porque estou por inteiro e quero que seja para sempre. Mas a vida já me explicou, da maneira bruta que lhe é tão característica, que não devo viver exclusivamente para a pessoa que amo e abdicar de tudo e de todos para ter mais tempo para ela. Explicou-me também que devo gerir muito bem aquilo que sei e aquilo que deixo que saibam sobre mim. Querer saber tudo não é uma prova de amor, é somente uma prova de curiosidade. Deixar saber tudo também não é prova de amor, é prova de uma falta de respeito para com a sua própria privacidade. Aprendi a gerir melhor o que dou de mim e como dou, mas isso não significa que me entregue menos, significa apenas que o faço de uma maneira mais justa, correta e equilibrada. Quero-te de corpo e alma, senão, acredita, não estaria ao teu lado. Só preciso é do meu espaço, do meu cantinho e da minha privacidade de vez em quando. Em todos os outros momentos podes fazer

de mim o que o teu amor por mim quiser. Confio em ti, que mais precisaria eu de saber?

A vontade tem sempre pressa

Já falávamos há muito tempo e esta era a segunda vez que saíamos. Fui até casa dele no meu carro e depois seguimos no dele até ao restaurante japonês que ele tinha sugerido. Era um homem muito sério e de poucas palavras. Gostava mais de ouvir do que falar. Dizia-me ele. Contudo, tinha um humor muito subtil e sarcástico que eu adorava. Não era o homem mais atlético e bonito do mundo, mas o olhar e o charme que ele espalhava tornavam tudo o resto num mero pormenor. Além disso, e por mais que ele soubesse da minha atração por ele, sempre respeitou imenso o meu espaço. Quando regressámos do jantar, parou o carro em frente à sua casa e ficámos a conversar um bocado. Estava a ser tão bom que eu não me queria ir embora. E ele muito menos. A certa altura ele começou a olhar-me nos olhos e um silêncio apoderou-se de nós. Aproximou a sua boca da minha e quando pensei *é agora* ele voltou a afastar-se com um sorriso atrevido. Tirou as chaves da ignição e saiu do carro. Já do lado de fora e eu ali, parada, sem saber o que fazer, fez-me sinal com a cabeça para eu sair. Mal me viu sair começou a caminhar à minha frente em direção a casa. Abriu a porta, entrou e ficou a encarar-me do lado de dentro sem dizer uma única palavra. Eu sabia que se entrasse não ia ser mais dona de mim e só sairia de lá na manhã seguinte. A minha mente dizia-me *espera, ainda é muito cedo*, mas o meu corpo pedia-me para entrar e foi ele que levou a melhor. Entrei, bateu com a porta e fez questão que eu o visse a rodar a chave para a trancar. Sem me dar tempo de comentar aquele movimento, puxou-me pela mão, encostou-me contra a porta e beijou-me intensamente. Faltou-me o ar por breves segundos. Começou depois a beijar-me o pescoço enquanto me

desabotoava a camisa, e quando voltei a ter capacidade de raciocinar já tinha o rosto dele entre os meus seios, que segurava, vigorosamente, com as duas mãos. *Isto está a ir muito depressa.* Pensei. Mas não quis abrandar nem um bocadinho. Já comigo completamente nua da cintura para cima, tal como ele, pegou em mim e envolvi a sua cintura com as minhas pernas. Continuou a beijar-me e a sensação dos meus seios encostados ao peito quente dele fez percorrer-me pelo corpo toda uma excitação medonha. Levou-me para o quarto, atirou-me para a cama e despiu o resto da minha roupa. Foi estranho sentir o meu corpo nu numa cama desconhecida como aquela, mas logo depois ele colocou-se por cima de mim e fez desaparecer essa sensação. Voltou a beijar-me na boca e desceu, em beijos, até ao fundo da minha barriga. Agarrou-me com força nas coxas e deu-me um beijo seco no sexo, fazendo-me estremecer, antes de começar a lambêr-me como se tivesse nascido para aquilo. Contorci-me toda até não aguentar mais e soltar um gemido que saiu mais alto do que era suposto. Mas eu não queria saber. Aquele momento era meu. Ele despiu a roupa que faltava, voltou para cima de mim e sem me dar tempo de recuperar o fôlego penetrou-me devagarinho. Foi aumentando a velocidade a cada penetração até me sentir novamente no auge e virou-me depois, com um só puxão, de barriga para baixo. Penetrou-me novamente, mas desta vez com ainda mais intensidade, fazendo a cama embater com estrondo contra a parede repetidamente. Senti-me tão possuída por aquele momento que fugi debaixo dele e decidi ser eu a tomar as rédeas a partir dali. Aquilo excitou-o bastante e a mim ainda mais. A nossa sintonia era tal que senti que durante todo aquele tempo tínhamos sido um só. Depois de saciados os nossos corpos, envolveu-me o corpo nos seus braços e deixou-me

adormecer. No dia seguinte foi ainda melhor acordar e perceber que não tinha sido um sonho.

Para ser garantido é preciso ir garantindo

Nunca tenhas nada como garantido. Lembra-te sempre de que amanhã pode ser tudo diferente. Amanhã podes já não ter a pessoa que amas ao teu lado, amanhã podes já não ter esse teu emprego que te faz tanto jeito ou até essa saúde vigorosa. Não te deixes acostumar à rotina e à estabilidade que ela te dá porque ela esconde males bem maiores que só consegues ver quando já é tarde de mais. Quando perdes. Quando já não tens. É com essa ausência que a vida costuma castigar quem não se esforça para continuar a ter. Quem não luta diariamente por aquilo que já é seu. A soberbia de se querer tudo e mais alguma coisa leva as pessoas a desvalorizarem o que já têm e só perdendo é que conseguem voltar à realidade. Não é por se ter conquistado hoje que amanhã continuará a ser nosso. É preciso conquistar hoje e amanhã de novo, e depois outra vez, e assim sucessivamente. Nada é seu só porque é. Nem um filho. Experimentemos não amar um filho. Deixará de ser nosso filho. Por mais que nos julguemos pais, ele nunca nos verá como tal se nunca o tratarmos como tal e o amarmos como tal. Não é só porque o fizemos que é nosso e garantido. Até um filho é preciso agarrar. Pois se não agarrarmos aquilo que é nosso nunca seremos dignos de o ter. E a vida é a primeira a mostrar-nos isso. *Aquilo que tiver de ser nosso, a nós vem parar.* Dizem. Mas esquecem-se sempre de acrescentar que o que tem de ser nosso é aquilo que a nossa luta pela sua conquista faz de nós merecedores. Ora, se não lutamos por isso, então não merecemos isso, logo não temos de ter isso só porque queremos isso. Querer não chega. Nunca chega. É claro que as pessoas querem aquilo que já é delas, mas falham na segunda parte da história, a mais importante e a que dá

mais trabalho, que é provarem que querem. Todos os dias. Dar algo como garantido não é uma demonstração de confiança, é tão-somente um atestado de ignorância por não ter noção que quem não valoriza perde. Por não ter noção que a vontade sozinha não faz nada. E por não ter noção que quem não luta até pode conseguir, mas só quem luta é que merece o que consegue. Quem pensa que não importa merecer, só importa vencer, é o mesmo tipo de gente que não olha a meios para atingir os fins e que não tem problemas em passar por cima de quem quer que seja para chegar onde pretende. E ainda que o mundo seja uma selva, não pode valer tudo. Por isso, luta. Luta para defender aquilo que já conquistaste. E desconfia. Desconfia sempre do amanhã. Principalmente do amanhã. Não caias no erro de pensar que se não foi até hoje não será amanhã também. Seja para o bem ou para o mal. A vida é perita a demonstrar que as coisas não são bem assim. A confiança é bonita e fica sempre bem, mas uma coisa é ser confiante, outra é ser imprudente. Não tenhas problemas em assumir que tens medo de perder. É importante ter medo de perder. Se for demasiado transforma-se em obsessão, ou então cobardia, mas na dose certa é o primeiro passo para se continuar a ter. Quem não tem medo de perder, não tem vontade de ter. Ponto. Esse medo, antes de qualquer outra definição, significa que se dá valor. Lembra-te de que há sempre alguém de olho em ti e que quer aquilo que tu tens. É como se tivesses um bocado de bolo no prato e estivessem vinte esfomeados à tua volta apenas à espera que tu te distraias para o apanharem. Se não queres perder, não baixes a guarda. Não te deixes enganar pela confiança desmedida que é mais presunção do que outra coisa. Não te desleixes nem te queixes do pouco que tens, pois estás sempre a tempo de nem pouco ter. Mantém a exigência no máximo, segura o que agarras e ama o que conquistas.

Desistir não é sinónimo de fim, mas de um novo começo

De certeza que já te questionaste sobre qual o momento certo para desistir. Qual o momento certo para pôr um ponto final numa história, num percurso ou num sonho. Na verdade, não há um exato momento certo, há sim uma fase certa. Uma fase em que o teu coração começa a entrar em sintonia com a tua cabeça até que a única coisa que fica a faltar é uma decisão tua. Depois o momento certo será o momento em que tomas a decisão de desistir com a consciência de que era isso o melhor para ti. Ou seja, não é o tempo que faz o momento certo, mas sim a tua decisão em consciência. Se desistires hoje porque alguém te convenceu e não porque sentias que era o melhor para ti, então não será o momento certo, pois foi uma decisão tomada quando o teu coração não estava de acordo com a tua consciência. Esse desistir será apenas um fim teórico, e não prático, porque ficarás sempre a pensar e *se tentasse mais uma vez, e se aguentasse um pouco mais*. Escolher desistir é tão ou mais importante do que escolher continuar, e por isso deve ser sempre uma decisão sabida e sentida. Nunca só uma, nunca só outra. Imagina um edifício muito antigo que a dada altura se desmorona por completo. Este é um bom exemplo de um *momento certo*. Esse edifício estava intacto até ao momento da sua derrocada. Mas já estava velho, já estava *cansado*. Nós conseguimos olhar para a sua desistência como algo natural, porque estava na sua hora. Mais dia menos dia isso iria acontecer. Ele caiu naquele preciso instante e esse instante foi o seu momento certo por ele já estar na sua fase de alinhamento entre o que tem de ser e o que se aceita que seja. Se fosse no dia anterior ou uma semana depois, continuava a ser o

momento certo porque ambos os momentos pertenceriam à fase de desistência. Que, neste caso, era a sua fase de decadência. O que não seria um momento certo seria, por exemplo, o edifício desmoronar dois ou três anos depois de ser construído. Esta ideia de não existir um momento certo coligado com o tempo, mas sim com a decisão, significa que o momento certo acontece no momento da decisão, mas nem sempre a decisão acontece no momento certo. Por isso, a preocupação nunca deve ser saber qual o momento de desistir, mas sim a fase em que ele pode, e por isso deve, acontecer. E a vida dá muitas pistas de quando já estamos nessa fase. Por exemplo, quando a dor durar mais do que o prazer. Quando a noite for mais longa do que o dia. Quando as lágrimas forem mais do que os sorrisos. Tudo isto são dicas que a vida nos dá para percebermos que estamos na altura de parar o carro, sair do carro, atirar as chaves para longe e seguir outro caminho. Com certeza que também já te disseram, na esperança de te ajudarem, a célebre frase *ouve o teu coração*. Sem dúvida que tens de o ter em conta no momento de tomares uma decisão, só que não podes nunca cair no erro de o ouvir apenas a ele. Ele terá sempre muito mais esperança do que a tua consciência, o que o fará querer tentar sempre mais uma vez. No entanto, também chegará uma altura em que, depois de tantas tentativas falhadas, ele também começará a perceber que se calhar o teu caminho e lugar serão outros. Podes ter a certeza de que ele será sempre o último a perceber isso, mas também não podes partir sem ele. Decidir sem ele. Ele não manda sozinho, mas não o poderás nunca ignorar. Quando finalmente se render às evidências e se convencer de que está na hora de desistir, ele irá fazê-lo, um pouco contrariado, como não podia deixar de ser, mas irá fazê-lo, e só então terás condições para seguir viagem. Lembra-te, sempre que a palavra *desistir* surgir no teu

horizonte, de que por vezes perder é uma vitória disfarçada.
Por vezes não conseguir é a tua sorte grande e por vezes
um fim é o teu maior começo.

Foi nos erros do tempo que acertei o meu relógio

Encontrei no erro uma forma de crescimento, não no sentido de aprendizagem, mas no sentido de vivência. Aprendo com os erros que cometo sem querer e vivo com os erros que escolho cometer. A vida ensinou-me a procurar grãos de felicidade debaixo das pedras e dentro dos buracos do meu caminho. Mostrou-me que nem sempre a felicidade está no lugar onde toda a gente pensa e que raramente aparece em abundância. Contou-me, em segredo, que a felicidade é como o ouro, é preciso escavar, escavar, escavar, muitas vezes em terras duras e muitas vezes sem saber se a vou encontrar. E, tal como o ouro, quando aparece é em pequenos bocadinhos. Mas, tal como o ouro, bocadinho a bocadinho se vai enriquecendo. E encontrei nos erros da vida, naqueles que quero cometer, essas pitadas de felicidade. Há, no erro escolhido, uma alegria camuflada num desejo por cumprir. E, por isso, hoje erro porque quero, porque gosto, porque me dá prazer e porque me fartei de todos os outros erros que só pretendem dar-me lições à força. Percebi que falhar, simplesmente porque me apetece quebrar as regras, contornar o que é certo e ignorar as leis, também pode ser uma forma de acertar na vida e de ser correta com ela. Cansei de ser sempre a menina betinha e certinha que não faz mal a uma mosca. Cansei de respeitar todos os limites e de não tirar nada do sítio. Cansei da segurança da minha zona de conforto e do enfado que ela me traz. Cansei de tentar ser perfeita. Este foi, aliás, o maior erro que cometi, achar que era a perfeição que me trazia a felicidade. Pois isto levou-me a dedicar uma vida inteira a corrigir erros, retificar falhas e preencher lacunas. Não fazia mais nada na vida senão melhorar isto e aquilo,

até que tive de dizer *basta*. Não preciso da perfeição nem de estar perto dela. Preciso somente de ser eu mesma e desfrutar dos meus defeitos. Em vez de os corrigir ou esconder para que gostassem de mim, comecei a fazer deles um ponto a meu favor. São eles, também, que me tornam especial. Porque não tirar proveito disso? Não pretendo prejudicar ninguém, mas também não vou permitir ser sempre eu a prejudicada. Se hoje me sinto mais feliz foi porque aprendi a errar. Quando errar e como errar. Aprendi a ser mais rebelde e atrevida. E aprendi a interpretar as minhas quedas como uma boa desculpa para aprender, em vez de olhar para elas como uma forma de punição. Não me interessa se esta é ou não a melhor forma de viver, mas foi a melhor forma que encontrei de ser feliz. Toda a felicidade precisa de um certo egoísmo, não acredito que alguém seja plenamente feliz somente com a felicidade dos outros. Por mais humilde e altruísta que seja. E foi neste egoísmo e neste *agradar mais a mim do que aos outros* que descobri as ferramentas necessárias para escavar o solo da minha vida em busca deste metal precioso e dourado que é a felicidade. Durante muito tempo, demasiado tempo, preocupei-me em ser uma pessoa que eu, se fosse outra pessoa, gostaria de conhecer. E o próprio tempo fez-me perceber que não é por eu gostar que vou querer, e não é por eu querer que vou precisar. Decidi então que deixaria de me olhar pelos olhos dos outros e ia começar a ver-me de dentro para fora. Porque é sempre de mim que eu parto. Mesmo que o destino seja eu, é a partir de mim que a viagem começa. A felicidade não pode nunca ser a consequência de uma aventura, ela tem de ser o objetivo dessa aventura. Eu não quero ser feliz porque tive sorte, porque calhou ou porque era o destino. Eu quero ser feliz porque quis ser, porque procurei ser e porque fiz por merecer. E isso é, muitas vezes, errar propositadamente.

Escolher em consciência, fazer algo que não devia só porque queria. E se o inferno tiver um lugar reservado para mim, que seja, mas enquanto não vou para lá vou desfrutar deste paraíso.

Desvalorizas o teu sim ao nunca dizer que não

Para de pensar que és uma máquina, que podes tudo e aguentas com tudo. Para de pensar que os dias deviam ter mais horas e para de roubar tempo ao sono e às pessoas que amas para teres mais tempo para fazeres todos os recados. Para de resumir a tua vida a um conjunto de tarefas com um prazo para serem cumpridas. A tua vida são as pessoas, são os sentimentos e os sonhos. São os abraços e os beijos que dás e recebes, são os encontros e reencontros, são os sorrisos e as gargalhadas. A vida é feita daquela mão dada, daquele passeio sem destino, daquele momento em silêncio e daquela adrenalina antes de experimentar algo novo. Liberta-te da obrigação dos objetivos, do rigor das horas e da euforia das chamadas e dos pedidos. Para o carro, desliga o telefone, desconecta-te do mundo. Olha para as tuas mãos. Olha-te ao espelho. Repara bem no ser que és. Humano. Real. Frágil. Percebe de uma vez que não podes estar em todo o lado e que não és de ferro. Percebe que também sofres, que também choras, que também tens vontades para cumprir e sonhos para realizar e que também tens direito a parar, descansar e respirar. Acredita, porque não, que se não fizeres tu alguém há de fazer por ti e que se não chegares a tempo alguém há de esperar por ti. Para de correr para trás e para a frente, para de te multiplicares até perderes a conta, para de te preocupares com tudo como se fosse uma obrigação tua. Não é, porra! A tua única obrigação na vida é lutares para ser feliz. Achas que é fazendo de ti um robô programado para trabalhar, comer e dormir que vais ser feliz? Achas que é resumindo a tua existência a um conjunto de lugares-comuns e a uma espécie de *call center* para quem só se

lembra de ti quando precisa que vais encontrar a tua felicidade? Quem és tu? Onde é que estás tu em ti? Não estejas à espera que chegue a tua vez de ser feliz. A tua vez é agora. Sempre agora. E se alguém tiver de esperar que sejam os outros. Não podes ser sempre a primeira pessoa a chegar e a última a sair. Nem podes ser sempre a pessoa que levanta o braço quando ninguém se oferece. O mundo já sabe que tens um bom coração, que queres muito fazer, ajudar e estar, mas não te esqueças de que também tens uma vida para viver. Às vezes tens mesmo de dizer não. De dizer que não dá, que não consegues, que é de mais. Já se sabe que não gostas de recusar, mas para com essa ideia de querer salvar o mundo e ajudar toda a gente. Então e o teu mundo, está a salvo? Então e tu, não precisas de ajuda? Não te esqueças de ti quando te lembrares de todos. Não tenhas vergonha de dizer que não podes, ou que não queres, ou que tens outras prioridades. Sabes porque é que as pessoas te procuram? Porque sabem que vão sempre receber um sim, porque sabem que deixas tudo o que estás a fazer só para dares a mão a alguém. Vais acabar por te sentir importante para essas pessoas porque achas que elas precisam de ti, quando na verdade apenas precisam de uma ajuda tua. Uma ajuda que se viesse de outra pessoa qualquer teria o mesmo significado para elas. Andas a habituá-las tão mal que quando decidires dizer-lhes que não vão ficar perplexas, magoadas contigo e vão acusar-te de egoísmo e falta de humildade. Nem se vão lembrar de todas as vezes em que disseste que sim. E é esse medo, o de te julgarem e pensarem coisas erradas a teu respeito, que te faz esquecer que és uma pessoa como outra qualquer, que também tem limites e fraquezas. Mas às vezes o melhor que podes fazer por ti é admitir isso. A ti e ao mundo. E desistir dessa ideia de que tens sempre de encontrar tempo e forças para fazer o que tem de ser feito. Lembra-te de que

nada nem ninguém te pode obrigar a dar mais do que tudo.
Fazê-lo é, e sempre será, uma escolha e responsabilidade tua.

Foi sem querer que te quis

Vou ser muito sincero contigo, quando te vi pela primeira vez não te achei nada de especial. Tanto por fora como por dentro. Aliás, até eras um ser consideravelmente desprezível. Não ia muito com a tua cara nem me preocupava nada que também não fosses com a minha. Talvez por causa disso sempre falei contigo sem segundas intenções. Estava completamente à vontade porque se decidisses virar costas por alguma coisa que tivesse dito ou feito eu não ia sentir a tua falta. E foi o facto de ter esse pensamento de *nada a perder* que me fez ir aproximando e mandar uma ou outra boca só para te irritar. Dava-me um certo gozo, tenho de confessar. Se eu te tivesse visto logo como uma hipótese para mim, de certeza que ia ter cuidado com aquilo que dizia. Se calhar até teria vergonha de me aproximar porque iria ter medo de fazer alguma coisa de errado que pudesse dar uma má imagem a meu respeito. Além disso, nunca iria conseguir ser genuíno sempre que estivesses por perto ou falasses comigo. E hoje digo ainda bem que quando te conheci não te achei nada de especial, porque de outra forma duvido que também tu te tivesses aproximado de mim. Acho que durante muito tempo andei distraído e não sabia o que estava a acontecer nem onde me estava a meter. Até que comecei a reparar na enorme quantidade de vezes que pensava em ti. Nas vezes em que eu jurava que te tinha visto, mas que afinal não eras tu. E nas vezes em que sentia a tua falta, mesmo quando não estava sozinho. Fui apanhado por ti sem me aperceber. Quando dei conta estava preso a um sentimento que encontrei sem querer, e hoje tudo o que mais quero é perder-me nele. Não vou continuar a negar o que sinto porque acho que já é mais do que óbvio, muito antes de o

ser para mim, que estou apaixonado por ti. Não era suposto, não estava nos meus planos, mas talvez seja por isso mesmo que aconteceu. Talvez eu já te queira desde a primeira vez que te vi, mas apenas o meu coração sabia disso e escolheu guardar segredo. Sei que por várias vezes disse coisas só para te magoar, para gerar alguma reação em ti, embora sem qualquer ponta de verdade. Por várias vezes fui, intencionalmente, alguém que no fundo não era só para te provocar. Mas quero que saibas que aquilo que estou a dizer agora vem do meu mais sincero eu. Não tenho intenção de despertar nenhuma reação em concreto, apenas dizer-te aquilo que tens direito de saber para fazeres aquilo que tiveres de fazer. Seja isso o que tiver de ser. Quero-te como quero a vida. É irracional dizê-lo, mas é a vontade mais real que existe em mim. Quero-te com cada força do meu corpo e a cada dia que passa menos sentido faço se não te tenho. Sinto-me como se tivesse sido atropelado por um camião de sentimentos depois de ter escolhido desistir de fugir dele. Não há nada a fazer, agora. Não consigo imaginar outra mulher ao meu lado que não sejas tu. Sim, estou apaixonado, mas estou tranquilo no meio desta azáfama de sensações e ilusões. E tenho a certeza daquilo que te digo, ainda que possas pensar que é tudo fruto da loucura do momento. Se te digo que eu sou o homem certo para ti e que te farei sentir uma mulher realizada no amor é porque tenho a profunda convicção de que sou capaz disso. Acredita em mim quando te digo que sou muito mais do que aquele tipo que se metia contigo e te mandava umas bocas foleiras. E acredita em mim quando te digo que não vou mais irritar-te ou magoar-te propositadamente. Isso não faz mais sentido na minha cabeça. Não agora que sei bem o que sinto e o que quero. E tudo o que quero é dar-te motivos para sorrir e queres ficar ao meu lado para sempre. Pois é também para sempre,

e durante todos os dias, que eu quero fazer de ti a mulher mais feliz do mundo.

Amar-te-ei mesmo quando não souber que te amo

Escrevo-te esta carta, mas a única viagem que ela fará será da minha mão para a tua. Escrevo-te porque vais precisar de a ler muitas vezes, e eu também vou precisar que a leias. Não é à toa que me esqueço constantemente das coisas, não é à toa que de um momento para o outro a minha personalidade muda, não é à toa que por vezes o meu discurso não faz sentido. Mas que Deus me ajude a terminar esta carta, pelo menos esta carta, sem que a memória se vá embora e me deixe perdido a olhar para esta folha. Hoje sei que em breve não saberei quem sou, disseram-me os médicos. Tenho Alzheimer. Deixarei de viver antes do dia da minha morte, a vida escolheu-me para ter este fim, mas, antes disso, escolheu-me para ser o marido mais feliz do mundo, o pai mais feliz do mundo, e por isso não consigo ficar desiludido com ela. Aceito, só posso aceitar. Não fiques triste por mim, meu amor, pois eu não irei sofrer, não me irei lembrar sequer da dor. Os nossos filhos estão bem e tu és forte o suficiente para superares isto, não sintas pena de mim, por favor, sente amor, só, e toma conta de mim se puderes. Mas eu não quero atrapalhar a tua vida, não te quero prender em casa para não me deixares fazer asneiras, não te quero prender ao lado da cama para saberes se está tudo bem comigo, nem te quero prender a mim quando já não for mais a pessoa que amaste tantos anos. Não quero nada disto, mas também sei que, por menos que queira ou por mais que te peça, tu nunca me irias abandonar, nunca irias desistir de mim. Tantas vezes me perguntaste porque é que eu te tinha escolhido para viver ao meu lado, porque é que eu te amava se tu não eras bonita nem tinhas nada de especial.

Nunca desistirias de mim, nunca me abandonarias, queres maior beleza que isto? Queres maior motivo para te amar e querer viver contigo para sempre? Sei que nunca os pequenos-almoços que te levei à cama poderão compensar os dias a fio em que me darás o comer à boca, sei que nunca os momentos em que te confortei poderão compensar as preocupações que terás comigo, mas lembra-te, já que eu não irei conseguir, que eu serei o homem mais sortudo do mundo por te ter a tomar conta de mim. Só eu posso sentir tristeza por não me lembrar de tantas coisas bonitas que vivemos, só eu posso sentir tristeza por não reconhecer mais o teu lindo sorriso, só eu posso sentir tristeza por não poder sentir mais nada. Lembra-te de tudo isto por mim, sorri por mim, sê feliz por mim, por favor! E lá no fundo, mesmo sem saber, eu também serei, prometo. Estou-me a ir embora mas ainda aqui estou, perco-me lentamente numa memória que o tempo desvanece, caio no vazio do esquecimento e não posso fazer nada, dói, amor, claro que dói, mas, enquanto me dói, sei que vivo, e sei que deixarei de o saber. Esta doença levar-me-á daqui e deixará apenas o meu corpo a estorvar e a dar trabalho. É triste, muito triste. Por isso peço-te que me perdoes, Leninha. Perdoa-me quando não te reconhecer a ti e aos nossos filhos, perdoa-me quando estiveres mal e eu ficar indiferente, perdoa-me quando disseres que me amas e eu não retribuir, perdoa-me quando não sentir mais a tua falta, perdoa-me quando me olhares nos olhos e não vires nada, perdoa-me quando eu me for embora e não disser adeus. Mas prometo-te, meu amor, que vou amar-te para sempre, vou amar-te sem fim, vou amar-te para sempre num cantinho de mim. Vou amar-te para sempre, prometo... só não me vou lembrar.

Vai apenas para onde alguém te espera

Vem para o meu colo. Eu tomarei conta de ti. Deixa-me apertar-te contra o meu peito e libertar-te a ansiedade e o medo que sentes de viver. Sim, é medo. Não mais do que medo. Vem para o meu colo que é aqui que a vida acontece. É aqui que queres estar. Não me digas que não, pois não irei acreditar. Sei bem que falto tanto em ti como tu faltas em mim. Prometo-te que entre os meus braços não sentirás nada mais do que uma vontade profunda de viver. Nos meus braços serás tu. Somente tu. Sem medos, complexos, pensamentos inibidores ou efeitos especiais. Seremos apenas dois corpos repletos de amor, como se fosse a única coisa que nos segurasse de pé. E é. Porque insistes em fazer o que a sociedade pede e não o que o teu coração implora? Porque insistes em ignorar a tua felicidade só porque te acomodaste a essa pessoa e a essa rotina? A tua felicidade não mora mais aí desde que apareci na tua vida. A tua felicidade mora aqui, em mim e onde estou. E ela está à tua espera. Mas não espera a vida toda. Imagino que chovam perguntas e dúvidas na tua cabeça, mas, por mais que te custe acreditar, basta uma só pergunta, és feliz ao lado dessa pessoa? Não, pois não? Então já sabes o que tens a fazer. E podes até não correr para os meus braços, podes até afastar-te dela e de mim, escolhendo a solidão para recuperares melhor, mas pelo menos fizeste o que tinhas de fazer. E eu, ainda que não queira ou saiba, irei ficar feliz por ti. Não entendas nenhum dos meus chamamentos como um pedido ou súplica. Até porque não te quero junto a mim por favor ou porque te convenci com as minhas palavras. Aliás, nada do que te digo é com o intuito de te convencer, é apenas para teres noção daquilo que sou e valho. Para teres a certeza de que eu tenho a certeza do que sou capaz de

fazer quando quero algo ou amo alguém. Sei que não queres isto menos do que eu, e isso dá-me alguma paz. Quantas noites passas tu a imaginar como seria se decidisses abandonar tudo e enveredar pelo desconhecido? Como seria se escolhesses dar uma oportunidade à vida de te provar que sabe o que é melhor para ti? Quantas noites as insónias te atormentam por uma decisão que teima em não sair da tua boca e ganhar forma com uma atitude? Talvez não saibas, mas é o meu peito que te falta quando tentas adormecer. É a minha mão que te falta quando te queres erguer. É a minha boca que te falta quando procuras prazer. E é o meu sexo que te falta quando imploras por viver. Precisas de um novo recomeço, zerar a balança do passado, respirar ar fresco e dizer olá à paixão que há muito não te batia à porta. Acredito que te atormente uma leve frustração por saberes que é no meu colo que podes encontrar tudo isto e ainda assim continuas presa ao vazio do que já não é mais. A vida é isto mesmo, tentativas atrás de tentativas, umas falhadas outras acertadas, mas sem elas nada somos. Por vezes é necessário fecharmos os olhos, confiar em alguém e deixarmo-nos cair para trás na esperança que nos apanhe. Assim mudam muitas vidas, assim começam muitas outras. Eu quero ser essa pessoa para ti. A que te agarra e segura sempre que decidires tentar, sempre que quiseses arriscar. Quero estar ao teu lado para vencer contigo e até para perder contigo quando assim tiver de ser. Mas, fazas as escolhas que fizeres, nunca as faças por mim ou por qualquer outra pessoa. Fá-las por ti, porque sabias que era o melhor para ti e porque acreditavas que era o que devia ser feito. Seja isso pegar ou largar, ficar ou ir embora. E nesse momento, esteja eu onde estiver, prometo que ainda terei no meu peito o lugar que sempre foi teu. Tal como prometo que o meu colo estará sempre

preparado para acolher o teu corpo e os meus braços
repletos de vontade de o protegerem.

Não posso é a desculpa preferida de quem não quer

Nunca te esqueças daquelas pessoas que sempre se lembram de ti. Daquelas que te perguntam como estás, não por curiosidade, mas para te poderem ajudar melhor. Daquelas que perguntam por ti quando não apareces. Daquelas que vão ao teu encontro quando te demoras. Daquelas que ficam porque tu precisas que fiquem ou só porque querem ficar. Daquelas que se chegam à frente e se oferecem mesmo sem tu teres pedido. Nunca te esqueças daquelas pessoas que estão sempre prontas a dizer *vamos a isso* e não inventam desculpas para disfarçar a falta de vontade. Daquelas que parece que não fazem nada da vida tal é a disponibilidade delas para aceitarem os teus pedidos ou convites. Certamente que não é por falta do que fazer, mas sim porque te veem como prioridade. Nunca te esqueças daquela pessoa que está longe e que já não vês há anos, mas que faz sempre questão de te dar os parabéns ou de te desejar um feliz Natal. Sim, podem ser poucas vezes, mas são com as melhores intenções. Quanto mais não seja para te dizer, por outras palavras, que és importante e que ainda contas na vida dela. Repara em todos esses pequenos sinais que definem quem merece ou não estar na tua vida. Não é à toa que aquela pessoa antes de desligar uma chamada ou antes de se ir embora te pergunta pela família e manda cumprimentos a todos. Nem é à toa que essa mesma pessoa te manda sempre um abraço quando encontra alguém que sabe que te vai encontrar mais tarde. São pessoas assim que tens de manter perto de ti. Pessoas que com a sua grandeza interior e boa disposição te fazem esquecer dos problemas e das dores, reduzindo-os à sua insignificância. Pessoas que estão

dispostas a ouvir-te e a compreender-te e não apenas a dar-te opiniões. Pessoas que não se limitam a dizer-te *vai por ali*, mas sim *vai por ali que eu vou contigo*. Se queres saber quais as pessoas indispensáveis da tua vida aqui tens a resposta. Agarra-as bem e sê para elas o que são para ti. Ama as boas pessoas da tua vida, as outras podem esperar. Quanto do teu amor vai para quem não merece e falta a quem tudo faz para o conquistar? Agradece-lhes, agradece-lhes sempre, nunca deixes um *obrigado* na garganta. Retribui. Devolve. Recompensa. Faz por merecer cada ajuda, cada companhia, cada sorriso. Não aceites apenas receber, alegra-te por também dares. Orgulha-te da humildade que demonstras ao cuidar de uma amizade. Porque as amizades também precisam de ser alimentadas. Precisam de tempo e atenção como se fossem amores. Porque são. Lembra-te sempre de quem está. Mais do que quem quis ir, lembra-te de quem escolheu ficar. Não tires tempo a quem tem todo o tempo para ti para o dar a quem tem tempo a mais de ti. Olha para o teu lado. Na dúvida, olha sempre para o teu lado. Garanto-te que lá nunca faltará quem te faz falta. Mesmo que lá não esteja. Não te iludas com aqueles que só aparecem quando és tu a puxar da carteira. Os típicos *amigos* de fim de semana. Limpa-os da tua vida. Risca-os da lista. Apaga-os do quadro. E se no final sobrar só um ou dois nomes, não te preocupes, pois garanto-te que serão suficientes. A felicidade não é matemática, não precisas de dar tanta importância aos números. Haverá sempre uma pessoa que por mais que ventos, chuva e trovoada não sairá da tua beira. Assegura-te de que reparas nela. E compromete-te a valorizá-la e a tomar conta dela como tão bem o faz contigo. As dificuldades da vida já se encarregarão de te ajudar a filtrar quem merece ou não ficar, mas cabe-te a ti agarrar quem fica. Nunca te esqueças dessas pessoas que te colocam a mão no ombro e te dizem

apenas com o olhar *estou aqui*. Dessas pessoas que te agarram pelos colarinhos e te gritam *tu consegues*. Pois essas são as pessoas que, mesmo não estando, nunca se foram embora.

Parabéns pela coragem de seres quem és

Parabéns a ti, mulher, que não suportas rodeios e vais direta ao assunto. Parabéns por não teres papas na língua nem tabus. Por não teres problemas em dizer o que pensas e fazeres o que queres. Por não te preocupares com o que os outros pensam ou dizem. Por seres decidida e contundente, lutadora e resistente, sonhadora e persistente. Parabéns a ti, mulher, que exigis sempre tudo, que não te contentas com o *melhor do que nada* e não aceitas ser segunda opção de ninguém. Parabéns pela coragem de impor a tua voz e chamar os bois pelos nomes, e parabéns pela bravura de dizer *sim* mesmo quando as pernas tremem de medo. Louvo-te a capacidade que tens de te levatares depois de cada queda, de sorriseres enquanto choras por dentro e de dares a mão mesmo quando te faltam as forças para te segurares. Faço-te uma vénia por conseguires manter o equilíbrio mesmo quando um furacão de emoções te desarruma o interior. Não tenho dúvidas de que, pudesse um homem sentir o que tu sentes durante um dia que fosse, ele pareceria um louco. Ria, chorava, alucinava, ia da depressão à euforia em poucos segundos, enfim, era como se tivesse tomado uma droga qualquer. A intensidade com que sentes e vives as coisas seria alucinogénia para qualquer homem. Parabéns por carregares, muitas vezes, o mundo às costas sem que ninguém perceba. Precisamente porque não te queixas. Se fosse um homem ninguém o calava. Tivesse ele os mesmos problemas que tu tens e juraria que havia de morrer deles. Por isso, parabéns por seres sempre tão adulta por fora sem nunca deixares de ser uma menina por dentro. Não entendo como pode alguém rebaixar um ser incomparável como tu. Como pode alguém dizer que não és a mais bela criação do universo. Sinto-me

pequeno ao teu lado. E qualquer homem que tenha noção do seu verdadeiro valor sente o mesmo. Não te digo isto porque fica bem ser cavalheiro, digo isto porque fica mal não perceber o óbvio. Mais do que falta de cavalheirismo, seria uma manifestação de burrice da minha parte. Admiro imenso a tua força interior para aguentar uma pressão social enorme, desde o salto alto às dietas rigorosas. Desde o período às dores de parto. És tu a dona do mundo. E nós, homens, somos meros convidados para assistirmos às tuas nobres conquistas. Parabéns a ti, mulher, que pões o impossível em sentido, calas o medo e deixas a cobardia envergonhada. Agora é a vez de te parabenizar também a ti, minha mulher, que embora não sejas minha, mas sim tua, é a mim que dás a honra da tua companhia e do teu amor. Quem seria eu sem ti? Com certeza apenas mais um de tantos homens em busca de um rumo. Quem serias tu sem mim? Serias tu. E é isso que nos diferencia tanto. A dependência um do outro. Eu sei que muitas vezes me *ponho a jeito* de te perder ao fazer-te crer que eu sem ti continuo a ser eu. Peço-te que me perdoes por isso e peço-te que nunca acredites nisso. Ainda que às vezes não pareça, eu sei que já desaprendi de viver sem ti. Não consigo dar um passo na vida sem olhar para o meu lado para receber o teu incentivo e deixar-me contagiar pela tua determinação. Mais do que te dar os meus parabéns, eu tenho de te dar o meu maior obrigado. Não só por seres a mulher que és, mas por me ajudares, todos os dias, a ser o homem que sou. Sou um assumido fã da mulher, mas sou, sem dúvida, o fã número um da minha. Ainda que não me estejas a fazer nenhum favor, deixa-me agradecer-te pela humildade de me aceitares na tua vida, apesar de todos os meus defeitos. E de me queres ao teu lado, apesar de muitas vezes eu não merecer. Obrigado, acima de tudo, por tudo de bom que fizeste em mim.

O casamento por amor é um peso que não pesa

Casa comigo. Não me interessa se é a altura certa ou se não estamos preparados. Preparamo-nos depois, vamos ter muito tempo para isso. E não te preocupes se não temos dinheiro para uma festa, fazemos nós a festa, num sítio qualquer, só os dois. Quem mais é preciso? O que mais é preciso? Casa comigo. Este mês. Ou ainda esta semana. E, se formos a tempo, hoje mesmo. Se é para ser que seja agora, não quero esperar mais. Não quero um para sempre se não for ao teu lado. Só tu vales a eternidade. Só tu justificas o sonho que me consome de envelhecer ao lado do amor de uma vida. Quero que sejas minha mulher. Quero o teu corpo junto ao meu todas as noites e quero que seja o teu rosto a primeira e última visão de cada um dos meus dias. Entrega-te a mim e ao amor que nos une. Deixa-me ser o homem que toma conta de ti quando estiveres doente. O que te elogia todas as manhãs apesar da cara de sono e do cabelo desgrenhado. O que te ajuda a escolher a roupa quando vais sair. Deixa-me ser o homem que partilha contigo todas estas pequenas coisas da vida. Quase invisíveis, quase insignificantes, mas são elas, também elas, que contribuem para a fortaleza de um amor. E é um amor assim, forte e resistente, que eu quero continuar a construir ao teu lado. Não, não precisamos de casar para eu te mostrar o quanto te amo, para cuidar de ti, fazer-te feliz e estar contigo em todos os momentos. Não, o casamento não é uma necessidade, mas é uma vontade tão grande que se torna numa necessidade. Quero muito gritar ao mundo que és a minha esposa, a minha linda esposa. Quero dizer a toda a gente que se cruza comigo na rua que eu sou o teu marido e que tenho muito orgulho nisso. Casa comigo. Hoje

ou amanhã. Mas de preferência hoje e amanhã. E depois. E depois. E depois. Sempre que me lembrar hei de pedir-te em casamento. Que mais é o amor senão casarmo-nos todos os dias com a pessoa que amamos? E não estou a falar da boda, dos convidados, das roupas nem das alianças. O casamento não é isso. Isso é apenas tudo o que envolve a cerimónia para o celebrar. O casamento é o compromisso que assumimos um com o outro e que todos os dias da nossa vida deve ser relembrado e demonstrado. Seja na alegria, na saúde e na riqueza, como na tristeza, na doença e na pobreza. Quero que sejas tu a outra metade deste sonho. É a ti que essa parte de mim pertence. Aceita-a e dá-lhe o uso que merece. Faço-me teu para que faças de mim um homem feliz. Por isso peço-te que me aceites como teu marido e me permitas contribuir para a tua realização enquanto mulher. Não consigo imaginar outra mãe para os meus filhos que não tu. Quero que nasçam de ti. Desse ser maravilhoso que és e que serás ainda mais quando brilhar dos teus olhos o amor de mãe. Quero que sejam parecidos contigo para que sempre que olhar para eles me lembre do quão sortudo eu sou por dividir a minha vida com uma pessoa como tu. Casa comigo, meu amor. Hoje mesmo. Agora mesmo. E façamos desta a primeira de muitas loucuras numa história que não deixaremos acabar antes das nossas vidas. Desculpa, mas não sei esperar por momentos certos nem ignorar a certeza dos momentos. E neste momento a única certeza que eu tenho é a de que te quero, na minha vida, como minha esposa. Não sei mais nada nem estou certo de mais nada, mas também não sinto falta de mais certezas. Aventura-te comigo nesta caminhada a dois. Superemos juntos as derrotas e decepções um do outro e desfrutemos das vitórias um do outro como se fossem nossas. Porque são. Não te preocupes com a responsabilidade deste passo nem com o peso desta

decisão, concentra-te somente na incrível viagem que te espera do outro lado do teu sim. Casas comigo?

Beijos e abraços são batalhas, o amor é a guerra

Amanhã vai ser um dia complicado aqui, há movimentações a leste e o inimigo deve estar próximo. Temos muitas baixas no nosso batalhão e eu sou um dos poucos soldados com forças suficientes para pegar numa arma. Mas a pátria estará sempre em primeiro e a minha vida vem depois... se houver lugar. Mas a minha arma agora é apenas um bocado de madeira e grafite com que disparo palavras de amor, na esperança de te atingir o coração e deixar-te a morrer de saudades minhas. Sabes, amor, não te amava menos quando me zangava contigo e te desejava, sem querer, o pior do mundo. Não te amava menos quando acordavas com aquela cara de sono e um mau humor que afugentava meio mundo. Não te amava menos quando passavas o dia despenteada e com aquele pijama em que cabiam duas de ti. Não, nunca te amei menos em nenhum desses momentos e sabê-lo é a prova de que realmente te amei. Só sabia amar-te mais, mais e mais, sabes que nunca fui inteligente como tu, deram-me uma arma para a mão em vez de um livro, mas amar-te cada vez mais é tudo o que eu preciso de saber. O teu olhar, o teu toque, o teu abraço, o teu beijo foram as melhores batalhas que conquistei, e se algum dia venci uma guerra, essa guerra foi o teu amor. Desculpa não estar aí ao teu lado, desculpa não poder levar-te o pequeno-almoço à cama naqueles dias de preguiça, desculpa não estar aí para apagar a luz do quarto quando está muito frio fora dos lençóis. Desculpa não estar aí para te contar aquelas piadas sem graça mas que te faziam sempre rir. Desculpa não estar aí para te amar de perto. Pareço um parvo a falar, não é? Deixa-me ser parvo desta vez, só desta vez, deixa-me parecer uma criança a

escrever uma carta de amor com aquelas frases simples, que na sua inocência e ingenuidade transmitem tanto carinho. Tu sabes que eu nunca fui muito bom com as palavras, gostava muito de saber escrever bem tudo o que sinto, já que as palavras são a única forma de te amar daqui. Queria cometer uma loucura contigo, sabes? E que tal vivermos juntos para sempre? Parece-me uma boa loucura já que amar-te foi a forma mais saudável que encontrei de ser louco. O amor é sempre uma boa desculpa para cometer loucuras. Sim, chama-me doido, chama-me parvo, chama-me infantil, chama-me louco, acho que o amor tem de tudo isso um pouco. E é amor, que mais poderia ser? E é tão grande que o universo ao lado dele ficaria envergonhado. Tão grande que precisaríamos de uma outra pessoa para o transportar, uma daquelas bem pequenininhas de pegar no colo. Tu sabes que eu gostava muito de ter um filho, pelo menos um, mas teríamos todos aqueles que quisesses, e não te preocupes com as estrias que isso pode causar, prometo que eu iria gostar, pois seriam a lembrança das novas vidas que criámos. Desculpa a minha parvoíce, mas sou um parvo sincero. Amo-te tanto e o tanto que te amo parece tão pouco. Estou a chorar, princesa, estou a chorar porque tenho uma má notícia para te dar. Se estás a ler esta carta é sinal de que eu não poderei mais apagar-te a luz do quarto nas noites frias, levar-te o pequeno-almoço à cama ou dar-te um filho que tanto queria. Mas não fiques triste, estava a cumprir o meu dever. Posso já não estar cá mais, mas lembra-te de que tu foste a melhor oportunidade de viver que a vida me deu. Não chores, princesa.

Agradecimentos

Quero agradecer à minha família e amigos por toda a paciência, apoio e compreensão ao longo desta viagem incrível pelo mundo das palavras. E em especial à minha mãe por todo o esforço ao longo da sua vida para que nunca faltasse nada a mim e aos meus irmãos. Quero agradecer também à Manuscrito Editora e a toda a sua equipa por um dia ter acreditado e apostado em mim e, desde então, ter feito um trabalho cuidado, dedicado e atento nos livros que temos em comum. Por fim, quero agradecer-te a ti que me lêes, seja nos livros ou nas redes sociais. É para ti que escrevo porque é também em ti que penso quando escrevo. A minha missão é devolver-te um pouco que seja da felicidade que me fazes sentir quando me dás a honra de ser lido por ti. Obrigado por existires e escolheres estar aqui, neste exato momento, a ler as minhas palavras. Espero, muito sinceramente, que nos possamos voltar a encontrar no próximo livro.

Para contactar o autor



www.raulminhalma.com



www.facebook.com/raulminhalma



www.instagram.com/raulminhalma



raulminhalma (Snapchat)



raulminhalma@gmail.com